

# CLÁSSICOS DA GALIZA





# Obra Seleta

Coleção "Clássicos da Galiza"

Volume 6

OBRA SELETA

© Academia Galega da Língua Portuguesa

[www.aglp.net](http://www.aglp.net)

© Edições da Galiza, 2011

Roselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

[polifona@polifona.com](mailto:polifona@polifona.com)

[www.polifona.com](http://www.polifona.com)

Apresentação: Herdeiros de Jenaro Marinho del Valle

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza), Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Edição e adaptação gráfica: António Gil Hernández.

Revisão textual: Ângelo Brea, Fernando V. Corredoira e Carlos Durão.

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-7-6

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

# Obra Seleta

Johán Vicente Viqueira



## ÍNDICE

À MANEIRA DE APRESENTAÇÃO	9
A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO	13
VIDA E OBRA DE JOHÁN V. VIQUEIRA	17
ABOÍN:	
«SOLAINAS: AS OBRAS INÉDITAS DE JOHÁN VIQUEIRA»	25
 <i>OBRA SELETA;</i>	 31
 <b>ENSAIOS</b>	 33
CONFERÊNCIAS	
OS NOSSOS PROBLEMAS EDUCATIVOS. FOLHETÃO DE ANT	35
DIVAGAÇÕES “ENXEBRISTAS”: A FORMOSA DISSERTAÇÃO DE VIQUEIRA	63
ARTIGOS VÁRIOS	81
TEXTOS ORIGINAIS EM CASTELHANO	155
OUTROS TEXTOS PUBLICADOS OU INÉDITOS	221
 <b>POESIA</b>	 243
POEMAS ORIGINAIS	245
POEMAS ORIGINAIS	
POSTUMAMENTE PUBLICADOS EM RONSEL	263
TRADUÇÕES DE POEMAS	266
 APÊNDICE I	 275
APÊNDICE II	279
GLOSSÁRIO	287
BIBLIOGRAFIA	291



## À MANEIRA DE APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

**Jenaro Marinhos del Valle**

Por segunda vez me encontro no trâmite honroso e gostoso de evocar o vulto de Johan Vicente Viqueira neste recanto de terra das Marinhosas dos Condes que ele amou como próprio berço e onde sonhou uma Galiza futura que setenta anos depois da sua morte ainda está longe de ser realidade porque os que hoje se chamam nacionalistas caminham bastante longe do nacionalismo cultural de Johán Vicente.

Foi a primeira dez anos atrás quando, com motivo de se descobrir o singelo monumento que este Concelho de Bergondo lhe erigiu no Cemitério de Ouces, a Real Academia Galega me conferiu a sua representação naquela homenagem. Agora nem eu posso representar aquela Instituição nem a Instituição pode ter algum interesse em se ver representada na lembrança de quem dela tanto discrepa em espírito e matéria linguística. Salientemos: *em espírito e matéria*.

A segunda oportunidade dá-se-me no momento presente e não represento mais cousa que um antigo aluno do Liceu Eusébio da Guarda, na Crunha, em que Viqueira foi professor de Psicologia e Lógica e Ética e Direito em turmas de quinto e sexto de Bacharelato. Fora desse centro estatal professorou o nacionalismo galego na IRMANDADE DA FALA CRUNHESA, que foi onde eu primeiramente pude conhecer a sua fasquia humana, jovem e robusta, departindo amigável com aquela comunidade constituída sobretudo por gentes de mediana cultura (apenas algum podia apelar-se intelectual) com as que conversava isento da pedantaria que amiúde levanta um valado de desinteligência entre a intelectualidade e o Povo algo ilustrado. D. Vicente nem aos próprios alunos deixava sentir a sua superioridade. Não era a classe de professor que chama o aluno para, como habitualmente se diz, lhe tomar a lição; antes, chamava-o

---

<sup>1</sup> Foi ideia dos editores acompanharmos cada volume com uma apresentação explicativa escrita por pessoas que se destacaram pela sua trajetória reintegracionista. A petição do responsável da edição e por carinho à sobranceira pessoa do saudoso académico demitido da RAG, Jenaro Marinhos del Valle, discípulo de Viqueira, de tanta dignidade como pertinência, conservamos este texto de apresentação publicado em: *Johán V. Viqueira. Uma utopia verificável*, de que abaixo se dá notícia.

para estabelecer com ele um diálogo sobre o tema do dia; também lhe era permitido intervir a qualquer outro que permanecesse atento na mesa escolar, dando lugar a um colóquio esclarecedor e ameno, mas como não faltavam alunos aos que interessava mais o barulho que o estudo, a aula convertia-se alguma vez em bazar e o professor via-se em apuros para frear a algaravia e restabelecer a ordem.

Aparecia cada manhã na confluência da rua Juana de Vega com a praça de Ponte-Vedra, onde se acha a sede do Liceu, portando numa mão uma enorme pasta de coiro negro e na outra a bengala (ou o guarda-chuva, segundo o cariz do tempo) que lhe era apoio necessário por mor da doença que lhe restara a normal firmeza numa perna.

Conservo nítida lembrança da sua figura vestida com descuidado aspeto, o qual de nenhum modo devera interpretar-se como desasseio, mas como desleixo da elegância convencional da época.

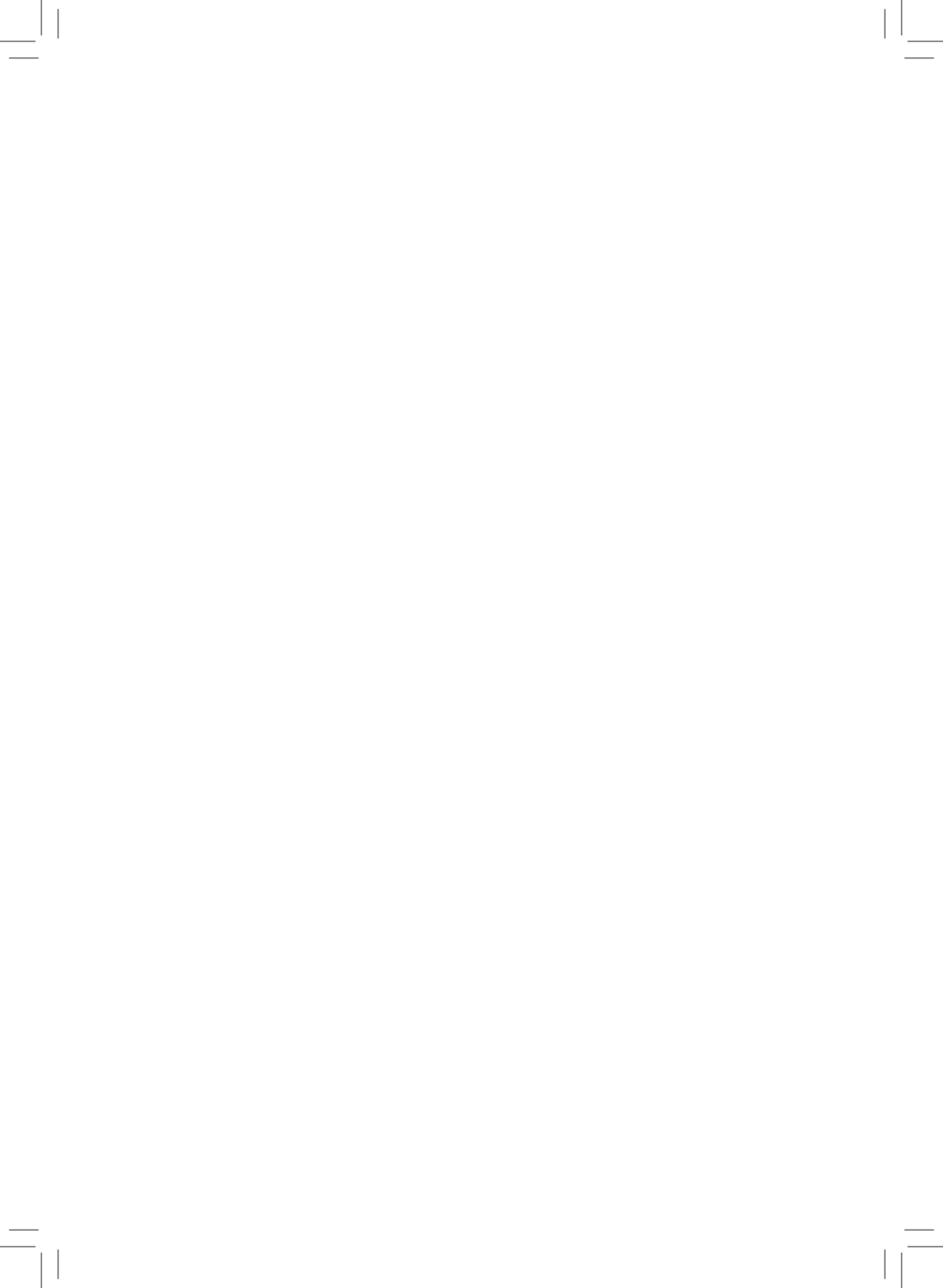
Avançava inclinando o corpo para adiante, com dificultoso andar, mas sobretudo lembro o seu olhar. Os seus olhos, uns olhos luminosos que apregoavam aos gritos que detrás deles bulia uma inteligência superior.

Logo que era apercebido, acudiam a cumprimentá-lo as alunas que o desembaraçavam da pasta e acompanhavam em cordial conversa até as portas da aula. Exercia uma invulgar atração sobre as raparigas que mostravam por ele uma afeição de que não desfrutava nenhum outro professor. Não acontecia assim com os varões, em idade de fumar os primeiros cigarros e fazerem com o máximo cuidado o nó da gravata, que não direi que não o estimassem, mas em ocasiões abusavam do seu carácter tolerante e não guardavam o devido respeito a um professor excepcional cujo fulcro mais firme era ensinar-nos a pensar por própria conta.

O artifício estatal que governa os povos em todo o planeta tenta submetê-los ao seu domínio inculcando-lhes um pensamento unitário de insolidários patriotismos de Estado. Porém, nenhum povo deve considerar-se fração dum Estado; antes, é um pedaço do mundo. Em conferência sobre a arte de Castelhão cita Viqueira o Demócrito, quando afirma que a pátria duma alma nobre é o mundo inteiro.

Ora, o mundo não estaria inteiro se lhe faltasse este pedaço que chamamos Galiza, pedaço que Johán Vicente nos exortou, como galegos, a manter vivo defendendo o próprio pensamento e a própria liberdade para que o mundo não fique diminuído ou mutilado, carente da nossa concorrência.

Vencendo a passagem do tempo e a pressão dos poderes públicos, o magistério de Viqueira permanece e acresce no mais graúdo da intelectualidade galega empenhada em descobrir a verdadeira face cultural duma Galiza que se oculta ao mundo sufocada dentro da mala diplomática do Estado espanhol. Os discípulos livres se mostram mais fiéis às lições do Mestre que os antigos alunos oficiais. E isto, para além de ser uma luz de esperança, é a melhor homenagem à sua memória.



## A PROPÓSITO DESTA EDIÇÃO

Conservo nesta edição de *Ensaio e Poesia* o nome do autor, Johán [João] Vicente Viqueira, que é a denominação por ele usada, apesar de o apelido Biqueira ter de ser grafado com B inicial, por ser derivado de *bico*. Destarte, espero respeitar o desejo expresso da família, enquanto se facilita que o autor seja localizado nos diversos meios ao alcance do possível leitor.

Serviu de núcleo desta edição o primeiro caderno, *Johán V. Viqueira. Uma utopia verificável*, do volume primeiro, *Fizeram utopia*, da série *Divulgação*, dos *Cadernos do Instituto de Estudos Luso-Galaicos «Ricardo Carvalho Calero-Manuel Rodrigues Lapa»*, da ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE GALIZA-PORTUGAL (AAG-P). Começava pelo «Parlamento inicial», do Excm.º Sr. Jenaro Marín del Valle, que aqui intitulo «À maneira de apresentação». A secção «Vida e Obra de Johán V. Viqueira» resume e complementa o estudo do Dr. José Luís Fontenla incluído no caderno citado. No «Apêndice I» vão os poemas «Cantar do berço» e «Soneto I» que musicou o Prof. César Morán Fraga, na certeza de continuar a atividade musical do próprio Viqueira.

Convém assinalar que o *Caderno* recolhia os textos do *Ato Literário* que, em 30 de julho de 1994, se realizou na *Casa da Cultura* do CONCELHO DE BERGONDO para, sob a presidência do filho, Eng. Jacinto Viqueira Landa, e esposa, honrar a memória e obra de Johán V. Viqueira, no setuagésimo aniversário da sua morte. Na altura a ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE «GALIZA-PORTUGAL» agradecia o contributo de Jesus Sánchez Loira, que estabeleceu os relacionamentos precisos que fizeram com que o Concelho de Bergondo, representado pelo Presidente da Câmara Municipal, colaborasse com generosidade.

Por outro lado, quase todos os artigos, aqui transcritos e comentados, foram incluídos em *Ensayos y Poesías* (1930) ou em *Ensaio e Poesias* (1974), e mais na edição *João Vicente Biqueira, Obra Selecta (Poesia e Ensaio)*, que preparei para os *Cadernos do Povo. Revista Internacional da Lusofonia* (Ponte Vedra / Braga). Contudo, nesta edição revejo aquela

e acrescento-a amplamente com outros, também traduzidos do castelhano, que Viqueira publicou na revista crunhesa *Alfar*.

Cumpra eu mais uma vez reiterar o agradecimento a todas as pessoas que fizeram possível realizar todas estas atividades; principalmente: ao saudoso Excm.<sup>o</sup> Sr. Jenaro Marinho del Valle, na pessoa do seu sobrinho, Paulo González Marinho; aos Vereadores de Bergondo, na pessoa do Sr. Barreiro; ao Dr. Fontenla; ao Prof. Morán Fraga; aos poetas José Mato Fondo, Álvaro Vidal Bouzón e José A. Lozano, «Chiqui»; e, sobretudo, ao filho de Johan V. Viqueira, Eng. D. Jacinto Viqueira Landa, e esposa, Annie Alban.

Agradeço também as orientações precisas e preciosas a Ângelo Brea Hernández e a Paulo P. Branco para aquela edição e para esta, a Carlos Durão e a Fernando V. Corredoira, pela cuidadosa e aprimorada revisão linguística dos textos e mais tarefas, em tempo bem reduzido; também a Ernesto V. Souza, que tão bem podou e melhorou os comentários, fazendo com que floresçam com brilhantez, de modo que bem deve ser considerado mais do que co-autor desta edição.

Especial agradecimento merece Isabel Rei Samartim que preparou as partituras todas do texto.

Para acabar, umas leves advertências:

Num «Glossário», final, recolho as variantes galegas usadas pelo autor com as correspondências no português comum.

Na secção dedicada à poesia anoto, em cada poema, as modificações realizadas.

Seja como for, poucas mudanças haveria de fazer nos textos de Viqueira para serem inteligíveis ao leitor lusofono. É por isso que apenas vale advertir que substituo “quedar” pelo comum *ficar*, “cambiar”, pelo comum *mudar* (ou equivalente), “exquisito” por *requintado*, bem como a colocação dos pronomes pessoais, segundo a norma comum ao português europeu, que é a da coloquialidade galega, enquanto Viqueira geralmente coloca o pronome posposto ao verbo. Segundo assinalou o Prof. Carvalho, Viqueira «esforça-se por escrever numa língua clara e culta,

ensaiando diversas soluções morfológicas e acentuando até o *hiperenxebismo* [*sobre-casticismo*] a sintaxe do pronome pessoal complemento».

Não existindo, até hoje, edição crítica da produção viqueirana e sendo, aliás, sumamente razoável que em ANT, sobretudo e para além das gralhas, não lhe fosse publicada fielmente, assumi a responsabilidade de reconstruir algumas, mínimas, expressões, para além de adaptar, em muito poucas ocasiões, outras mormente para as *descastelhanizar e descoloquializar*.

Mais nada: Confio em que a leitura desta parte mínima da obra de Viqueira seja de proveito.

Crunha, dezembro de 1997-fevereiro 2011

**Antonio Gil Hernandez**



## VIDA E OBRA DE JOHAN V. VIQUEIRA

### 1. VIDA

Johán [João] Vicente Viqueira [Biqueira] López-Cortón nasce em Madrid em 22 de outubro de 1886. A mãe era filha de José Pascual López Cortón (1817-1878), quem promovera a edição, entre outros, dos poemas apresentados aos JOGOS FLORAIS DA CRUNHA (1961) no *Álbum de la Caridad* (1861).

Cedo a família passa a viver na Crunha e, seguidamente, na Casa Cortón, que o avô adquirira em São Fiz de Vijói, na aldeia de São Vitório, das Marinhãs betanceiras. Cumpre salientar a importância do Paço de São Fiz para o «mundo intelectual espanhol progressista e liberal do terceiro e último quartel do século XIX e primeiro do XX: Nele meditou Emílio Castelar as suas ideias para o prólogo de *Follas Novas*, de Rosalia Castro; nele Francisco Giner de los Ríos, um dos mais assíduos visitantes nos meses de verão [desde 1891], plantou uma noqueira, que trouxe especialmente para ele da sua terra de Ronda; ali Manuel Bartolomé Cossío, tio político de Viqueira, meditou e escreveu, nesse doce retiro marinhão, a sua obra mestra sobre o Greco.» (González López 1974: 11, citado em Torres 1987: 16. *Vid.* Ucha 1986: 319-333).

Intensa foi a relação familiar com a INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA (ILE): «Carme, irmã da mãe de Johán [João] Vicente, casara com Manuel Bartolomé Cossío [1857-1935], fundador, junto de Francisco Giner de los Ríos [1839-1915], da INSTITUCIÓN. Este também adoitava veranejar em São Fiz com o matrimónio Cossío. [...] Natália, filha de Carme e Cossío, casara com Alberto Jiménez Fraud [1883- 1964], professor na ILE e diretor da RESIDENCIA DE ESTUDIANTES, e Maria Luísa, irmã de Viqueira, casara com Rubém Landa Vaz<sup>2</sup> [1890-1978], catedrático em Segóvia da ILE e irmão da futura mulher de Johan Vicente.» (TORRES 1987: 15)

---

<sup>2</sup> Com o estatuto de bolseiro para investigar o ensino na nova república foi enviado, em 1918, a Portugal: conhecia bem o português (era filho de portuguesa). Além disso, animou-o a leitura dum livro de Alice Pestana sobre o ensino em Portugal.

Explica-se, portanto, que em Madrid e desde 1898, na ILE receba formação intelectual e humanística. Em 1905 obtém o grau de bacharel no Instituto da Crunha. Aos quinze anos declara-se-lhe a osteomielite, que o levará à morte. Em 1908 o Dr. Lanelon operou-lha em Paris, circunstância que aproveita para assistir as aulas do filósofo Henri Bergson (1859-1941). Logrou o grau de licenciado em Filosofia pela Universidade de Madrid em 1911. Entre esse ano e 1914, mercê duma bolsa da JUNTA PARA LA AMPLIACIÓN DE ESTUDIOS, foi discípulo de Georg Simmel (1858-1918), Max Dessoir (1867-1947), Ernst Cassirer (1874-1945) na Universidade de Berlim. Na Universidade de Gotinga assiste aos cursos de filosofia de Husserl (1859-1938) e ao Laboratório de Psicologia de Georg Elias Müller (1850-1934); e na Universidade de Leipzig (ou Lípsia), aos de Wilhelm Wundt (1832-1920) e Alois Riehl (1844-1924). Na Inglaterra, no verão de 1914, recebeu lições de outros professores. (*Vid.* Costa 1996: 68; Torres 1987: 17-30). Em 6 de outubro de 1913 alcança o Grau de Doutor em Filosofia pela universidade madrilenha.

Em 1914, regressado a Espanha, ministra as primeiras aulas na ILE e no MUSEO PEDAGÓGICO, com um curso de Pedagogia para Mestres de Ensino Primário.

Após ter conseguido em abril a Cadeira de Psicologia, Lógica e Ética do INSTITUTO GENERAL Y TÉCNICO, de Santiago de Compostela, é transferido ao INSTITUTO [LICEU] EUSÉBIO DA GUARDA, da Crunha.

Em cerimónia civil casa com Jacinta Landa Vaz Coronado. O casal faz a viagem de lua-de-mel a Portugal, muito frutuosa quer por Viqueira considerar que esse país tinha melhor condição europeia do que a Espanha, quer por comprovar os vínculos culturais e linguísticos que secularmente o ligam à Galiza; ao sul do Minho decorrem em situação normal, enquanto ao norte do Minho são negados e submetidos à dominação espanhola. Confirmam-no as cartas dirigidas a família: «Muito contente de ter vindo a Portugal, vejo que as minhas ideias sobre este povo eram exatas. Apenas há a aproximação à França e Inglaterra para nós, se desejarmos salvar-nos.» «Portugal causa-me excelente impressão e acho que sobe muito seguidamente mercê do grande influxo francês e inglês.»

«As semelhanças que acho com a Galiza são muito grandes e notórias. A língua não me oferece dificuldade nenhuma.» (Torres 1987: 33)

Em 1919 e em 1923 concursa, na UNIVERSIDADE DE MADRID, as Cadeiras de Estética e de Psicologia, respetivamente. Mas sem sucesso.

Morreu em 29 de agosto de 1924, na aldeia da Lagoa, no município de Bergondo e foi enterrado no cemitério civil de São João de Ouces. Centos de pessoas acompanharam-no até o jazigo e, entre elas, membros da Câmara Municipal da Crunha.

Apesar de a ILE ser, junto do Ateneo madrileno, instrumento decisivo na conformação da cultura nacional espanhola<sup>3</sup>, a educação institucionalista que Viqueira recebeu explica a sua atitude e atuação a respeito da Galiza, como evidencia a conferência «Os nossos problemas educativos», justamente porque, a meu ver, soube aplicar à Galiza o que os institucionalistas procuravam para a Espanha. A morte prematura e a situação da Galiza impediram que a sua influência fosse maior. Não obstante, desde as IRMANDADES DA FALA DA CRUNHA, de que foi primeiro Conselheiro (“presidente”), colaborou com pessoas que trabalhavam por suscitar no Povo galego a consciência nacional, como Ângelo Casal (1895-1918), Víctor Casas (1900-1936), os irmãos Vilar Ponte, Antão (1881-1936) e Ramão (1890-1953), Lugris Freire (1863-1940), Penha Novo (1893-1967), Alfredo Somoça (1892-1951), entre outros.

Também presidiu a associação liberal e progressista operária da Crunha, ANTORCHA GALAICA DEL LIBRE PENSAMIENTO.

A respeito do galeguismo e da atividade nacionalista de Viqueira, cumpre salientar o seu europeísmo: «o seu ideal era o dum povo culto, trabalhador, nobre numa terra fecunda: uma imensa perspectiva de searas e bosques, de oficinas, de portos, de poesia, de ciência.» Para além, «compreendeu cedo que a língua exprimia o conflito de classes.» (Porto Ucha 1986: 326) Mas o seu nacionalismo galego era socialista: «Poderíamos

---

<sup>3</sup> «[...] segundo vamos desenvolvendo as ideias que chegaram a definir a “comunidade imaginada” espanhola e a constituir uma consciência nacional inventada, há de ser evidente a importância do ATENEO DE MADRID e da INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA como instrumentos da sua institucionalização — quer dizer, de lograr o estatuto duma cultura nacional.» (Fox 1998: 34; *Vid. passim*)

dizer que Viqueira se une ao movimento dos institucionistas socialistas, como Julián Besteiro (1870-1940) e Fernando de los Ríos (1879-1949), que atingiriam a maior relevância durante a II República espanhola (1931-36/39), substituindo a atitude do liberalismo para a democracia, própria dos tempos de Giner e Azcárate (1840-1917), pela moderna atitude socialista para conseguir o mesmo fim democrático. Aliás, o seu socialismo não foi marxista, mas proudhoniano, utópico.» (ib.: 325)

## 2. OBRAS ORIGINAIS

Das publicações de Johán [João] V. Viqueira as mais evidenciam as suas aspirações intelectuais, mas algumas, urgências editoriais e económicas. Dentre as obras originais, em castelhano, cito (*Vid.* X. Torres 1987: 91, que revê o registo do Prof. González López):

1. 1915: «La enseñanza de la Psicología en las Universidades alemanas» in *Anales de la Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas*, Memoria 1.<sup>a</sup> tomo XVI, Madrid.

2. 1916: «Un nuevo factor de la memoria de la identificación» in *Anales de la Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas*, Memoria 3.<sup>a</sup> tomo XVI, Madrid.

3. 1915/1917: «Bosquejo de Psicología infantil. Forma y color en el dibujo infantil» in *Actas (1917) del Congreso* (Valladolid) de la *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid.

4. 1915/1917: «Sobre el dibujo de los niños», *ibídem*.

5. 1917/1918: «¿Es posible una Psicología cuantitativa? ¿Qué es una medida mental?» *Congreso de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, Madrid.

6. 1918: *Introducción a la Psicología pedagógica*, Madrid, Francisco Beltrán. Há uma segunda edição de 1926.

7. 1919: *Elementos fundamentales de Ética*, Crunha, Zincke Hermanos.

8. 1924?: *Lecciones elementales de Historia de la Filosofía*, Crunha Zincke Hermanos.

9. 1926: *Elementos de Ética e Historia de la Filosofía* (1926), Madrid, Imprenta de Juan Pueyo.

10. 1926: *Ética y Metafísica*, Madrid, Imprenta de Juan Pueyo.

11. 1930: *La Psicología contemporánea*, Barcelona, Labor. Há uma segunda edição de 1937.

### 3. TRADUÇÕES

Segundo informação fornecida em Torres (1987: 95), são as seguintes:

1. 1915: David Katz<sup>4</sup> *¿Fué El Greco astigmático?* (tradução do alemão, anotada), Madrid, Biblioteca Corona.

2. 1915: Paul Natorp<sup>5</sup>, *Kant y la Escuela filosófica de Marburgo* (traduzida do alemão e anotada pelo tradutor), Madrid, Francisco Beltrán.

3. 1921: Karl Vorländer<sup>6</sup>, *Historia de la Filosofía*, vols. I e II (traduzido da sexta edição alemã por J.V.V). Prólogo de Ortega y Gasset e apêndice do tradutor sobre a filosofia espanhola e portuguesa nos secs. XIX e XX, Madrid, Francisco Beltrán.

---

<sup>4</sup> David Katz (1884-1953), psicólogo sueco-alemão, professor do Instituto Psicológico de Gotinga, de Filosofia e Pedagogia na Universidade de Rostock e diretor do Laboratório de Psicologia. Relativamente à obra traduzida por Viqueira, aponta Torres (1987: 95): «O tio de Viqueira, Cossío, tinha publicado em 1908 um importante estudo sobre *El Greco*, que deu origem à revalorização do pintor. Daí pode provir o interesse de Viqueira por traduzir este folheto.» Manuel Bartolomé Cossío, catedrático de Teoria e História da Arte na Escola de Belas Artes de Barcelona e diretor do Museu Pedagógico de Madrid, em 1908 publicara *El Greco* (dous volumes), obra muito elogiada por críticos estrangeiros.

<sup>5</sup> Paul Natorp (1864-1924), eminente representante da neokantiana Escola de Marburgo, que dirigia Hermann Cohen (1842-1918). Professor nessa Universidade, iniciou a sua reflexão filosófica «com investigações de carácter psicológico e, nomeadamente, sob a inspiração de Pestalozzi [Zurich, 1746-Brugg, 1827], de pedagogia social, a incluir nesta o problema da função da religião na comunidade humana» (Ferrater Mora, 1971, II: 251). O texto original, que Viqueira traduziu, foi publicado em *Kantstudien* (vol. XVII, 1912).

<sup>6</sup> Karl Vorländer (1860-1928) estudou nas Universidades de Marburgo e de Berlim. Professor de honra na Faculdade de Filosofia e Ciências Naturais de Münster; participou no movimento neokantiano. A obra traduzida por Viqueira intitula-se *Geschichte der Philosophie* (Leipzig, 1903) e fornece boa informação sobre a filosofia alemã anterior a Kant até o séc. XX, mas não sobre a não kantiana nem sobre a não alemã. O prólogo de Ortega acha-se incluído no tomo 6 das *Obras completas, La Historia como sistema y del Imperio Romano*.

4. 1923: George Berkeley<sup>7</sup>, *Tres diálogos entre Hylas y Filonóus* (traduzido do inglês por J.V.V), Madrid, Espasa-Calpe, Colección universal.

5. 1923: David Hume<sup>8</sup>, *Tratado de la naturaleza humana*, Vols. I-III (tradução do inglês), Madrid, Editorial Espasa-Calpe.

#### 4. PARA CONCLUIRMOS

Para concluirmos, de Fontenla (1998), que me serviu de guia para redigir este esboço biobibliográfico, resumo a secção 2.4. *O filósofo*:

a) Viqueira, como bom institucionista, caracteriza-se sobretudo por ser pensador interessado no homem circunstanciado. O apelo a que «a nossa época quer atores e não espectadores», a escutarmos «no fundo da consciência o imperativo da vida, que é o da ação» fica expresso em «Reflexões sobre a nossa época» (4.), «Ação» (5) e «Apontamentos sobre a religião» (3).

b) Viqueira, radicalmente influído pelo «positivismo» tanto de Georg Simmel e, correlativamente, de Edmund Husserl, quanto pelo *krausismo* no qual foi educado na ILE, cultivou o *racionalismo harmónico* proposto por Karl Ch. F. Krause (1781-1832) com o objeto de unificar a ciência, mercê do duplo procedimento, analítico ou subjetivo e sintético ou obje-

---

<sup>7</sup> George Berkeley (1685-1753), bispo anglicano, desenvolveu o seu pensamento filosófico com o intuito de combater os deístas e os livre-pensadores; é ao mesmo tempo idealista e empirista. Nos *Three Dialogues Between Hylas and Philonous* (1713), da oposição dialógica dos interlocutores, Hylas (ou defensor da matéria) e Philonous (ou defensor do espírito, o próprio Berkeley), infere-se que «a distinção entre o imaginário e o real se baseia na diferente vivacidade das ideias e, mormente, no facto de, nas ideias que compõem a Natureza, se manifestar uma regularidade independente da vontade do espírito percipiente.» (Ferrater 1971 I: 204; *Vid.* 203-205). Há tradução portuguesa.

<sup>8</sup> David Hume (1711-1776), fundador do empirismo moderno (com Locke e Berkeley) e, por seu ceticismo, o mais radical entre os empiristas, opôs-se particularmente a Descartes e às filosofias que consideravam o espírito humano dum ponto de vista teológico-metafísico. Relacionou-se com os enciclopedistas franceses e mormente com Rousseau. O objeto da filosofia do *Treatise of Human Nature* (1739-1740) é «o estabelecimento dum ceticismo moderado e mitigado» (F. Duque I, 1977: 29). «Hume, como Kant, teve de "suprimir o saber, para dar lugar à crença". [...] Viver na crença é mover-se no mundo com uma segurança provável, à medida do homem, sem necessidade de "ancorá-la" num universo sobre-empírico» (ib.: 29-30). Parece como se Viqueira fizesse sua essa opção *fundamental* ou atitude.

tivo, segundo amostra a conferência *Divagações “enxebistas”* sobre o *Album Nós* de Castelão.

c) No artigo intitulado «Da cultura irmã. Leonardo de Coimbra» (25), escritor e filósofo português, que foi Ministro de Instrução Pública da República Portuguesa, Viqueira assinala: «O nosso espírito filosófico, ainda por desenvolver, está bem perto do espírito filosófico de Portugal que convém tanto conhecer aos galegos. Eu recomendo-lhes a leitura das obras de Leonardo Coimbra».

d) A educação, que Viqueira promove, arranca da particular realidade galega e dirige-se à Galiza, parte da Humanidade, com especial atenção ao espírito coletivo. Exprime-se na língua e na cultura, cujos traços delinea no citado artigo, «Ação». Dous princípios dão sentido à vida: «o ideal existe; há qualquer cousa que deve ser realizada por nós» e «somos capazes de o verificar». Portanto, «a vida segundo ideal é serena, firme, plena de intenso gozo».

e) Para Viqueira, «o traço psicológico fundamental da alma galega, com o qual se achem os outros acordados» é a *musicalidade*, o *lirismo*.

f) No artigo «Nacionalismo e socialismo» (38) explica que aquele é pai deste. Seja como for, o nacionalismo é integrador dos indivíduos na comunidade, e das nações no conjunto de todas elas, porquanto é deveras criador de novas virtualidades. Essa conceção fica liricamente sintetizada em «A minha Galiza» (20).

g) Um seu «programa imediato» consta no «Pensamentos. À memória do insigne galego Luís Porteiro Gareia» (10): «1. Autonomia integral para a Galiza[.]. 2. Autonomia municipal. [...] 3. Leis sociais (*libertação dos camponeses, leis para os operários e camponeses, reformas da velhice, segurança contra o desemprego forçoso, doença,...*) 4. Reforma do ensino (*ampliação de escolas, reforma do Bacharelato, ampliação e renovação da Universidade, criação das escolas técnicas*).



## ABOÍN: «AS OBRAS INÉDITAS DE JOHAN VIQUEIRA»

Já faz perto de dous meses que dorme Johan Viqueira<sup>9</sup> no cemitério de Ouces, envolvido ante a terra e o silêncio. Num silêncio que semelha simbólico, porque a carão da sua morte ficaram mudos os que o gabaram na vida, sendo as palavras de António Machado as únicas que chegaram a nós, trazidas pelos ventos castelhanos, a advertir-nos de que houve alguém que chorou a desapareição do pensador e mais poeta<sup>10</sup>.

Não foi Johan Viqueira desses que fizeram «filosofia para professores de filosofia», como com áspero juízo disse de Hegel — pensador

<sup>9</sup> Numa à maneira de revivescência de propostas antigas, acertadas, mas não efetivadas, ainda, transcrevo este artigo, que assina *Aboín*, pseudónimo de pessoa não identificada, e publicou ANT na p. 8 do núm. 206 (1 de novembro de 1924), por sua vez reproduzido de *El Pueblo Gallego*, «por estarmos muito de acordo com a ideia que nele se expõe»

<sup>10</sup> É poema datado em Segóvia, 1924, dedicado «A la memoria de Juan V. Viqueira» e publicado na p. 108 do núm. 43 de *Alfar* (setembro de 1924) e reproduzido em Torres 1987, «Apêndice V.Documentación gráfica»:

1	2	3
Las campanas del alba sonando están. Como lágrimas de plomo en mi oído dan; y en tu sueño, niña como copos de lana serán. Las campanas del alba sonando están.	De la niebla salen sierra blanca y prado verde. ¡El sol en los encinares! Suben las alondras Hasta perderse en el cielo. ¿Quién hizo alas de tierra loca? Al viento, sobre la sierra, tiene el águila dorada las anchas alas abiertas. Sobre la picota donde nace el río, sobre el lago turquesa, sobre el barranco de los verdes pinos... Por los caminos del aire, entre las nubes de grana ¡qué bien vais a todo vuelo, señora águila!	Cavalgando en noche deluna Cerca de Úbeda la grande, cuyos cerros nadie verá, me iba siguiendo la luna sobre el olivar, una luna jadeante, siempre conmigo a la par. En bandidos trabucaires pensaba yo, al caminar de mi caballo ligero. Alguno conmigo irá. Que esta luna me conoce y, con el miedo, me da el orgullo de haber sido alguna vez capitán.

sem discípulos. Não, a ele um pudor quiçá excessivo, até lhe impediu publicar sistemas e fez engrunhar-se na tradução da obra alheia e na produção de soltos apontamentos que ficaram escondidos e anónimos. Muitas verdades orvalhadas pela emoção achou Viqueira; mas estas deixou-as escritas em papéis domésticos, ou deu-as, partidas em nacos singelos — como côdeas de milho — aos aldeãos reunidos no adro e aos vilegos passeantes nas ruas. Foi o jeito de todos os santos de religião e de ciência: o Nosso Senhor em Cafarnaum, com os marinheiros; o de Sócrates, com os ginastas, em Atenas; o de Tales, em Mileto, com os ribeirões. Jeito belido, que amostra um carácter alto, de apóstolo laico, mas que condena ao esquecimento a maior parte da meada das ideias.

Quem isto assina pensa que nós, os galegos, temos de cumprir um ato com Johan Viqueira: procurar os seus papéis, dar à imprensa os que já estejam rematados e espalhar *lucidus ordo*<sup>11</sup> sobre os que a morte do autor deixou inacabados, sem derradeira mão.

Os rapazes de *Ronsel* dão no número 5 da sua revista a fieira de obras do nosso filósofo que ficaram inéditas. Estas são as seguintes: *La nueva ciencia del alma*, *Sobre la filosofía del presente*, *Sobre la Religión*, um livro de versos em galego, *Manual de Lógica*, outro de *Ética*, tradução dos *Idílios de Teócrito*, tradução de *Gabança de Sócrates*.

Não pensa o *Seminário de Estudos Galegos* que a edição dos inéditos de Viqueira deve pôr-se por diante de qualquer outro trabalho? Muito nos folgaríamos de ver que se recolhia esta nossa proposta. Que gemam as imprensas com as ideias de Viqueira com a dor que nós gememos, quando o bifronte pensador e poeta deixou de ser homem para ser uma cruz mais numa paisagem.

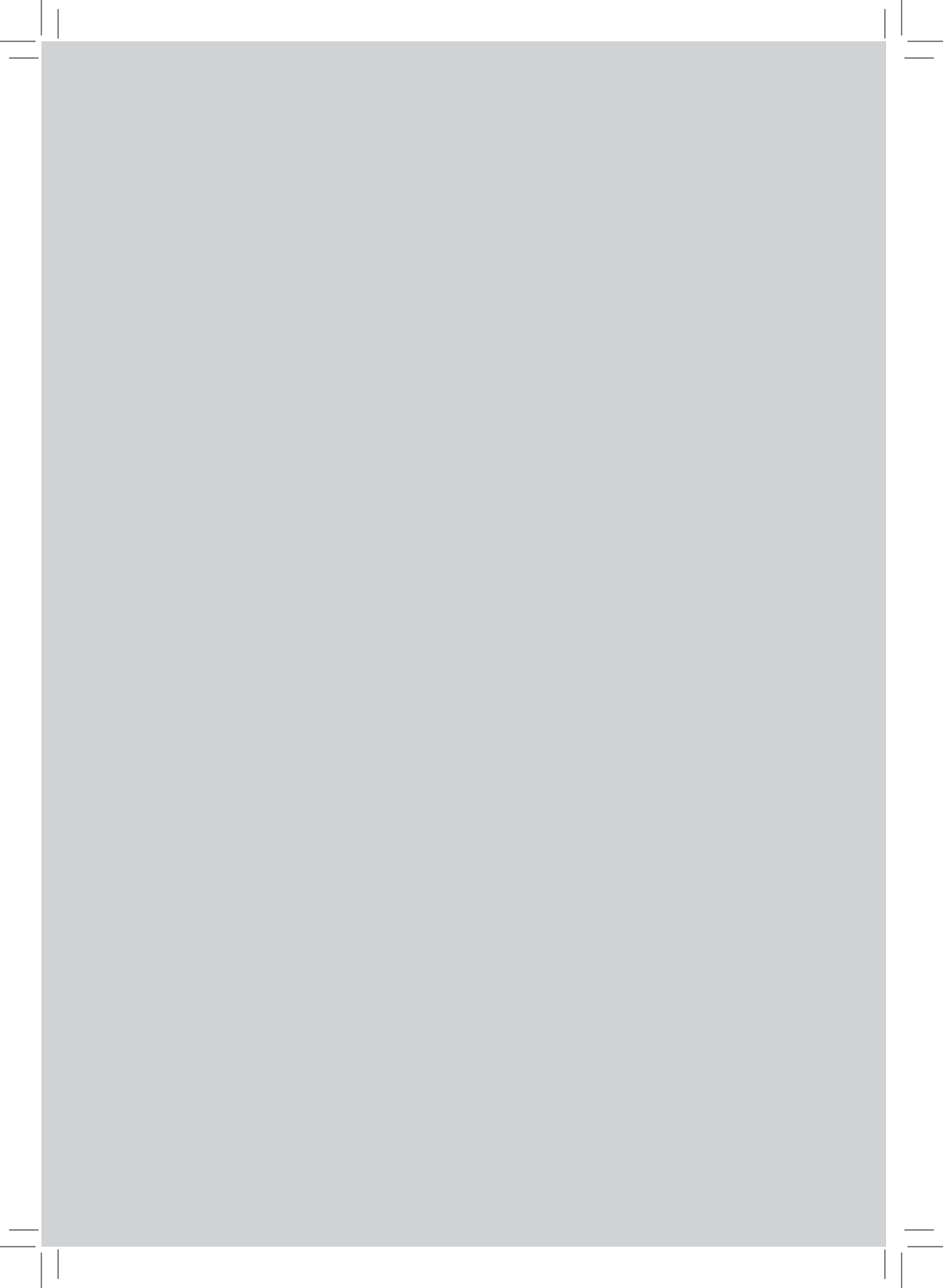
---

<sup>11</sup> *Lucidus ordo*: ordem clara ou luminosa, expressão de Q. Horatius Flaccus *Ars Poetica*, v. 41: «Cui lecta potenter erit res, / nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.»





obra seleta



≈ *ENSAIO E POESIA* ≈



# *ENSAIOS*



## CONFERÊNCIA:

### OS NOSSOS PROBLEMAS EDUCATIVOS

*Folhetão de ANT<sup>12</sup>*

#### I. [INTRODUÇÃO]

Senhoras e senhores:

Vou falar-vos duma classe de problemas que muito nos interessam. Mas, antes, quisera indicar-vos algo a respeito do galego literário, porque há já um galego literário à diferença do galego vulgar. Uma língua tem de ser ante tudo instrumento cultural, e portanto, num certo momento do seu desenvolvimento, tenderá a tomar uma forma, sábia e geral, e deixará aquela variedade, multiplicidade e incerteza que tem nos lábios do Povo. A língua literária é mais lógica, mais regular do que a vulgar; faz uma seleção de formas e palavras desta. Hoje vemos surgir uma língua galega cultural e científica que há muito pouco tempo não existia. Neste galego cultural, literário, é que tento

---

<sup>12</sup> De ANT (Crunha, 1918: núms. 50, 30 de março; 51, 10 de abril; 52, 20 de abril; 52, 20 de abril; 54, 10 de maio; 56, 30 de maio; 57, 10 de junho; 58, 20 de junho; 59, 30 de junho; 60, 10 de julho; 61, 20 de julho, todos eles na p. 6; e no núm 62, 30 de julho, pp. 4-6), reproduz-se a «conferência lida pelo seu autor, o douto catedrático e entusiasta irmão, Excm.º Sr. João V. Viqueira».

A conferência inscreve-se no discurso sobre a *educação nacional* que, na altura, preocupava a um e outro lado da fronteira: em Portugal, porque precisava de *conformar* os cidadãos às condições sócio-políticas da República (1910), enquanto na Espanha, porque os movimentos *secessionistas*, sociais («anarquismo» e «socialismo») e nacionais («nacionalismos»), deviam ser com jeito neutralizados pela monarquia reinante, também através do ensino quer *institucional*, quer *confessional* (p. ex., as *Escuelas del Ave María*, do P.º Andrés Manjón [1846-1923]) ou *democrático*, cuja atuação esclarecida é a *Institución Libre de Enseñanza*. Em *La enseñanza primaria en España* (1911.1915), Manuel Bartolomé Cossío compila a legalidade produzida e vigorada até então no Reino, ou em *La educación nacional* (1914), César Silió y Cortés (1865-1944) desenvolve o tema. Pela sua parte, Viqueira desenha, na perspetiva institucionista, os fundamentos dum preciso projeto educacional para a Galiza, nem estrita, nem reduzidamente espanhola. Cabe conferi-la com a delineada, na parte portuguesa, por autores, como António Sérgio de Sousa (1883-1969) ou Jaime Zuzarte Cortesão (1884-1960), de que ofereceu um compêndio Álvaro de Carvalho de Sousa Ribeiro (1905-1985) em *Escola formal. Tópicos de pedagogia* (1958). Na palestra Viqueira razoa como deve ser a escola galega. Os mestres hão de formar-se na Faculdade de Filosofia da Universidade, concebida como Faculdade de «Ciência total, porquanto compreenderá Ciências e Letras. O seu modelo alicerça na *Institución Libre de Enseñanza*. Para o Bacharelato reclama transformações no método e na coesão. A educação da mulher seguirá igualmente a via institucionista tanto madrilena quanto barcelonina (Vid. Porto Ucha 1986: 331-332).

falar-vos. Fazem bem os poetas em continuar empregando nos seus versos a língua popular. Já disse o grande vate catalão *Maragall* como os dialetos se ajeitavam para a poesia lírica<sup>13</sup>. Mas a língua literária é precisa para outros fins da vida, como a ciência, o comércio, e devemos trabalhar por ela<sup>14</sup>. O que a nós agora nos acontece, aconteceu sempre a todos os povos, com as suas linguagens. Por ex., a história do povo e da língua grega não nos amostra outra cousa. E o povo grego é o inventor da civilização! Como diz Sumner Maine, «afora as forças cegas da Natureza, cousa nenhuma se move no mundo que não seja grega na sua origem.»<sup>15</sup>

## II. [IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO]

Vou tentar expor nesta minha conferência os nossos problemas educativos, pela singela razão de que, dentro do tempo em que tivermos de resolver por nós mesmos os assuntos da nossa região galega, é preciso de que disponhamos, para esses problemas, duma solução precisa. Eu quero fornecer assim o meu pequeno contributo, decerto bem pequeno, para a obra da renascença galaica.

Não espereis de mim um discurso eloquente. Não apenas não conheço a retórica, mas tenho por ela uma grande antipatia por a considerar um grave mal ibérico. Não, não venho fazer-vos um discurso

---

<sup>13</sup> Joan Maragall (1860-1911), poeta catalão, ganhou os *Jocs Florals* de 1894 com *La Sardana*. Mais conhecido é o poema *La vaca cega* (1895). No «Prólogo» a *Extremes* (1902), do poeta regionalista José M.<sup>a</sup> Gabriel y Galán (1870-1905) explica: «Todo o livro é assim, vivo; [...] escrito em dialeto, como a *Iliada* e a *Divina Commedia*; porque não são as línguas as que fazem as obras, mas as obras as que fazem as línguas. E a poesia grande, a viva, a única, gosta muito de brotar em dialetos, e dir-te-ei por que: Dialeto, segundo o clássico sentir, é a corrupção duma língua; mas [...] dialeto é a constante germinação das línguas na boca do povo, que é, dito doutro jeito, a mãe terra das palavras.» (In Gabriel y Galán 1924: 14-15).

<sup>14</sup> O conceito de «língua literária», que usa Viqueira, como mais adiante fará Rodrigues Lapa, é o clássico e mais compreensivo do que o vigente (e reduzido) de «língua nacional».

<sup>15</sup> «Except the blind forces of Nature, nothing moves in this world which is not Greek in its origin» Cf. *Village Communities in the East and West* 1889: 238, de Sir Henry James Sumner Maine (1822-1888), juriscunsulto e sociólogo britânico, que desenvolveu a concepção hegeliana na evolução do direito. Outras obras suas: *Ancient Law: Its Connection With The Early History Of Society And Its Relation To Modern Ideas* (1861) e *International Law: A Series Of Lectures Delivered Before The University Of Cambridge 1887* (1905).

pomposo em que, combinando citações com anedotas conhecidas, vos diga o que todos sabeis: que o nosso ensino é muito imperfeito. Também não venho dar queixumes ao vento sobre a nossa situação pedagógica. *As queixas*, como diz belamente Goethe pela boca dum personagem no seu poema *Hermann und Dorotea* [Hermano e Doroteia], ante a catástrofe das guerras napoleónicas, *não fazem mais do que aumentar o mal de que nos laíamos, e não trazem para as lutas remédio nenhum*<sup>16</sup>. Senhores, o tempo dos lamentos é passado; o futuro, ainda o presente, é o tempo das grandes afirmações, como no-lo mostra o espectáculo atual do mundo. Falar-vos-ei com clareza, sem aparato, do que podemos todos unidos fazer, do que devemos fazer imediatamente (ou quanto mais antes) para renovar a nossa vida educacional. Tentarei evitar a inútil retórica, como disse, se ainda que a defeito se me queira impor, e demonstrar-vos qual é a tarefa e que a tarefa não é tão dura como parece.

Notemos que a importância da educação é enorme. Os seus chamados fracassos são expressões passageiras, de desesperança. Não houve corrente espiritual do mundo, nacional, social, religiosa, que não tivesse em consequência uma educação própria; que não trabalhasse, como por necessidade vital, em prol da sua educação e ensino. Hoje falarei do fracasso da escola e, como esta levanta alguma suspeita, dedicarei ao problema duas palavras. Diz-se que a escola fracassou porque não evitou a guerra mundial, porque não refinou de avondo os sentimentos dos homens para que a guerra não surgisse. Mas de nenhuma maneira se pode falar do fracasso da escola nem da educação, pois ninguém lhe encomendou aquele fim pacifista nem ela por si podia

---

<sup>16</sup> Do poema goetheano *Hermann und Dorotea*, Viqueira está a referir-se ao primeiro parlamento do juiz ou ancião, personagem principal do *Canto VI Clío. O século*: «A opressão aumentava de dia em dia, apossaram-se de nós o pesar e a ira e, unidos por um só pensamento, decidimos vingar tantas afrontas. A fortuna favoreceu-nos aos germanos, e os franceses retrocederam a marchas forçadas; então conhecemos o que a guerra tem de mais funesto. Na fuga destruíram e assolaram tudo o que topavam. Sentimos acender-se o nosso sangue com novo furor, e todos os sinos tangeram sem sossego. Os mais inofensivos aparelhos tornaram-se em sangrentas armas, e o inimigo não achava descanso». Traduzo da versão castelhana de Ignacio Tellería e Emilio Gómez Miguel, editada em 1933 pela Librería Bergua, de Madrid.

ser factor determinante entre as muitas e fundas cousas que motivaram a guerra. Porém, vejam os frequentes atos de heroísmo e sacrifício, veja-se o amplo entusiasmo por ideais novos; e pensar-se-á com razão que não assistimos hoje a um fracasso da escola, mas a um triunfo. Hoje mais do que nunca a história demonstra que nos grandes conflitos os povos que triunfam são os que têm uma superior educação e ensino.

### III. [O ENSINO]

Como vou falar do ensino em geral, é necessário antes de tudo que tenhamos uma ideia do que é o ensino. Acontece nas sociedades o facto de que, querendo transmitir às gerações futuras os bens culturais, nasce a educação. O seu fim não é outro, e educação é assim, no fundo, o lume sagrado dum Povo. A educação compreende, por uma parte, a formação geral do indivíduo, a escola a que ele concorre nos primeiros anos da sua vida (*Escola Primária*); por outra, a *Formação Profissional*. Ainda que possa chocar esta divisão, admitamo-la sem explicação alguma, porque, sendo simples, responde ao nosso presente plano. Na *Educação Profissional* consideraremos a dos *Mestres Primários*, os *Estudos Técnicos*, o *Bacharelato*, capitalmente como preparação para a Universidade, e a *Universidade*.

Não vos apresento um plano total, como vedes, mas uma indicação para valermos dela no estudo da realidade pedagógica. Um conselho vos dou: fujamos dos planos grandes e esquemáticos; voltemos os nossos olhos sempre para a vida vária e múltipla! Presentes, perante nós, os factos delas, pensemos em abranger, em conseguir, a nossa obra. Bem sabemos o que estes planos *enormes* deram na Espanha; todos eles com *Gaceta*<sup>17</sup> ou sem ela só conheceram o positivo e real fracasso. Não creiais por isto que eu quero ater-me à rude realidade; eu quero que sejamos guiados por planos, por ideias, porque eu não desprezo a ideia; eu sou um idealista. Mas há duas classes de idealistas: uns vivem nas

---

<sup>17</sup> *Gaceta* refere-se ao *Diário Oficial* do Reino da Espanha, na altura intitulado *Gaceta de Madrid*, depois *Boletín Oficial del Estado*. *Gaceta de Madrid*, e hoje apenas *Boletín Oficial del Estado*, de que apenas existe edição on line.

nuvens e são idealistas loucos. O outro idealismo admite claro a ideia; quer ele, por isso, que encha a realidade de maneira que nela brilhe e fulgure. Este idealismo deve ser o nosso porque é o fecundo!

#### IV. [ESCOLA PRIMÁRIA E *ESCUELAS NORMALES*]

Convém agora, seguindo o nosso esquema, falarmos da *Escola Primária*. A aspiração da escola deve ser transmitir quanto há de bom no nosso Povo<sup>18</sup> e fazer germolar quanto há de grande nela. À escola pedimos, pois, o Povo na sua total integridade. Que tudo, desde o ler até o ensino mais alto, se faça pensando no porvir do nosso, e lembrando-se dos seus fins na Humanidade! Mas para isto o primeiro a reformar são os métodos que na realidade constituem o núcleo, a essência da escola; não um procedimento frio e passivo, mas um jeito vital, entusiástico e ativo, é o que convém para realizar o fim da escola, porque a vida não acorda mais que em contato com a vida! Trocar um método, um procedimento pelo outro, é mudar a pequena eficácia pedagógica pela grande eficácia pedagógica. A tarefa é grande, mas não impossível e, reparai, essa será a única maneira de que da escola saia um Povo forte, varudo, rijo, capaz de engrandecer o nosso Povo.

Como pensar uma escola galega sem língua galega? —A língua é essencial ao Povo; com o espírito deste deve penetrar na escola e levá-lo envolvido no seu seio. Mas não somente por isto cobiçamos que se ensine na nossa fala. Há para isso outros motivos. Não é absurdo que hoje nas escolas rurais e nas mais das vilas falem os mestres aos discípulos em castelhano onde os rapazinhos o conhecem, se o conhecem, como língua estrangeira? Isto é o mesmo que em Castela ensinar em português ou em catalão<sup>19</sup>. A mais simples pedagogia diz-nos que o professor deve

<sup>18</sup> Viqueira escreve *raza*, mas dadas as conotações pejorativas que a palavra tem hoje, substituo-a por *Povo*.

<sup>19</sup> Dizendo *em Castela ensinar em português ou em catalão*, Viqueira concorda com Fr. Martinho Sarmiento (1682-1772) que, no *Tratado de la educación de la juventud* (1768), afirma: «Confíessa el Pe. Pereyra, que aun no tenía 30 años, quando compuso el vocabulario trilingüe, *latino, portugués y castellano*; y que ya era de 63 años quando compuso el *Arte de la Lengua Portuguesa*, que tengo impresa en 1672. Un gallego medianamente erudito, podrá formar, a imitación de la *Gramática Portuguesa* de Pereyra, una *Gramática Gallega*, por la qual estudien los *niños gallegos el latín*. No

chegar com as suas palavras ao fundo da alma do menino. E como poderá chegar com palavras<sup>20</sup> estrangeiras e incompreendidas? —Com certeza não podemos por hoje substituir o castelhano nem disto se trata. O que nos importa é que o galego não fique, não seja totalmente relegado e que se estime no seu atual valor. Quer dizer, que se ensine e sirva para ensinar. No momento, para que a nossa fala entre na escola só falta que o mestre permita às crianças a expressão do pensamento na sua língua; e que, quando for *inevitável*, como acontece com o ensino dos rapazes que começam a frequentar a escola, não tema empregar o galego como língua auxiliar. Ademais, têm de levar-se à escola a poesia e a música popular ou quase popular que não só educará o sentido estético do menino, senão que lhe mostrará uma língua bela e pura. Convirá também que os rapazes escrevam as suas cantigas afazendo-se deste jeito ao uso escrito do galego. Naturalmente temos de exigir ao mestre o conhecimento do idioma local, e aspirar a que se decrete obrigatório seu estudo nas *Escuelas Normales*<sup>21</sup>.

Reparemos na grande importância que tem o levar a poesia à escola toda; a educação está necessitada de beleza, pois é um dos grandes factores criadores do ideal, de inspiração na vida. A nossa poesia, como

---

acabo de admirar la *bárbara tiranía* de enseñar a los *niños gallegos* el *latín*, por medio de la *lengua castellana*, que les es *más ignota*, que la *lengua latina*. Así, todo niño, sólo por su *lengua nativa* debe estudiar el *latín*. Lo demás es *necedad*.» (§ 83; Pensado Tomé 1984: 82). O P.<sup>e</sup> Bento Pereira (1605-1681), jesuíta, é autor duma *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanum et Castellenum digesta* (Évora, 1634) e do *Tesouro da Língua Portuguesa* (Lisboa, 1647).

Por outro lado, o real estado político-administrativo do “galegófono” na *Comunidad Autónoma de Galicia* e do denominado “gallego exterior” (art. 21.2 da *Ley 3/1983, de 15 de junio*) mudou a respeito do referido por Viqueira. De facto, por os utentes de castelhano serem mais numerosos cada vez na Galiza, os nacionalistas espanhóis radicais estão a reverter a “razão” do conhecimento de galego contra o seu uso generalizado.

<sup>20</sup> *verbes*, s. m, por *palabras*.

<sup>21</sup> *Escuelas Normales*, criadas pela *Ley Moyano* de 1857, eram os Estabelecimentos de Ensino preparatórios para o exercício da docência nas *Escolas Primárias*. Breve notícia, mas suficiente, da sua situação no reino da Espanha até 1936 dão Francisco González García (2008) e a *Fundación Joaquín Costa* (1993). Viqueira ecoa a conceção institucionalista dos anos infantis, fundamentais no ensino para a socialização dos novos cidadãos. Cossio, tio de Viqueira e autor de *La Enseñanza Primaria en España* (1897), no *Congreso Nacional Pedagógico* de 1882, sustém que a Educação Primária «debe ser integral, o abrazar todas las facultades humanas; armónica, desenvolviéndolas todas en relación unas con otras, y progresiva, marchando a paso sin detenerse nunca» (Cf. Porto Ucha 1986: 149).

nenhuma, removeria e espartaria os espíritos porque, como nenhuma, cantou as aspirações, as dores e as ledices do Povo. Quantas formosas páginas há nela sobre a dura sorte do emigrante, sobre a vida sossegada e o labor do campo, sobre o mísero labrego, abafado, explorado pelos tiranos! Eu acredito-vos que as nossas poesias, espalhadas por aldeias e vilas, contribuirão de maneira enorme para o ressurgir do nosso Povo.

Ainda que a escola não tenha por missão a formação profissional, aqui, como noutros países, devemos por necessidade do momento introduzir esta naquela. Porque, que será do nosso Povo se a maioria dos seus membros não tiver uma arma de luta na vida? —Façamos com que a tenham, façamos quanto pudermos pela educação profissional do Povo na escola, pela formação dos carpinteiros, ferreiros, labregos. Quando isto se realizar, não irão os nossos pobres emigrantes sofrerem dores e males, lutando em notória inferioridade noutros países, pois homens que têm pátrias que lhes ensinaram o que precisavam, não serão vencidos muitas vezes na luta nem serão obrigados a acolher-se aos trabalhos piores<sup>22</sup>.

Quisera ainda eu que a escola fizesse mais. Os nossos campos estão espiritualmente pobres e daqui nasce a sua pobreza física, porque por eles não passa grandiosamente rugindo o sopro do espírito. É preciso que circule por eles o batido espiritual da cultura. Consegui-lo é uma missão da escola a que eu chamo *missão cultural*. Nas escolas rurais e nas das pequenas vilas devem fundar-se bibliotecas, a ser possível circulantes, onde os vizinhos achem livros e jornais para a sua leitura, ilustração e entretenimento; devem organizar-se conferências sobre os problemas agrários e económicos do momento. O mestre tem de ser o conselheiro dos galegos, dos mais dos galegos, em todas aquelas questões que se refiram aos seus interesses e à sua cidadania. Como ele não poderá fazer tanto como desejamos que lhe for encarregado, buscará ajuda nos discípulos mais adiantados e nos vizinhos, fazendo assim entrar na escola totalmente o Povo. E lembremo-nos que esta

---

<sup>22</sup> O texto original induz em confusão. Diz: «pois homes que teñen patrias que lles ensinaron o que precisaban, venceranos moitas veces na loita e obrigaranos a acollérense aos traballos piores.»

cooperação pela escola, pela educação, tem de ser geral, e cobizamos que ninguém seja alheio a ela e ao resto do ensino. Simples cidadãos, científicos, técnicos, todos devem, enquanto puderem, pensar na grande escola de que depende o porvir do seu Povo!

## V. [FACULDADE DE FILOSOFIA E ENSINO ELEMENTAR TÉCNICO]

Nós, os que isto cobizamos, temos de erguer a situação intelectual e económica dos mestres para que possam cumprir a sua missão. Portanto, começo falando da educação profissional, pela formação dos mestres chamados primários. E um dos maiores erros que se padecem é pensar que os mestres primários têm uma missão mais elementar, mais singela, que cumprir do que os universitários ou do que os secundários. Pelo que indiquei antes, a tarefa dum mestre primário não é de nenhuma maneira inferior à do professor da Universidade. Aspiramos, pois, a dar ao mestre primário uma preparação tão funda como aos outros mestres e, entenda-se, não a mesma, mas tão funda, tão rica; orientada decerto na direção particular exigida pela diversa especialidade. As *Escuelas Normales*, pequenas e pobres de espírito por necessidade, pela sua natureza, porque nelas se respira um estreito ambiente de classe, porque estão limitadas pelo estreito horizonte histórico que preside infelizmente a formação do mestre, não respondem aos nossos propósitos. Até os mais ousados políticos declararam-nas inaptas! Os mestres primários devem formar-se, como os outros mestres, na Faculdade de Filosofia da Universidade, onde acharão um trabalho sólido, um horizonte amplo e humano e uma maneira de romperem os atuais e velhos preconceitos. Dessa Faculdade de Filosofia, a criarmos, falarei mais adiante.

Não somente deve lamentar-se a situação em que essa *esfera da atividade nacional*<sup>23</sup> entre nós se acha; precisa-se remediá-la e formar técnicos. O primeiro a fazer para termos técnicos é simplesmente criar o

<sup>23</sup> Neste contexto, *nacional* e *nação* remetem ao âmbito galego e não ao espanhol. Com o Prof. Murillo (1972) pode considerar-se que «o Estado nacional moderno — fruto dum determinado momento da História — leva no seio potencialmente a cissão: será suficiente utilizar [...] o mesmo princípio que lhe deu nascimento, apenas num nível inferior. Daí o fenómeno dos regionalismos, na versão moderna» (citado in Vilas Nogueira 1977: 28)

próprio técnico. Assim se fez nos países neste aspeto mais afortunados, onde as escolas para isso (pode dizer-se) são coisa corrente. Lembremos que isto é uma necessidade real e positiva e que ou adiantamos o que se precisa na técnica, ou morreremos como nação. Lembremos também que o enorme factor da força da Inglaterra, da Alemanha, dos Estados Unidos de América, é a técnica.

Temos então de organizar o nosso *ensino técnico*. Mas nisto não nos esqueça o princípio que tem de ser guia em qualquer organização. Não principiemos fazendo grandes planos esquemáticos que a coisa nenhuma respondem e que, por conseguinte, não surdem. Ao contrário, comecemos por nos chegar à Terra, aos costumes, às necessidades do momento, e elaboremos depois sobre tudo isso o nosso verdadeiro ensino técnico. É um dever nosso darmos começo, quanto antes se puder, a esse trabalho para encher o baldeiro na nossa vida, de que antes falei.

Nós não imos, por isso, criar algo novo de todo, mas sim fundar na Galiza o que noutras partes já nasceu. Se é certo que, antes de nada, temos de olhar para o chão<sup>24</sup>, é também certo que uma ideia de conjunto existirá desde o primeiro instante no nosso espírito e que esta ideia nos guiará na nossa obra. O que precisamos nós propor-nos é a criação dum *técnicum*, duma escola técnica na Galiza. O *técnicum* compreenderá, primeiramente, o *Ensino Elementar Técnico*, com cursos de estudo que durarão pouco tempo e que permitirá formar rapidamente técnicos elementares agrícolas e industriais. Ademais, compreenderá o *Ensino Superior Técnico*, em que juntamos as profissões de arquiteto e as diversas especialidades da engenharia (engenheiros agrónomos, que hoje se formam na região agrícola mais estéril, nos

---

Vicente Risco (1920.1973: 75), teorizando sobre o *nacionalismo galego*, explicava: «O nacionalismo quer, acima de tudo, criar na Galiza [...] uma vida e ainda uma cultura autónoma, um aproveitamento de todas as forças de produção material e mental da terra e da raça para a criação de valores económicos e culturais que se possam impor ao mundo. O conceito de *nação* é um conceito histórico, o que quer dizer, da máxima realidade. Uma nacionalidade vive sempre, como realidade espiritual, independente do Estado de que faz parte.»

<sup>24</sup> Viqueira escreve *terreo*.

arredores de Madrid; engenheiros de caminhos, químicos e outros), tendo sempre em conta, na organização dos estudos, as necessidades reais do país no momento atual. Porque todas as anteditas profissões técnicas requerem especialização, orientação regional. Por ex., não é o mesmo ser engenheiro agrônomo na Andaluzia do que sê-lo na Galiza.

Questão delicadíssima é a do Professorado, pois precisamos de mestres totalmente modernos. Ainda que tenhamos homens de excecional valor, não são estes muito numerosos, de jeito que creio que não deve pensar-se num *Corpo de Professores vitalícios*, se assim podemos expressar-nos. Muito mais preferível seria ter professores por cada quatro anos, podendo-se renovar o seu contrato, se as cousas vão bem durante este tempo. O sistema que proponho é empregue com êxito nas Universidades da América do Norte. Como o leitor verá, vale a pena tentá-lo no nosso país e justamente numa instituição educadora nova, já que as velhas talvez não defendem quiçá esta liberdade.

Perguntareis: «Em qual das vilas galegas tem de criar-se esta *Escola Técnica?*» —Responderei eu esta pergunta dizendo que não o sei, porque por hoje não pode saber-se. Requer a questão o estudo das realidades do nosso país, no que se refere ao atual problema. E esse estudo não está ainda feito. Só mais adiante poderemos concretizar o nosso plano.

A influência que esse ensino técnico moderno terá na Galiza será enorme. Certamente trará consigo uma época de atividade industrial, quer dizer, da que for de todo adaptada ao nosso país.

## VI. [ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS E BACHARELATO]

Ocupar-me-ei agora dos *Estudos Universitários* e de *Bacharelato*. Primeiramente imo-nos deter na reflexão sobre a preparação para a *Universidade*, o fim a que parece responder o nosso *Bacharelato*. O que aqui se disser, terá valor para o seu objetivo de preparatório de outras carreiras. O nosso *Bacharelato* tem de sofrer aquelas reformas gerais que hão de transformar todas as classes do ensino. Por si mesmo padece um defeito grande: falta de método, falta de coesão. Todo ele se acha

simbolizado nos dous anos de latim e de francês que nem chegar podem para os rapazes aprender a traduzir o texto linguístico mais elementar, ilhados entre outros anos de multidão de cousas que, quando o bacharel remata os estudos, lhe esqueceram já, tanto mais hoje que não há reválida<sup>25</sup>. O nosso *Bacharelato* é uma má cópia do Bacharelato francês, porque, ao copiá-lo, perdeu a continuidade de estudos que aquele tem. Aos dous anos de latim de aqui correspondem ali oito. Isto já vos dá uma ideia do que eu entendo<sup>26</sup> por continuidade, coesão e método. Consiste em que os estudos começados no primeiro ano não se deixem, mas se continuem até o derradeiro, único jeito de os fazer úteis. Esta continuidade é a primeira medida a tomarmos para fazer do *Bacharelato* um estudo fecundo. Algum dia, não longínquo, darei a conhecer o meu plano para isso. A falta de continuidade é um defeito também dos nossos planos universitários e dos mais planos dos nossos ensinos, porque eles todos se baseiam numa conceção memorista e simplicista do ensinar e do aprender<sup>27</sup>. Neles se supõe que ir ensinando é ir enchendo um espírito, realmente enchendo-lhe a memória de diversas disciplinas. Mas o saber é atividade e precisa, como toda a atividade, do seu cultivo ativo, produtivo para o seu desenvolvimento, cultivo nas mais diferentes direções. O que vai dito aqui com respeito da falta de método de continuidade no *Bacharelato* deve aproveitar-se, em

---

<sup>25</sup> Viqueira está a utilizar os vocábulos que denominam os diferentes níveis e provas do currículo escolar no Reino da Espanha. Assim, *reválida* equivale a exame ou prova de grau, finalizado o *Bacharelato* ou o *Ensino Secundário*, antes de iniciar os *Estudos Universitários*. De facto os estabelecimentos de Ensino Secundário, um por cada província, dependiam então da Universidade do correspondente distrito universitário.

<sup>26</sup> Viqueira escreve *enjergo*, por *enxergo*; prefiro mudar por *entendo*, que faz mais inteligível a expressão.

<sup>27</sup> Para melhor entender a conceção institucionalista do Viqueira sobre o ensino, valha esta citação de *El espíritu de la educación en la Institución Libre de Enseñanza, Discurso inaugural del curso 1880-81*, de Francisco Giner de los Ríos, «Assim considerado, este método intuitivo, realista, autóptico, de própria vista e certeza, o método, em suma, de Sócrates, não é um processo particular, empírico, nem melhor entre outros, mas o único autorizado em toda a classe de ensino. Não é, portanto, maravilha se, aplicado à infância nos tempos modernos mercê dos esforços de Rousseau, de Pestalozzi, de Fröbel, vai pouco e pouco estendendo-se a diversos estudos, nos quais a indagação familiar há de substituir aquelas antigas formas expositivas e dogmáticas que Cousin achava indispensáveis para penetrar no espírito da juventude e que, quando mais, serão úteis para conferências dirigidas às multidões anónimas.» (Giner de los Ríos 1878.1973: 106).

consequência, para os restantes planos das *Escolas Técnicas*, «Normales» e *Universidades*.

Quando a continuidade se estabelecer no ensino secundário, parecerão absurdos os exames, de todo o jeito perturbadores, anuais e por disciplinas. É tanto o escrito sobre os exames que não preciso deter-me a criticá-los; para além disso, não teria tempo. Substituí, pois, no meu plano, aos numerosos exames atuais um exame único e final. Também isto não é novo. O sistema é europeu e acha-se acreditado como bom na Alemanha, na França, na Inglaterra e noutros países, onde as gentes até têm dificuldade para compreender o nosso chinêsco sistema. A prova derradeira e única do bacharel será alguma coisa assim como o atual *grau de bacharel*, naturalmente que ampliado; p. ex., haverá de exigir-se a tradução, a livro aberto, das línguas que se aprenderem e introduzir exercícios práticos<sup>28</sup>.

Algumas indicações para rematar o tema do *Ensino Secundário*. Fala-se e exige-se a divisão do *Bacharelato* em secções, pelo menos, em duas secções: uma de ciências e outra de letras. Eu não sou partidário dessa divisão contra a que noutros países, em que existe, já se protesta, porque esnaquiza a bela unidade da cultura. Oponho-me também a que se suprima o estudo das línguas clássicas, tão proveitoso para o refinamento do espírito. Creio que pode harmonizar-se o estudo das línguas modernas com o das clássicas. Lembremo-nos que noutros países o bacharel sai sabendo grego, latim e uma língua viva, ou duas vivas e latim. Estimo que para obter bons resultados não deve prolongar-se o *Bacharelato*, pois que anos suficientes tem de estudo o escolar até rematar a sua carreira.

---

<sup>28</sup> Giner de los Ríos, no discurso citado, diz: «Na hora presente, este carácter [*a educação, não a simples instrução, há de ser sempre o fim do ensino*], que, por erro nada leviano, costuma estimar-se privilégio da escola primária, vai começando a ganhar outras esferas; e mesmo aquelas que se propõem como objeto, não a cultura geral do indivíduo, mas a sua preparação para determinadas profissões, concluirão um dia por se emancipar desse torpe sentido, segundo o qual ao advogado, ao médico, ao engenheiro e ao professor até, lhes basta aprenderem um manual de secas fórmulas e se adestrarem depois na prática dos respetivos ofícios.» (Ibídem)

## VII. [FACULDADE DE FILOSOFIA. CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA]

Agora, passamos ao estudo da *Universidade* ou, antes, ao da reforma e compleção da nossa *Universidade* já existente. À *Universidade* devia corresponder a formação profissional superior (além da missão geral educadora). Motivos condicionados pela história fazem com que à *Universidade* não corresponda hoje quanto devia corresponder-lhe (p. ex., a engenharia). Mas isto não faz ao caso. A profissão, a carreira dum homem pode ser quer uma técnica, aplicar o saber, intervir no mundo da natureza ou do espírito, conhecendo as suas leis (Medicina, Direito, Veterinária, Química Industrial, Pedagogia), quer investigadora e, portanto, produtora de ciência (profissão de investigador). Daqui dous grupos de *Faculdades*: as *Técnicas* (que hoje são *Direito*, *Medicina* e *Farmácia*) e as *Teóricas*, ou as atuais de *Ciências e Letras*. Falaremos destas considerando-as conjuntamente, pois à *Faculdade* que trabalha na ciência pura (*Matemática*, *Física*, *Química*, *Ciências Descritivas da Natureza*, *Filologia*, *Filosofia*, etc.), que se ocupa da pura investigação, chamar-lhe-emos *Faculdade de Filosofia*, lembrando-nos do antigo termo grego *Filosofia* (*Ciência total*). Não faremos nada novo, pois está constituída e assim se denomina na Alemanha. Essa *Faculdade* compreenderá as duas de *Ciências e Letras* (que são também ciências). Cumpre criar esta *Faculdade de Filosofia*, que injustamente não temos. Vejamos algumas das características que há de ter.

Dir-se-me-á: *Para que juntar as duas Faculdades (de Letras e Ciências)* de estudos tão pouco semelhantes? Responderei eu: para poder criar grupos homogêneos de estudo e deixar ao estudante a máxima liberdade precisa em toda a evolução mental. No dia de hoje nada desses grupos existe. Um geógrafo nem sabe *Geologia*, nem compreende de facto uma palavra de *Antropologia*, nem de *Ciências Naturais*. O seu estudo é somente literário; quer dizer, não é geógrafo. Um filósofo não pode ser, da mesma maneira, mais do que um retórico, já que, sendo a *Filosofia* a reflexão sobre o saber e a vida, ignora toda a ciência as mais das vezes, dadas as condições em que o põe a *Universidade* perante a vida. Por outra parte, toda a educação filosófica falta ao físico, ao naturalista,

de maneira que as suas produções serão sempre pobres e limitadas no horizonte intelectual. Toda outra coisa acontece com o sistema alemão ou francês, onde o aluno escolhe livremente umas quantas disciplinas, onde trabalha do ponto de vista duma especialidade nos anos da sua vida universitária. Nesta *Faculdade de Filosofia* claro é que temos de criar a *Cadeira de Língua e Literatura Galaico-Portuguesa*.

Na *Faculdade de Filosofia* o exame será único: uma prova última que nos deixe saber se o estudante é capaz de ser investigador. Isto não pode demonstrar-se mais que investigando e mostrando que se conhecem os meios precisos de investigação para isso e não recitando (sistema de hoje) disciplinas. Para tal exame cumprirá ter feito um trabalho sobre um tema duma das disciplinas do grupo (*tese*) e conhecer os meios de investigação e fundamentos das disciplinas do grupo. Poderá este considerar-se composto de três matérias: uma capital e duas acessórias, afins à primeira (sistema alemão). Ao título assim conseguido chamá-lo-emos *Doutoramento*.

A *Faculdade de Filosofia* cumpre ainda, e acai-lhe cumprir, outra missão: a de formar os mestres secundários e os universitários. Hoje coisa nenhuma se faz na Espanha pela preparação do professorado; uma missão tão transcendental exige que tenhamos algum interesse por ela. Precisa-se, pois, organizarmos a formação pedagógica dos mestres como se faz nas Universidades da Europa. O que faz falta são anos académicos de estudos e trabalhos práticos. Ao fim dum determinado tempo de labor obterá o candidato ao professorado o título de *Licenciado em Pedagogia*.

Não faz falta insistir em que a *Universidade*, como a *Faculdade de Filosofia*, tem de transformar-se, a respeito dos métodos, porque a ser *científico* ou *técnico* não se aprende mais que fazendo ciência, ou praticando a técnica, e não retendo na memória livrotes para os recitar depois. Fazem falta os laboratórios, as bibliotecas, os trabalhos práticos e, antes de tudo, os homens novos capazes de métodos novos.

Este é em resumo o meu plano duma *Universidade* forte, cheia de saúde, sem verbalismo e sem pedantaria, que, em vez de encher o

país de titulados inúteis (o que hoje sai de valor é pelo seu talento e apesar dos métodos), chegaria a ser a glória da Galiza e um factor da sua prosperidade e riqueza.

O meu ceticismo a respeito das reformas feitas *por decreto*, o meu idealismo prático, levam-me a pensar que, se não podemos criar de novo a *Universidade*, podemos ao menos fazer nascer dum jeito vital e verdadeiro a nossa *Faculdade de Filosofia* (quer dizer, *de Ciências e de Letras*). Não temos de começar com um decreto que a crie; deve principiar-se com um ensaio de *Faculdade*. —Como se pode fazer isso?— Reunindo os homens dedicados à investigação e ao saber da nossa Terra e dando-lhes meios de trabalho, deixando-os que, segundo determinado plano, organizem cursos e conferências e fazendo assim um *Instituto Científico Galego*, um verdadeiro *Instituto Científico Galego*. Quando esse *Instituto* se firmar, quando as suas produções prometerem bom caminho, convertê-lo-emos numa *Faculdade de Filosofia*.

### VIII. [EDUCAÇÃO DA MULHER]

Até agora (salvo da *Escola Primária*) não falei do ensino e da educação da mulher. Não podia faltar eu às tradições do Povo galaico deixando-o relegado. Porque este é um dos maiores erros da Espanha que, tirando a já citada *Escola Primária* e as *Escuelas Normales*, nada fez. O abandono cultural da mulher não é só um falhanço, mas também uma injustiça. Quisera que vos lembrásseis dum provérbio inglês que diz: «*A mão que fia na roca e arrola o berço, governa o mundo*»<sup>29</sup>. Nele se exagera, mas também se expõe uma grande verdade: *a importância social da mulher!* Na Galiza há uma profunda tradição de respeito e de veneração pela tarefa social da mulher. É de necessidade que essa calada tendência dê um resultado positivo. Não poderá ser de outro jeito na Terra que achou a sua cantora na imortal Rosalia de Castro, a quem todos os galegos rendemos um verdadeiro culto. Ainda mais: ficaremos retardados na história do mundo, se não nos preocupamos

<sup>29</sup> Viqueira cita o estribilho do poema de William Ross Wallace (1819-1881) desse título (1865), tornado hoje em proverbial: *The hand that rocks the cradle is the hand that rules the world*.

com a educação feminina.

Antes de rebentar a guerra europeia o interesse na educação feminina aumentava de maneira notável nos maiores países. A guerra trouxe uma modificação funda na conceção da missão social da mulher e agudizou aquele problema. Prova disso é o acontecido na Inglaterra onde, desaparecendo uma velha e obstinada oposição, os Parlamentos concederam o direito do voto às mulheres. Poderão alguns doer-se de tais factos, poderão alguns sentir saudades pela época em que a mulher influía nos destinos do mundo quase somente com as palavras agarimosas de mãe e de esposa ou com obras de bondade. Com a história não valem saudades! Estejamos na realidade presente e pensemos que o problema do feminismo, já colocado por Platão, é um problema do momento para o qual temos de nos preparar, e que a função social da mulher se vai ampliar enormemente.

Como satisfazer as necessidades de educação da mulher? Em Madrid (*Residencia para Señoritas da Junta para la Ampliación de Estudios*) e em Barcelona (*Instituto para a Educação da Mulher da Mancomunidad*)<sup>30</sup> tem-se atacado em parte o problema. Teremos nós de seguir um caminho análogo. Criemos, pois, um, vários *Institutos para o Ensino feminino* que correspondam a todas as exigências pedagógicas modernas. Nele se oferecerá às mulheres a educação geral, a melhor possível, e dar-se-lhes-á a preparação para quantas profissões puderem desempenhar. Não se trata duma Universidade feminina que acho desnecessária. Nem na França nem na Alemanha existem; ali estudam as mulheres nas Universidades dos homens, se assim se puder falar. Trata-se duma instituição que sirva de base para a educação geral e, em certo modo, profissional da mulher, algo certamente transitório que nos

---

<sup>30</sup> A *Residencia de Señoritas* abriu-se em 1915, sob a direção de María de Maeztu, professora da *Universidad Central* (Madrid) para «señoritas mayores de dieciséis años que estudien o deseen ingresar en Facultades universitarias, Escuela Superior de Magisterio, Conservatorio Nacional de Música, Escuela Normal, Escuela del Hogar, etc...» (Capel Martínez 2009: 156).- Quanto ao Instituto barcelonês, Viqueira talvez se refira ao *Institut de Cultura i Biblioteca Popular per a la Dona*, fundado em 1909, como *Biblioteca Popular per a la Dona*, por Francesca Bonnemaison de Verdaguer, dedicado à formação cultural e laboral das mulheres, no tempo da *Mancomunitat de Catalunya* (1914-1925). Por consultar-se

deixe livres as mãos para ulteriores e melhores reformas. Já disse que a posição social da mulher está rapidamente a mudar na Europa, pelo qual temos de conservar um jeito expetante e fundar *Escolas Superiores femininas* que possam evoluir nos sentidos mais diversos. Porque, ademais, quanto mais flexível e elástica for uma instituição, mais útil resultará.

#### IX [ORGANISMOS ENCARREGADOS DOS PROBLEMAS EDUCATIVOS]

Vimos no anteriormente exposto como é preciso um estudo da realidade, como, se se há de fazer algo de proveito pela educação na Galiza, tem de partir o impulso duma iniciativa que nasça aqui mesmo e não em remotas e alheias vilas. Tudo isso exige que se criem entre nós organismos encarregados de estudar os problemas educativos da nossa Terra, organismos que, começando pela iniciativa individual, rematem por ser oficiais. Lembremo-nos sempre do carácter experimental que num começo devem ter tais instituições. Quanto de novo e de interessante surgirá um dia em que este nosso projeto se realize e se estudem as realidades pedagógicas do nosso Povo e sobre elas se eleve um acúmulo de eficazes reformas!

#### X. [CARACTERÍSTICAS DA NOVA EDUCAÇÃO GALEGA]

Muitos problemas ficam por tratar, mas para agora basta-nos o dito. Somente me ocuparei ainda das características da nova educação galega e da sua relação com a linguagem.

Platão<sup>31</sup>, para salvar a Grécia que se afundava na decadência, no grandioso diálogo sobre *A República* ou «O Estado» esperava tudo duma nova educação. Fichte<sup>32</sup>, muitos séculos depois, no meio da crise

---

<sup>31</sup> Platão (428/427-347 a.C.) no «Livro Sétimo» de *A República ou sobre a justiça* explica o *mito da caverna*, de interesse para a educação porquanto esta seria auto-atividade ou processo mercê do qual o educando patenteia as ideias que fecundam a sua vida. Seja como for, os mais aproveitados tornar-se-ão em governantes de todos os integrantes da República.

<sup>32</sup> Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) dedica à educação o *Segundo, Terceiro, Nono, Décimo, Undécimo e Duodécimo* dos *Discursos à Nação alemã*. Estima que o estado natural do homem em maneira nenhuma se caracteriza pela liberdade; se assim fosse, a convivência humana não precisaria

das guerras napoleónicas, nos seus patrióticos discursos à nação alemã, esperava duma nova educação a renovação da vida do seu país. Esta perdurante preocupação dos grandes pensadores mostra-nos como o progresso e a adaptação a um tempo duma educação é essencial ao progresso e vitalidade dum povo. Nós, da mesma maneira, esperamos duma nova educação a renascença do Povo galego.

Quais são as características desta nova educação? Foram já expostas em parte na ocasião de cada um dos problemas. Agora convém expô-las em unidade. Cobiçamos com a nossa educação espertar e cultivar todas as possibilidades do Povo. Quer dizer, a nossa educação será (a) uma educação de vida, de iniciativa e de personalidade. Quanto mais fortes, mais pessoais, mais capazes de iniciativa forem os indivíduos, mais fácil será que triunfem no mundo. Portanto, não será uma educação mecânica, livresca e passiva. Pensaremos sempre (b) na ação onde só se forma a pessoa na sua maior potencialidade; só produzindo se vive e só vivendo se aprende a viver. Não se me diga que o menino não pode produzir; todos podemos criar, desde o menino de escola até o mais profundo matemático. Isto é um facto de Psicologia<sup>33</sup>. A nossa educação, se for vital, será (c) funda, radical, terá ante si a total vida do indivíduo; não será, como é a atual, superficial e fracionária, que se afigura que tudo está feito quando se gravam a um rapaz na memória quatro conhecimentos e quatro hábitos. A nossa educação será (d) ideal, essencialmente idealista, porque sem ideal a vida perde o seu valor, esmorece e morre. A exigência duma tal educação existe hoje em todos os países e nalgum se acha em parte realizada. Não

---

de lei nenhuma. É por isso que deve ser educado e ele próprio deve educar-se para a moralidade. (Vid. J. G. Fichte-M.<sup>a</sup> J. L. Acosta 1977)

<sup>33</sup> «Isto é um facto de Psicologia.» Vale a pena estoutra citação de Giner de los Ríos, datada em 1879, a respeito de «Instrucción y educación», segundo as entendiam os institucionistas: «Mas o verdadeiro remédio [...] é [...] acentuar o carácter educativo na *Escola Primária*, onde mal existe, embora a cada instante rebente, e levá-lo desde lá à secundária, à especial e profissional, à superior, em suma, a todas as ordens e esferas. Como condições externas para esse novo espírito poder lá formar-se, cumpre tornar as lições numa conversa familiar, prática e contínua entre professor e discípulo; conversa cujos limites variarão livremente em cada caso, segundo é fácil supor, ainda que acabará com as explicações e interrogatórios do método académico, como igualmente com a solenidade dos nossos exames e outros exercícios inúteis.» (Giner de los Ríos 1879.1973: 91).

podemos ficar retardados. Só esta educação será capaz de transformar o estado lamentável da nossa juventude, só esta educação criará gerações cheias de ideal, varudas, que trabalhem pela prosperidade da sua Terra, pela sua libertação e os grandes ideais da Humanidade. Dela surgirá a riqueza da indústria, o comércio florescente, a agricultura no seu máximo esplendor, a nossa marinha cruzando os mares que sempre foram nossos, a nossa cultura iluminando o mundo, o nosso nome em todas as partes respeitado! Glossando umas palavras de Goethe, direi que ela fará surgir «Numa terra próspera um povo livre e grande». — Por ela devemos lutar todos para a realizarmos: operários, capitalistas, artistas, intelectuais, homens de todas as ideologias políticas<sup>34</sup>, já que dela nascerá a nossa esperança dum porvir glorioso.

#### XI. [IDIOMA GALEGO: CORREÇÃO E USO PROGRESSIVAMENTE EXTENSO]

Já vimos que o [*idioma*] galego se introduziria na *Escola* [*Primária*] e de que maneira — vimos também que na nossa *Faculdade de Filosofia* haverá uma *Cadeira de Língua e Literatura Galaico-Portuguesa*. Creio conveniente que, para obter o grau de *Doutor*, se exija esta matéria de modo que as teses se escrevam em língua galega. No *Ensino Secundário* pode combinar-se muito bem o trabalho do castelhano com o trabalho do galego<sup>35</sup>. Também lembrarei agora que deve ensinar-se o galego aos

<sup>34</sup> «homens de todas as ideologias políticas». A *questão nacional*, desde a existência da Nação até questões anexas, como é a educação nacional, não depende de ideologias particulares. Todas compartilham os traços do projeto que garante a existência da Nação: território, gentes/cidadãos, língua. Vale afirmar que *a Nação é ou não é*, antes do que na realidade, nos projetos (ou *utopias*) de todos, com unanimidade indiscutida. Assim o entendia Viqueira: *To be or no to be: that's the question* (veja-se *infra* no «O grande dilema: ser ou não ser»). Para entender desse ponto de vista o *caso da Galiza, tanto espanhol, quanto português*, convém ler com atenção *A Catástrofe* (1878?), de José M.<sup>a</sup> Eça de Queirós. *Vid.* a versão comentada em *Agália* núm. 20.

Seja como for, quanto a *A Catástrofe* tenha-se em conta esta notícia: «De *A Batalha do Caia* só se têm [...] referências. *A catástrofe*, que a conterà possivelmente em estado embrionário, apresenta, através dum narrador em primeira pessoa, a situação de Portugal invadido e derrotado, em 1881, pelos espanhóis (não era a invasão espanhola que tão ardentemente desejava o João da Ega ainda em 1888?) em sequência a um conflito entre as grandes potências, dando origem a uma terrível derrota. O conto será publicado em 1925 pelo filho do escritor, juntamente com O conde de Abranhos, que, de certo modo, completa.» (Berardinelli em artigo on line)

<sup>35</sup> O bilinguismo, segundo o entende Viqueira, não é nem o harmónico ou amável, pregado pelos organismos do reino da Espanha, nem o implicado no *galego identificado*, que sustém a classe aca-

*Técnicos*, pois precisam dele como é evidente na vida prática.

Dirão talvez algumas gentes: *Por que esta obsessão do galego?* Jamais me fatigarei de expor os motivos, as razões de por que o nosso problema linguístico é de suma importância: [1.º] O primeiro motivo é que a língua é um naco da nossa alma coletiva, do qual nenhuma lei humana poderá obrigar a desprender-nos. [2.º] O segundo motivo é que a divisão linguística traz consigo uma divisão cultural perigosa na Galiza. Cinco sextas partes dos galegos falam galego e só uma sexta parte castelhano ou, antes, uma cousa que as mais das vezes somente com aproximação pode chamar-se castelhano<sup>36</sup>. Entre as duas classes de população linguística existe uma divisão fundíssima, quase um abismo, que é preciso desfazer. E isso não pode abranger-se praticamente mais do que falando o galego, aprendendo e usando habitualmente o galego a sexta parte da população que é a que representa a cultura superior ou, pelo menos, pretende, e pode, representá-la. Só assim a cultura atual penetrará até os mais longínquos currunchos da nossa Terra e surgirá uma moderna e rija cultura galega. [3.º] Ainda há outro motivo para o cultivo e afirmação da nossa língua. O galego, pela sua semelhança com o português, é um instrumento de comunicação internacional que à Espanha inteira convém cultivar e conservar<sup>37</sup>. Um galego bilingue tem mais probabilidades de êxito no mundo que um galego que não

---

démica na «Comunidad Autónoma de Galicia». Viqueira transige com a situação vigente nos anos vinte, mas propõe uma mudança radical (utópica?) desse estado de cousas, dada «divisão cultural perigosa na Galiza».

<sup>36</sup> Hoje, 2011, a situação social e sobretudo político-administrativa desfavorece o uso da «lengua propia de Galicia» (art. 5.1. do *Estatuto de Autonomía para Galicia*), enquanto favorece a *língua nacional* do reino da Espanha. No *Mapa Sociolingüístico de Galicia* (vol. II 1995: 359) diz-se «que o galego é a língua habitual predominante na Galiza: a soma dos que o têm como língua exclusiva (38.7%) e os que o têm como língua preferente (29.9%) representa mais dos dous terços da amostra (68.6%). O castelhano, pela sua parte, é a língua habitual exclusiva do 10.6% dos entrevistados e predominante do 20.8%.» Contudo, segundo os (quase) últimos dados, o número de pessoas entre 15 e 54 anos que nunca falam galego passou, entre 1992 (ano do anterior MSG) e 2004 (novo MSG), de 13 para 25% e mesmo até 10,7% das crianças reconhecem que não receberam nem uma única aula em galego. O extermínio dos lusófonos espanhóis parece estar bastante avançado...

<sup>37</sup> Era, na altura, doutrina comum e indiscutida tanto na Filologia românica, quanto entre os galeguistas. Porém hoje está a ser imposta, na «Comunidad Autónoma de Galicia», como *teoria científica* precisamente a contrária, a que sustenta a dessemelhança, maior ou menor, das «línguas irmãs», que diz a classe académica "galega"; para ela a fronteira nacional-estadual luso-espanhola é sagrada

conheça mais do que o castelhano, porque aquele tem abertos à sua atividade o mundo português (Portugal, as suas colónias e o Brasil) e o mundo da língua castelhana, e este somente o mundo de língua castelhana. Chama-se-nos por vezes egoístas e anti-humanitários. Justamente somos o contrário, porque não apenas nos opomos a que se prive alguém do seu direito de expressão na sua própria fala, quer dizer, a uma violação da Humanidade no indivíduo, mas também preconizamos para a nossa Terra a renascença duma língua que a deixará entrar em relação com a Humanidade, com os povos que a integram, dos mais diversos modos. Ainda pela semelhança do galego com o português podemos servir à Espanha e à Humanidade noutra forma: trabalhando pela inteligência de Espanha e Portugal para formarem os dous Estados uma grande Ibéria.— A importância disto é enorme, se se considera que só pelas sucessivas confederações nacionais se chegará à paz perpétua<sup>38</sup>.— Primeiro unir-se-ão em confederações os povos mais afins; depois, estas confederações entre si. Mas de nenhuma maneira se fará a futura confederação ibérica sem uma Galiza totalmente galega e isto quer dizer, falando galego, já que a língua é essencial à sua personalidade. A razão é que uma Galiza autónoma, dona de si, dissipará os receios de absorção castelhanista que Portugal sentiu sempre e sente justificadamente, motivo do seu distanciamento de nós. Portanto, à Galiza, se é fiel a si própria, está reservada, pela sua língua e pela sua história, tão portuguesas quanto espanholas, a missão de fazer a união ibérica, que (indico de passagem) exige também na Espanha mesma um regime geral federal<sup>39</sup>.

---

de modo a sobredeterminar os traços fónicos diversificadores. Viqueira dissentia radicalmente dessa inferência, tão ilegítima quanto incorreta,

<sup>38</sup> Viqueira alude ao opúsculo de Kant (1724-1804), intitulado *Zum ewigen Frieden* [Sobre a Paz perpétua] (1795). A paz perpétua apenas será possível por meio da constituição republicana e segundo os princípios: «1.º da *liberdade* dos membros da sociedade (enquanto homens), 2.º da *dependência* de todos a respeito da única legislação comum (enquanto súbditos) e 3.º de conformidade com a lei da *igualdade* de todos os súbditos (enquanto cidadãos): é a única que deriva da ideia do contrato originário e sobre a qual devem basear-se todas as normas jurídicas dum povo.» (I. Kant 1795. 1994: 15)

<sup>39</sup> A conceção viqueirana sobre a autonomia integral da Galiza, condição precisa para a união ibérica, foi exposta extensamente por Castelão no *Sempre em Galiza*. Por ex., no ¶ XVIII do Livro III diz:

Temos, pois, de considerar com seriedade o problema linguístico. A nossa fala não tem de ser só um meio para falarmos aos labregos, ainda que isto seja digníssimo, se se lhes fala de liberdade para os espertar e fazer livres. A nossa fala tem de chegar a exprimir a infinda riqueza da nossa alma galega e tem de encher aquela missão internacional de relações com os países de língua portuguesa, que antes cobiçávamos para a Galiza. O que quer dizer que a língua galaica tem de converter-se num requintado e refinado, admirável meio de cultura, instrumento espiritual. É, antes de tudo, preciso que todos os galegos falem e escrevam o galego, como souberem e como puderem. Mas isto não basta; é preciso depois que o falem e o escrevam à perfeição. A douda Academia Galega fez muito por

---

«Provadas para Portugal as vantagens duma aliança ou união hispana, seria bem fácil esvair os temores da sua absorção por Castela no dia em que Hespanha abraçasse o regime federal, quando a Galiza fosse autónoma e se abrisse, de par em par, a fronteira minhota para os efeitos da língua, da cultura, da arte, do espírito... Enfim, quando criássemos um período equivalente ao dos *Cançioneiros*.» (Castelão 1950.2010: 390) Esse *desideratum*, relativamente à língua e à cultura galaico-portuguesa, que o Prof. Rodrigues Lapa lembrou em 1973 e ulteriormente, em 1980, já começado o processo "autonomizador" do reino da Espanha, provocou graves celeumas entre a classe académica assente na «Comunidad Autónoma de Galicia» e não só. Vid., p. ex., *Actas do Colóquio de Tréveris* (1980), passim. Entrementes, reaparece, por ocasiões e mesmo em boca de representantes institucionais galaico-espanhóis, a letra (que não o discurso) de a «Galiza pela sua língua e pela sua cultura ser tão portuguesa quanto espanhola».

Cumpra acrescentar que hoje, 2011, o *Acordo Ortográfico* (1990) e a subsequente *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (1996), ativados, oferecem aos galegos e à Galiza ocasiões preciosas para progressivamente efetivar o *desideratum* dos Viqueiras ou dos Castelãos.

Assunto bem diverso é o da União Ibérica, velha e utópica aspiração do galeguismo político, como evidencia O *Manifesto da Assembleia Nacionalista de Lugo* (ANT núms. 73-74, Crunha, 5 de dezembro de 1918): «Os pessoeiros das Irmandades da Fala, reunidos em Assembleia magna, tida na cidade de Lugo os dias 17 e 18 de [novembro] para conseguir do Governo da Sua Majestade El Rei a autonomia integral da Nação Galega e fixar num programa concreto as que acham testas soluções aos problemas que interessam dum jeito fundíssimo à vida nacional da Galiza, aprovaram e sustentam», no § 6.º do ¶ II: «Problemas constituintes [...] Crendo na accidentalidade das formas de Governo, interessa-nos esclarecer que não apelamos por nenhuma, mas simpatizaremos decerto com aquela que se amoste mais fácil para chegarmos à federação com Portugal». Pela sua parte, no núm. 75 (15 de dezembro) de ANT, sob o título «Revendo valores. Discursos à Nação Galega», Antão Villar Ponte escrevia o seguinte: «Cindida uma região natural terá de haver sempre problema irredentista. Cindido um Estado, pode havê-lo ou não. Portugal vive voluntariamente arredado da Espanha. Apesar do fronteirismo doutras terras, somente entre portugueses e galegos se oferece uma afinidade eletiva em potência. E, quando a Galiza tiver uma forte cultura própria, essa afinidade chegaria — e chegará — a um abraço eterno. Adiantada hoje a Galiza [...] nenhum problema mais sério para a Espanha do que o galego. A nossa língua é o caminho de ouro da nossa redenção e do nosso progresso. [...] Criando valores na língua própria, asinha seremos universais, pondo-nos em jeito de formarmos uma grande nação de regime dual com a Lusitânia.»

este idioma refinado, se se considera o ambiente pouco favorável para um renascimento linguístico que teve até há alguns anos. Sobretudo devemos-lhe a conservação da nossa antiga ortografia, a que deu valor oficial infelizmente ainda não reconhecido. Portanto, cumpre trabalhar pelo aperfeiçoamento, pela depuração da língua<sup>40</sup>. Neste trabalho teremos um grande auxílio no português, tão semelhante em tudo à nossa fala, e que possui um imenso desenvolvimento literário. Deve-se então por isso recomendar aos galegos que leiam quanto puderem a literatura portuguesa e, ainda, que escrevam o português, o qual sempre lhes será de proveito. Muitos trabalhos hão de realizar-se para examinar que formas são válidas e quais hão de introduzir-se ou renovar-se. Por ex.: Há se de dizer *juízo* ou “juicio”, *nazón* ou “nación”? A segunda forma é a mais popular; a primeira, em troca, parece ser mais enxebre. Igualmente, teremos de ocupar-nos da fonética que é válida, porque na nossa Terra temos diversas pronúncias: Diremos “corazón” ou “coraçón” (“corasón”)? Também aqui a primeira forma predomina e a segunda é sem dúvida a mais galega. Precisamos do mesmo jeito estudos sobre a sintaxe, sobre a maneira peculiar de formarmos as frases, que vai tão perdida. E derradeiramente temos por força que reformar a ortografia. Hoje existem três ortografias galegas. Uma delas é a fonética; esta tem o inconveniente de que na Galiza há muitas fonéticas, algumas ainda desconhecidas, e que nos ilha do resto do mundo, sobretudo do português, porque nem este nem nenhuma outra língua se escreve hoje foneticamente. Deixando de lado esta, temos ainda duas ortografias:

---

<sup>40</sup> Viqueira refere-se ao «Ditame» emitido por uma COMISSÃO ORTOGRÁFICA, que recolhe o Secretário Excm.º Sr. Salvador Golpe (*Boletín de la Real Academia Gallega* t. III, ano IV, núm. 26, 20 de maio de 1909, pp. 45-47): A *Ortografía* «que deberá emplear en todos sus escritos en gallego esta Real Academia, habrá de ser la etimológica, no sólo por ser la aceptada por las Academias de las lenguas cultas, sino por su conveniencia para los estudios filológicos. Esta Corporación estará en el deber de aconsejar á sus escritores regionales que se dignen emplear en sus trabajos dicha ortografía» (in Gil Hernández 1987: 246). Hoje a RAG caminha por outros “vieiros”; daí a necessidade da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA para lhe dar continuidade e atualizar as aspirações do galeguismo cultural e linguístico, que Viqueira tão preferentemente representa.

A vulgar, utilizada por Rosalia de Castro<sup>41</sup>, Curros<sup>42</sup>, Carvajal<sup>43</sup> e hoje usualmente, e a académica ou etimológica, admitida sabiamente pela Academia Galega, empregada por Pondal<sup>44</sup> e, em geral, pelos eruditos. À diferença entre as duas é pequena, e consiste em que na vulgar não se usam o *g* e o *j* no som suave e sim somente *x*, e na académica o *g* e o *j* têm o seu lugar como sons suaves. Exemplos: Escreve-se na ortografia vulgar *xa* e na etimológica *ja*; na vulgar *surxir* e na etimológica *surgir*. Destas duas a que temos de admitir é a etimológica pelos seguintes motivos: (a) É etimológica.— (b) Foi a nossa sempre e com ela estão escritas cousas tão belas como as *Cantigas* do Rei Afonso.— (c) É a mesma que a portuguesa e, portanto, possibilita as relações linguísticas entre os dous povos (Galiza e Portugal).— (d) Coincide com as das restantes línguas neolatinas (francês, italiano, etc.). Alguém me dirá que é difícil. Responderei dizendo que é muito útil e que vale a pena aprendê-la. Mais difícil é a ortografia inglesa (sem regras) e empregam-na muitos milhões de homens. Para quem conheça o português, o francês, o italiano ou o latim, a nossa ortografia etimológica não lhe será difícil. De todos os jeitos, é questão de quinze dias ou um mês de trabalho. A

<sup>41</sup> Rosalia de Castro (1837-1885), publicou em idioma galego *Cantares galegos* (Vigo, 1863; recomendável é a edição do Prof. Higinio Martins Esteves 2009), *Folhas novas* (1880) e um conto, dado à luz em 1923, em Buenos Aires. Segundo comenta o Prof. Guerra da Cal (1985: XXI), «A sua poesia documenta a sua profunda soledade dolorida e a sua turbulenta evasão do mundo do quotidiano, para senhorear realidades muito superiores às da sua circunstância terrenal».

<sup>42</sup> Manuel Curros Henriques (1851-1908) escreveu em galego *Aires da minha Terra* (1880), *O divino sainete* (1888) e poemas recolhidos nas *Obras completas*. Diz o Prof. Carvalho Calero (1975: 339): «Curros, como Pondal, e à diferença de Rosalia, era um dogmático. Mas, enquanto Pondal distinguia mediantemente dous grupos na sociedade humana, o grupo dos nobres e o grupo do vulgo, Curros era inteiramente democrata, rejeitava consequentemente as "néscias" distinções».

<sup>43</sup> Valentim Lamas Carvajal (1849-1906) é autor dos poemários *Dez cartas* (1875), *Espinhas, folhas e flores* (1876), *Saudades gallegas* (1880) e *A musa das aldeias* (1890). Em prosa publicou *Gallegada, tradições, costumes, tipos e contos da terrinha* (1887), além do *Catecismo da doutrina labrega composto pelo M.R.P. Fr. Marcos da Portela, Doutor em Teologia Campestre* (1889), de grande sucesso editorial.

<sup>44</sup> Eduardo Pondal Abente (1835-1917), autor da letra do *Hino nacional da Galiza*, é-o também de *Queixumes dos pinos* (Crunha, 1886) e de abundante obra publicada postumamente de que cabe salientar o poema épico *Os Eoas*. O Prof. Carvalho Calero (1975: 253) observa: «Pondal é um aristocrata, [...] Entende a nobreza como guia e condução do povo, e a este — o galego —, no seu conjunto, como raça escolhida [...] incluindo [...] os "filhos de Luso"». Veja-se nesta coleção os *Queixumes dos pinhos* e *Outros Poemas* (2011), na edição preparada por Ángel Brea Hernández.

melhor maneira de a aprender é não querer escrever com outra. Não posso aqui dar regras determinadas para ela e talvez não existam, mas apresento-vos alguns princípios que vos ajudarão grandemente. Esses princípios são:

I. Substitui quando é devido o *x* pelo *j* ante *a*, *o*, *u* (*ja*, *jornal*, *juramento*) e também ante *e*, *i*, ainda que ante estes se possa escrever o *g* (*gêral*, *gionllos*). Escreve-se *g* ante o *e* e *i* quando se costuma fazê-lo em castelhano ou, antes, em português.

II. O *x* escreve-se muitas vezes podendo a prática somente mostrar-nos a boa ortografia (*xastre*, *axexar*, *paxaro*). Mas neste caso, ainda faço notar que o *x* corresponde-se em castelhano com *s* ou *c* ou com um *ch* e, em português, com duplo *s* (*ss*). Nos primeiros exemplos correspondem, respetivamente, *xastre* a «sastre», *axexar* a «acechar» e *paxaro* ao português «passaro» [sic]. Há casos em que se pode dar uma regra fixa ou aproximada para o uso do *x*. Vejamo-los:

1. Escreve-se sempre o *x* nos tempos verbais, como

a) *fixo*, *fixese*, *fixera*.

b) *puxo*, *puxese*, *puxera*.

c) *trouxo*, *trouxese*, *trouxera*.

2. Escreve-se o *x* muitas vezes depois dos ditongos *ai*, *ei*:

a) *faixa*, *caixa*, *refaixo*, *baixo*.

b) *deixar*, *queixar-se*, *carqueixa*, *queixo*.

Não se esqueça que depois destes ditongos pode haver o *j*: *cereija*, *beijo*.

III. O *x* tem também som castelhano<sup>45</sup> *cs*, sempre ante consoante (*expor*) e de *i* (*sintaxis*). Muitas vezes nas palavras que começam por *ex* (*experimento*, *exame*).

IV. Quando houver dúvida, consulte-se um bom dicionário galego (lástima que o da Academia não esteja rematado) ou um bom dicionário português.

Insisto muito nisto da ortografia porque ela terá, unida à

<sup>45</sup> No original de ANT lê-se *castao*, por *castelao*.

purificação da língua, uma virtude mágica: *Fará da nossa fala campesina,ilhada e pobre, uma língua universal, de valor internacional e instrumento da cultura*<sup>46</sup>. Ademais, capacitará a todos os galegos para lerem o português, o qual, diga-se o que se quiser, hoje não podem fazer.

## XII. [PONTOS FULCRAIS DA CONFERÊNCIA]

Quero agora resumir em poucas palavras os que podemos chamar pontos de vista capitais da minha conferência. Arredor deles pode ir ordenando-se tudo o exposto e, portanto, são momentos máximos de orientação. O meu interesse por me adaptar à realidade obrigou-me a espalhar os assuntos. Passearmos-nos pelo mundo dos factos concretos para nos elevarmos depois às abstrações, vale mais do que começar por estas que sós nada dizem. Agora chega o instante, então, de resumir em certo modo o que arelamos e nos propomos. Isto é:

1. Desejamos, como noutras cousas também no ensino, a descentralização. E cobiçamos que os galegos comecem de seu e por si o estudo dos seus problemas educativos.

2. É preciso criar na Galiza uma *Escola Técnica*, respondendo a todas as necessidades reais do momento e do país e verdadeiramente moderna.

3. Se se pensa fazer uma Universidade completa em Santiago, *como se deve fazer*, não deve perder-se o tempo com decretos centralistas, mas sim, desde o nosso país, lançar as bases para uma Universidade galega que na sua organização recolha quanto há de bom nas Universidades do mundo. Precisa-se criar *quanto antes* essa Universidade completa.

4. Não se pode esquecer o problema da educação feminina e cobiçamos a imediata criação de modernas escolas secundárias e superiores para o ensino da mulher.

5. Precisa-se reformar os métodos de ensino. Portanto,

---

<sup>46</sup> Rodrigues Lapa (1973: 61) disse: «o Galego tem reputação de muito teimoso; mas essa heroica teimosia com que salvou durante séculos a sua maneira de falar ser-lhe-á fatal agora, se não souber adaptar-se às circunstâncias, fazendo da sua língua rural, embora eminentemente expressiva, um apurado instrumento literário»

entendemos que é dever nosso fazer quanto se requerer, quantos sacrifícios se nos pedirem, por termos um excelente professorado e pela preparação pedagógica desse professorado de todos os graus.

6. Exigimos que o galego, que tem uma extraordinária importância para a Espanha inteira, ache o seu devido lugar no ensino e não seja absurdamente relegado.

### XIII. [FIM]

Na minha conferência, envolvidas nos projetos que exponho, há certamente críticas, quiçá acerbas. Não tento com elas ir contra ninguém, nem atacar com elas nenhuma personalidade determinada, mas espertar em todos os meus compatriotas um entusiasmo renovador pelos problemas educativos. Sem dúvida teremos de fazer muitos sacrifícios pessoal e coletivamente para chegarmos à criação do nosso ensino, sacrifícios que, a meu ver, se farão com gosto, porque são no proveito da nossa pátria a que todos tão profundamente amamos. Que ninguém, pois, veja nas minhas palavras animosidade contra ele; que, ao contrário, façam nascer um desejo ardente de trabalhar pelo renascimento galego.

Hoje mais do que nunca temos de unir-nos, hoje mais do que nunca temos de esquecer as discórdias que separam os cidadãos. As maiores nações do mundo mostram-nos na atualidade que a nova fase da política nacional parece ser de colaboração de todas as diferentes correntes políticas, dos diferentes partidos, na obra comum do bem da pátria. Galegos, aprendamos delas para fazermos uma Galiza grande de que precisa uma Espanha grande<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Castelão explicará anos depois no ¶ XXI do Livro II do citado *Sempre em Galiza*: «A política me-seteira — cada vez mais exclusiva — teve por norte o isolamento de Hespanha, sob pretexto duma independência que no fundo era, somente, uma renúncia à universalidade.» (Castelão 1950.2010: 264) Vem a ser a hipótese sustentada no *Discurso proferido por Antero de Quental, numa sala do Casino Lisbonense, em Lisboa, no dia 27 de maio de 1871, durante a 1.ª sessão das Conferências Democráticas*. Como introdução ao *Discurso*, diz-se no *Portal da História*, on line:

«Antero de Quental tenta explicar as razões do atraso português, e do espanhol, desde o século XVII. Para ele as causas são três: (1) a reacção religiosa, conhecida como Contra-Reforma, consumada no Concílio de Trento e dirigida pelos jesuítas; (2) A centralização política realizada pela monarquia

Nós, galegos, como qualquer nação, temos uma missão que cumprir. Temos de criar nestas verdecentes costas atlânticas uma nova cultura ibérica, de que depende o porvir da própria Ibéria. Nós representaremos uma *civilização céltica* do sul (próxima das atuais civilizações célticas europeias), de grandíssimo requinte, que permitirá que se integrem as duas existentes culturas ibéricas (a portuguesa e a espanhola), bem como estas com as culturas do centro e norte de Europa.

Disse.

---

absoluta, com a consequente perda das liberdades medievais, e (3) o sistema económico criado pelos descobrimentos, de rapina guerreira, que tinha impedido o desenvolvimento de uma pequena burguesia.

»A conferência sistematiza teses apresentadas há muito por Alexandre Herculano, todas de carácter político e com pouca confirmação histórica. A primeira tese foi apresentada por Herculano no seu estudo *Da Origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal*, de 1854. A segunda é a tese de Montesquieu expressa no *Esprit des Lois*, e «confirmada» para Portugal pela *História de Portugal* de Alexandre Herculano. A terceira tese, sobre a causa económica tem origem em autores dos séculos 17 e 18.

»Foi publicada em folheto, tendo exercido posteriormente uma grande influência, sobretudo em Oliveira Martins, que escreverá a *História da Civilização Ibérica* e a *História de Portugal*, em 1879, e o *Portugal Contemporâneo*, em 1881, tendo como base as teses de Antero e de Herculano.»

Por outro lado, a «Hespanha Grande» fora aspiração expressa no célebre manifesto «Per Catalunya i per l'Espanya Gran», que em 1916 lançaram os parlamentários da *Lliga Regionalista de Catalunya*. Redigido por Prat de La Riba, era um apelo a colaboração entre os povos peninsulares, incluído Portugal. Preconizava uma nova constituição política do reino da Espanha, que deveria passar da «unidade por uniformidade» à «unidade por federação». Dizia-se: «A única solução é uma franca e completa autonomia. Estabelecê-la, ir à consagração definitiva da liberdade de todos os povos peninsulares, e começar a Espanha grande.» (Cf. Grau Mateu 2004: 266; 288; 319.)

## CONFERÊNCIA:

### DIVAGAÇÕES ENXEBRISTAS<sup>48</sup>:

*A formosa dissertação de Viqueira*

#### I. DUAS PALAVRAS

Querendo corresponder ao honor que se me fez convidando-me a falar desta tribuna que tem tão gloriosa história e pela que passaram tantos espíritos seletos e grandes oradores, por certo que o meditei muito. Tive de renunciar, por não me achar com força de avondo, mas, crendo que devia pôr o que puder da minha parte sempre na obra da renascença galaica, fiz um esforço e tentei dizer algo. Esse algo são as presentes divagações enxebristas.

Depois da interessante conferência do senhor Risco em que nos expôs com tanto conhecimento de causa a arte nova; depois das palavras do mestre Castelão sobre as suas próprias obras<sup>49</sup>; depois de tudo isso, que poderei contar-lhes? Pelo que deixando de lado um trabalho de crítica, para o qual não estou chamado, pois confesso que para isso

---

<sup>48</sup> Cf. ANT núm. 117 (Crunha, 10 de abril de 1920) pp. 1-4. Sob um genérico «Do cursillo de conferencias nazionalistas na *Exposición Castelao*» transcreve-se «A formosa disertación de Viqueira», intitulada «Divagacións enxebristas». Foi palestra ditada durante a *Exposición dos desenhos do álbum NÓS no Círculo de Artesanos* da Crunha, de que dá notícia Afonso Álvarez Gândara: «Com motivo da exposição dos desenhos do álbum *Nós* de Castelão, 1920, produziu-se o primeiro anúncio duma possível arte galega que representasse na dimensão formal (como acontecera com determinados estilos no passado, o românico e o barroco) as particularidades ou a distinção da cultura da Galiza, e que, no plano humano, encarnasse o seu povo. Desde antes dos começos do século um grupo de artistas vinha representando, primeiro em pequenos quadros de género e depois em grandes quadros de costumes, adulterada a gosto do público, uma Galiza folclórica, alheia à realidade social. Ditarão conferências no decurso da mostra Vicente Risco, Jaime Quintanilla, Johán V. Viqueira e o próprio Castelão. Os quatro oradores formularam propósitos estéticos muito definidos a respeito duma possível arte galega, podendo afimar-se que, nos nossos dias, aquelas aspirações continuam a preocupar a maioria dos artistas galegos. Acaso a mais conhecida dos três escritores foi a de Viqueira, divulgada aproximadamente após dez anos no livro antológico que se publicou pela Editorial *Nós* de Santiago.» (*Gran Enciclopedia Gallega*, V, 1986: 195)

<sup>49</sup> Refere-se às conferências de ambos os *galeguistas*, publicadas igualmente nos núms. 114 (20 de março de 1920) e 115 (31 de março de 1920), respetivamente, de ANT: «Cursillo de conferencias nazionalistas na *Exposición de Castelao*.— notable disertación de Vicente Risco.— Arte nova» e «Do cursillo de conferencias nazionalistas na *Exposición de Castelao*.— A notabre conferencia do xenial Alfonso.— Humorismo. Dibuxo humorístico. Caricatura».

não sei bastante (e crítica só podia ser uma compreensão funda da obra de Castelão, tal como a fez ele próprio e o senhor Risco), falar-vos-ei agora de algumas cousas que estes *poemetos gráficos*, aqui expostos, me sugerem. Apresentar-vos-ei, à falta de cousa melhor, umas divagações um pouco desconexas, um pouco bretemosas. Infelizmente hoje não posso dar outra cousa.

E perguntar-me-eis: *Donde vem esse “enxebristas”*? Inventei-o eu para exprimir algo assim como a tendência total do meu espírito que se expõe nas linhas seguintes. *Enxebrista* é o que enxebriza e o que enxebriza é o que faz a enxebridade. Nós, que fazemos o que é *enxebre*, a *enxebridade*, elaborando a matéria que nos apresenta a nossa alma, somos em fim de contas, para além de todo o *istas* que quiserdes, *enxebristas* e *enxebristas* por cima de tudo.

## II. A OBRA DE CASTELÃO

Depois deste curto prólogo, vamos às obras de Castelão, partida das minhas divagações de hoje. Todos estes desenhos que tendes diante são pequenos poemas, ou poemetos, rijos, valentes, cada um deles admirável como obra de arte. Todos eles expõem a vida da Galiza tão admiravelmente que podiam levar um nome só e esse seu título seria: *Mãe Galiza*. Eis por que é que Castelão é nosso, tão nosso: porque a sua obra se identifica com a própria Galiza, de maneira que falar dele é falar da Galiza. E assim vereis nestas minhas divagações quantas cousas estes poemetos me dizem<sup>50</sup>.

<sup>50</sup> Remeto ao *poemeto* viqueirano (infra, p. 252), para entender que sentido dá Viqueira ao vocábulo. Aliás, vale a pena conhecer o sentir de Castelão sobre os desenhos do álbum *Nós* (1920); diz no prólogo, manuscrito: «Este álbum de desenhos foi composto entre os anos dezasseis e dezoito, quando a Galiza se espreguiçava dum longo sono. Com este meio cento de desenhos tentei desacougar a todos os licenciados da Universidade (amas-de-leite do caciquismo), a todos os homens que viviam do favor oficial. As intenções eram nobres e o pessimismo aparente. Decerto a tristura destes desenhos queima como a rajeira do sol que passa por uma lupa; mas eu não quis cantar a ledice das nossas festas, nem a fartura dos casamentos, mas as tremendas angústias do quotidiano lavrador e marinho. Alguns espíritos sensíveis que choram com a melancolia dos tangos e dos fados, acharam desmedida esta dor das minhas estampas; outros espíritos inertes olharam pouco patriotismo no afã de ser verdadeiro. Contudo, eu continuo a pensar que o pessimismo pode ser libertador quando desperta carragens e cobiças duma vida mais limpa. Talvez hoje atacasse as nossas mágoas com

### III. LIRISMO.

Qual é o ser da alma galaica que se amostra na obra de Castelão? Nela acharemos o essencial de aquela porque a sua modalidade é enxebremente galega. Portanto, qual é o que poderíamos chamar a feitura mental enxebremente galega ou, dito doutra maneira, qual é a nossa alma?

É este um capítulo de psicologia dos povos, ainda não trabalhado e para o qual nos faltam ainda dados! Caminharemos, pois, nele, enquanto não se reunirem os documentos precisos, sobre um chão inseguro, não sobre cimentos imóveis! Trabalho de exploração é o que faz falta, e de análise. Por enquanto, só poderemos falar de vaguidades, de impressões; mas, de todos os jeitos, um traço se apresenta como motivo essencial da nossa alma: esse traço é, a meu ver, o lirismo! Mas que é lirismo? Porque agora não se fala de poesia lírica como género literário. Lirismo é algo mais fundo, mais radical; lirismo é uma propriedade da alma. Pode que na nossa vida interior exista uma tendência, em certa maneira, a viver nas formas percetivas narrativas, nas construções definidas, lógicas, das cousas que vemos e pensamos. Daquela, o mundo todo é trabalho<sup>51</sup> esquemático, e nós somos o que se chama apegados à prática. Pode também que tendamos a recolhermo-nos em nós mesmos, e tão no fundo da nossa alma que as cousas nela vão como perdendo a sua realidade externa, e se esvaem em puro sentimento arelante. Estas duas formas de atividade consciente têm o seu sentido racial<sup>52</sup>. A primeira

---

um humor menos azedo, mas ninguém pode negar-me que as velhas injustiças continuam em pé: eis por que é que me arrisco a publicar esta obra. Ela foi mostrada em todas as cidades e vilas da Galiza e serve de pretexto para conferências que influíram no atual ressurgimento da galeguidade. E com os falhanços que tem, eu guardo-lhe lei; quero expô-la de novo ao juízo de todos.»

<sup>51</sup> *esdrallo* no original. Não achei o vocábulo nem sequer no *Dicionário de Dicionários*, on line. Talvez seja gralha por *estrallo* ("cordel grosso") ou *estragalho* ("cousa espalhada pelo chão").

<sup>52</sup> Hoje Viqueira diria *étnico*, derivado do grego *ethnos*, povo ou nação. *Etnia* ou *grupo étnico* vale por comunidade humana caracterizada por afinidades linguísticas e culturais e mesmo por semelhanças genéticas; geralmente reivindica não só uma estrutura social, administrativamente reconhecível, mas também a independência política do território onde reside. Não é raro que *etnia* se use como eufemismo de *raça*, dada a degradação que esta palavra sofreu durante o séc. XX. Porém, o conceito de *raça* pode associar-se ao de *etnia*, embora esta também compreenda factores culturais (nacionalidade, religião, língua e tradições), enquanto a *raça* apenas se lhe atribuem hoje factores morfológicos (cor da pele, constituição física, estatura, traço facial).

é objetivista e leva na arte uma direção realista, externa, narrativa ou épica; a segunda é lírica (lirismo puro), idealista, criadora, música e lírica poética. A primeira é a alma de Castela; a segunda constituía a alma musical de Portugal e Galiza, que nos leva em reminiscências no além dos tempos, à nossa raça céltica<sup>53</sup>. Deste lirismo falei eu quando ainda não conhecia o pensamento de Teixeira de Pascoaes, ilustre poeta português contemporâneo e fundador do Saudosismo<sup>54</sup>, quer dizer, duma exaltação do lirismo literário e talvez vital (já vos direi algo mais adiante). Nisto Teixeira achou na alma de Portugal, como na alma da Galiza (mais próximas a uma da outra do que se crê), como elemento predominante, o lirismo. Mas o que é próprio de Teixeira de Pascoaes é a sua teoria peculiar, já que este momento lírico está reconhecido pelos mais dos escritores portugueses e muitas vezes, assim por Lopes Vieira<sup>55</sup>

<sup>53</sup> No texto Viqueira explica em parênteses: «Eu fiz esta comparação ibérica somente para pôr mais claro o meu ponto de vista; não por outra cousa, já que toda a comparação se faz odiosa.»

<sup>54</sup> Teixeira de Pascoaes é nome literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (1877-1952), «formou-se em Direito em Coimbra (1896-1901), advogou durante dez anos em Amarante e no Porto, dirigiu a revista *A Águia* entre 1912 e 1917, tornando-se o mentor do *Saudosismo*, e acabou por viver a maior parte do tempo no solar de Pascoaes, em Gatão (arredores de Amarante [onde o visitou Miguel de Unamuno]), celibatário mas no seio da família, cuidando das suas terras e entregue à poesia, meditando, conversando com a grande serra, o Marão, que desde a infância lhe moldou a alma.» (Prado Coelho 1978 III: 795). Dentre as abundantes publicações saliento os poemários *Marânus* (1911) e *O Doído e a Morte* (1913). *Marânus* começa por uma «Oferta» à Galiza:

Galiza, terra irmã de Portugal,  
Que a divina Saudade transfigura,  
A tua alma é rosa matinal,  
Onde uma lágrima de Deus fulgura.  
Terra da nossa infância virginal,  
Altar de Rosalia e da Ternura,  
Dedico-te estes versos, que, uma vez,  
Compus, em alto cerro montanhês.

O poema «Fala do sol», dedicado por este poeta português «Aos jovens poetas galegos», abre o primeiro número de *Nós* (Ourense, outubro de 1920). Torres (1987: 123) publica os rascunhos de duas cartas que Viqueira enviara a Teixeira de Pascoaes, ambas em agradecimento pelos livros ofertados, a primeira, em particular, por um exemplar de *Marânus*. Recebera-os por intermediação de Álvaro Cebeiro (1903-1956), cuja pessoa e obra ajudaria a entender o movimento *pro-lusófono* na Galiza e inclusivamente a *lusofilia* viqueirana.

Quanto ao *Saudosismo* remeto a Prado Coelho 1978 IV: 1005-1006. Sobre a *Saudade* vale consultar AA.VV. 1986, em que podia com todo o direito ter-se incluído este trabalho de J. V. Viqueira.

<sup>55</sup> Afonso Lopes Vieira (1878-1946), que se acha relacionado «com o nacionalismo literário da geração de 90 e com a literatura nacionalista do *Integralismo Lusitano* [...], encontra-se, todavia, numa posição

e Sardenha<sup>56</sup>. Esse elemento lírico não foi tão reconhecido e afirmado na Galiza, o qual é preciso que se faça para não perdermos o verdadeiro caminho de desenvolvimento da nossa alma coletiva. A história fala em prol dele (já que os seus cultores literários o indicam). Todos sabeis que durante a Idade Média fomos os líricos da Península, que até os poetas castelhanos escreviam no nosso idioma a sua lírica. Nos últimos tempos, quando se quis buscar um elemento popular na lírica antiga de Castela, tiveram de se contentar com pequenas reminiscências! E depois de tanto tempo e de tanta opressão das ideias o nosso lirismo renasce sempre de novo: nos tristes séculos XVI e XVII, para chegar no século XIX com Rosalia de Castro até ter significação de precursor

---

isolada, muito mais saudável e prospectiva que a dos primeiros, muito menos programática que a dos segundos.» (Mourão-Ferreira 1978: 1172). O poema «A Galiza. A modo de velho cantar» (*O Século*, Lisboa, de 8 de agosto 1917) é publicado no núm. 30 (10 de setembro de 1917) de ANT. :

Que Castela e castelhanos  
todos num montão, a eito,  
não valem o que uma ervinha  
destes nossos campos belos.

(*Trova galega*)

Ó Galiza, Galiza dos verdes prados,  
tão irmãos dos nossos, por Deus abençoados  
— Deixa Castela e vem a nós!  
Ó Galiza, Galiza dos campos floridos  
por Deus abençoados, por vós tão queridos,  
— Deixa Castela e vem a nós!  
Ó velha Galiza dos cantares amados,  
tão irmãos dos nossos, tão bem suspirados  
— Deixa Castela e vem a nós!  
Ó Galiza soidosa dos cantares sentidos,  
se és tão longe deles, vem aos teus amigos,  
— Deixa Castela e vem a nós!

<sup>56</sup> António Sardenha (1888-1925) Duas notas distinguem a obra de Sardenha: a atenção aos primeiros românticos portugueses e o tema das relações entre os dous Estados ibéricos. De facto é todo o grupo do *Integralismo lusitano*, «vaga contra-revolucionária [...] que medeou entre as duas grandes guerras», grandemente eclética, o que «se entrega mais ou menos à ponderação da matéria, quer na colectânea de estudos *A questão ibérica* (1916), que resultou do famoso ciclo de conferências pronunciadas na Liga Naval, quer separadamente em opúsculos como o de Pequito Rebelo, *Espanha e Portugal. Unidade e dualidade peninsular* (1939).» (Soveral (1978: 698). De António Sardenha cabe citar *A aliança peninsular. Antecedentes e possibilidades*, com prólogo (em castelhano) do Excm.º Sr. D. Gabriel Maura Gamazo, conde de la Mortera (Porto, 1924; 2.ª ed. de 1930).

para outros movimentos poéticos da Espanha e hoje, entre tanta manifestação artística, continuamos, pela pintura ou pela poesia, a ser líricos. Voltando a Teixeira de Pascoaes: depois de eu meditar sobre o nosso lirismo, fui dar ao lirismo português e topei-me com Teixeira de Pascoaes. Li-o e vi que os dous chegávamos ao mesmo resultado; mais ainda, os dous chegávamos a exprimir numa mesma palavra o lirismo dos nossos povos e esta palavra é *saudades* ou *soidades*! Saudade é lirismo puro, sentimento esvaído em pura arela ou tendência.

Eu, alma saudosa, amo loucamente estas saudades que são o mais deleitoso na vida! Até num certo plano talvez tenham valor metafísico! Mas deixemos agora estas filosofias. Há uma antiga lenda nossa (para alguns de origem céltica) que exprime o nosso lirismo, saudosismo ou musicalismo. É esta lenda a do monge e aquele cantor dos ares que se chama rouxinol. Um monge que morava nos campos (um monge poeta certo) um dia, a cismar, pensou: *como será o paraíso?* A Nossa Senhora ordenou então um milagre envolvido de todo o seu encanto celeste. O bom monge ouviu logo um passarinho, cantando em tão bom som que, recolhido num delicioso êxtase, esteve um tempo que lhe não pareceu muito longo. Calou o passarinho; o monge voltou para o seu mosteiro e, com grande assombro seu, topou que ninguém ali o conhecia, que todo mudara mentres escutava o canto suavíssimo e macio do pássaro<sup>57</sup>.

E era que o estivera a ouvir trezentos anos, que estivera em êxtase musical trezentos anos! Aquele monge embriagado de música é um símbolo da nossa alma galega musical, sonhando (ou vivendo intimamente, que mais tem?) nas beiras rumorosas do Atlântico.

Dizia-me um amigo meu negando que os artistas galegos fossem boémios: os artistas galegos têm alma de monge. Certo, digo eu agora, a de aquele monge que escutou cantar o rouxinol, a de aquele monge poeta! E certamente Castelão é deles, porque a sua arte é eminentemente lírica, tanto que os seus desenhos são poemetos líricos, cantos exaltados

---

<sup>57</sup> Da lenda de Santo Ero ocuparam-se, entre outros, os Prof.<sup>es</sup> Gladstone Chaves de Melo («Em torno de 'O monge e o passarinho'», 1988) e José Joaquim Nunes («Uma lenda medieval: O monge e o passarinho», 1917).

que bem puderam ser comparados com velhas cantigas que, sempre eternas, se fazem agora eminentemente cantigas do futuro, dum futuro grande e fecundo.

Eu não creio que ninguém dentre a nossa raça possa ser feliz sem escutar esse rouxinol divino. E quantos não o escutaram ainda! Temos de fazer um esforço, temos de profundar em nós próprios, chegar ao melhor de nós, ao nosso melhor Eu! Os esforços individuais não bastam; temos de viver na comunhão espiritual com o nosso povo e assim, por uma revivescência coletiva, poderemos reconquistar o que é melhor em nós: o lirismo. Um exemplo a seguir é também o de Castelão, que soube chegar à alma dos homens e das cousas da sua Terra; que soube, ainda mais, o que não está ao alcance de todos, deixar sobre uns poucos papéis essa alma. Cada momento do nosso lirismo lateja em cada um dos seus desenhos, que por isso são tão líricos como cada poesia de Rosalia de Castro. E a cantiga eterna vai através duma gama sonora, duma caricatura a outra, cada vez mais grave, mais pungente e mais ergueita!

## VI. REVOLTA.

Eu já disse que os desenhos de Castelão eram um canto à vida, mas entenda-se como deve entender-se: a vida real e verdadeira. E também disse que essa vida era a da Galiza. Que pode ser um canto desta Galiza desfeita, num renascer de luta, mais do que uma chamada de justiça? Os desenhos de Castelão<sup>58</sup> clamam, pois, justiça, berram

---

<sup>58</sup> Viqueira está a referir-se aos desenhos do *Álbum Nós*, pertinentes. Assim, «Os escravos do fisco.» (Afonso R. Castelão 1920.1974: 133); «Não são pastores de Belém; são camponeses que vão pagar os foros.» (ib.: 127); acaso, «O que sinto eu é que algum que maltratou minha mãe morra antes de que eu chegue a homem.» (diz um garoto a outro; ib.: 135) ou, sem dúvida, «Tua filha já será uma moça, não é?» (Diz o cacique ao camponês; ib.: 139); «Não quero ir, porque o escolante bate em mim e a escola cheira que fede.» (escusa-se o menino perante a mãe; ib.: 185); «E meu irmãozinho terá de sair da Terra para ganhar o pão?» (pensa a rapariga; ib.: 135) ou «Na cadeia dão de comer; mas teríamos de fazer algum mal para irmos à cadeia.» (comenta um camponês com outro; ib.: 169) ou «Na Galiza não se pede nada. Emigra-se.» (adverte o desenhante perante a multidão preparada para a viagem; ib.: 167); «O fracassado da emigração!» (legenda acerca do nu esmaecido deitado no leito; ib.: 147) ou «Eu não queria morrer lá, sabe, minha mãe?» (confessa o filho amortecido; ib. 143); «A nossa Terra não é nossa, rapazes.» (diz aos garotos, filhos acaso, o camponês com o sacho ao ombro; ib.: 195) ou «Ergue-te, peregrino, que o pássaro da morte está acima de ti. *Como em Irlanda, ergue-te e anda.*»

varudamente, sem eufemismos, revolta! Reparai! Começamos com os «escravos do fisco», trabalhando a dura terra, cansada de produzir, baixo um céu negro, velhos sem esperança alguma, penetrados de fadiga! Para que? Para levarem depois, tristes pastores que não ouviram como os de Belém a boa nova, o fruto do seu trabalho a quem os assovalha e os aldraja quiçá numa filha querida, aos donos avaros a chucharem no seu sangue! A escola talvez se ache deserta; nela se bate e não se aprende: «cheira que fede». Mas, ó tristura!, com tudo isso o povo não canta ainda um hino de revolta e guerreiro; o povo não pede já, vendo que é inútil, nem pão nem liberdade: o povo emigra. E nós, os que vemos dias e dias esta triste emigração, faríamos um crime ao não trabalharmos para a evitar, se infelizmente não fôssemos tão inconscientes! Alguns vão na busca do pão, mas outros vão-se porque não podem viver, ainda com pão, sendo escravos. Alguns voltarão: como? Para morrerem desfeitos por trabalhos e doenças, como aquele que diz: «Sabe, meu pai, eu não queria morrer lá!»; também, por vezes, com a lembrança do velho aldraje, dispostos a lutar com alma agre. (Contudo, para um que se salve, quantos se não perdem!) Para serem livres também fala Castelão artista aos galegos, pois lhes diz: *A vossa Galiza, que amais, conscientes ou inconscientes, é triste e sofre, mas podeis fazê-la livre e grande!* A arte não pode fechar-se na sua torre de marfim; chegará a hora em que por falta de ar morra. A arte tem de viver ao ar livre, ao ar da vida, da vida real, para ser arte.

A arte de Castelão é grande, entre outras cousas, porque sabe traduzir em todo o seu senso a miséria e a dor da vida galega de hoje, porque sabe cantar sobre estes tristes motivos, como cantou Curros e Pondal, um hino de revolta e liberdade. E ele, na nossa Galiza, relembra como ninguém o latejar da alma do mundo, e ele nos traz como ninguém o poema heroico que está a escrever a Humanidade na sua luta por mais nobreza e bem, ainda que tecido com angústias de crime e fome, que acabará por implantar a aristocracia moral no mundo, com a era da filosofia. A arte tem a alta missão de espertar os espíritos dorminhentos.

---

(o desenhante aconselha ao peregrino, debruçado no chão; ib.: 191) ou «Chora porque o cacique o deixou a pedir. Se fosse um irmão galego, ter-lhe-ia fendido o coração» (ib.: 189).

E na nossa terra fazem falta muitos Castelãos. Adiante, mocidade!

## V. NACIONALISMO.

O Nacionalismo de Castelão é agre! Provavelmente de todos os elementos da sua arte o mais difícil de enxergar na sua realidade é o Nacionalismo. Como temos de entender aqui Nacionalismo? Nacionalismo é afirmação de toda a coisa nada dum povo: dos seus costumes, das suas artes, da sua fala e, indo para além dessa afirmação, é progredir para essa afirmação cada vez mais alta, maior. Alguns sentem que isso é uma regressão, uma volta atrás ou uma rachadura perigosa! Como pode entender-se na sua verdadeira essência o Nacionalismo e, portanto, o de Castelão? Em poucas palavras quero eu falar-vos agora disto.

Com o começo do século XIX surgiu no pensamento humano o que se costuma chamar *sentido histórico*. Que é o *sentido histórico*? O conhecimento de que toda a produção humana ou, antes, de que toda a existencialidade humana (portanto, a Nação) tem o seu processo histórico, se desenvolve historicamente. O *sentido histórico* vale, pois, para a vida da Galiza como para a doutro povo. Quer dizer: a Galiza, com toda a sua cultura, somente se explica considerando-a num desenvolvimento progrediente, numa superação no tempo. O *sentido histórico* faz compreensiva toda a forma humana e deixa-nos abranger uma conceção universal da Humanidade. Goethe dizia num poema que leva acertadamente o título de «Moderno», o seguinte:

*Como se pode comparar Hans van Eyck<sup>59</sup> com Fídias<sup>60</sup>? Eu ensino-vos que deve esquecer-se um pelo outro. Se considerásseis sempre um deles, poderíeis ainda estimá-lo? Assim é a arte, assim o mundo: cada coisa*

---

<sup>59</sup> Hans van Eyck (ca. 1390-1441): Original por exprimir a poesia do mundo que o rodeia, pinta o volume dos objetos, a realidade orgânica, no meio e meio da luz e do espaço, sem perder o virtuosismo do miniaturista e sem se extraviar na pormenorização excessiva.

<sup>60</sup> Fídias (ca. 490-431 a.C.): A fama do artista culminou com a encomenda de Péricles para decorar o Pártenon e dirigir as obras da Acrópole. Pela flexibilidade e mobilidade caracterizam-se as suas imagens tanto nuas, quanto vestidas, cujas roupagens se acomodam às formas, sem diminuir nem o equilíbrio nem a serenidade.

*agrada em virtude das outras cousas.»*

Assim é o mundo e assim é a arte: evolução, processo, reconhece Hegel<sup>61</sup>, que tenciona expô-lo logicamente.

A Humanidade, una em ideia, desfaz-se na sua realização em momentos concretos e individuais, que vêm coincidir em pontos centrais, Nações, que são os esteios certos da cultura. Pois, em definitivo, onde se baseiam comércio, ciência e outras atividades humanas senão nas Nações?

A Humanidade, para cumprir todas as promessas que leva no seu seio ou, ainda melhor, para criar tudo o que leva em potência (pois, antes de ser, onde jaz?), desfaz-se em Nações. Já a vida precisa, para ser, do princípio de individuação, a saber, de ser como indivíduo ou concreções de indivíduos. Idêntico princípio é o da evolução humana que também é cósmica, quer dizer, uma parte do processo universal. Como vedes, o meu Nacionalismo tem uma base cósmica e metafísica. A Humanidade desfaz-se em Nações, porque precisa órgãos. As Nações, pois, são órgãos da Humanidade. Elas fazem tudo o que é factível em cada tempo. Não num momento de tempo, mas no se sucederem os tempos. E aqui, também, cada uma tem a sua missão; e quando a sua missão acaba, morre! Mas a missão da Galiza chega e por isso ressurge. Se é lei o de a Humanidade se desfazer em Nações, é preciso por isso as Nações se oporem entre si; daí os conflitos, por vezes chegando até o sanguiniento, até as duras palavras e os exclusivismos.

Mas a Humanidade não pode ficar aqui na sua marcha; tem de ir além, porque no seu seio radica a saudade da harmonia. A contraposição

---

<sup>61</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Convém salientar que o objeto da Filosofia do Espírito é a Ideia; nela atinge o Espírito a pura e absoluta interioridade através dum movimento dialético no qual o Espírito, enquanto ser em si, é Espírito subjetivo; enquanto ser fora de si ou por si, é Espírito objetivo, e, enquanto ser em si e para si, é Espírito absoluto. O Espírito subjetivo, libertado da sua vinculação à vida natural, realiza-se progressivamente em Espírito objetivo como Direito, como moralidade e como eticidade, tornado já em consciência pura de si próprio. Por sua vez, a eticidade verifica-se na universalidade concreta da família, da sociedade e do Estado, síntese da exterioridade legal e da arbitrariedade subjetiva da moral. Em consequência, o Estado é sobretudo o universal concreto, síntese da oposição entre a família e a sociedade civil, ponto de detenção e repouso ou sossego do Espírito objetivo.

na multiplicidade das Nações tem-se de resolver numa nova unidade. E que pode ser essa unidade? Reparai bem e ser-vos-á evidente: esta unificação não há de ser mais que a volta de todas as Nações ao seio da Humanidade mesma. Mas estas Nações não podem deixar o seu ser, pois se regem pela lei suprema da individualidade (tudo o que é, é como indivíduo). Portanto, como voltar ao seio humano? Criando uma individualidade superior: a Humanidade mesma, harmonia das diversas Nações.

Um exemplo tende-lo no indivíduo humano. Um homem que se desenvolve também historicamente, não pode ser mais que como indivíduo, como tal homem concreto no seu individualismo, por assim dizer. Ele tem de ser tal ou qual indivíduo, não pode ser nem seu pai nem seu irmão nem seu amigo nem, ainda, o amante se não pode fazer um só ser com a sua bem amada! (Os amantes quiseram ser somente uno, com duas almas. E com duas almas, porque com uma, ó tristura!, não podem viver). Ser indivíduo é ser, é lei de ser; mas como sai o indivíduo de si mesmo, desse seu isolamento que já às vezes lhe dói? É deixando de ser o seu próprio ser? Não; é sendo ele claramente. Nas maiores crises, nas maiores oposições sente a sua ligação ideal com os outros. E, erguendo-se sobre si, entrando em relações com os outros forma uma realidade superior; fundamentalmente na Nação nasceria primeiramente, depois na Humanidade. É assim, como o indivíduo, a Nação, que também o é, procede. Não posso demorar mais nisto.

Resumindo: A descomposição em Nações é um momento capital no processo da Humanidade, porque a Nação é órgão da Humanidade neste processo. A Nação é, pois, essencial. Por isto pode qualquer juntar em si mesmo o universalismo e o nacionalismo e, sendo nacionalista, fazer sua, com todas as consequências, a sentença antiga de Demócrito<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Demócrito (ca.460-370 a.C.) patenteia a incerteza das impressões sensíveis, afirmando que a sua origem se acha num elemento mais profundo do que a sensação. Aliás, estabelece como princípios o *cheio* e o *vazio*, o *ser* e o *não ser*. O *ser* são os átomos, cujo número é infinito; movem-se no *vazio*, eternos e incausados. Esta doutrina, sem deixar de ser teoria sobre a realidade ou concepção totalizante do mundo, procura o equilíbrio interno entre o tumulto das paixões mercê do saber e da prudência.

que diz: «A pátria duma alma nobre é o mundo inteiro». Por isso pode ser-se universalista (porque em qualquer momento da evolução espiritual se descobre a Humanidade) e nacionalista, ao mesmo tempo, num senso infinito e ontológico, enquanto se reconhece preciso, para a Humanidade, se fazer Nações, em processo infinito<sup>63</sup>, para cumprir a sua obra. Deste jeito é-se nacionalista, primeiramente, na Galiza, mas depois também na Irlanda, Polónia, Egito, em Finlândia ou Letónia, pois a alma, percorrendo o mundo, entende necessariamente cada Nação. Também aqui tem a sua explicação o facto de, ao mesmo tempo que com a guerra atual [1914-1918] surgiam tantas novas Nações no mundo, se acentuar o movimento internacionalista. Nação e Humanidade são termos correlativos.

Este é o Nacionalismo cósmico e metafísico que vejo eu na obra de Castelão: a Galiza tem de ser, deve ser porque é um momento essencial no progredir da Humanidade.

Mas não basta uma posição negativa. Não basta uma afirmação exclusiva. Temos de dar mais um passo adiante. Esse passo é de síntese, de harmonia<sup>64</sup>; este passo é um passo para, outra vez, o seio da Humanidade. Porque suponho que já vos tereis decatado: o

---

<sup>63</sup> No original repete-se aplicado a "processo" o qualificador *infinido*; transcrevo-o por *infinito*, equivalente, acho, a *indefinido*, sentido que acaso Viqueira preferisse.

<sup>64</sup> *Harmonia* é palavra-chave para entender a conceção do Nacionalismo em Viqueira ou em Antão Vilar Ponte, como salienta Vítor Meirinho Guede (2003), p. ex. nestas considerações:

«A fundamentação da nação ampara-se quer sob o irracionalismo objectivista quer sob a ideia da sua contingência e desenvolvimento dialéctico. Costuma-se distinguir, dentro das *Irmandades da Fala* e do *Partido Galeguista*, entre um nacionalismo filosoficamente historicista e politicamente de direita, arredor do grupo de Ourense (Risco, Otero Pedrayo, Cuevilhas...), e um nacionalismo subjectivista e de esquerda, que para além de estar mais virado para a acção política (em vez de estar para o labor cultural) teria os seus militantes mais destacados na zona da Corunha. Nele se achariam Manuel Lugris, Eugénio Carré, Lois Penha Novo, Vítor Casas...

»Se fizermos caso desta divisão, teremos de colocar João Vicente Viqueira e Antão Vilar Ponte como os pais intelectuais do segundo grupo. A configuração intelectual que ambos dão a este nacionalismo progressista entende-se dentro do substrato filosófico com que chegam ao galeguismo. Tem-se assinalado a confluência de Viqueira com os princípios da Institución Libre de Enseñanza sediada em Madrid, onde foi aluno e professor.

»As influências filosóficas assinaladas em Viqueira são patentes em Vilar Ponte. Os dous se devem ao princípio de construir os sistemas políticos desde a racionalidade e desde o seu serviço à natureza dos seres humanos, individualmente considerados e não como fazedores de um ente abstrato induzido ou imaginado como essência. Destarte, as formações políticas históricas serão julgadas pela sua

Nacionalismo não é, politicamente, separatista; segundo os seus princípios, mesmo filosóficos, o Nacionalismo, frente a todo o separatismo, é unionista. Toda e qualquer Nação acha-se compreendida no seio da Humanidade. Mas, antes de chegar a esta sua compreensão suprema, a esta sua organização suprema (que eu pressinto não só como política, mas como ideal), pode entrar noutros enlaces uma nação por novas ataduras, poderíamos dizer, históricas, que a obrigam. Surge então o nexo federativo e, como as Nações se complementam na Humanidade, começa a sua complementação, historicamente necessária, nas federações. De maneira que a estridência nacionalista se resolve como um acorde dissonante numa consonância federalista. No caso concreto de que tratamos, no caso da Galiza, numa federação ibérica, maior, mais fecunda que esta unidade de força (já bem velha) que se chama o reino unido de Castela e Aragão, feita no século XV pelos Reis Católicos, que mais vale esquecer nesta Terra que eles assovalharam<sup>65</sup>!

## V. NACIONALISMO E ARTE.

Por outra parte, o Nacionalismo, sendo evolução, é-o portanto de produção: é fonte de produtividade estética. Supondo um homem músico, de alma musical (quer dizer, no senso anterior da nossa alma), fazei-lhe trabalhar na arte contra a sua própria lei e individualidade, fazei-lhe proceder epicamente (no nosso senso): que surgirá? Nada de valimento. Considerai agora um povo na sua totalidade; fazei-lhe proceder, por falta de cultura ou por outro motivo semelhante,

---

correspondência com a sociedade de homens a que elas devem servir. A subordinação do indivíduo a uma suposta transcendência da nação não tem lugar na matriz do pensamento de Vilar Ponte.»

<sup>65</sup> Era lugar comum entre autores diversos, unionistas ou federalistas, relacionados nalgum jeito com ILE. Assim, Luís Morote, em *La moral de la derrota* (1900); «la "nación española castellanizada" simboliza la muerte de los organismos locales y municipales, porque Castilla, Aragón, Cataluña y Navarra no se unen como una nación por federación de Estados o una federación de naciones bajo un mismo Estado, sino "por una yuxtaposición", todos en igualdad bajo los Reyes Católicos. Los Austrias son los que, mandando desde Castilla, hicieron a toda España castellana.» (Fox 1998: 59) Vale a pena ler com atenção a tese de doutoramento de Xabier Vilhar Trilho *A remodelação "federal-confederal" do Reino da Espanha* (2001).

imitativamente, fora da sua personalidade: que surgirá? Obras de segunda ordem. (Infelizmente temos tantas na nossa Terra!). É por isso que a história fala sempre em favor do artista que compreendeu o seu próprio ser ou o artista de raça. Exemplos há tantos que não tenho tempo para os citar. Constituem eles a história da arte nos seus momentos capitais. Expor-vos-ei somente alguns contemporâneos e que todos conheceis: Mistral<sup>66</sup> achou a alma da Provença e escreveu em provençal, de maneira que foi, segundo dizem já na França, o melhor do melhor. Ibsen<sup>67</sup>, tão lido e relido já hoje, donde traz a sua fama mais do que do descobrimento da alma norueguesa? Pode dizer-se o mesmo do sueco Strindberg<sup>68</sup>, infelizmente tão pouco conhecido e traduzido entre nós. E, como derradeiro caso, Rabindranath Tagore<sup>69</sup>, o poeta

---

<sup>66</sup> Frederic Mistral (1830-1914), «poeta, prosista, linguista, organizador, jornalista, homem de ação» (P. Bec 1963. 1977: 123), publicou *Miréio* (1859) e *Calendal* (1867), que elevam a *poesia d'oc* ao nível de literatura universal. Em maio de 1854 e no castelo de Font-Segunha iniciou, com Josep Romanilha, Teodor Aubanel, Anselm Matieu, Alfons Tavan, Pau Giera e Joan Brunet, o *Felibrigio*, movimento que procurava depurar e vitalizar a língua, cultura e tradições da Occitânia. Mistral, nas suas *Memórias* (1906), expõe o triplo intuito que se atribuiu desde 1851: 1. Elevar, reanimar em Provença o sentimento da raça.- 2. Restaurar a língua natural e histórica do país.- 3. Devolver ao provençal a dignidade mercê da consagração da poesia. (Vid. P. Bec 1963. 1977: 116 e ss.)

<sup>67</sup> Henrik Ibsen (1828-1906) começou a atividade literária com textos sobre a agitação de 1848; em Cristiânia dirigiu um semanário satírico (1850). De 1851 a 1857 trabalhou como autor e diretor do Teatro nacional de Bergen. De 1857 a 1862 foi diretor do Teatro norueguês de Cristiânia. Em Itália, onde se interessou nas lutas pela unidade do país, decepcionado do escandinavismo (depois da vitória de Prússia sobre Dinamarca em 1864), escreveu *Brand* (1866) e *Peer Gynt* (1867). Mercê do ambiente, mais radical, de Munique e da influência de G. Brandes evoluiu para uma arte que «submete os problemas a discussão».

<sup>68</sup> August Strindberg (1849-1912), dramaturgo, poeta e romancista, teve uma infância difícil, segundo amostra na autobiografia *O filho duma criada* (1886-1887). Influído pelo pensamento do norueguês Ibsen e dos dinamarqueses Sören Kierkegaard (1813-1855) e Georg Morris Cohen Brandes (1842-1927), derivou para um socialismo inspirado em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Charles Fourier (1772-1837), ulteriormente a um genérico nietzscheanismo (Friedrich Nietzsche 1844-1900), para acabar no misticismo. O seu teatro contribuiu para a formação do teatro expressionista e influuiu no irlandês Sean O'Casey (1888-1964), no português Alexandre O'Neill (1924-1986), no italiano Luigi Pirandello (1867-1936) e no sueco Pär Lagerkvist (1891-1974).

<sup>69</sup> Rabindranath Tagore (1861-1941), último de catorze filhos duma família dedicada à renovação espiritual de Bengala, foi poeta, dramaturgo e filósofo, prémio Nobel de Literatura em 1913. Viajou à Grã-Bretanha em 1878-1880 para estudar leis e conhecer a literatura e música europeias. Em 1901, sob os postulados da liberdade intelectual e da formação harmónica do ser humano, estabeleceu uma escola em Santiniketan; é nesse tempo que lhe morrem a esposa, dous filhos e um dos discípulos prediletos, o poeta Satir Chandra Roy. «Em 1904 publicou o ensaio político *O movimento nacional* em que se pronuncia em prol da independência da sua pátria; um ano depois atacava a política britânica

mais universal dos nossos dias, o admirado no mundo inteiro, o grande entre os grandes: quem é? Um bengali que escreve em bengali, uma nobre língua da Índia que na Europa quase ninguém entende, um bengali com toda a sua alma, que até não olha com muito bons olhos as cousas de Europa. E este poeta chega a ter um posto nas histórias da filosofia. (Sobre ele acaba de se escrever agora um livro, que expõe o seu pensamento filosófico.) Que fez Rabindranath? Descobriu a alma índia, descobriu o seu próprio ser e com a fortaleza artística necessária cantou-a nos seus versos.

É o mesmo caso que tendes no nunca avondo admirado Castelão. Ele também, o primeiro entre os pintores nossos, chegou ao fundo na nossa alma e soube dar-lhe o contorno de que precisava. Com certeza não basta ver, olhar e indagar; faz falta ter talento, ter alma especial, ser poeta ou pintor. Mas também isto não basta sem o outro. Castelão volveu sobre a sua gente e com um raro talento achou um caminho. Mestre já para os que vierem, ficará na nossa história galaica como um criador e como um modelo. Modelo para todos os outros: de esforço, de trabalho, de procedimento e energia, para descerem ao mais fundo da nossa alma galega.

## VI. SAUDAÇÕES AOS ARTISTAS

Eu, que falo pela primeira vez de arte na minha Terra, não quero deixar de saudar desta tribuna aos artistas galegos. Recebei, pois, a minha mais fraternal saudação: pintores que pondeis sobre o lenço a admirável policromia da Galiza, o verde dos prados e bosques, o azul de rias e mares, o amarelo de tojos e nabais, o roxo das mais por mim amadas flores, as queiroas, os grises azulados da noite e da chuva de ouro fecundante do dia, as brêtemas embeigadoras; escultores, arquitetos, para quem eu peço um pouco mais de amor às cousas da

---

de divisão da Índia, enquanto ajudava os estudantes expulsos da universidade por motivos políticos.» (AA.AA. 1962. 1974: 1029) Vale a pena ter em conta o "tagorismo" de José Paz, membro da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, que possui uma biblioteca de 30.000 volumes sobre o poeta educador bengali. ( <http://www.publico.es/culturas/331304/tagore-mas-alla-de-la-poesia-mistica> )

nossa arquitetura popular; poetas que estendeis no futuro ilimitado a fama do nosso lirismo.

De vós todos, vá cada um pelo seu caminho, trabalhe cada um segundo o seu ideal. É esta a maneira única de acharmos o verdadeiro carreiro para a criação do amanhã. Mas que entre todos nós, amantes da arte, exista uma comunhão ideal que faça a nossa obra fecunda, que faça que nenhum esforço se perca, que produza ajuda para o que começa e para o que trabalha. E assim os esforços duns e doutros, se entretecendo, chegarão a criar aginha uma escola galega.

Porque nunca houve tanto artista de talento como hoje. E não me refiro somente aos que triunfaram já e levaram o nosso nome para além das fronteiras; refiro-me também aos que ainda começam, aos que devemos ajudar, porque entre estes existem homens de grande valimento (eu estou certo) que serão no dia de amanhã precursores de novas vias para a arte. Eu daqui, com a minha humilde palavra, quisera dar-lhes azos para a luta<sup>70</sup>, quisera dar-lhes ânimo para, por cima de todas as contrariedades, continuarem fiéis ao seu temperamento, cultores no seu peito de todas as rebeldias de artistas.

Nunca a vida espiritual da Galiza latejou com tanta força, nunca houve sinais tão não enganosos duma definitiva renascença da nossa vida inteira; nunca velhos e moços se encontraram tão decididamente no ideal redentor da Terra escrava. Não há de deixar passar a ocasião; há de ir a ela com plena consciência; há de ir a ela na arte e em tudo; há de ir a ela com a maior ledice! Para lutar, para vencer, para, com um otimismo infindo, fazer, sobre as ruínas da nossa Pátria, a nova, imensa, prodigiosa Galiza que mora nas saudades dos nossos peitos. Sim — poeta amigo — os tempos são chegados!<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> No original de ANT falta esta linha, que tomo da edição de Ensaio e Poesias (1974).

<sup>71</sup> Viqueira acaba as suas *divagações* com a citação dum verso do *Hino Nacional* da Galiza. Pode consultar-se na edição de *Queixumes dos Pinos e Outros Poemas*, nesta coleção Clássicos da Galiza, preparada por Ângelo Brea Hernández.





## ARTIGOS PUBLICADOS EM ANT<sup>72</sup> ANO 1917

### 1. DUM NOVO IRMÃO. DUAS IDEIAS

[ANT, núm. 22 (20 de junho de 1917), p. 1.]

As linhas que se seguem são bem pouco com certeza, mas, já que hoje não posso fazer outra cousa, hei de limitá-lo a duas indicações que creio úteis para o renascimento galego.

\*\*\*

Os leitores do galego podem ser numerosíssimos; quer dizer, que quem escreve em galego escreve quase para *meio mundo*.— Devemos lembrar-nos de que em Portugal e Países de Língua Portuguesa a nossa literatura tem ardentes partidários. Ultimamente em Coimbra, no grande teatro da vila, ouvi eu aplaudir com todo o entusiasmo as poesias de Rosalia de Castro, recitadas com enxebre acento por uma grande artista portuguesa, Amélia Rei C[ol]aço<sup>73</sup>, que os galegos deviam conhecer! — Ademais, lembremo-nos também de que nos países de língua castelhana não se achará dificuldade nenhuma para nos compreender! — Por isso no porvir até a nossa correspondência comercial se fará em galego!

Para conseguir o que acima digo fazem falta duas cousas a respeito da nossa língua. Primeiramente faz falta afirmar a nossa linguagem literária. Por isto devemos imitar os países que se encontraram na nossa situação (Grécia, Flandres, Catalunha); devemos estudar os clássicos galegos e os *quase nossos* clássicos portugueses, bem

---

<sup>72</sup> Ordenados cronologicamente transcrevo os artigos de Johán Vicente Viqueira publicados em ANT. Iniciou-os na primeira página do núm. 22 («A Cruña 20 de junio de 1917») pelo intitulado «D'un novo irmán. Duas ideas»; o derradeiro tem por título «Alma e Terra!», publicado no núm. 167 (25 de julho de 1922). Vale lembrar que ANT «sai em 14 de novembro de 1916 na Crunha como «BOLETIN DECENAL», sob o lema «Idearium da Irmandade da Fala en Galicia e nas colonias galegas de América e Portugal»; durante os anos em que Viqueira publica os seus artigos e outras colaborações foram diretores Antão Villar Ponte (até a IV Assembleia, 1922) e Vitor Casas (Ledo Andión *Prensa e galeguismo* 1982: 64; *Vid. Ledo Andión, A Nosa Terra* 1974: 222-224).

<sup>73</sup> Acho que Viqueira está a referir-se à grande atriz portuguesa Amélia Schmidt Lafourcade Rey Colaço Robles Monteiro (1898-1990).

como a nossa literatura popular<sup>74</sup>, e não como alguns fazem transcrever a fala de aldeias já corrompida e que corresponde ao castelhano de López Silva!<sup>75</sup>.— Segundo, para adaptar a nossa literatura aos leitores *portugueses* temos de admitir a sua ortografia, quer dizer, a hoje válida em Portugal, somente com aquelas modificações (decerto bem pequenas!) que exigem as diferenças da língua. Este caminho já foi seguido pelos flamengos na Bélgica, que tiveram de tomar a ortografia holandesa, o qual lhes aumentou de maneira considerável os leitores.— Façamo-lo pois!

\*\*\*

Foi fundada nos últimos tempos uma *Academia do Minho*, em Viana do Castelo<sup>76</sup>, que trabalhará no estudo da língua que tanto interesse oferece para nós. Assim o *Instituto* de que falo poderia constituir um ponto de mira de galegos e portugueses.— Uma viagem de *Amigos da Fala* no verão a Viana do Castelo não seria excelente? A Catalunha, com as suas visitas a Perpinhão e outras vilas do meio-dia da França, amostra-nos também aqui o caminho!

## 2. A NOSSA FACULDADE DE FILOSOFIA

[ANT, núm. 25 (20 de julho de 1917), p. 2.]

Tem-se falado muitas vezes nos últimos tempos da criação duma *Faculdade de Filosofia* em Santiago. Sem dúvida é isto justo, justíssimo, dada a importância que a Galiza tem. Mas verdadeiramente e bem pensado não devemos esperar de outros o que é nosso, nem fazer mais uma faculdade de Filosofia semelhante às outras que achamos nas Universidades da Espanha, já que estão chamadas a transformar-se. O

---

<sup>74</sup> No original diz, de novo, "portuguesa".

<sup>75</sup> José López Silva (1861-1925) foi colaborador do semanário satírico *Madrid cómico* e autor de sainetes e zarzuelas, em que as personagens falam à maneira castiça das camadas populares madrilenas. Famosa é *La Revoltosa* (1898), escrita em colaboração com Carlos Fernández Shaw, com música de Ruperto Chapí.

<sup>76</sup> Viqueira escreve Vianna do Castello. Parece ser o *Instituto Histórico do Minho* (aqui dito indiferentemente *Academia* e *Instituto*), ao qual Viqueira dirigiu dous textos, abaixo transcritos, e do qual foi eleito sócio, segundo carta de Júlio de Lemos, datada nos Paços-do-Concelho, de Viana do Castelo, em 26 de julho de 1924.

nosso desejo deve ser, já que não podemos criar uma *nova* Universidade inteira, fazer uma nova *Faculdade de Filosofia* moderna e europeia. Nisto estaria a honra da nossa Galiza. Vejamos, pois, o que o meu projeto quer dizer e concretizemos o nosso encorajamento<sup>77</sup>.

À Universidade corresponde a *formação profissional superior* (além da missão geral educadora). Motivos condicionados pela história fazem com que não corresponda hoje à Universidade quanto devia corresponder-lhe (p. ex., a Engenharia). Mas não faz ao caso. A *carreira* dum homem pode ser ou *técnica*, aplicar o saber, intervir no mundo da natureza, conhecendo as suas leis (Medicina, Direito, Veterinária, Química industrial, etc., etc.), ou o investigar mesmo e, portanto, a produção da ciência (*profissão de investigador*). À faculdade universitária que trabalha na *ciência pura* (Matemática, Física, Química, Ciências descritivas da natureza, Filologia, História, Filosofia, etc.), que se ocupa da *pura investigação*, chamamos-lhe *Faculdade de Filosofia* (lembrando-nos nisto do antigo termo grego *Filosofia*<sup>78</sup>). Não fazemos nada novo, pois assim se denomina na Alemanha. Essa Faculdade compreenderia as duas nossas, de *Ciências* e de *Letras*, que são também *ciências*.

Dir-se-me-á por que juntar as duas faculdades de estudos tão pouco semelhantes. Responderei: Para que se possam criar grupos homogêneos de estudo e deixar ao estudante uma máxima liberdade, precisa em toda a evolução mental. No dia de hoje nada de ditos grupos existe. Um geógrafo nem sabe Geologia, nem compreende de facto uma palavra de Antropologia nem de Ciências naturais! O seu estudo é somente *literário*; quer dizer, não é *geógrafo*. Um filósofo não pode ser, da mesma maneira, mais do que um *retórico*, já que, sendo a Filosofia a reflexão sobre o saber e a vida, ignora toda a ciência (e, as mais das

---

<sup>77</sup> Fácil é advertir que o artigo, anterior num ano à conferência *Os nossos problemas educativos*, é quase literalmente integrado nela.

Não é ocasião, embora o mereça, de documentar e analisar com pormenor a proposta viqueirana. Podem consultar-se: J. L. Fontenla Rodríguez «João V. Viqueira. Seu Pensamento filosófico, pedagógico e linguístico ...» (1986-1987), A. M.<sup>a</sup> Novoa Gil: «As ideias pedagógicas de João Vicente Viqueira» (1984).

<sup>78</sup> Quer dizer, *philo-sophia* ou amor, afeição pelo saber.

vezes, a vida!). E... etc., etc.! Por outra parte, toda a educação filosófica falta ao físico, ao naturalista, etc., de maneira que as suas produções serão sempre pobres e limitadas. Toda outra coisa acontece com o sistema alemão ou francês, onde o aluno elege livremente umas quantas *disciplinas*, em que trabalha do ponto de vista duma especialidade nos anos da sua vida na Universidade.

Na Faculdade de Filosofia o exame será único: uma prova derradeira que nos deixe saber se o estudante é capaz de ser um *investigador*. Isto não pode demonstrar-se mais que investigando e mostrando que se conhecem os meios precisos de investigação para isso, e não recitando (sistema de hoje) disciplinas! Para dito exame faria falta ter feito um trabalho sobre um tema duma das disciplinas (*tese*) e conhecer os meios de investigação e fundamentos das disciplinas do grupo. Poderia este considerar-se composto por tres disciplinas, uma *capital*, a da *tese*, e duas *acessórias*, afins à primeira (sistema alemão ou francês). Chamaríamos ao título assim conseguido *Doutoramento* (título de investigação).

À Faculdade de Filosofia cumpre-lhe ainda outra missão: a de formar os *mestres* secundários e universitários. Hoje nada se faz na Espanha pela preparação do professorado. Uma missão tão transcendental exige que tenhamos algum interesse por ela. Precisa-se, pois, organizar a formação pedagógica dos mestres, como se faz nas Universidades da Europa. O que faz falta são estágios, trabalhos práticos, etc. Ao fim destes anos de labor obterá o candidato ao professorado título de licenciado (título pedagógico: Licenciatura).

Esse é, em resumo, o meu plano duma Faculdade de Filosofia nova, forte, cheia de saúde, sem verbalismo nem pedantaria. Essa Faculdade, em vez de encher o país de titulados inúteis, chegaria a ser a glória da Galiza e a sua *riqueza*. Deve ser nossa, muito nossa, organizada e mantida pelo Estado regional. Dinheiro? O seu orçamento seria bem baixo, muito mais baixo do que os das atuais Faculdades. Na Espanha mais do que falta de dinheiro há falta de administração<sup>79</sup>.

<sup>79</sup> O artigo precedente e mais este são assinados por «Johan Viqueira.- Catedrático compostelán» e Johan Viqueira.- Catedrático do Instituto de Santiago»..

### 3. A NOSSA ESCOLA. PALAVRAS DUM MESTRE

[ANT, núms. 28-29 (30 de agosto de 1917), p. 2.]

Que mágoa para um galego enxebre, europeu, moderno, quando considera o estado do seu povo! O mundo inteiro parece dizer-lhe: «Não, vós não sois, pouco e pouco ides morrendo.» Ele sabe que isto não é certo, que ainda latejam as velhas virtudes nos espíritos galaicos que farão uma grande Galiza; quisera espertá-las: procura a palavra meiga e não a acha!— É que se precisa mais do que uma palavra para espertar tanta alma assovalhada, para juntar num apertado feixe as vontades de tanta alma espalhada, espalhada por terras e mares? No dia em que aquelas espertarem e estes se juntem começará a nossa renascença económica e cultural!— Pois: que admirável organização para o nosso comércio não oferece a imensidade de compatriotas repartidos em todos os países!— Que importância cultural não pode ter através deles, a Galiza, *seminário de homens*.

Não esqueçamos que um meio poderosíssimo para o espertar do Povo é a escola. Assim devemos pôr os nossos esforços na criação duma *Escola Galega*. Como essa escola há de corresponder à sua altíssima missão, não tem de se limitar à atual de *escrever, ler e contar*.— Os seus fins são mais elevados!— A sua aspiração dirige-se a fazer *germolar* tudo quanto há de bom no nosso Povo. Surgirá dela novamente o velho carácter celta, audaz, forte, romântico, sem quixotismos nem baixezas, equilibrado. À Escola pedimos o Povo<sup>80</sup> em toda a sua integridade:

---

<sup>80</sup> Viqueira usa *raça* com o significado de *Povo* (que uso neste artigo) ou de *etnia, estirpe* ou mesmo *nação*. Contudo, mantenho ocasionalmente o vocábulo original, *raça*, que então não era sentido com as conotações negativas de hoje. Para o comprovar, transcrevo um breve excerto da conferência que Emilia Pardo Bazán ditou em Paris, o 18 de abril de 1899: «La raza española, o más bien las razas humanas que forman el conjunto de la población, son superiores, aunque no arianas todas; la sangre celta y goda se mezcla con la fenicia, bereber y árabe.» («La muerte de una leyenda» in *Obra crítica*, p. 272) Sánchez Llama, o editor, comenta em nota de rodapé: «Es importante que Pardo Bazán rechace la existencia de una "raza española" y apunte más bien la fusión de diversas razas en la formación de la población española. Esa premisa rechaza el prejuicio étnico y vincula su perspectiva con el cosmopolitismo del nacionalismo cívico.» (Ibidem, em nota de rodapé). Ambas as citações mereceriam algum comentário, relativo aos nacionalismos em pugna, o cívico, que diz Sánchez Llama, contraposto ao étnico, que os nacionalistas "cívicos" espanhóis atribuem aos "outros" nacionalistas, galegos e bascos sobretudo.

mulheres, homens do nosso Povo para lutar, para vencer na imensa luta da vida. Seja logo a Escola o lar da Galiza. E que tudo, desde o ler até o ensino mais alto, se faça pensando que o saber só vale, quando é saber para a vida e lembrando-nos do nosso Povo e dos seus fins na Humanidade.

Falei em luta. Mas o homem não luta com vaguidades. Precisa duma *profissão* que é o instrumento da luta da vida. Então, o problema que temos de estudar é o da Formação Profissional relativamente à Escola. Naturalmente as profissões que agora nos interessam são as chamadas artesãs e a de comerciante (as outras são cousa dos Institutos Superiores de Educação). Temos de tentar, pois, fazer na Escola quanto se puder, seguindo nisto aos países estrangeiros mais adiantados, pela formação das costureiras, das cozinheiras, dos pedreiros, ferreiros, labregos (sempre falo de homens e mulheres) e ofícios semelhantes. Quando isto se realizar, não irão os nossos pobres emigrantes em notória inferioridade, sem agarimo, a terras desconhecidas sofrerem males e dores pela incúria dos *nossos desleais* governantes!— Mas, para conseguir o que nos propomos, teremos de ampliar as Escolas Primárias e ter aulas profissionais.

A língua galega, com o espírito galego, deve penetrar na Escola e levá-lo lá envolvido no seu seio. Não queremos somente que se ensine na nossa língua por ser a nossa. Há, para isso, também outros motivos. Não é absurdo que hoje nas escolas rurais e nas mais das vilas falem os mestres aos discípulos em castelhano, onde as rapazinhas e os rapazinhos o conhecem, se o conhecem, como uma língua estrangeira?— Isto é o mesmo que ensinar em Castela em português ou em catalão. A mais simples pedagogia diz-nos que o mestre há de chegar com as suas palavras ao fundo da alma do menino. E como poderão chegar com palavras estrangeiras e incompreendidas?— Ainda existe outra razão para levar o galego à Escola. O porvir económico da Galiza (ao que me refiro, deve já parte do seu bem-estar) e o porvir cultural depende da sua estrutura bilingue. O galego abre-lhe o mundo português; o castelhano, o mundo espanhol! Volver pelo galego é aumentar o horizonte da nossa

atividade universal!— O galego tem de trazer consigo à escola os nossos poetas velhos e novos; entre os últimos, a profetisa da raça, Rosalia de Castro. Venham eles quentar, com o sagro amor da Terra, os corações dos nossos pequenos!

Quisera eu ainda que a Escola fizesse mais. Quisera ver nela o *centro cultural* dos campos e das pequenas vilas. Nela devem fundar-se bibliotecas, no possível circulantes; nela devem organizar-se conferências sobre os problemas do momento, agrícolas e económicas. O mestre deve ser o conselheiro em todas aquelas questões dos galegos como cidadãos, como agricultores e como comerciantes, sem ter agora em conta a influência que tem de exercer no sentido do refinamento humano.

Os que isso cobiçamos temos de fazer dos mestres uma aristocracia do país. Temos de erguer a sua situação económica aumentando-lhes os nojentos ordenados que hoje lhes dão como uma esmola. Que o mestre disponha de quantos meios económicos precise para levar uma vida *ideal*, para eleger a sua carreira por amor!!— Mas, se erguemos a sua posição económica, temos de erguer também a sua formação pedagógica e cultural. Devem formar-se para isto os mestres na Faculdade (a criar!) de Filosofia da Universidade, organizando nela estudos pedagógicos em substituição das “[Escuelas] Normales”, das quais já até os políticos do ensino público declaram a inutilidade relativa. Ao irem os mestres à Faculdade de Filosofia, achariam nela trabalho sólido, horizonte amplo, e far-se-ia a obra de justiça de os igualar com os mestres de Secundária e com os Universitários.

Duas palavras, para rematar, sobre os edifícios escolares. A nossa arquitetura galega vai-se perdendo rapidamente. No seu lugar enche-se o país de edifícios feios, sem carácter. Uma maneira de a conservar e desenvolver seria declará-la obrigatória para os edifícios escolares, que chegariam a ser modelos arquitetónicos.

Numa nota (1), no fim do artigo, Viqueira explica<sup>81</sup>:

---

<sup>81</sup> Parece responder a advertência que ao artigo precedente fez a redação de ANT; dizia literalmente: «N. da R.— Por respeito ô autor conservamol-a ortografía qu'emprega nos orixinaes.» Nem *Ensayos* y

«A ortografia que emprego nos meus trabalhos, admiti-a — respeitando *imensamente* os que não a usam — pelos seguintes motivos: (a) É a antiga ortografia galega; (b) parece-se muitíssimo com a portuguesa e facilita, pois, o aumento de leitores; (c) coincide com as das outras línguas latinas; (d) é etimológica; (e) foi defendida e empregada nas suas publicações por António de la Iglésia no século XIX; (f) pode ser base para a reforma da fonética galega, hoje tão castelhanizada.»

#### 4. GALEGUIZEMOS: O [IDIOMA] GALEGO NA ESCOLA.

[ANT, núms. 40-41 (30 de dezembro de 1917), p. 2]

Falei já, em *A Nossa Terra*, da necessidade de introduzir o galego na escola. Como pode fazer-se isto? Claro é que não temos de pensar em o pôr no lugar do castelhano, nem muito menos. O único a tentar deve ser que a nossa língua não fique totalmente relegada. O porvir dirá se isto basta. O primeiro passo para que o galego apareça na escola há de consistir em que o mestre não proíba aos rapazes ou rapazas a expressão do pensamento espontâneo, quer dizer, na própria e enxebre fala. Quanto não se adiantaria pedagogicamente, se tal se fizesse na Galiza! Suprimir a formulação do pensar numa língua estranha é suprimir um dos impedimentos maiores para o pensar, já que *pensar* e *falar* vão sempre intimamente unidos. O mestre deve dar ainda outro passo. Quando seja totalmente preciso, como acontece com o ensino das crianças que começam a frequentar a escola, não devem evitar falar em galego, ainda que o fale somente como linguagem auxiliar.

Mas o antedito não basta. A educação estética da infância e a sua educação linguística requerem que levemos à escola a poesia, em geral a literatura popular ou quase popular, e a *cantiga* popular. Seria um trabalho interessante fazer uma *Antologia Literária e Musical-Literária* galega para a nossa escola, que permitisse realizar o projeto que exponho. Esteticamente nada pode produzir um efeito maior que

---

*Poesías* (1930) nem *Ensaios e Poesias* (1974) transcrevem essa N. da R. Nestes últimos anos, quando ainda os média da Galiza publicavam com alguma normalidade a cidadãos [galego-] espanhóis textos redigidos no português da Galiza, não raro também os “anotavam” de jeito semelhante.

a arte nada da alma do Povo; linguisticamente um galego puro e belo depuraria a fala atual. Ademais, deveria fazer-se escrever aos rapazes as poesias lidas ou cantadas e afazê-los assim a empregar, como língua escrita, a sua própria.

Condição indispensável para o acima exposto é que o mestre na Galiza saiba o galego e isto não se conseguirá verdadeiramente senão exigindo-lho nas “oposições”<sup>82</sup> como uma matéria do questionário e criando cadeiras de língua e literatura galega nas “Escuelas Normales”. Não se trata de nenhuma grande disciplina; o que cobiço é somente que a mestra ou o mestre escrevam e falem corretamente a língua do Povo e conheçam o mais importante da sua literatura.

Repito o que outras vezes disse: não se trata aqui duma aspiração puramente sentimental. Trata-se duma exigência pedagógica e dum aumento de horizonte do discípulo: Exigência pedagógica, porque é preciso falar em galego para chegar à alma do menino, e aumento da potencialidade do discípulo, porque um galego bilingue tem aberto ante si os países de língua espanhola e portuguesa e, por isso mesmo, é muito mais útil e eficaz para a Espanha.

Não posso pretender que o meu plano se leve à prática imediata e totalmente. Precisamos ir fazendo ensaios escolhendo as localidades e a ocasião. Há hoje mestres que sabem o galego e há “Escuelas Normales” em que a introdução do seu ensino não se acharia difícil. Lembremos, para além, de que existem na Galiza muitas escolas privadas, que não são do Estado (um dos fenómenos mais interessantes da nossa vida educacional) e que nestas encontraríamos um bom terreno para o galeguismo. Faz falta aqui, como em todo o trabalho renovador, tacto, constância e entusiasmo<sup>83</sup>.

---

<sup>82</sup> “Oposiciones” é a denominação utilizada no Reino da Espanha para os concursos de recrutamento ou concursos com prestação de provas para aceder à função pública no serviço do estado.

<sup>83</sup> Viqueira está a proceder como institucionista, da *Institución Libre de Enseñanza*, à margem do Estado e do estadual, do Reino da Espanha, enquanto garantia de ação livre e, mesmo, razoável. Confirmará essa hipótese a leitura dos escritos de Francisco Giner de los Ríos; quem diz, p. ex., na parte conclusiva do artigo «La soberanía política»: «[...] Quando o que se rompe é a concórdia entre a ação imediata e direta e a reflexa ou representativa, a primeira petrifica-se e embolorece no mecanismo do hábito; enquanto a segunda, encarnada numa oligarquia presuntuosa, divorciada do sentido geral e sem se cuidar de interpretá-lo nem de inspirar-se nele, se crê, não representante e

## ANO 1918

### 5. O NOSSO ENSINO TÉCNICO.

[ANT, núm. 42 (10 de janeiro de 1918), pp. 4-5<sup>84</sup>]

Uma das características da vida moderna é o grande desenvolvimento da técnica, tanto que temos nele um sinal seguro do progresso dum Povo. É de lamentar a situação em que essa esfera da atividade nacional se acha no nosso país. O primeiro a fazer para ter técnicos é simplesmente criar o Ensino Técnico. Assim se fez em países, neste aspeto mais afortunados, onde as escolas para isso (pode dizer-se)

---

órgão da soberania, mas soberana em si mesma e por direito próprio; desconhece a imanência do poder e do seu exercício na comunidade e oscila segundo as tornadiças opiniões que se sucedem rapidamente no círculo oficial do governo, sem lograr assentar em firme sequer uma só instituição.» (*Ensayos*, 1872.1973: 198)

Em 1898 escrevia, sobre «La crisis de los partidos políticos»: «[...] talvez não tenha havido jamais transformação, reforma, nem revolução *meramente* políticas, mas todas foram à par e por necessidade político-sociais, além de a ação legislativa do Estado ir sempre precedida duma transformação social que a motiva e faz possível (alguns acrescentariam acaso: "e inútil").» (*Ensayos*, 1898. 1973: 199-200).

<sup>84</sup> O artigo começa no quartel inferior direito da p. 4 e continua no superior esquerdo da p. 5.

Na p. 4 são louvados *La Voz de la Verdad*, «valente e culto jornal de Lugo», e *Ecos del Eume*, que deu «uma cumprida e ajeitada resposta a *El Noroeste*, da Crunha», e são criticados os «cuneros» [candidatos e deputados estranhos ao distrito e patrocinados pelo Governo] na pessoa de Leonardo Rodríguez [Díaz] (1877-1922), «que nasceu na Catalunha e não é catalão, que vive politicamente a custo da Galiza sem ser galego», simpatizante inicial das *Irmadades da Fala*, mas militante do *Partido Conservador*, «Director General de Comercio, Industria y Trabajo» com insucesso, depois, com Romanones, Ministro de «Abastecimiento» e, através daquele, o «besadismo» ou regionalismo descentralizador de Augusto González Besada (1865-1919). Este chegou a Ministro de «Fomento» (1907) e de «Hacienda» (1909), com Maura, Presidente do Congresso (1914) e de novo Ministro de Hacienda» (1918). Relativamente às eleições de 1918 escreveu Luís Penha Novo (ANT, núm. 49, 20 de março de 1918). *A cacicaria prevalece*: «Não acabais de dar-vos conta de que na Galiza governa, na Crunha, García Prieto e Gasset, em Ponte Vedra, o Marquês de Riestra, em Ourense, Bugallal e, em Lugo e no resto da Galiza inteira, o Sr. González Besada, presidente honorário dessa companhia de caciques?»

Na p. 5 deste núm. 42 de ANT, em contraposição ao precedente, sob o título «Também Castela. Socialista que sente o nacionalismo», diz-se que «O inteligente e autorizado socialista Óscar Pérez Solís deu no Ateneu de Valhadolid uma notável conferência sobre o tema *Actitud de Castilla ante el nacionalismo*», como «a grande possibilidade ibérica». Nessa página também se reproduz o poema de Alfredo Brañas Menéndez (1859-1900) cujo *ritornello* é «Como em Irlanda, / ergue-te e anda», tornado em lema do nacionalismo galego.

Aliás, na p. 8 do núm. 67-68 (30 de setembro de 1918) de ANT, noticia-se o «regionalismo ortodoxo» da última época do *besadismo* a respeito da economia galega: «à Galiza, e por ser Galiza, cabe a triste vergonha de que um ministro nado nela seja o assinante de algo que pode prejudicar-lhe muito gravemente.» A história continua, repetida hoje...

são cousa corrente. Devemos, pois, cobiçar que entre nós seja também assim. Lembremo-nos de que essa é uma necessidade real e positiva e de que ou adiantamos na Técnica o que se precisa ou morreremos.

Cumpramos então organizar o nosso Ensino Técnico. Mas nisto não nos esqueça o princípio que tem de ser guia de toda a organização. Não comecemos fazendo grandes planos ou planos esquemáticos que a nada respondem e que, por conseguinte, nem começam. Ao contrário, comecemos por chegar-nos à terra, aos costumes, às necessidades do momento e elaboremos depois, sobre tudo isto, o nosso *verdadeiro* Ensino Técnico. É dever nosso dar começo, quanto antes se puder, a esse trabalho para na nossa vida encher o baldeiro de que acima falei.

Não obstante, nós não imos criar algo novo de todo, mas fundar na Galiza o que noutras partes já nasceu. Se é certo que antes de nada temos de olhar para a terra, é também certo que uma ideia de conjunto existirá desde o primeiro instante no nosso espírito e que esta ideia nos guiará na nossa obra. O que nós precisamos propor-nos é a criação dum *Técnicum* na Galiza. O *Técnicum* compreenderá: (A) *Ensino Elementar Técnico*, que se conseguirá em pouco tempo e que permitirá formar rapidamente técnicos agrícolas, industriais, etc. (B) *Ensino Superior Técnico*. Neste compreender-se-ão as profissões de: (a) arquiteto; (b) diversas classes de engenheiros (agrónomos, de caminhos, químicos e outros); tendo sempre em conta na organização dos estudos as necessidades reais do país no momento atual.

Questão delicadíssima é a do professorado, pois precisamos mestres totalmente *modernos*. Creio que *não* deve pensar-se num Corpo de Professores *vitalícios*, se assim podemos exprimir-nos. Seria muito preferível ter professores por cada quatro anos, podendo-se renovar o seu contrato, se as cousas vão bem durante esse tempo. O sistema que proponho é usado nos Estados Unidos da América com êxito. Como o leitor verá, merece a pena tentá-lo no nosso país.

## 6. TEMA DE VERDADEIRO INTERESSE. PELA REFORMA DA ORTOGRAFIA<sup>85</sup>

[ANT, núm. 43 (20 de janeiro de 1918), p. 1]

É um problema entre nós a reforma da ortografia e um problema duma grande transcendência. De facto existem hoje duas maneiras de escrever o galego: uma, que podemos chamar erudita, etimológica ou, melhor, histórica, e outra, popular. À diferença está em que na primeira se empregam o *j* e o *g*, na forma que se faz em português ou francês, e na segunda substitui essas letras no seu antedito som o *x*. O meu propósito no presente artigo é mostrar que temos de admitir imediatamente a ortografia erudita, se cobiçamos a máxima eficacidade do nosso idioma, e que no porvir temos de modificá-la num sentido ainda mais útil.

Vejamos por quê. Uma língua deve escrever-se de maneira que possa ser entendida pelo maior número de homens. Não acontece isto tendo em conta a fonética, que com as suas frequentes variações tende a esnaquizar a linguagem e que, antes, importa sujeitar, mas tendo em conta a história. As ortografias históricas mostram uma ortografia unificada por necessidades duma cultura que tem traços unitários. Assim, a atual ortografia grega não só unifica a total linguagem grega, mas também unifica a linguagem moderna com a antiga. É sabido que existia entre a antiga fonética grega e a atual uma diferença profunda. Da mesma maneira a ortografia castelhana serve de base para uma cheia de fonéticas (a andaluza, a castelhana, a leonesa e outras, como as americanas) e para a velha literatura anterior ao século XV (cuja fonética não era a atual). Portanto, vemos que as ortografias históricas são essencialmente *instrumentos práticos* e unificadores, que ampliam a eficácia duma língua. No galego dá-se o mesmo caso. O português

---

<sup>85</sup> Transcrevo a letra da nota explicativa, que a Redação de ANT coloca como entrada do artigo: «Pregamos ôs nosos lectores ollen con intrés o artigo que seguidamente pubricase, do querido irmán e colaborador d'iste boletín Dr. J. Viqueira. É un traballo merecente d'estima tanto pol-o que pode tere de proveitoso pr'ô porvire, como pol-a autoridade do autor. Viqueira, nado fora de Galicia, é un galeguista forte e sincero. ¿Val o exemplo? Insine pubricista, profesor de Psicología, colabora nos boletís culturás mais importantes d'España e o estranxeiro. Educóuse n'Alemania e n'outros pobos d'Europa. Fixo libros filosóficos e traduciós d'importancia. E até, por abolengo, resulta respetábre: é sobriño do xenial pedagogo Cossío. Dí Viqueira, que xa fai tempo praitica o que predica:»

é um filho do galego e, entre os dous, não há mais capitalmente que diferenças fonéticas que não são tão grandes, quiçá, como as que existem entre o andaluz e o castelhano. Se nós empregamos a ortografia histórica galaico-portuguesa, teremos salvado a dificuldade que *separa* as duas línguas e daremos ao galego um carácter mais universal, fazendo-o acessível ao maior número de homens.

Foi um mal da literatura galega ilhar-se mediante a ortografia. Escrita com ortografia portuguesa, houvesse percorrido mais facilmente o mundo e isto teria influído na vitalidade do nosso idioma e do nosso Povo, pois que ambos vão *intimamente* unidos. Com certeza não podemos introduzir de golpe uma ortografia a que não estamos habituados. Temos de ir aqui, como sempre, com o cuidado devido para que a nossa obra se verifique. De momento, devemos aceitar a ortografia erudita, etimológica, o qual será um grande passo. Mas, conseguido isto, precisamos continuar a nossa obra e caminhar para a total unificação das ortografias galega e portuguesa. Assim introduziremos o dígrafo *nh* pelo “ñ”, o *lh* pelo “ll” e outras modificações que o leitor poderá adivinhar facilmente. Far-se-á isto, primeiramente, nas publicações eruditas, científicas; depois, nas populares.

Quiçá alguns considerem isto como uma fantasia sem valor. Lembrem-se, os que tal pensam, da importância que tem em todos os povos a fixação da ortografia e os esforços que nisso põem. Lembrem-se de que existiram casos como o nosso. Os *flamengos* usavam uma ortografia diferente da dos holandeses; as suas línguas eram entre si tão semelhantes como o galego e o português. Um dia chegou em que os partidários do idioma flamengo tiveram de abandonar a sua ortografia e admitir a holandesa para fazer mais eficaz a sua fala. Compare-se uma literatura galega compreendida somente na Galiza com uma literatura galega entendida em Portugal, no Brasil, nas colónias portuguesas e por todos aqueles que conhecem o português, e que tenha entrada nas cadeiras que, para o ensino do português, existem no mundo inteiro!

Ademais, a reforma que eu exponho permitirá que no nosso país se possam ler não só livros galegos ou castelhanos, mas também

livros e jornais portugueses. E isto nos permitiá pôr-nos em relação com novas culturas e ampliar os nossos horizontes nos sentidos mais diversos da nossa atividade. É um facto notório que nestes contatos de várias culturas é onde nascem os produtos mais perfeitos da civilização e as culturas mais ricas.

O momento atual é apropiadíssimo para empreender a reforma da ortografia. Quanto mais tempo se passar, mais difícil será fazê-lo, pois a ortografia se irá arraigando com a grande riqueza da produção literária galega. O meu artigo é somente uma indicação para o benévolo leitor, que, se está de acordo comigo, o melhor meio de trabalhar pela obra que proponho é escrevendo com a *nossa ortografia galega* que foi *a velha da nossa idade de ouro*<sup>86</sup>.

## 7. DO QUE PRECISA A NOSSA JUVENTUDE.

[ANT, núm. 45 (10 de fevereiro de 1918), p. 4.]

Hoje os homens novos, que podiam ser uma esperança, acham-se nas mais das vezes num triste estado. Uns topam-se sumidos num

---

<sup>86</sup> Muitos comentários poderiam fazer-se tanto ao artigo de Viqueira, quanto à nota introdutória, laudatória. Apenas lembro que o da ORTOGRAFIA ajeitada ao idioma da Galiza é o eterno problema, cuja resolução os Notáveis galegos insistem em não concordar, enquanto a reclamam das autoridades espanholas. Desde o século passado é persistente e pertinaz a confrontação (e conflito, até à exclusão) entre a linha *histórica* e a linha *popular*. Nunca aquela chegou a ter o domínio da extensão, mas só o da autoridade (ou *autoritas* genuína). Basta percorrer autores, obras e razões. Pode consultar-se, apesar de interpretações muito interessadas, C. Hermida (1992). Doutro ponto de vista, que nomeadamente apresenta as propostas gráficas posteriores à guerra civil espanhola, pode ver-se J. L. Fontenla («Os ressurgimentos galegos», 1990) e A. Gil Hernández («As Normas de correção idiomática para o galego desde o ano 1970...», 1987). Em *Estudo crítico*...1989, pp. 18-25.287-302 oferece-se tanto uma visão de conjunto, também desde a guerra civil, quanto abundante bibliografia comentada sobre *la questione della lingua* galega.

A proposta de Viqueira, quer na fundamentação teórica, quer no atinente à efetivação, nem foi substancialmente ultrapassada. Os Profs. Carvalho Calero, Guerra da Cal e Rodrigues Lapa são decerto os que academicamente mais prosseguiram na linha viqueirana. Há grupos beneméritos que, com maior ou menor congruência e eficácia e sentido da realidade, também não se extraviaram muito das propostas de Viqueira. Contudo, entre outros, dignos, é o Dr. Fontenla quem, com maior coerência, desenvolveu as razões e a prática viqueiranas. Logicamente, enquanto foi iniciado o processo, *consentiu* no *Acordo Ortográfico* (qualquer que for), a que a Galiza com legitimidade tinha de aderir, e aderiu. A tal *Acordo*, também por lógica nacional, não aderiram nem as instituições académicas, nem as político-administrativas, responsáveis hoje do ensino da «lengua propia» da Galiza (*Estatuto de Autonomía para Galicia*, art. 5. § 1) — e nele — nos âmbitos oficiais do Reino da Espanha.

grosseiro materialismo; estão só para aquilo que eles chamam prático. Os outros encontram-se dominados por uma *neurose* egoísta entre raiolas de lua, Colombinas e Pierrots<sup>87</sup>. Eu sinto pena, eu sinto uma dor funda ante o espectáculo da nossa mocidade!

Para regenerar as novas gerações, devem encher-se de idealismo, de romantismo, de entusiasmo pelas grandes questões humanas. Não quero eu um idealismo louco como o de dom Quixote; quero eu um idealismo prático da vida. Este exige que nas cousas mais pequenas da nossa existência penetre a ideia e as alouminhe.

Um exemplo deste idealismo oferece-vo-lo o sapateiro-poeta santiagoês<sup>88</sup>, um grande representante da nossa raça, que fazendo sapatos numa modesta oficina compostelana, criava um dos dramas melhores da Espanha. Na sua alma iam surgindo, enquanto realizava o seu trabalho de humilde artista, palavras que traduziam todas as arelas da nossa gente.

Quando a nossa juventude for romântica, idealista, volverá a ser galega, porque o romantismo e o idealismo é essencial à nossa raça. Nós fomos os grandes sonhadores da Espanha; nós, ainda na decadência da Idade Média, produzimos tipos como Macias [o Namorado] de Padrão, cuja morte romântica chorou o Marquês de Santillana<sup>89</sup>.

---

<sup>87</sup> São personagens da *Commedia dell'arte*, «ofício cénico», que concedia grande margem à improvisação, dentro das linhas tradicionais fixadas. Colombina é, por vezes, filha de Cassandra ou de Pantalone, por vezes, mulher ou amante de Arlequim ou de Pierrot. Este, personagem derivado do Pedrolino, Pagliaccio, Bertoldo ou Peppi-Nappa, é criado, bobo ao serviço de Pantalone e galã sempre repellido pela frívola Colombina. Tenha-se em conta que foram estreadas, em 1907, *Los intereses creados* e, em 1916, *La ciudad alegre y confiada*, obras teatrais em que Jacinto Benavente (1866-1954) se serve de personagens da *Commedia dell'arte*.

<sup>88</sup> Refere-se a Jesus San Luís Romero (1872-1966), republicano, emigrado a Buenos Aires (entre 1892 e 1902); voltado à Galiza, «estabeleceu-se em Santiago como mestre sapateiro. A sua oficina chegou a contar com mais duma dúzia de operários. No semanário do *Centro Republicano* e noutras publicações deu a conhecer novas composições, principalmente de sátira anticaciquil. O mesmo espírito alenta no seu drama *O fidalgo*, estreado em Santiago o 17 de janeiro de 1918.» (Carvalho Calero, 1975: 551)

<sup>89</sup> Macias o Namorado, de Padrão, talvez nascesse em Padrão, na segunda metade do séc. XIV. Epígono da escola lírica trovadoresca, dele conservam-se no *Cancionero de Baena* poucas cantigas, escritas em galaico-português. «O que, porém, celebrou Macias foi a tradição lendária da sua vida de mártir do puro amor: teria sido morto pelo marido daquela que amava platonicamente, com todas as veras dum coração sem esperança.» (Prado Coelho 1978, II: 590-591). O caso foi utilizado

Neste esforço pela sua regeneração que eu peço à nossa juventude, nada lhe pode ser tão proveitoso como a leitura dos verdadeiros poetas galegos, e não só dos modernos, mas também dos medievais, de aqueles trovadores da nossa Idade de Ouro. Façam-me caso: querem os jovens ser grandes, querem ser práticos, querem ser felizes? Encham-se, fartem-se de poesia!

Juventude galega, não tenhas vergonha de sentir, de chorar as grandes cuitas da estirpe, da raça e dos homens; não renegues delas. Juventude galega, faz-te idealista, romântica, poetiza-te. O mundo será teu!<sup>90</sup>

---

por diversos escritores: Santillana (*Infierno de los enamorados* e *Querella de amor*), Juan de Mena, poetas do *Cancioneiro Geral* de Resende, Camões, Lope de Vega (*Porfiar hasta morir — Macías el Enamorado*, 1638), Pina e Melo, Larra (*Macías*, 1834); Eugénio Carré Alvarelhos (*Macías*, 1921); R. Cabanilhas e A. de Lorenzo (*Macías o Namorado*, 1956, poema cénico com música de I.B. Maiztegui). João Rodrigues de Padraão ou da Câmara (1390-1450), paisano e provavelmente amigo de Macías, foi escritor em língua castelhana do Pré-Renascimento e considerado o derradeiro poeta da escola galega. Os seus poemas deram azo mesmo a biografias apócrifas, como a *Vida del trovador Juan Rodríguez del Padrón* (manuscrito do séc. XVII), editada em 1839 por Pedro José Pidal. Otero Pedrayo retomou-a em *Las palmas del Convento*. Os seus amórios e vida acham-se misturados com os das personagens da sua novela sentimental *El siervo libre de amor*.

Íñigo López de Mendoza, Marquês de Santillana (1398-1458), no *Infierno de los enamorados* (inspirado no Canto VI do «Inferno», do Dante), atribui a Macías estes versos: «La mayor cuyta que aver / pue-de ningún amador / es membrarse del placer / en el tiempo del dolor; / e ya sea que el ardor / del fuego nos atormenta, / mayor dolor nos aumenta / esta tristeza e langor» (copla 62; *Vid. coplas* 61-66). Pela sua parte, no *Prohemio e carta quel marquês de Santillana enbió al condestable de Portugal* [don Pedro] o Marquês diz: «Acuérdome, señor muy magnífico, syendo yo en hedad non prouecta, [...] auer visto un grand volumen de cantigas, serranas e dezires portugueses e gallegos [...] [de] aquel grande enamorado Macías, del qual no se fallan syno quatro canciones, pero ciertamente amorosas e de muy fermosas sentencias, conuiene a saber: *Catiuo de miña tristura*» (Santillana 1980, pp. 218-219).

<sup>90</sup> Confira-se com «La juventud y el movimeinto social» (1870), de Giner de los Ríos, para confirmar que, como ficou dito, Viqueira é institucionista que adapta à Galiza o pensamento, o método, a geral conceção da vida que sustinha a *Institución Libre de Enseñanza*. Por ser ele próprio, é um bom discípulo e seguidor de Giner. Diz este: «A esta juventude inteligente, ativa, enérgica, que quer viver, não vegetar, e a quem não arreda a luta oferecem-se-lhe dous caminhos muito diferentes. Começa um pela abdicação de todas as ideias generosas que sente bulir no seu espírito e à glória e ao sucesso. O outro, fiel a essas mesmas ideias, leva as mais das vezes à escuridão e quase sempre ao infortúnio. E tem de eleger entre ambos!» (Giner de los Ríos 1870.1973, pp. 222)

## 8. A NOSSA LÍNGUA

[ANT, núm. 52 (20 de abril de 1918), p. 4.]

### I

Galegos, amai a vossa língua porque ela é um rico tesouro oculto!— Amai-a, falai-a, cultivai-a; desenterrai o tesouro que guarda o gigante alárvio da tirania.

### II

Fonte de fraternidade universal, une-nos com os povos de raça afim, com os que têm as mesmas palavras, a mesma história, com os que se espalharam pelos mares em linda coroa. Fonte de fraternidade, a nossa língua será base para uma grande Ibéria. Fonte de fraternidade, fará com que as ideias e sentimentos humanos fluam e batam nos nossos espíritos desde a remota e lendária Índia à África exuberante e areosa e às selvas e planícies da América: o nosso espírito, como um deus antigo, terá dous rostos e olhará dous mundos.

### III

Alma nossa és tu, língua que foste criada na nossa história, modo divino de expressão, saído das entranhas do Povo galego. Ou!, vem a nós, recendente agarimo das cantigas! Ou!, vem a nós, lirismo requintado dos cancioneros!— Vós, donas, falai daquele jeito em que como nenhuma fostes louvadas. Onde na Ibéria puseram os poetas nos vossos lábios mais belos cantos de amor? Onde se cantou mais intimamente à Mãe das Mães, à Mãe Maria<sup>91</sup>?— Donas, galegas, falai galego!

### IV

Amai a nossa língua, os entusiastas da nossa grandeza nacional!— O rei cercou Sevilha; as naus sobem o rio e já chegam engalanadas

---

<sup>91</sup> *Mãe das Mães*, à *Mãe Maria* remete às *Cantigas de Santa Maria*, do Rei Sábio. A expressão «Mãe das Mães» decalca o refrão da *Cantiga X*: «Rosa das rosas e Fror das frores, Dona das donas, Senhor das senhores». Confirma-o o convite imediato: «Donas galegas, falai galego», que por sua vez parece aludir ao Pondal de «Meninas da Crunha», cujo estribilho, literal, é «falade, miniñas, falade galego». Para além disso, Viqueira ecoa o também pondaliano «A fala»: «Nobre e harmoniosa / fala de Breogão» (Brea Hernández 2011: 193-194).

de flores!— Briosas vão as naves de Charinho<sup>92</sup>, o almirante poeta das saudosas barcarolas; rompem as cadeias que fecham o Guadalquivir os primeiros, a vanguarda. E os galegos saúdam Sevilha como sua; e a fala do noroeste ressoa a primeira nas veigas sempre fecundas dos laranjais e das prateadas oliveiras!

## V

Língua, canto eterno do trabalho, dos humildes, dos amigos da terra fecunda, prados verdecentes, douradas espigas e fragas rumorosas, da oficina em que mil cousas giram e bruam, do mareiro labor fatigoso de aqueles que em levianas barcas caminham sobre as ondas espumantes. Língua real não falsária és tu, a dos que amamos o heroísmo calado de todos os dias.

## VI

Galegos, amai, cultivai o rico tesouro da nossa língua! Só falando-a sereis livres, já que o homem sem estirpe é uma abstração.— Orgulho da estirpe eu vos peço!— Ser livres é sê-lo como homens, como povo e como indivíduo.— E lembrai-vos que diz Goethe: «Só aquele que soube conquistar cada dia a sua liberdade é digno de ser livre!»<sup>93</sup>

## VII

Palavra, tu que tens as asas cor do íris no céu, vai de alma em alma, batendo na porta e dizendo: «Espertai, galegos: os tempos são chegados!»

## 9. PARA OS COSMOPOLITAS DE CASQUILHA: PALAVRAS AJEITADAS

[ANT, núm. 56 (30 de maio de 1918), p. 3.]

Que ledice para os bons galegos vermos o êxito das Irmandades! Elas são o lar onde nasce, onde germola a cultura galega do amanhã.

<sup>92</sup> Paio Gomes Charinho (1225?-1295), sob Fernando III, de Castela, com Pêro da Ponte (início do séc. XIII-1252?) e Bernaldo de Bonaval («Segrel galego, que andou nas campanhas reconquistadoras de Fernando III» diz Pinheiro Torres, 1977, p. 94), participou na conquista de Sevilha (1248). Chegaria, sob Sancho IV, a «Adelantado Mayor» da Galiza, para além de quinto almirante de Castela. Dele se conservam vinte e oito (28) cantigas.

<sup>93</sup> A frase, posta em boca de Fausto, em diálogo com Mefistófeles, pertence ao ato V da II parte *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe. «Nur der verdient sich Freiheit wie das Leben, Der täglich sie erobern muß.»

No dia em que nos lugares mais pequenos existir uma Irmandade, o problema galaico achar-se-á resolvido.

Pobres os cosmopolitas que nos desprezam, Irmandades, e dos chamados cultos que não vos entendem. Cosmopolita é aquele para quem — como disse Menandro — nada humano lhe é alheio; não aquele a quem até a sua terra lhe é estranha<sup>94</sup>. Culto é aquele que não imita, mas por si produz cousas. Portanto, ride-vos da *nossa* cultura e do *nosso* cosmopolitismo (quer dizer, da cultura e cosmopolitismo usual).

Vejo, irmãos, muito aginha um glorioso porvir para a Galiza. Trabalhem e não se demorará o fruto para a colheita.

Terra a nossa!

## 10. PENSAMENTOS. À memória do insigne galego Luís Porteiro Garea<sup>95</sup>

[ANT, núm. 72 (15 de novembro de 1918), p. 2.]

I

Quais são os povos que hoje emergem à face da história? Os que tinham criada a sua consciência nacional: Hungria, Finlândia, Boémia.

<sup>94</sup> A frase *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* [*Homem sou: nada de humano estimo alheio a mim*], em boca do ancião Chremes, pertence à cena I do ato I da comédia de Públio Terêncio Afro (ca. 190-159 a.C.) *Heautontimoroumenos*. [«Punidor de si próprio»], cujo argumento está tomado duma comédia, perdida, de Menandro (ca. 342-ca. 289 a.C.)

<sup>95</sup> No núm. 71 (5 de novembro de 1918) de ANT, já na primeira página, dá-se conta da morte de «Luís Porteiro Garea: Nasceu em Lugo [16 de novembro de 1889]-Finou em Compostela o 27 de outubro de 1918. Irmãos: que o morto, que alenta nos seus pensamentos, viva sempre em vós; sigamos o caminho, cheio de luz que abriu o seu génio.»

No «In memoriam» (ib.: 2-4), de Antão Villar Ponte, o seu introdutor no galeguismo, é chamado «O pensador», «O génio» e «O homem». Sob a epígrafe «A iniciação nacionalista» diz Villar Ponte:

«Eu fiz um folheto com nacos do meu ser de homem *natureza*. Aquele folheto tem para sempre encarcerada a minha alma. Serviu, decerto, de gelosia de confessorário para que Porteiro, todo o galego, confessasse e peneirasse nele o seu sentimento. As folhas do meu folheto, escritas com sangue, ajeitaram-se para que o lume aceso no coração de Porteiro prendesse nelas e pudéssemos oferecer assim à Galiza uma fogueira cheia de muxicas ideais que, como as sagradas das antigas vestais, não tenha acabamento jamais.»

No semanário, dedicados ao saudoso galeguista, há textos de Luís Penha Novo, Ramão Villar Ponte, Afonso R. Castelão, R. Cabanilhas, M. Banet Fontenla, «Um irmão», Correa Calderón, além dumas «Linhas biográficas» e «Carta póstuma. As derradeiras palavras do lutador». Xavier Castro diz: «O nacionalismo de Porteiro Garea está incardinado de mais na problemática geral da Espanha para ser um nacionalismo intransigente e de tom excluinte. Admirador fervente da obra de Joaquín Costa, concebe o ressurgir da Galiza no contexto do ressurgimento espanhol após o abalo brutal que na consciência nacional incutiu a crise do 98.» (*Porteiro Garea*, 1974, p. 158)

O dia de amanhã será também a Irlanda e... tantos outros! O primeiro para uma nação ser livre é conhecer a sua própria essência, o seu próprio ser; melhor ainda, senti-lo varuda e fundamente, ser consciente dele. A única verdadeira política para as gentes oprimidas é o espertar da sua alma!

## II

Lembremo-nos! De Návía para acô<sup>96</sup> fala-se galego, os que moram naquelas terras são galegos. E grande parte do Berzo é também nosso! A Galiza histórica é mais extensa do que a “Galícia” atual!

## III

Hoje atravessamos por um dos maiores momentos da história do mundo. Não esqueçamos o nosso dever; cumpramos a nossa missão! A Humanidade espera-a de nós!

## IV

Eis o que deve ser o nosso programa imediato:

1.º Autonomia integral para a Galiza, substituindo as atuais deputações por um *Parlamento galego*.

2.º Autonomia municipal. (Condições as duas para o que se segue:)

3.º Leis sociais: *libertação dos labregos, leis para os operários e labregos, reformas da velhice, segurança contra o desemprego forçoso, doença, etc.*

4.º Reforma do ensino: *ampliação de escolas, reforma do bacharelado, ampliação e renovação da Universidade, criação das Escolas Técnicas.*

5.º Fomento da riqueza: *proteção à agricultura, aumento das indústrias pesqueiras, fundação de linhas mercantes e aperfeiçoamento dos portos, construção de caminhos-de-ferro, pelo menos o da costa e o de Santiago à Crunha, estabelecimento de privilégios alfandegários, no sentido*

---

<sup>96</sup> Viqueira escreve na Crunha e desde essa comarca evoca o território pelo qual a Comunidade lusófona da Galiza se estende ao longo do norte peninsular, espanhol: o pertencente à atual Comunidade Autónoma galega e, exterior, a ela, o incluído no Principado das Astúrias.

*livre-cambista, para a Galiza*<sup>97</sup>

Isto é um esquema. Sob as epígrafes anteditas, deve de ir toda uma ampliação que farão os especialistas.

V

Quanto mais *longe da Terra*, mais galego sou, mais sinto a minha gente! Não foi em Paris, em Berlim e em Londres onde mais chorei a nossa decadência? Era que ali sentia o que podíamos valer. Os nossos chamados cosmopolitas têm de aprender a olhar para o mundo! Daquela far-se-ão galeguistas.

VI

Sou hespanhol! Mas hespanhol duma Hespanha grande e verdadeira que tenha por suprema lei a liberdade, onde todas as modalidades e individualidades (nações, cidades, indivíduos) possam chegar à sua máxima expansão!— Não duma Hespanha podre e decadente.— Eu enxergo no horizonte o nascer da minha Hespanha!

---

<sup>97</sup> Viqueira parece ecoar alguma das ideias que o político catalão Prat de la Riba (1870-1917) expôs no seu *La nacionalitat catalana* (1906), ampliadas anos depois por Castelão no *Sempre em Galiza*. Vejam-se as notas 80, ao Livro II, e 79, ao Livro III, da edição preparada por Fernando V. Corredoira, para Através Editora, 2010.

## ANO 1919

### 11. DA RENASCENÇA LINGUÍSTICA.

[ANT, núm. 77 (6 de janeiro de 1919), p. 4-5.]

#### I

Para os tempos novos, fala nova! O galego é algo que se faz, que se cria, não algo feito. Mas para o fazer, devem conhecer-se as suas possibilidades atuais (a sua gramática) e as suas possibilidades futuras em germe nas atuais (o seu dinamismo).

#### II

Gramática galega temo-la. A de Saco e Arce<sup>98</sup>, embora velha, é aproveitável. Além disso, temos as gramáticas portuguesas que muito nos podem ensinar.— E o mesmo digo dos dicionários.— E que os novos façam novas gramáticas e dicionários novos!

#### III

Quanto ao léxico, às palavras e à sua pureza, quero fazer com que se observe que não devemos ater-nos à realidade linguística de hoje, sobretudo à impura das vilas. Leiamos os textos antigos e clássicos! Vede, p. ex.: Uns escrevem *conocer*; outros, *conecer*. Na *Gramática* de Saco e Arce e em Sarmiento<sup>99</sup> encontramos a verdadeira forma: *conhecer*

<sup>98</sup> João António Saco e Arce (1835-1881) «[m]inistrou a cadeira de Língua Grega nos Institutos provinciais de Castelló de la Plana, Ponte Vedra e, desde 1863, Ourense. Negou-se a jurar a *Constitución* de 1869, e foi dado de baixa pela Regência em 1870. No ano da *Revolución* [*Gloriosa*, 1868], Soto Freire imprimira-lhe em Lugo a *Gramática gallega*» (Carvalho Calero 1975: 110). Na capa interior diz: *Gramática Gallega, por Don Juan A. Saco Arce, presbítero, catedrático en el Instituto de 2.ª enseñanza de Orense*, Lugo, Imprenta de Soto Freire, [Calle de San Pedro, núm. 31], 1868. Em 1878 publica o volume *Poesías*, que «contém versos em castelhano (páginas 9-363-) e em galego (páginas 363-413). Estes últimos reduzem-se a nove composições.» (Carvalho Calero 1975: 111; *Vid.* González Blasco *Juan Antonio Saco y Arce* 1974). Santamarina (*Gramática* 1974: 192) diz: «o facto de o galego moderno estar desprovido duma literatura que desse autoridade a determinadas formas face a outras (ou que permitisse deslindar entre o culto e o vulgar, como acontece nas línguas com longa tradição literária) obriga a Saco tomar como modelo o galego falado; mas não o galego falado por um público cultivado (porque este desertara do galego e se exprimia em Castelhano), mas o falado pelos rústicos, que são os que mais incontaminado mantêm o idioma»

<sup>99</sup> Sobre Fr. Martinho Sarmiento [Sarmiento] (1695-1772), o Prof. Pensado (Sarmiento 1768.1974: 83) observa: «Apesar de não ter publicado nada, Sarmiento significa muito no seu século; a sua opinião é muito qualificada perante o rei e os seus conselheiros, que direta ou indiretamente lhe consultam com frequência.» Relativamente aos estudos linguísticos, assinalara: «por cima de todos os seus escritos

E assim sempre; quer nos textos, quer nas referências a eles, achareis as formas puras. Se não, ide buscá-las ao português.

#### IV

Eu escrevo os plurais galegos, nos casos correspondentes, em *-aes* e não em *-ás*, porque: (1) *É* a forma mais próxima do português e ajuda a mais ser compreendida a nossa língua. (2) *É* a forma que existiu até o século XV, em que alterna com os plurais em *-ás*. (Assim, p. ex., *sinaes* e *sinás* usaram-se ao mesmo tempo). (3) Oradores de fonética, de pronúncia pura (p. ex. o meu amigo Penha Novo<sup>100</sup>) tendem a pronunciar os plurais à portuguesa; assim, dizem *sinaís*, escrito *sinaes*. Esta penso que é a pronúncia futura. Cada um pronuncie como quiser!

#### V

Muito bem diz o meu amigo Correa Calderón<sup>101</sup>: Temos de criar o galego do nosso século!— Eu engado: o galego integralmente, no seu léxico, na sua gramática, na sua pronúncia.— Esta pronúncia, ou dicção nossa, tem de ser o selo dos galegos escolheitos!— Devemos não só pronunciar melhor, mas dar-nos uma maior riqueza fonética no galego. E isto pode ser!— Do século XV ao XVI mudou totalmente a fonética do castelhano, ainda que os gramáticos *académicos* favorecessem a conservação da antiga pronúncia!— Libertemo-nos da fonética

---

está o interesse etimológico, centrado antes de mais no castelhano e nos seus velhos textos [1730]. Estende-se depois (1745) ao galego, e com a segunda viagem à Galiza (1755) robustece-se e coalha em trabalhos como o *Onomástico latín-gallego de los vegetables que vio el P. Sarmiento*, talvez de 1756, o mesmo que *Borrón de varios nombres gallegos de vegetables*, ou o *Onomástico etymológico de la lengua gallega* [1757-1769] e os *Elementos etimológicos según el método de Euclides* [1758-1766]. Ainda em 1770 escreve o *Discurso apologético por el arte de rastrear las más oportunas etimologías de las voces vulgares*.»

<sup>100</sup> Luís Penha Novo (1893-1967), «[p]rimeiro vereador [ou *concelheiro*] eleito do nacionalismo galego, destacado jornalista e brilhante orador, foi um dos principais impulsores das *Irmadades da Fala* e sem dúvida o máximo estudioso da realidade sócio-económica galega na altura.» (Roca Cendán 1974: 162). Publicou *El problema agrario de Galicia. Su resolución* (1918), *La Mancomunidad Gallega* (1921) e *Nuevas orientaciones sociales* (1929).

<sup>101</sup> Evaristo Corr a Calderón (1899-1986) publicou obra em galego entre os anos 1923 e 1928: na coleção *Céltiga*, de Ferrol, *Luar*, três contos (1923), *Conceición singela d'o ceo* (1925), *Margarida a da sorriso d'aurora* (1927) e o poemário *Ontes* (1928); as três últimas redigidas em grafia quase portuguesa. Em 1929 deu a lume *Índice de utopías gallegas*, em castelhano, língua, em diante, de todas as suas publicações. Em 1924 dirigira, com Álvaro Cebreiro, *Ronsel, revista de arte*, de orientação galaico-portuguesa.

castelhana e depuremos a nossa!

## VI

Que quer dizer velhos e novos? Não os que têm poucos e muitos anos. Mas os jovens de alma e os velhos de espírito. Há homens de vinte anos que são velhíssimos e velhos de oitenta que são ainda valentes rapazes!

## VII

Que não temos clássicos galegos?— Façamos nossos os clássicos portugueses. Sobretudo Camões<sup>102</sup> pode ser o nosso mestre!

## VIII

A ortografia etimológica deve ser a nossa. Precisamos estudá-la. Como? Aprendendo a escrever em português.— Nós, galegos *futuristas*, temos de exprimir-nos indiferentemente em espanhol, galego, português e inglês! Estas quatro línguas hão de ensinar-se na Escola Primária. Extravagância?— Não: faz-se na Bélgica, em Suécia e noutros países!<sup>103</sup>

## 12. PROSAS LÍRICAS. O CAMPO E A CIDADE

[ANT, núm. 84 (25 de março de 1919), p. 2.]

### I

Num cantar perene as laverças sobem voadoras para o céu, do monte florido de tojos. Embaixo de mim, alumiadas pelo sol entreveado de primavera, as ondas mareiras espargem a sua cabeleira espumosa, dizendo o seu perdurante hino de imensidade e força. Batem nos diques

<sup>102</sup> De Camões cumpre salientar, entre outros aspetos, o facto de ser de ascendência galega e o de *Os Lusíadas* ter sido estimado fundamento da nacionalidade portuguesa, mesmo por espanhóis como Juan Valera, diplomata em Lisboa e escritor. Rosalia de Castro tem-lhe dedicado um poema que recolhe e comenta Ernesto Guerra da Cal (*Antologia poética* 1985: 9-12). É também significativo que António M.<sup>a</sup> de la Iglesia no volume de *El Idioma Gallego, su Antigüedad y Vida* tenha incluído entre as amostras de galego antigo o episódio dos Lusíadas referente a Inês de Castro, que começa «Estavas, linda Inês, posta em sossego...»

<sup>103</sup> Viqueira, mais do que o bilinguismo hoje institucionalizado (que na altura mal se enxergava), propõe, já no Ensino Primário, o conhecimento doutras línguas, além da francesa, única então extensamente ministrada no Ensino Secundário. Por outro lado, repare-se nesse “futuristas” um aceno nada implícito à vanguarda. Poucos anos depois será lançado desde uma determinada militância vanguardista o *Manifesto Mais Alá* por Manuel António e Álvaro Cebreiro. Desta há edição-fac-similar preparada por Xosé María Dobarro Paz, Xesús Torres Regueiro e Ernesto Vázquez Souza e publicada no ano 2.000 pela A. C. Eira Vella, de Betanços.

da cidade mesta, moreia de casas agora, espalhando-se pelos verdes outeiros. Ali começa a aldeia!

## II

Vede aqui os dous momentos da vida galega, dous momentos essenciais: uma campina, uma aldeia imensa, quase desconhecida, e uma cidade que principia a conhecer-se a si própria, a ser si mesma e a penetrar o segredo da existência nos lares campestinos.

## III

Entre a cidade e a aldeia por longo tempo houve funda separação. As gentes, habitantes das casopas agachadas nas velhas fragas e nas anosas carvalheiras, possuíam existência própria, tinham a sua língua, os seus usos e, do mesmo jeito que o labrego trabalhava as leiras, com o arado celta, guardava na sua alma, no mais íntimo, milenárias reminiscências. Os velhos deuses, cobiçosos de fugir do exílio, moravam ainda ocultos nas congostas, nos bosques e nos marinhos penedos. Tudo era ali primitivo, mas também rijo e sincero. Existência verdadeira, produzindo-se real e positivamente de si mesma! Ali se mantinha intata a alma galega e milheiros de germes fecundos, latitantes, aguardavam somente um impulso para se desenrolarem, que não vinha de nenhures porque a cidade, que devia dá-lo, ignorava-se a si mesma e à dormente campina. Dito doutra maneira: não surgia a visão clara dos problemas do país!

## IV

Qual era a razão disto? Houve na Galiza uma época (e alguns vivem ainda nela), em que se cultivava uma vida falsa de irrealidades e aparências; cria-se em cousas imaginárias e esqueciam-se a substância e os problemas do nosso povo. Os galegos deram em imitar uma existência banal e leviana, decadente e amaneirada. Ainda nos momentos de desabafo, em que (parece) teria de predominar a espontaneidade, surgia o traço de exotismo que devinha, por vezes, de brutalidade. O canto e a poesia, entre outras cousas enxebres, desleixavam-se e as praças de touros lixavam-se, entrementes, em festas contrárias aos instintos raciais.

## V

Um dia começou a cidade a pôr atenção nas palavras dos que predicavam uma vida de intimidade com as próprias realidades; principiou a fazer-se consciente de si mesma e também se decatou de que pertencia a uma unidade histórica constituída em grande parte pelas aldeias perdidas entre a folhagem e os milhos. Relembrou-se do campo, onde latitavam tantas cousas nobres ignoradas, e apareceu-se-lhe claramente a sua missão diretora, criadora de novos valores. A Galiza, achando a sua essência, salvara-se: uma época brilhante da sua história nascia!

## VI

Como um símbolo erguem-se sobre os outeiros ribeirinhos os verdes pinheiros — mensageiros de amor, que cantara um velho rei poeta<sup>104</sup> — cheios de força, respondendo às brisas e vendavais dos mares, que trazem um hálito de mundial distância, com os mais formosos cantos, as suas raízes rijamente termando na Mãe Terra!

### 13. O GRANDE DILEMA: SER OU NÃO SER

[ANT, núm. 92 (15 de abril de 1919), pp. 2-3.]

#### I

Arredor de mim surge o esplendente espectáculo da Primavera, gigante ondulação de vida, de produção da realidade funda, movida daquele perseverar no seu ser, da arela de viver, de que falara Spinoza e versificara Goethe. Cada átomo de vida exalta-se cobiçando perdurar em si mesmo e abranger a mais maravilhosa floração. Existir é existir no

<sup>104</sup> No contexto da tradicional oposição entre campo-aldeia vs. cidade-corte, Viqueira alude a D. Dinis. «Filho do rei D. Afonso III, nascido em 1261, subiu ao trono em 1279 e morreu em 1325. Além de muitos actos relevantes em vários sectores da administração, cabe-lhe, no domínio cultural, a glória de ter fundado a Universidade que, sediada em 1290 em Lisboa, foi transferida a Coimbra, e determinado que na língua vulgar portuguesa, e não na latina, passassem a ser redigidos os documentos judiciais. Quanto à sua obra poética, o que dela nos restou [...] é suficiente para torná-lo o mais fecundo trovador português.» (Cunha 1978 I: 264). A cantiga, «Ai, flores do verde pino, / se sabedes novas do meu amigo? / Ai, Deus, e u é?», é «belíssima pelo apelo directo a elementos da Natureza, as flores dos pinheiros verdes, que a amiga anima como se estas lhe pudessem responder. O que há de maravilhoso é que as flores lhe dão mesmo resposta e lhe dizem que o apaixonado dela se encontra dão e vivo.» (Torres 1977: 251).

próprio ser, concretamente, na individualidade. Se a individualidade concreta se perde, sobrevém a morte em proveito doutro ser. O que não se afirma e perdure será assimilado, esmorecerá, depois morrerá<sup>105</sup>.

## II

Quando um homem atravessa na sua vida uma crise, põe-se o dilema de ser ou não ser. Que é isto senão perguntar-se: ser como indivíduo ou não ser? Os povos, personalidades coletivas, também nas suas grandes crises sentem em toda a sua acritude o dilema de *ser ou não ser*<sup>106</sup>. E não equivale isto a serem com a sua própria alma, com a sua própria essência, ou não serem?

## III

Os que amamos a nossa gente galega, o nosso Povo e a sua personalidade tão bela, sentimos hoje nos nossos peitos a angústia do ser ou não ser. A Galiza, se quer existir como um momento da civilização humana (única existência digna), tem de ser ela mesma, desenvolvendo as infinitas fecundas realidades que potencialmente encerra. Não podemos desejar para ela mutilações bárbaras, prelúdios de morte.

## IV

Mas para isso precisa-se que os galegos estejamos dominados pelo impulso de existir<sup>107</sup>. Tende aqui o capital. Façamos profissão

---

<sup>105</sup> Viqueira expõe brevemente a filosofia de Baruch (Bento) Spinoza (1632-1677), mormente da Parte I da *Ethica more geometrico demonstrata* (1660-1675): a Realidade fica desenhada como positiva e plena; os seus atributos são infinitos. Relativamente às paixões, «sendo próprio de toda a coisa perseverar no ser, cumpre estimar o afeto principal do homem o do apetito ou desejo (*cupiditas*). Dele nascem a alegria (*laetitia*), como ideia do acrescentamento de perfeição, e a tristeza (*tristitia*), como ideia da sua diminuição» (Ferrater 1971 II: 715). A «filosofia política de Spinoza é defesa da tolerância religiosa e ideológica dentro do Estado, cuja missão é a realização da justiça e a proteção dos seus membros contra as próprias paixões, tendo em conta os ditados racionais.» (ib.)

Por outro lado, na alusão de Goethe Viqueira talvez esteja, de novo, a referir-se ao *Fausto* (I Parte, sobretudo).

<sup>106</sup> No dilema, argumento de duplo gume ou *sylogismus cornutus*, do título ecoa-se a dúvida hamletiana (Shakespeare, *Hamlet*, Ato III, Cena I). No contexto, cabe suspeitar que Viqueira equipara o persistir da Galiza como povo ao dilema metafísico?; àquele «cuja resolução não depende da determinação racional mercê do princípio lógico de [in]contradição, mas apenas objeto de decisão e, no fundo, de crença» (Ferrater 1971 I: 457).

<sup>107</sup> Sem citar o nome, Viqueira parece referir-se à filosofia de Henri Bergson (1859-1941): o *impulso de existir* ou, ao *élan vital* bergsoniano, atingível, quase de modo inefável, pela suprema intuição que é a metafísica: «[...] o homem deve tentar ir além dos olhos da inteligência, que se aplica sobre o facto,

de fé de galeguismo e, conservando sempre um horizonte mundial, profundemos nas funduras da nossa história. Quando uma grande e valorosa minoria (os precursores lutam rijamente), cheia a alma, acesa de galaicismo, nasce, as suas energias ir-se-ão difundindo pelo país inteiro e apresentar-se-ão as produções universais<sup>108</sup> da raça ao calor dum novo ideal.

## V

O nosso dilema é, galegos, ser ou não ser. Seja um ato de vontade a resolução vital: Sermos com toda a plenitude da existência. E a língua ancestral nos nossos lábios acredite a esperança imensa na pátria dos filhos!

### 14. O REGIONALISMO NA FRANÇA

[ANT, núm. 95 (25 de julho de 1919), p. 2.]

Trecho do «Prólogo» do regionalista bretão Le Goffic<sup>109</sup> ao livro

---

para se colocar dentro da originária intuição, que a nossa ação livre nos permite experimentar e que se aplica sobre o devir ou, dito melhor, é o próprio devir», assinala Ferrater Mora (1971 I: 200).

<sup>108</sup> A respeito de "universais", em nota de rodapé que omitem *Ensayos y poesías* (1930) e *Ensaïos e poesías* (1974), Viqueira volta ao dito no artigo 4, «Da renascença linguística»: «Os plurais em -aes como *universaes* têm no galego duas pronunciações, que eu escrevo desta única maneira. Podemos pronunciar rematando em -ás; p. ex., *universás*. Ou podem-se pronunciar terminando em -ais; p. ex., *universais*. Do primeiro plural nada hei de dizer. O segundo (ainda que se negue) existe, como o provam os seguintes versos de Rosalía (de *Folhas novas* [«Livro I. Vaguidades». Poema XVIII]):

*Que s'el me chama sin parar, eu teño  
un-has ansias mortais d'apousar n'el.*

[«Livro III. Vária» Poema «Era n'o mes de Mayo»]

*D'os trinos matinais dós paxariños*

»Em consequência, os meus leitores podem pronunciar -ás ou -ais os plurais em -aes; a segunda forma, como mais melodiosa, mais antiga e mais literária. A forma ortográfica -aes é útil pela sua semelhança com o português. A meu ver, não basta ouvir falar aos labregos para escrevermos galego; antes, faz falta estudar os clássicos medievais e posteriores. O galego, para se fazer língua culta, tem de transformar-se.»

<sup>109</sup> Charles Le Goffic (1863-1932) estudou em Nantes, Rennes e Paris e dedicou-se inicialmente ao ensino, para se consagrar em definitivo à literatura. Em 1887 fundou, com Maurice Barràs, Raimond de la Taille e Jules Tellier, *Les Chroniques*, revista de tendências regionalistas. Estimáveis ao respeito são o poemário *Amour Breton* (1889) e os estudos sociais *Sur la côte* (1896), *Les métiers pittoresques* (1901) e as duas séries de *L'Âme Bretonne* (1902-1908). Foi vice-presidente da *Union régionaliste*

de F. Jean Desthieux, *A evolução regionalista*<sup>110</sup>, que acaba de se editar em Paris.

Louis Blanc<sup>111</sup> escrevia desde o 1850: «Que é Paris? Que é a França? Imaginai-vos uma leira; em vez de a sementar em toda a sua extensão, se quisesse deitar a semente num lugar só, onde corre o perigo de não germinar, precisamente porque se acha nele amontoada. Este campo é a França; este lugar é Paris.»

Ainda com mais força Lamennais<sup>112</sup> dizia: «A centralização é a apoplexia do centro, a parálise das extremidades.»

Vede aqui o mal de que nós sofremos e que temos de curar. A unanimidade quase total dos pensadores, dos melhores espíritos de todos os partidos, mostra que não se trata dum problema de escola, mas duma questão vital. O velho mundo desfaz-se. O amanhã não se parecerá ao hoje. Mas já agora se impõe um facto a todos os observadores: a tendência contrífuga dos diversos grupos étnicos do antigo continente. Uma aspiração universal de autonomia arrasta todos os povos, checos, iugoslavos, finlandeses, catalães, etc. Como pôr de acordo essa corrente particularista com a corrente internacionalista que, ao mesmo tempo e com uma força tão grande, os conduz à supressão das fronteiras? Qual das duas correntes será a mais forte? Ou, depois de se oporem,

---

*bretonne*, criada em 1898 e membro da Académie française. Apesar de falar perfeitamente bretão, não queria utilizá-lo nos seus escritos por temor "de se montrer inférieur à sa réputation" («Notice nécrologique» in *An Oaled-Le Foyer breton*, núm. 40, 2 trimestre 1932, p. 5-6).

<sup>110</sup> Jean Desthieux (1895-1944), escritor e poeta, foi fundador da *Académie méditerranéenne* e da revista *Heures perdues*; jornalista no *L'Intransigeant*, no *Figaro*, no *Nouvelles littéraires*,... O título do livro a que se refere Viqueira é *L'évolution régionaliste--Du Félibrige au fédéralisme*, Paris, Éditions Bossard, 1918.

<sup>111</sup> Louis Blanc (1811-1882) foi filho dum funcionário de José Bonaparte, rei da Espanha (1808-1814), jornalista e teórico do socialismo em *L'Organisation du travail* (1839) e *Le Droit au travail* (1848); autor também duma *Histoire de la révolution de 1848* (1870).

<sup>112</sup> Félicité Robert de Lamennais (1782-1854) entende que no homem prevalece, não a razão, mas as crenças, que o guiam. O Papa Gregório XVI condenou tanto a sua concepção doutrinária, quanto política (1832 e 1834). Em 1830 fundou, com Montalembert e Lacordaire, o jornal *L'Avenir*, de lema "Dieu et Liberté", que propugnava a liberdade de ensino e a separação de Igreja e Estado bem como a liberdade de consciência, de imprensa e de religião, ideias que a Bélgica independizada em 1830 adotou. Das suas obras apenas cito *Le Pays et le gouvernement* (1840) e *Esquisse d'une philosophie* (1841-1846). Não consegui localizar a expressão «La centralisation, c'est l'apoplexie au centre, la paralysie aux extrémités», repetida mas sem a referir a obra sua nenhuma.

conciliar-se-ão, reunir-se-ão? É provável. Talvez vamos caminho de se constituírem pátrias cada vez menores, como na Idade Média. Dum pó de nações, de pequenas comunidades étnicas ou linguísticas, às quais a própria debilidade imporá a necessidade dum laço federal, formar-se-á a Europa do amanhã. O perigo está em que, enquanto todos esses elementos possam agrupar-se segundo as suas afinidades naturais, uma Prússia intata e uma Alemanha fortemente federada, exerçam sobre os mais próximos uma atração que equivaleria aginha à sua absorção no império alemão. O bloco das nações latinas e anglo-saxãs bastará para fazer contrapeso a esta medonha *Tugendbund*<sup>113</sup> («Liga da Virtude»)? Podemo-lo esperar ainda. Mas este bloco não será sólido, não desenvolverá toda a sua potência, enquanto não tiver satisfeito as aspirações que contém no seu seio e que doutra maneira tenderão a desfazê-lo. Não há Anfictionia<sup>114</sup> viável mais do que a este preço. O exemplo das colónias inglesas, investidas duma ampla e flexível autonomia, respondendo ao chamado da metrópole, prova-o claramente. Que proveito, em troca, tirou Inglaterra da sua política egoísta na Irlanda? E, entre nós, em 1900 a proibição do bretão não acabou fazendo surgir uma nova *chounarie*<sup>115</sup>? Os antagonismos interiores, gerados pela centralização, desaparecerão com ela. Quanta mais independência tiverem as células do corpo nacional, melhor trabalharão por ele. Segundo a fórmula que Michelet<sup>116</sup> aplicava à República, as pátrias futuras terão de ser *grandes amizades*.

<sup>113</sup> *Tugendbund* ou «Liga da Virtude» é nome duma associação fundada em Königsberg (abril de 1808) para exaltar as virtudes cívicas e a libertação da Prússia. Uns setecentos membros, quase todos universitários, integravam-na. Foi sucessivamente proibida por Napoleão (1809), participante na insurreição nacional (1813) e suprimida por liberal (1815).

<sup>114</sup> Anfictionia foi a reunião, religiosa, de doze povos gregos. Inicialmente estabelecida em Termópilas, deslocou-se a Delfos, onde se achava o oráculo. O objetivo de Anfictionia era examinar os assuntos da Grécia, prevenir as guerras, julgar causas.

<sup>115</sup> Viqueira, em nota de rodapé, explica: «Guerra civil da Vendée. N. do T.» Porém, a denominação correta é *chouannerie* ou guerra dos chouans (pelo nome do chefe mais caracterizado, Jean Chouan). Foi levantamento contra a Revolução francesa que afetou as zonas rurais do oeste da França (Bretanha e Maine) em três fases, entre 1794 e 1800.

<sup>116</sup> Jules Michelet (1798-1874) publicou os primeiros volumes da *Histoire de France* (1833-1846), *Les Jésuites* (1844), sete volumes da *Histoire de la Révolution* [francesa] (1847-1853), os seguintes doze volumes da *Histoire de France* (1855-1867). Por volta de 1840, em defesa da liberdade e desde ideias, herdeiras da revolução republicana, combateu a política conservadora dos governos.

Le Goffic (Paris) (*Tradução de V. Viqueira*)

## 15. PENSANDO NA FUTURA PÁTRIA. NOVOS POETAS DE PORTUGAL.

[ANT, núm. 95 (25 de julho de 1919), p. 3.]

I

### AOS LEITORES

Com um fundo interesse ibérico começo a escrever estes meus artigos. Galegos, sejamos conscientes da nossa importância para a futura fraternal Ibéria e, tão perto de Portugal e das outras culturas peninsulares, trabalhemos pela irmandade de todas elas.

Falar-vos-ei<sup>117</sup> de poetas portugueses. Nada novo farei. Só interpreto uma antiga arela do nosso Povo. Já pelo ano 1863 a revista *Galicia*<sup>118</sup>, que se publicava na Crunha, fez o mesmo e pelos mesmos motivos.

Amiga a poesia é dos que divagam. Divagando conversarei convosco, leitores com pensamento ceivo, e quero que os poetas digam sempre os seus versos, os seus melhores versos<sup>119</sup>.

II

### AFONSO LOPES VIEIRA

É este um dos maiores poetas europeus. Nas suas poesias resplandece a alma da raça e da terra de além Minho, querida Terra irmã. Tem por vezes delicadezas subtis, como nos seus livros *Animais Nossos Amigos* [1911] e as *Poesias sobre as Cenas Infantis de Schumann* [1915], sobre as páginas musicais [desse compositor]. Mas às vezes também a sua musa se ergue brilhante de saudades do passado, de sede do porvir, e canta varudamente em sonoras aladas harmonias.

---

<sup>117</sup> Viqueira escreve: "falar-vos hei".

<sup>118</sup> *Galicia Revista Universal de este reino*, 1860

<sup>119</sup> Em nota de rodapé acrescenta: «Útil será também o meu trabalho, com os seus exemplos, para a reforma ortográfica. Tarde ou cedo (melhor cedo que tarde) chegaremos a um *Acordo Ortográfico* com os portugueses para a nossa maior eficácia no mundo, pois temos de cobiçar uma cultura não aldeã, mas mundial. Fazendo isto, não imitaremos, mas, somente, voltaremos à nossa *própria* antiga ortografia com as modificações que impõe o presente. A ortografia que emprego neste meu trabalho é a que proponho para chegarmos a uma *Norma Unificadora* por agora.»

E, assim remontando, com a sua intimidade, a história de Portugal, encontrou-nos e falou-nos agarimosamente numa cantiga, que os meus leitores já conhecem por se ter publicado na primeira página do número 30 de *A Nosa Terra*<sup>120</sup>, e escreveu *Ilhas de Bruma* [1917], obra esplêndida que muito vos recomendo a vós que me ledes, pois achareis nas suas melodias e ritmos tecidos de palavras<sup>121</sup>, ideias e imagens, ecos do vosso próprio *enxebre* espírito. Num «Prólogo» poético o autor diz:

Revivei na minha alma, ó velhos temas,  
penumbras da claridade.  
E misterioso cante nestes poemas  
*meu amor português — beijo e saudade.*

E em prosa, ao final do livro: «Mas, se porventura, houver neste livro um verso único que ajude a exprimir a Alma Portuguesa, o autor considerará este pequeno poema, em tal hora vindo, como sendo mais uma afirmação do supremo carácter da Raça — o lirismo.»

E agora mostrar-vos-ei alguns dos versos de Vieira que mais gosto de ler, já que não todos, ainda que merecentes da maior louvança sejam eles. Antes vos lembrarei e exprimirei por isto o meu maior agradecimento ao insigne e distintíssimo poeta que nos permitiu reproduzir algumas das suas composições em *A Nosa Terra*.

---

<sup>120</sup> Em nota ao § III *Lirismo*, na conferência *Divagações enxebristas*, transcreve-se o texto do poema de Afonso Lopes Vieira, citado («Ó Galiza, Galiza dos verdes prados»), de feitura neotrovadorista, que, tendo em conta o conhecimento e entusiasmo manifestos na recensão, influiu sem dúvida na formalidade dos ensaios neotrovadoristas do próprio Viqueira («Poemeto da vida», *infra*, p. 252)

<sup>121</sup> No texto publicado diz “verbos”, mas acho que é gralha por “verbes”, vocábulo preferido por Viqueira, ou “verbas”, em todo o caso equivalente a *palavra*.

## O MONGE E O PASSARINHO

*Oy a passarinna cantar log'en tan bon son*<sup>122</sup>.

**D. Afonso o Sábio**

Como é o Paraíso?  
— o monge nisto cuidou.  
Eis que a Virgem, num sorriso,  
logo o milagre ordenou.  
Sentou-se à sombra a cismar  
o monge; e logo pertinho  
começou a gorjear  
o canto dum passarinho.  
Lá do seu alto onde estava  
cantando um canto tão lindo,  
aquela voz continuava  
e o monge ia-a ouvindo.  
Em rota tudo era calma,  
e o monge, sorrindo, ouvia  
a terna voz que descia  
aos ecos da sua alma.  
Após um breve momento  
o passarinho calou-se.  
Saudoso da voz tão doce  
o monge foi p'ra o convento.  
Mas quem tal acreditara?  
Ninguém o lá conhecia,  
todo o convento mudara  
mudara tudo o que via!  
O passarinho gorjeando

<sup>122</sup> «oyu ha passarinna cantar log'en tan bon son» é o v. 23 da 103.<sup>a</sup> das *Cantigas de Santa Maria*, a que se resume: «Como Santa Maria fez estar o monge trezentos anos ao canto da *passaryna*, porque lle pedia que lle mostrasse qual era o ben que avian os que eran en Paraíso». A ela aludira Viqueira no mesmo § III *Lirismo*, da citada conferência *Divagações enxebristas*, em que com justeza remete aos poetas Teixeira de Pascoaes e Afonso Lopes Vieira.

seu canto brando e macio,  
trezentos anos a fio  
ali estivera cantando.

\*\*\*\*\*

## SAUDADES TRÁGICO-MARÍTIMAS

Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.  
Na praia de bruços,  
fico sonhando, fico-me escutando  
o que em mim sonha e lembra e chora alguém;  
e oiço nesta alma minha  
um longínquo rumor de ladainha,  
e soluços,  
de além...

Chora no ritmo do meu sangue, ó Mar.  
São meus Avôs rezando,  
que andaram navegando e que se foram  
olhando todos os céus;  
são eles que em mim choram  
choram de longe em mim, e eu oiço-os bem,  
choram ao longe em mim sinas, presságios,  
de além, de além...

.....  
Chora no ritmo do meu sangue, o Mar.  
Ó meu amor, repara  
nos meus olhos, na sua mágoa clara!  
Ainda é de além  
o meu olhar de amor  
e o meu beijo também.  
Se sou triste, é de outrora a minha pena,  
de longe a minha dor  
e a minha ansiedade.

Vês como te amo, vês?  
Meu sangue é português,  
minha pele é morena,  
minha graça a Saudade,  
meus olhos longos de escutar sem fim  
o além, em mim...  
Chora no ritmo do meu sangue, o Mar

\*\*\*\*\*

### SOMBRAS

As andorinhas, voando,  
cortam o azul com as asas,  
e no beiral meigo das casas  
acolhem-se enfim pousando.  
São assim os olhos meus  
em suas penas sozinhas,  
meus olhos as andorinhas  
do beiral dos olhos teus.

Depois de lerdes estas admiráveis poesias, não vos estranhará que para elas fosse composta música. E certamente foram musicadas algumas delas, as mais doadas, com grande talento pelo insigne músico português Ruy Coelho<sup>123</sup>, levando a sua série de *lieder* o título de *Canções de Saudade e Amor*, melodias dum sentimento moderníssimo e delicado<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> Ruy Coelho (1892-1986) estudou no Conservatório de Lisboa e entre 1909 e 1914 em Berlim, composição. Apresenta no S. Carlos a 1.ª Sinfonia Camoniana, para coro e orquestra (Lisboa, 1914), com a colaboração de Teófilo Braga. Sobre poemas de Afonso Lopes Vieira compôs *Canções de saudade e amor*, a modo do Lied. A ópera *Belkiss*, sobre poema de Eugénio de Castro, é-lhe premiada no Concurso Internacional de Composição de Madrid (1924). Exerceu crítica musical em jornais, como *O Século*, *Diário de Notícias* e *Diário da Manhã*. Compôs treze óperas, cinco sinfonias, duas oratórias e variada música sinfónica, de câmara, de piano e vocal. Mais informação em *A bem da Nação on line*.

<sup>124</sup> Em nota de rodapé faz constar: «Obras de Afonso Lopes Vieira são as seguintes: *Para que?* [1897] — *Náufrago* [1898] — *Auto de Sebenta* — *O Meu Adeus* — *O Poeta Saudade* [1901] — Marques —

## 16. ALMA GALEGA<sup>125</sup>

[ANT, núm. 97 (15 de agosto de 1919), p. 4.]

### I

Entre as novas expressões nascidas com o progressivo desenvolvimento do nosso espírito coletivo, surgiu ultimamente uma — a personalidade galega — reveladora da consciência que de si mesma vai adquirindo a Galiza, porque expressões como esta emergem do fundo do espírito dos povos. Decerto sob a uniformidade da organização hispânica perdurava uma personalidade galega, hoje em rápido despertar, expressando-se na língua, nos costumes e na arte. Onde radica? Pois tem de existir um rasgo psicológico fundamental da vida galega com o qual se acham os outros ajudados, ou não seria o espírito uma maravilhosa e fina harmonia.

### II

Morna, numa nota cinzenta ressoando, veio a Primavera. Sobre o mar plúmbeo que se assanha contra a costa, as andorinhas revoam através do encanto da suave luz crepuscular, bela adormecida deitada nas ondas e na hirta gândara. As linhas são esvaídas, semelham esfumar-se no puro colorido, como uma grande melodia, porque no mundo visto, o musical é a cor, cadoiro sonoro inundando o baldeiro.. Quanto de mais cor alagado no espaço, mais musicalidade, o qualitativo incomensurável enchendo o espírito com íntimo deleite. A terra galega

---

*Conto do Natal* — *O Encoberto* [1905] — *Ar Livre* [1906] — *O pão e as rosas* — *O poço e os poetas portugueses* [?] (conferência) — *Monólogo do Vaqueiro* (Gil Vicente) — *Canções do Vento e do Sol* [1911] — *Rosas Bravas* — *Animais Nossos Amigos* [1911] — *Auto da barca do inferno* (Gil Vicente) — *Canto infantil* — *Bartolomeu Marinheiro* [1912] — *Poesias de Heine* — *Inês de Castro na poesia e na lenda* (conferência) — *A Campanha Vicentina* [1915] — *A poesia dos painéis de São Vicente* (conferência) — *Poesias sobre as scenas infantis de Schumann* [1915] — *Ilhas de Bruma* [1917].»

<sup>125</sup> «Exaltações (prosas líricas) é o título genérico de sete textos, segundo, em *Ensayos y Poesías* (1930), explicam os editores numa nota de rodapé, que traduzo: «Sob este título o autor deixou reunidos os sete artigos que se inserem a seguir; contudo, os dous primeiros não em castelhano, como os publicou primeiramente, mas em galego, que é como apareceram mais tarde na revista ANT. Talvez pensasse incluir nesta série outros artigos que fazem parte deste volume e que são de carácter análogo.» São: 1) «Alma gallega» (*El Sol*, Madrid, 29 de abril de 1918); 2) «¡Ser ó no ser!» (*El Noroeste*, Crunha, 1 de junho de 1918); 3) «A nossa língua»; 4) «O campo e a cidade»; 5) «Liberdade»; 6) «Autonomia»; 7) «Esforço». Preferi conservar o ordenamento cronológico segundo foram publicados em ANT.

é toda musicalidade; a alma galega é música e lírica porque aquela (há uma música interior sem tons) nasce do lirismo. Dizia Schiller<sup>126</sup>: «Uma disposição do espírito emerge e desta origina-se a ideia poética». E o lirismo é algo mais do que fonte de poesia lírica; consentindo na anímica subjetividade, canto interior, fruir e acougar no mundo interno, produz também uma pintura, um drama lírico, ainda que não puramente lírico (só a música e a poesia podem traduzir totalmente a interioridade). Quando se considera o lirismo (como fazia a retórica tradicional) mera fonte de arte, pode ser paradoxal afirmar a existência dum carácter lírico; não, pelo contrário, quando se considera aquele uma disposição do espírito todo. A nota fundamental de que temos falado difunde-se através da vida humana revelando-se na espiritualidade calada, reflexiva, íntima, passional e romântica.

### III

A Galiza foi sempre um povo de cantores. A mais delicada das suas artes populares é a música; música de ritmo incerto, querendo ser, antes de tudo, lírica, cada vez mais lírica. Em Compostela (quem descobriu o segredo dos seus muros carriçosos) o Pórtico da Glória<sup>127</sup> conserva algo assim como um monumento aos velhos cantores medievais que com as suas violas, harpas, frautas, percorriam as cortes dos reis castelhanos e portugueses compondo cantigas de refinado e íntimo lirismo. Aqueles músicos celestes, como os de aqui embaixo, são cantores de amor. Os seus sons vigorosos e tenros fariam tremer muitas

---

<sup>126</sup> Friedrich von Schiller (1759-1805), contra a sua vontade, seguiu a preparação militar, mas acabou cultivando a literatura, a filosofia e a história. Autor da *Ode an die Freude* (Hino à alegria) (1785), que Beethoven integrou no quarto movimento da 9.<sup>a</sup> Sinfonia, viveu sucessivamente em Mannheim, Leipzig, Dresden e, por fim, Weimar (1787), onde se relacionou com Herder, Wieland e Goethe. Escreveu estudos de filosofia e estética, como *Da arte trágica* (1792), *Da graça e da dignidade* (1793), *Cartas sobre a educação estética do homem* (1793-1794), *Da poesia ingénua e sentimental* (1795) e *Do sublime* (1801). «Numa obra de arte verdadeiramente bela, o conteúdo não é nada; a forma é tudo [...]; o segredo certo da mestria na arte consiste em que a forma aniquile a matéria» opina na *Carta 22*. Aliás, a educação estética é em definitivo a educação perfeita.

<sup>127</sup> O Pórtico da Glória (na Catedral de Santiago de Compostela), obra do Mestre Mateus, pelos caracteres, pelos caracteres estilísticos, fazia conjunto com «o primitivo coro pétreo, desmontado em 1604, e o claustro que precedeu ao atual, iniciado em 1521. Seria bom, para contextualizar o artigo, ter ante os olhos as figuras dos músicos e os instrumentos que fazem soar, numerados por Viqueira.

almas inspiradas como a do nosso rei poeta<sup>128</sup>! Quando o Romantismo, com sopro de vida, abalou as consciências populares, surgiu de novo a lírica galega. Já não eram poetas cortesãos, já não reis; simples aldeãos, bardos de aldeia, eram (ou cobiçavam ser) os que cantavam agora na mesma modalidade que cantaram os seus antepassados e, às vezes, com uma inspiração universal! Uma lírica íntima e grande, democrática, veio daquela ao mundo. E hoje, quando a Galiza tem uma extensa escola artística, quanto não há de lírico no seu romance, no seu drama, na sua pintura!

#### IV

Quereis uma palavra que vos diga em resumo o nosso lirismo e a nossa alma? Ei-la: saudades ou, como também disse Rosalia delas predileta, soidades<sup>129</sup>. Conseguimos que saudosos e morrinheiros, e milheiros de íntimos grandes e pequenos dramas, vê cada dia a nossa gente a cobiça do longe. Bentas de mim sejais saudades criadoras de tantas cousas nobres, porque no homem o mais nobre é desejar algo formoso e amado que, sendo nosso, não é nosso!

#### V

Para Heráclito de Éfeso<sup>130</sup> «o carácter é o fado do homem» e eu

<sup>128</sup> «O nosso rei poeta» sem dúvida está a remeter para D. Dinis. *Vid.* acima, «Prosas líricas. O campo e a cidade», nota 104.

<sup>129</sup> *saudades/soidades*. Montero Santalha (1991-1994: 233) estabelece : «É sabido que, assim na Galiza como em Portugal, a forma *saudade* é relativamente recente. A forma primitiva era *soidade*, que etimologicamente se liga de modo regular ao latim *solitatem* 'solidão, soledade'» E no fim do artigo (ib.: 246) pergunta-se: «existe realmente a saudade como vivência galego-portuguesa?; isso que chamamos saudade, existe pelo simples facto de que exista a palavra *saudade*?; não há em toda esta história uma abusiva identificação entre língua e realidade?» Pela sua banda, Torres Queiruga («Nova aproximación a unha filosofía da saudade» 1982.1986, p. 633), com R. Piñeiro, opinava: «A *saudade* é caracterizada como o *sentimento de singularidade/soedade ontológica* do homem. [...] A insistência no sentimento é hoje património comum: o seu refinamento tem um ligeiro precedente em Viqueira — *saudade é lirismo puro, sentimento esvaído em pura arela ou tendência* — [...] A insistência em que se trata dum sentimento *sem objeto* [tem um sentido, cujas raízes principais parecem ser:] a primeira recolhe o contributo fenomenológico-existencialista [...], a segunda liberta a saudade da adscrição psicologista.»

Por outro lado, a expressão seguinte não tem muito sentido no original: «Nota conquerimos de saudosos e morriñentos e milleiros de íntimos grandes e pequenos dramas ve cada día a nosa raza desa cubiza do longe.» Refaço como melhor sei...

<sup>130</sup> Heráclito de Éfeso (ca. 540-ca. 480 a.C.), apesar de ser considerado filósofo da fluência (*panta rei* «tudo flui»), Viqueira cita-o para, aparentemente, justificar o contrário. Porém, por o fogo ser, para

enxergo o porvir da nossa alma galaica latejando no seu lirismo.

## 17. DO MESTRE VIQUEIRA. O NACIONALISMO SURGINDO.

[ANT, núm. 99 (5 de setembro de 1919), p. 4.]

Segundo os próprios franceses, nunca se falaram tanto nos últimos tempos as *línguas provinciais* (provençal, catalão, bretão, etc.) como nos passados anos da guerra última. Nas trincheiras as ordens davam-se muitas vezes não em francês, mas em bretão ou basco; e nas línguas dos diversos países da França trocavam-se os sinais nas avançadas, onde se decidia o porvir do mundo.

Quando pelas baixas se misturavam elementos de regiões diferentes, as características linguísticas e raciais afirmavam-se mais ainda e juntos um provençal e um bretão eram ainda mais enxebrememente provençal ou bretão. Resultado: *Os soldados descobriram que, sob a França centralista e unitária, havia uma França cem mil vezes melhor, vária, viva.* E hoje na França se diz: Deve ir-se ao federalismo! (Há uma *Liga Regionalista* presidida pelo deputado Le Brun<sup>131</sup>. A mesma opinião sustém o professor positivista da Sorbonne (Universidade e Paris) Basch<sup>132</sup>.

O ensino será na Alsácia bilingue (francês e alemão). O governo

---

Heráclito, o princípio do todo, o universo é unidade fundamental, porquanto é sucessividade de contrários: o não-ser, o outro, o múltiplo contém-se no ser e produz o devir: «As cousas, em conjunto, são um todo e não o são; são algo junto e separado; [...] de todas as cousas emerge a unidade, e da unidade, todas as cousas». No fundo das oposições late com justeza e com justiça a ordem e a unidade. Todo muda, mas na sequência da ordem, da harmonia.

<sup>131</sup> Jules Charles Brun (e não Le Brun) (1870-1946) começou sendo escritor em língua d'oc (1890). Passou a Paris, onde seguiu estudos de Letras e publicou *Chants d'Ephèbe*, *Onyx* e *Pastels* (1895) e *Le sang des vignes* (1907). Colaborou em *Le Felibrige Latin*, *Occitania* e outras publicações provençais. Já professor de Liceu, erudito (e apóstolo até), escrevera *L'évolution félibréenne* (1896), ao mesmo tempo convite ao federalismo e grito de angústia pelo porvir do movimento provençalista. Participou na organização da *Fédération Régionaliste Française* (1900), que chegou a agrupar a maioria das sociedades fomentadoras das culturas regionais. Publicou *Le Régionalisme* (1911), cujo «Avant-propos» está epigrafado pela frase «Se définir, c'est exister» (Proudhon, *Du Principe fédératif*). Afiliado à extrema esquerda, foi articulista sobretudo de *Le Quotidien*.

<sup>132</sup> Basch Viktor Vilém ou Victor-Guillaume Basch (1863/1865-1944) foi professor de filosofia na Sorbonne e presidente, na França, da *Liga dos Direitos do Homem*. Autor de *Poétique de Schiller* (1896), *L'individualisme anarchiste de Max Sterner* (1904), *L'imagination dans la théorie kantienne de la connaissance* (1904), *La philosophie allemande* (1912), *La philosophie et la littérature classique de l'Allemagne et les doctrines pangermanistes* (1914), *La guerre de 1914 et le Droit* (1915) etc.

acaba de criar uma cadeira de provençal na Universidade de Ais de Provença [Aix-en-Provence]. Com o tempo criar-se-ão outras de catalão em Mompilher [Montpellier], de basco na de Burdéus. As línguas célticas ensinam-se já na de Rennes. *Pensa-se seriamente em ensinar na escola primária em determinados casos as línguas provinciais.* Na Provença já há livros para isso e professores de Liceus têm lido aos rapazes poesias de Mistral em provençal na aula de literatura. (Leem-se entre nós as de Rosalia?) Mistral foi o pai da teoria do ensino bilingue e hoje considera-se como representante da França futura; escreveu só em provençal e a sua poesia considera-se na França o melhor do melhor.

Sem comentário! Para que digam que as Irmandades andamos atrasadas. O que morreu foi o regionalismo de orfeão e rípios!<sup>133</sup>

#### 18. PELA REFORMA ORTOGRÁFICA<sup>134</sup>

[ANT, núm. 102 (5 de outubro de 1919), p. 2.]

I

Tenho uma razão fundamental contra a ortografia fonética: Admitindo-a, apartar-nos-íamos do mundo linguístico inteiro. E ilhar-se é morrer! Nenhuma língua se escreve foneticamente. Sobretudo,

---

<sup>133</sup> O autor assina este artigo e o seguinte como Johan Viqueira Cortón; porém, a maioria foram-no como Johan Viqueira.

<sup>134</sup> Este artigo e outros anteriores respondiam a questões levantadas, umas expressamente em ANT ou noutros meios, outras pela opinião dominante, que provocavam uma cascata de intervenções ardentemente encontradas. Valham algumas, todas naquela ANT:

a.. «Imos a unha enquette. Ortografía portuguesa», de Aurélio Ribalta (núm. 93; 5 de maio de 1919);  
b. «Respondem bós galegos á nosa "enquette". Da ortografía na lingoa galega» (núm. 94; 15 de julho de 1919), com opiniões de Leandro Carré, Iglésias Roura, Florêncio Vaamonde e «Unha ouservación de Fernando Osorio»;  
c. «Prosas galeguistas. Ortografía», de Vicente Risco (núm. 95; 25 de julho de 1919);  
d. «Contesta Ribalta» (núm. 96; 5 de agosto de 1919);  
e. «Ortografía fonetika», de Xosé Palazios (núm. 100; 15 de setembro de 1919);  
f. «De Correa Calderón. Divagación sobre a modernidade do galego» (núm. 100; 15 de setembro de 1919);  
g. «Idioma e ortografía. Notas o marxén da discusión», de A. Santos Vila (núm. 102; 5 de outubro de 1919).

Acrescente-se que no núm. 36 (10 de novembro de 1917) foi incluído um editorial de ANT, em primeira página, intitulado «O cabalo de batalla. O idioma por riba de todo», o qual deixava sem definir *la questione della lingua*, embora a apontasse.

ilhar-nos-íamos do português<sup>135</sup>. O galego, *não sendo uma língua irmã do português, mas sim um português*, uma forma do português (como o andaluz do castelhano), tem-se de escrever, pois, como português. Viver no seu seio é viver no mundo, é viver sendo nós próprios!

## II

Escrevendo com a nossa ortografia etimológica (admitida pela nossa Academia), escrevemos quase como em português. Mas esta ortografia é difícil, já que o galego não se ensina na escola. Baseando-se na ortografia etimológica, pode fazer-se uma ortografia popular muito próxima da erudita ou propriamente etimológica e, ademais, prática. Desta maneira:

- 1) *X* será sempre som duplo (ks). Assim, *êxito* igual «éxito».
2. *Ge, gi e ja, je, ji, jo, ju* (quer dizer, *G e J*) serão sempre o atual *X* simples. Assim, “xente” escrever-se-á *gente* e “xa”, *já*. *G e J* usar-se-ão, em definitivo, como *G e J* castelhanos (uso aprendido na escola)<sup>136</sup>.

## III

A diferença desta ortografia com a erudita estará no *X*. Este por quem quiser poder-se-á usar etimologicamente de maneira pura.

## IV

O *único problema difícil* da nossa ortografia é o do *X, G e J*. Com a minha solução creio que pode praticamente ficar resolvido.

## V

Em resumo: A ortografia fonética é a morte da nossa língua; a ortografia etimológica é a sua vida, cada vez maior. E, pois a derradeira

<sup>135</sup> Viqueira progrediu na compreensão da realidade, também de *la questione della lingua* galega; acabou concebendo o idioma galego como língua e, em consequência, afirmou a sua identidade com o português. Essa conceção (alcançada de *lusista* pelos isolacionistas galegos) tem-se ultimamente formulado de jeitos diferentes. Em suma, cabe dizer que, sendo as falas *per se* diversas (e divergentes) e sendo a ortografia expressão da LÍNGUA HISTÓRICA, SÓ A ORTOGRAFIA HISTÓRICA (OU ETIMOLÓGICA, que lhe diz Viqueira) será fiel à história da língua; nem a fonética, nem a castelhanizada, então e hoje em uso «por facilidade», são respeitosas com o sistema (ou diassistema) linguístico, embora apareçam, simuladamente, como respeitosas com alguma fala.

<sup>136</sup> A opinião comum (alguns lhe dizem «sentido comum») então e hoje é precisamente a contrária na “Comunidad Autónoma de Galicia”. Este *estado de cousas* induz a estimar os textos viqueiranos, dados a lume em ANT, escassamente fiáveis, quanto aos pormenores gráficos. Por ex., Viqueira usava o hífen, mas com frequência de mais lhe é omitido, neste lugar e noutros.

é difícil, cheguemos à solução conciliante que eu proponho.

## 19. O MEU PROGRAMA POLÍTICO.

[ANT, núm. 105 (5 de novembro de 1919), p. 4.]

### I. HESPANHA<sup>137</sup>

É Hespanha um baldeiro abstrato? Não é uma soma de concretos: a Galiza, mais Astúrias, mais Bascónia, mais Castela, mais Catalunha, mais os outros países espanhóis, mais... quem sabe que mais? Hespanha não é um feito; é algo que se faz: enxerga-se ao longe a federada Ibéria! Único jeito de trabalhar por Espanha é trabalhar pelos concretos que a formam e de que ela é (como dizem os matemáticos) função).

### II. LIBERDADE

Antes de tudo, Liberdade.

Liberdade em todo o sentido, pois liberdade é vida e a nossa vida deve florir harmónica em todo o sentido.

Liberdade não é anarquia.

É organização de individualidades, seguindo a sua própria lei.

Antes de tudo, liberdade em todo o sentido.

### III. DEMOCRACIA

Democracia é: os homens, na sua liberdade, se regerem por si mesmos.

Democracia é, pois, o governo por liberdade ou exigido pela liberdade.

Lutemos por uma democracia galega.

---

<sup>137</sup> Viqueira escreve "HESPAÑA", enquanto abaixo escreve "Espanña". Por outro lado, no *Sempre em Galiza*, Castelão faz citação quase literal deste parágrafo: «Hespanha — disse-nos João Viqueira — é um vácuo abstracto. Não é uma soma de concretos: a Galiza, mais as Astúrias, mais Bascónia, mais Castela, mais a Catalunha, mais outros países hespanhóis, mais... quem sabe o que mais! Hespanha não é um facto; é algo que se faz (algo que deve ser feito, acrescento eu): enxergue-se ao longe a federação Ibérica! Único jeito de trabalhar pelos concretos que a formam, e dos quais ela é — como dizem os matemáticos — uma função» (Castelão 2010: 304)

Mas a pobreza escraviza.  
A nossa democracia tem de recolher as novas orientações sociais.  
Arelemos: uma democracia social que depois de abranger a  
igualdade jurídica conquiste a igualdade social.

#### IV. PROSPERIDADE.

Só nas terras ricas, farturentas, a liberdade surge.  
Porque somente ali os espíritos podem, livres do queimor  
da fome e miséria, ousar [percorrer] os novos caminhos do porvir;  
só ali existem os meios para os homens chegarem às democráticas  
organizações. Trabalhemos, pois, pela riqueza dos pátrios eidos:

Indústria,  
Agricultura,  
Caminhos-de-ferro,  
Vias de navegação,  
Bancos, etc.

A riqueza é filha do trabalho e do talento e saber. Germolem as  
almas nobres laboradoras duma melhor idade.

Cobicemos para isso a mais refinada das educações.

#### V. RESUMO.

A mais livre das gentes baixo o sol.

A mais rica das terras entre as terras: vede o meu programa para  
a Galiza (e para a Espanha).

A Galiza tem um fim moral que cumprir: trazer à grande obra  
cultural da Humanidade a sua individual, enxebre, civilização. E, como  
duma nota mais para a sua plenitude, a Humanidade precisa dela!<sup>138</sup>

---

<sup>138</sup> Poderíamos conferir estas ideias viqueiranas com as que, por aqueles anos, apontava em Portugal genericamente Pessoa (1980: 186): «Os problemas ibéricos são três, no que respeita a problemas internos: (1) A remodelação do estado espanhol, reavendo-se Gibraltar. (2) A integração do estado português, pela reintegração de Albuquerque e Olivença, e a anexação da Galiza. (3) A aliança ibérica, como defesa do comum solo espiritual, invadido culturalmente pela França, e dividido territorialmente pela política da Inglaterra.— Já o problema da Galiza se não assemelha ao problema catalão. O incerto separatismo galego também não pode visar a independência da região, mas já pode visar, sem crime de lesa-Ibéria, a integração no estado português. Há tantas razões para a

## ANO 1920

### 20. A MINHA GALIZA.

[ANT, núm. 112 (10 de fevereiro de 1920), p. 3.]

I.

Combato eu por uma Galiza de ontem? Sou eu da Galiza que para sempre se esvaiu entre as brêtemas do passado?

«Viver entre recordos é viver entre mortos» diz o nosso Povo! Não, certamente eu não vivo no passado, cheio de requintada melancolia, já que eu arelo preludiar, na minha existência, um futuro melhor e maior!

II.

A minha Galiza não é a que foi; é a que será. Não é a de ontem; é a de amanhã. Se grande foi a nossa História, maior pode surgir o futuro nosso! É a Galiza do porvir, na sua florescente personalidade, a que eu arelo e amo, a Galiza, pedra preciosa de civilização humana!

III.

O amanhã não será como o hoje. Não acai a monotonia à vida criadora; é sempre nova e vária. O passado exalta-se no futuro, renovado, fecundado, como um tema numa sinfonia inesgotável! Ousemos [iniciar] os novos caminhos e, como sorriem ao florir os nossos campos renascentes, aludem-se as nossas almas no alvor miraculoso da nossa essência!

### 21. LIBERDADE.

[21: ANT, núm. 119 (15 de maio de 1920), p. 2.]

I.

HARMONIA? Na beira do Iliso Sócrates ora: «Oh! Pã<sup>139</sup> e vós,

---

Galiza ser região espanhola, como para ser parte de Portugal (não digo "região portuguesa", porque Portugal é uno). Integrada na Espanha, a Galiza segue uma continuidade histórica e não perde pé no valor civilizacional. Integrada em Portugal, fica parte do estado a que por natureza e raça pertence, e também não perde pé no valor civilizacional, porque passa a ser parte de outra nação europeia definida civilizacionalmente.»

<sup>139</sup> Iliso, rio da Grécia, na Ática; nasce no Himeto e passa por Atenas.

Sócrates (ca. 470-399 a. C.), de aspeto e vestimenta vulgar, à diferença dos procurados pelos sofistas, dedicou-se à filosofia por revelação da pitonisa de Delfos, quem o estimou o mais sábio dos

deuses todos destas ondas, dai-me a beleza interior do meu espírito e fazei que o meu exterior esteja sempre de acordo com essa beleza espiritual; que sempre o sábio me pareça rico e que tenha tantas riquezas como um homem prudente possa suportar».

— As palavras voadoras do Ateniese esvaem-se no ar diáfano.

II.

FORÇA? Erínia, na lésbia costa, tremente a mão na lira (quenta soberbo o sol), canta: «Salve, ó tu! Aureomítrada filha de Ares, senhora dos valorosos, habitante sobre a terra no sempre indene Olimpo. Só a ti deu o antigo Fado a eternamente perdurável glória de governares com criadora potência. Sob o teu jugo, por tecido coiro, os peitos da terra e do plúmbeo espumante mar se oprimem. Firmemente reges dos povos as cidades! A idade, imensa, somente a ti não muda o momento próspero do mesmo ser. De todos única tu, que fazes nascer os grandes, valorosos guerreiros; colheita tens de homens, qual Deméter<sup>140</sup> fruto de ruiva espiga».

III.

FORÇA, mãe da HARMONIA, cada vez maior e possante, luta conquistadora duma vida que se expande, desejo do existir gigantescamente humano és tu, ó LIBERDADE santa!

---

homens. A razão da atividade de Sócrates (a ironia, e a prática do «conhece-te a ti próprio») é, em definitivo, o facto de todo o homem ser naturalmente bom; todo o mal deriva de equiparar a ignorância e ciência

Pã, deus pastoril originário da Arcádia, considerado filho de Hermes e da ninfa Driope, apresenta-se subitamente, com cornos, barba e patas de cabrito, aos viajeros infundindo neles o *pânico*. Porém, com o tempo tornou-se em divindade da natureza, benéfica.

<sup>140</sup> Talvez Viqueira se refira a Erine, poeta contemporânea e amiga de Safo.

Aureomítrada, Harmonia, fruto adulterino de Ares e Afrodite, recebeu o dia do seu casamento com Cadmo um colar e um peplo, que Hefesto fabricara. Aquela cerimónia é comparada, pela solenidade e pela descendência gloriosa e desditada, como a de Peleu e Tétis.

Ares, deus grego da guerra, filho de Zeus e Hera, assimilado ulteriormente ao romano Marte, seduziu Afrodite, mas surpreendido pelo marido, Hefesto, foi numa rede apresentado perante os deuses que se burlaram dele com riso inextinguível.

Olimpo, monte do norte da Grécia (Tessália), em que se situava a morada dos deuses.

Fado, divindade ou força irresistível, rege o destino dos deuses, dos homens e dos acontecimentos.

Deméter, deusa da fertilidade e da agricultura, é irmã e esposa de Zeus e mãe de Perséfone.

## 22. PELA PUREZA LINGUÍSTICA.

[ANT, núm. 121-122 (15 de junho de 1920), p. 11-12.]

### I

A nossa língua desenvolve-se rapidamente e, para não caminhar numa direção falsa, precisa-se que nela intervenham as críticas eruditas. Aconselho por isto aos inteligentes que falem e trabalhem nesse senso. Se isto não se fizer, chegaremos aginha a uma anarquia linguística certamente ruinosa. De todos os que falamos e escrevemos galego arela o presente um esforço de claridade, de depuração.

### II

Em galego as palavras em *-al*, como, v. gr. *animal*, fazem o plural de três maneiras: (1) Em *-ais* (v. gr.: *animais*), plural que hoje tende a ser o único literário (ao menos na prosa) e que se escreve *-aes* (v. gr.: *animaes*) por razão do uso. (2) Em *-ás* (v. gr.: *animás*), forma encurtada da anterior e popular. (3) Em *-als* (v. gr.: *animals*), raro e só poético. Recomenda-se a primeira como mais doada. O plurais em *-ales* (v. gr.: *animales*) são um castelhanismo, sinal de escravidão<sup>141</sup>.

### III

A forma em *-vel*, dos adjetivos, como, v. gr. [*sensível*], é a verdadeiramente galega. A forma em *-bre* ([v. gr. *dobre*]) tem algo de castelhanismo (exceto determinados casos, como *nobre*). Este é já reconhecido por todos. O que não é reconhecido é o plural dos adjetivos em *-vel*. Este é em *-es* (v. gr.: de [*sensível*], [*sensíves*], forma ainda viva em muitas terras galegas. A mesma forma tem o plural dos nomes em *-es* (v. gr.: *móvel*, *móves*).

### IV

As formas em *-zón*, como *nazón*, são pouco musicais; devem-se empregar suavizadas, como *naçom* (pronunciado «nasôm»), que são as

<sup>141</sup> O artigo, reproduzido em ANT 1916-1926.1988 (Vol. II) e não recolhido em *Ensayos y Poesías* (1930) nem em *Ensaíos e Poesías* (1974), foi grandemente deturpado a respeito doutros, como «Divagações linguísticas» (Vid. § ). É por isso que me permiti “traduzi-lo” mais. Viqueira propõe o plural escrito —*aes* (v. gr.: *animaes*) «por razão de uso» no português de então.

que correspondem ao galego antigo.

## V

Cuidado com os castelhanismos! *Reises* e *leises*, p. ex., não são mais do que castelhanismos bárbaros populares por *reyes* e *leyes*. Os plurais galegos de *rei* e *lei* são *reis* e *leis*. Procurai sempre a palavra decerto galega e não inventada.

## VI

Cada dia são mais os partidários da ortografia etimológica, única maneira de unificarmos os dialetos galegos e de nos aproximarmos do português, quer dizer, a ortografia etimológica é um «método de potência».

### 23. DISSONÂNCIA E CONSONÂNCIA<sup>142</sup>

[ANT, núm. 125 (25 de julho de 1920), p. 2.]

A estridência nacionalista resolve-se como um acorde dissonante numa consonância federalista. No caso concreto de que tratamos, no caso da Galiza, numa federação ibérica, maior, mais fecunda que esta unidade de força (já bem velha) que se chama o reino unido de Castela e Aragão, feita no século XV pelos Reis Católicos, que mais vale esquecer nesta Terra que eles assovalharam!

### 24. ALMA

[ANT, núm. 128 (25 de setembro de 1920), p. 2]

#### I

Dizem todos: «Que a Galiza viva a sua vida.» Mas como há de viver sem própria alma? O primeiro é a sua alma, vontade de existir, diretiva vital! O primeiro é se erguer com uma arela que surja do fundo do espírito!

---

<sup>142</sup> Confira-se com o § «Nacionalismo» da conferência «Divagações enxebristas», acima. Viqueira, por músico e musicólogo, faz nos seus textos numerosas referências e comparações de assuntos atuais com as artes de Euterpe e Polímnia, como neste breve artigo: nacionalismo (ou estridência) e federalismo (ou consonância) harmonizam-se no acorde dissonante, resolutivo. Seria bom que os especialistas tentassem explicar estas e outras metáforas, quase alegorias.

## II

Quem nega que os galegos tenhamos uma alma coletiva? Ninguém sincero! Ela é cristalina num bretemoso lirismo. Dorme? Temos de despertá-la. Cada um no seu curso, olhando de novo e outra vez para o seu melhor Eu. Mas também para o que mora em todos nós, nas exaltações populares.

## III

Os grandes serão aqueles que saibam andar à procura da sua e nossa alma, os que não deixem morrer a divina muxica, a muxica que pode ser ruivém no esplendor cósmico. Os grandes serão os que souberem juntar os corações num cogulado amor da pátria, os que achem a maga palavra da irmandade.

## IV

Pobres os que se contentarem com o de fora, com a feitura externa, e não vão além da morte. Para eles a Galiza será um cadáver que nas suas mãos ficará hirtó!

## 25. DA CULTURA IRMÃ: LEONARDO [de] COIMBRA.

[ANT, núm. 129 (5 de outubro de 1920), pp. 9-10.

O filósofo português de hoje mais importante é Leonardo de Coimbra [sic]. Nasceu este distinto pensador em 30 de dezembro de 1883 na pitoresca aldeia de Lixa, perto de Amarante, frente à Serrania do Marão. (É, pois, da terra do grande poeta *saudosista* Teixeira de Pascoaes que mora em Amarante mesmo). Fez os seus estudos num colégio de Penafiel e, depois, nas Universidades de Coimbra e Porto. Foi ministro da Instrução num período agitado da vida política do seu país e fez então a reforma atual do Ensino Primário e do Ensino da Filosofia nas Universidades portuguesas.

A sua obra filosófica compõe-se, além de artigos e conferências espalhadas pelas revistas, dos seguintes volumes: *O Criacionismo* [1913] (esgotado), *O Pensamento criacionista* [1915], *A Morte* [1913], *A Alegria, a Dor e a Graça* [1916], *A Luta pela Imortalidade* [1918]. O seu estilo é muito português, elegante e lírico, de tal jeito que os seus livros se leem

sempre com facilidade e verdadeiro prazer literário, cousa estranha num filósofo especulativo e metafísico<sup>143</sup>.

A Filosofia atual tem-no como as suas características: o interesse pela vida do espírito ou psicológico, a tendência metafísica, o entender a realidade como produção ou criação. Por isso é hoje o francês Bergson o filósofo mais representativo. Em Leonardo de Coimbra achamos essas notas com uma verdadeira realidade. A realidade é, para ele, consciência, espírito, pois, como provam muitos experimentos psicopatológicos, «tudo é, foi ou pode ser consciência». A consciência é pensamento, pelo que a realidade é pensamento. Mas esta realidade e este pensamento (que tanto tem uma cousa quanto a outra) são produção, criação eterna. Eis o ponto de vista do *Criacionismo*. Certamente criação que deixa trás ela a obra da natureza e do espírito: a ciência, a arte, a moral e a religião, e que caminha para a *consciência* e para a *memória*. Mas a realidade é também comunhão na produção. O Universo é solidário: «um campo de consciência onde convivem e penetram consciências socializadas, os seres socializados em Deus». Na religião exprime-se esta solidariedade, pois sempre no fundo é «eterna e infinita convivência amorosa».

O nosso espírito filosófico, ainda por desenvolver, está bem perto do espírito filosófico de Portugal que convém tanto conhecer aos galegos. Eu recomendo-lhes a leitura das obras de Leonardo de Coimbra.

---

<sup>143</sup> Para além da notícia que de José Leonardo Coimbra. (1883-1936) dá Viqueira, vale acrescentar que «foi notável a sua actividade na transição do regime quanto à expansão da cultura e luta contra o analfabetismo. Criou a Universidade Popular, onde pronunciou dezenas de discursos e conferências de sentido filosófico. Em 1913, concorreu a professor da Faculdade de Letras de Lisboa com uma dissertação intitulada *O Criacionismo*, esboço dum sistema filosófico em que as tendências do seu espírito metafísico se revelam nitidamente, a par da sua extensa informação científica. “Filosofia da liberdade” —diz o Autor— “que leva naturalmente a uma metafísica moral e religiosa”. É o primeiro trabalho sistemático de sentido epistemológico em Portugal, continuado em *O Pensamento criacionista*, Porto, 1915, *O Pensamento filosófico de Antero de Quental*, Porto, 1921, *A Razão experimental*, Porto, 1923, etc. Outra atitude, de sentido poético, com profunda inspiração existencial, se revela em *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, 1916, *Do Amor e da Morte*, Porto, 1922, etc. Os problemas religiosos preocupavam-no intensamente, como o testemunham alguns trabalhos, entre os quais *A Morte*, Porto, 1913; *A Luta pela Imortalidade*, Porto, 1918; *Jesus*, Porto, 1923; *S. Francisco de Assis*, Porto, 1927; *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, Porto, 1935.» (D. Santos 1978: 190-191)

## NOTÍCIA DE ANT SOBRE A VISITA DE JOSÉ LEONARDO COIMBRA À GALIZA, À CRUNHA

No núm. 147 (15 de setembro de 1921) de ANT informa-se e comenta-se a visita de Leonardo Coimbra à Galiza. Na primeira página, que, centrada, inclui uma fotografia do filósofo português, tem por título: «Jornadas transcendentais. Portugal e Galiza no bom caminho. O primeiro ato de intercâmbio cultural e artístico entre portugueses e galegos. O ilustre pensador Leonardo Coimbra na Crunha» (*sic* a toda a citação). A referência diz:

«A data do 4 de setembro de 1921 é para nós uma data histórica, uma data inesquecível. Pela primeira vez uma representação dos mais altos valores da intelectualidade portuguesa, somando-se a elementos artísticos de valia, passou o Minho com o objeto de conhecer e estreitar laços de afeto com a intelectualidade da nova Galiza das Irmandades, que é a verdadeira e única Galiza.

»A Nossa Terra e a lusitana — prescindindo do velho e murcho *hispano-lusitanismo*, do velho *federalismo* e das mais frases feitas ocas — começaram a entender-se diretamente, como irmãs arredadas por mor de intermediários molestos durante séculos, para acabar selando um pacto íntimo e cordial com sangue dum comum espírito, que há de trazer para ambas as pátrias um futuro glorioso e transcendente, útil à Humanidade.

»Cambó tem dito que a chave da solução do problema catalão está em Portugal e na Galiza. Vilar Ponte dissera também que em Portugal e na Catalunha, mas em Portugal especialmente deve achar-se a chave da solução do problema galego. E as duas frases foram comentadas de modo admirável num jornal do Porto pelo insigne Pina de Moraes, mostrando-se conforme com elas para concluir expressando a sua fé na possibilidade dos intentos *pangaleguistas*.

»Eis como imos pelo bom caminho: As correntes de simpatia mantidas desde há algum tempo, com grande fortuna, pelos jornais portugueses a favor da Galiza e dos jornais e revistas galegos em favor de Portugal deram como fruto primeiro esta visita do Orfeão portuense

e do Dr. Coimbra à Crunha.

»Seria um crime que a nossa Terra e a Terra portuguesa andassem a continuar vivendo de costas, como estiveram até aqui por mor duma mediatização castelhana — alheia à alma comum dos dous países que rega o Minho, o Minho que nasce e morre na Galiza. Liga-nos o sentimento da *saudade*, que ninguém, exceto portugueses e galegos possuem no mundo. Esse sentimento, que Teixeira de Pascoaes, o irmão e o mestre, nó da aliança entre nós e a Lusitânia, a quem os nacionalistas galegos consideramos como o poeta genial que tem a alma vibrante, feita com almas das duas pátrias, estudou de modo maravilhoso e cantou com cantigas imortais.

»Ora, à Leonardo Coimbra, uma das mais fortes mentalidades europeias contemporâneas, correspondeu ser quem fizera o milagre da encarnação das ânsias luso-galaicas numa realidade que há resultar fecunda. O seu verbo eloquentíssimo, verbo de tribuno admirável e de apóstolo espalhador do *criacionismo* — foi o encarregado da criação do novo estado espiritual que trará o estreitamento transcendente de duas terras irmãs para que remate sendo como uma só no futuro. Foi o que teve a sorte de pronunciar o *surge et ambula*<sup>144</sup> que pode nos levar a gloriosos destinos.

»Leonardo Coimbra na Crunha escreveu um novo capítulo da História galega. E ele e os mais elementos artísticos e culturais, que nos têm honrado com a sua visita, seguramente se terão decatado que não como alheios, nem sequer como amigos, mas como irmãos, os recebemos acô.»

A seguir referencia-se o percurso e atividades dos «irmãos portugueses», de que transcrevo os momentos pertinentes:

«Desde que entraram os portugueses na nossa Terra começara a receber mostras de agarimo. Em Ourense saudou-os uma seleta

---

<sup>144</sup> Frase tomada quase literalmente da versão latina, *Vulgata*, do *Evangelho de São João* (5, 8): «Dicit Jesus: "Surge, tolle grabatum tuum et ambula..."» («Ordenou-lhe Jesus [ao homem enfermo durante trinta e oito anos]: "Levanta-te, toma o teu leito e anda", em tradução da *Bíblia católica de Santa Maria*). Por sua vez, está a evocar o lema que Alfredo Branhas atribuidamente dirigiu à Galiza: «Como em Irlanda/ Ergue-te e anda! ... Como em Irlanda/ Ergue-te e anda! ...»

representação do nacionalismo galego, em que figuravam muitos irmãos daquela vila à cabeça dos quais se achava o professor de Filosofia do Instituto de Ponte Vedra António Losada Diéguez e alguns escritores galeguistas.

»Em Betanços saíram ao passo do comboio grupos de correligionários das *Irmandades* daquela vila e de Ferrol, o mesmo em Monforte, onde se sumou aos expedicionários Vicente Risco.

»Em Guísamo cumprimentou o Dr. Leonardo Coimbra e os seus companheiros o professor de Filosofia do Instituto [Escola Secundária] da Crunha, Dr. João V. Viqueira.

»E ali foram também muitos irmãos da cidade herculina a aguardar aos viajeros.

»Na estação da Crunha achavam-se o presidente do *Circo de Artesãos* e da *Associação da Imprensa* crunhesa, o presidente e secretário da *Câmara Municipal*, Sr.es González Rodríguez e Martín Martínez, o conselho diretivo da *Irmandade da Fala*, delegados da *Academia Gallega* [sic], entre eles o dramaturgo Lugris Freire e o poeta Eládio Rodríguez González, os diretores das revistas *A Nossa Terra* e *Nós*, o diretor e redator chefe do *Correo Gallego*, de Ferrol, Sr<sup>es</sup> Villar Ponte e Quintanilla, a diretiva do *Coro Cântigas da Terra* e todos os elementos do mesmo, um representante do *Instituto Geral e Técnico* da Crunha, além doutras muitas pessoas enviadas por centros e entidades de recreio e cultura.

»A chegada do comboio dos excursionistas foi saudada com aplausos e vivas a Portugal, Galiza, à Crunha e ao Porto.

»Feitas as apresentações, o Dr. Leonardo Coimbra, a sua distinta esposa e o seu lindo menino, com o diretor do *Orfeão*, o compositor [Armando] Leça [1891-1977], o poeta Alexandre de Córdova [Alexandre Francisco Ferreira, 1896-1969] e os artistas João Peralta e Octávio Sérgio, uns no “landeau” municipal e outros em carros. entre os aplausos, da multidão, dirigiram-se ao centro da cidade. [...]

»Pela tarde fez-se na praça de touros o primeiro ato pelo notável Orfeão portuense. Apresentou-o num galano discurso o Dr. Leonardo Coimbra, que comoveu o público com a beleza da sua palavra, sendo ovacionado.

»Seguidamente a interessantíssima massa coral do Porto deu-nos a conhecer formosas peças do seu repertório. Os cantos populares portugueses — alguns compostos pelo notável mestre Leça — agradaram especialmente. O *Orfeão* foi muito aplaudido em justiça, o mesmo que o competentíssimo diretor Sr. Casimiro e que o mestre Leça.

»Ao dia seguinte, pola noite, no teatro *Rosalía Castro*, deu o segundo concerto o *Orfeão*. E no teatro ainda se pôde apreciar melhor o mérito artístico grande da seleta coletividade musical, honra da cidade portuense. Também agradou a disciplinada amostra de declamação que fez a peça cómica *Casar para morrer*<sup>145</sup>.

#### »A CONFERÊNCIA DE LEONARDO COIMBRA

»O insigne pensador Leonardo Coimbra é também um magistral expositor, um orador de primeira força, que veste de xúrdia esplendidez e claridade nítida os conceitos; esclarece e sugere, quer dizer, ensina. Com a possibilidade dum professor de multidões.

»Na sua conferência no *Circo de Artesãos* sobre o pensamento filosófico e poético de Portugal expôs ideias que, segundo nos disse, se acham desenvolvidas no seu livro, no prelo, *O pensamento filosófico de Antero de Quental*, tese apresentada ao *Congresso Científico Luso-Hespanhol*<sup>146</sup>, que há pouco se realizou, de cujo livro conhecemos um excerto publicado na *Revista da Faculdade de Letras* do Porto.

»O Dr. Coimbra situa a crise fundamental do pensamento português contemporâneo — reação contra o positivismo que se apropriara de todos os miolos [sic], reação do pensamento autóctone português, voltado para a tradição étnica no pensamento poético e filosófico — nas figuras de Sampaio Bruno<sup>147</sup> e de Antero de Quental...

<sup>145</sup> *Casar para morrer*, comédia em 2 atos (imitação) por Affonso Gomes. - Lisboa : Livr. Económica de Domingos Fernandes, - Theatro comico Collecção de peças jocosas.

<sup>146</sup> Refere-se ao *I Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Porto, junho de 1921.

<sup>147</sup> José Pereira de Sampaio (1857-1915), de pseudónimo Bruno (por Giordano Bruno) é conhecido como Sampaio Bruno; foi ensaísta e filósofo portuense e figura cimeira do pensamento português. O racionalismo deísta e as ideias liberais foram as influências dominantes na formação do seu pensamento. Combatente pelo ideário republicano, integrou o *Directório do Partido Republicano Português*. Fundou os semanários portuenses *O Democrata*, *O Norte Republicano*, bem como o diário *A*

Esta crise e este movimento são características do pensamento contemporâneo de todos os países, e o Dr. Coimbra foi-nos assinalando no pensamento de Bergson, de William James, dos neoidealistas alemães, demonstrando ademais como Sampaio Bruno se antecipou a todos eles, e como nele está, pode dizer-se que ressalta a grande antinomia que se apresentara aos espíritos decepcionados do positivismo, que realmente lhe entupia o caminho à esperança. [...]

»O *criacionismo* [desenvolvimento das ideias de Sampaio Bruno e Antero de Quental] estava no pensamento português tal e como ele se expressava desde sempre na literatura, na arte, no folclore...

»O *criacionismo* sabe ver o mundo em infinda pluralidade, e opõe à unidade estática do idealismo velho a suprema unidade do Amor, que se dá no infundamente vário, no infundamente diferenciado e concreto, como razão do seu dinamismo e da sua vida. O Amor toma deste jeito uma posição na filosofia.»

Quanto à Exposição do pintor João Peralta e do caricaturista Octávio Sérgio, apenas cito este parágrafo: «Se o Portugal literário já nos vai sendo conhecido de algum tempo a esta parte, o Portugal artístico é-nos ainda completamente arcano. Por isso a exposição destes dous ilustres artistas [João Peralta e Octávio Sérgio] teve, além do mérito intrínseco, que é grande de seu, outro mérito: o de ser para nós uma iniciação na Arte moderna do Povo irmão.»

ANT estende-se na relação dos acontecimentos vividos, como a visita de Leonardo Coimbra à *Irmandade*, o “jantar íntimo” ou “ágape”, no qual Jaime Quintanilha em nome dos nacionalistas evocou o «atlantismo e a saudade», a serenata do coro crunhês *Cântigas da Terra* ao Dr. Leonardo Coimbra e acompanhantes, frente ao Palace Hotel, onde se hospedavam. «A serenata, que acabou à uma da madrugada, culminou com o canto do hino nacional galego, a cujo remate «milhares

---

*Discussão.* O seu pensamento filosófico, de crescentes contornos místicos e esotéricos (revelados nomeadamente na obra *O Encoberto*, de 1904) e em afastamento progressivo do racionalismo da juventude, conservou os traços deístas, anticlericais e progressistas que recebeu da forte componente voltaireana na sua formação. Sampaio Bruno influenciou em Fernando Pessoa, que lhe enviou em 1915 o primeiro número do *Orfeu*, enquanto lhe pedia uma opinião.

de mãos batendo e milhares de gargantas a gritarem “Viva o genial Leonardo Coimbra!”, “Viva Portugal irmão!”, coroaram momento tão inesquecível, que encerrou ainda esta frase de síntese: “Viva Portugal e a Galiza unidos!”»<sup>148</sup>

#### «A DESPEDIDA

»Foi como a chegada. Com os mesmos elementos que à chegada. Somente que na manhã da chegada a alegria andou a bulir nos peitos e na tarde da partida a mágoa da separação, a pena do arredamento dos uns e dos outros irmãos punha névoas melancólicas, brêtemas saudosas nas almas de galegos e portugueses que se abraçavam con fundo carinho.

»E, quando assubiu o comboio, soaram aplausos e vivas. E, quando o comboio arrancou, aplausos, vivas, tremelar de lenços no ar...As mulheres da *Irmandade da Fala* agasalharam com um formoso “bouquet” de rosas brancas com as cores da bandeira portuguesa à esposa do Dr. Leonardo Coimbra e com caixas de bombons ao menino do distinto casal.

»Também a *Irmandade da Fala* lhe dedicou um laço com as cores das bandeiras galega e lusitana ao pendão da notável massa coral portuense.

»Logo a mesma Irmandade transmitiu saudações carinhosas, dando conta dos atos celebrados na Galiza, ao Presidente da República portuguesa, ao Ministro da Instrução Pública, ao Presidente da Câmara Municipal do Porto, ao Reitor da Universidade portuense e ao Ministro de Negócios Estrangeiros, bem como ao *Primeiro de Janeiro* e ao *Jornal de Notícias*, ambos os jornais da cidade do Douro.»

---

<sup>148</sup> Não faltava “razão” aos representantes do “regionalismo bien entendido” para protestarem, como de facto fez uma pessoa que mesmo chegou a ser presidente da RAG... depois de 1936: «A viaxe e o intercambio foron aproveitados por persoeiros do rexionalismo galego para atacar o nacionalismo e denunciar o perigo que a consideración de Galiza como nación supoñía para a unidade de España» (Busto 2010: 114). Dentre os mais claramente críticos está Manuel Casás, ulterior presidente da RAG, quem afirma: «Y nosotros debemos también proclamar un único nacionalismo: el español y una patria común: España.» (Busto 2010: 115). O texto do Casás, intitulado «España y Portugal. Un acto ideal y el equívoco peligroso», foi publicado na primeira página de *La Voz de Galicia* de 4 de setembro de 1921.

## ANOS 1921 E 1922

### 26. DIVAGAÇÕES LINGUÍSTICAS.

[ANT, núm. 133 (1 de fevereiro de 1921), p. 3.]

Proponho-me nesta secção falar um pouco da gramática, mas dum jeito ameno e popular. Faço isto porque acho que chegou o tempo de refletir sobre o nosso idioma para falarmos e escrevermos o melhor que pudermos.

#### I. NOSCO - VOSCO

Como muitas vezes se empregam mal *nosco* e *vosco*, convém ter em conta o que significam estas palavras e o modo de as usar. Consideramos primeiramente *nosco*. Vejamos quando se pode empregar devidamente. Está bem a série:

*nós / de nós / a, para nós*  
*por, trás, com, junto a, etc nós;*  
*conosco* equivale sempre a *com nós*.

Igualmente acontece com *vosco*. Assim teremos:

*vós / de vós / a, para vós*  
*por, trás, com, junto a, etc. vós;*  
*convosco* equivale sempre a *com vós*.

A razão do anterior é que *nosco* e *vosco* são compostos latinos (deformados) de *nos* e *vos* e a palavra *cum*, que significa *com* e que se converteu na sílaba *-co* em que rematam *nosco* e *vosco*. Com efeito, em português literário e nos nossos clássicos diz-se somente: *conosco* e *convosco*.

«Nosco imos, vosco ides, para nosco, contra vosco» e locuções análogas se não devem empregar nunca no nosso idioma.

## 27. EM LOUVOR DE F. TETTAMANCY

[ANT, núm. 144 (15 de julho de 1921), p. 5.]

Já há algum tempo que morreu Tettamancy<sup>149</sup> [15 de maio de 1921], o ilustre historiador, e ainda nenhuma das entidades culturais da Crunha pareceu lembrar-se dele. A Câmara Municipal da nossa cidade, que pelos notáveis trabalhos do distinto irmão devia ser a primeira neste caso, cousa nenhuma até agora fez, enquanto outras [vezes] foi tão alheiradamente pródiga em honras. E tudo isto vem de que nos achamos num triste estado mental, em que não se estima mais que aquilo que já está fora acreditado, aquilo em que não se vê diretamente a própria vida.

Vivemos esquecidos de nós mesmos. Desta maneira distanciados da própria vida, como poderão produzir tantos galegos algo que valha, quando toda a produção cultural é nascimento do fundo da alma? Vede aqui a razão da nossa decadência. Mas já existem sinais certos de que, queiram-no ou não, sairemos desse lamentável estado.

Há duas classes de espíritos na nossa Terra: A uns parece-lhes o seu horizonte estreito e, atraídos pelas seduções cortesãs, andam à procura de honras. O caso é chegar. Uns chegam pelo seu talento, outros pelas suas habilidades, outros... como podem. Ao fim de contas, a Galiza nada lhes deve: longe da Terra-Mãe desenvolveram a sua vida e não para ela, mas, muitas vezes, contra a sua própria essência.

Outros preferem os encantos dos pátrios campos e, se se afastam, é para tornarem (com o proveito duma rica experiência), como

---

<sup>149</sup> Francisco Tettamancy Gastón (1854-1921) emigrou à Argentina, voltou, foi funcionário administrativo na Deputação da Crunha, graduou-se como professor mercantil e chegou a membro numerário da *Real Academia Gallega de la Coruña* (RAG) e correspondente das *Academias da Historia* e da *Academia de Bellas Artes de San Fernando* (Madrid). Publicou em idioma galego poemas históricos, acrescentados com notas eruditas: *Enredadas* (1902), *O Castro de Cañás* (1903.1919), *Diego de Samboulo (Leenda histórica)* (1903), *Boicentril. O druidismo e o celtismo gallegos. A epopeya irlandesa* (1912). Importantes são os seus trabalhos históricos em castelhano: *La revolución gallega de 1846* (1908.1909) completa-se com *Los mártires de Carral* (1912), *Batallón Literario de Santiago. Diario de campaña (1808-1812)* (1908.1911), entre outros. Foi junto com Lugris Freire, Carré Aldao e Vaamonde Lores mestre, colaborador e ligação fundamental dos novos com o regionalismo anterior. Também é salientável a sua colaboração na fundação, atividades e organização política da *Irmandade da Fala* da Crunha e no percurso de *A Nosa Terra* na fase inicial.

as aladas andorinhas tornam ao seu ninho. Longe sentiram pungente a saudade. Os seus desejos dirigiram-se ao fado do seu povo, cultivaram com amor o rasto do espírito dos seus antecessores e a sua curiosidade andou a pescudar as cousas da pátria. Assim, pouco e pouco, silenciosos e trabalhadores vão fazendo que a chama da nossa cultura esteja sempre acesa. A Galiza deve a esses espíritos tudo, pois sem eles estaria já espiritualmente morta (que é morrer totalmente). Quando os mais dos intelectuais galegos sintam deste jeito, a Galiza estará salva!

E como se pode louvar melhor a Tettamancy que dizendo que era dessa aristocracia espiritual, glória e fundamento da nossa Terra, para a qual sempre viveu...? Bom e trabalhador, galego de alma, entusiasta pelos grandes ideais, merece mais do que muitos de menos valimento têm (o nome a uma rua ou uma honra semelhante). Merece a gratidão da Galiza inteira.

## 28. DIÁLOGO TRANSCENDENTAL<sup>150</sup>

[ANT, núm. 164 (31 de maio de 1922), p. 1.]

—Mas, que quereis vós?

—Queremos converter a Galiza de arrabalde em centro; fazer que tenha vida própria, grande, imensa, que chegue a ser uma lumrada espiritual acesa, alumando o mundo inteiro.

—Obra grande! Mas como?

—Para as grandes almas são as obras. Como as faremos? Com

---

<sup>150</sup> Este artigo acha-se na parte inferior da primeira página de ANT, acima citada. Na parte superior, centrado, um desenho de Jaime Prada, que intitula «O Castelhana no Céu», representa um fidalgo castelhano, velhote, ante São Pedro. Diz o fidalgo: «Senhor, eu passei fome e privações, dediquei-me ao misticismo e ajudei à Inquisição.» Responde o Santo perguntando: «E trabalhar, trabalhaste?» E o castelhano: «A minha pobreza não mo consentia; ademais; dava-me vergonha que pudessem chamar-me galego.»

Propositadamente ou não, os dous textos, o grafo-visual de Prada e o escrito de Johan V. Viqueira, complementam-se: ambos remetem com ironia ao âmbito da escatologia transcendente, como, noutra ordem de cousas, fizera Lamas Carvajal, a parodiar o *Catecismo da doutrina cristã*, no seu *Catecismo do labrego*: Prada burla-se dela, enquanto Viqueira, imitando-a, parece tentar transcender a modernidade, o ideal prático efetivado no seio da nação.

Por outra parte, com o título «Diálogo» publicou-se no núm. 1 (Verão de 1959) de *Vieiros. Revista do Padroado da Cultura galega do México*, que codirigiam Luís Soto, Carlos Velo e Florêncio Delgado Gurriarán.

o nosso esforço, que não deve conhecer limites; com a nossa vontade, para a qual devem ser as tarefas infinitas; com o trabalho e a disciplina de todo o nosso ser. O porvir é para os que sabem consegui-lo.

—Vaguidades! Falai em concreto: Como serviremos a vossa causa?

—Serve a Galiza quem aproveita uma barragem; quem faz frutificar duplamente um campo; quem cria uma companhia de navegação; quem escreve um poema, pinta um quadro, abre uma escola, faz ciência.

O homem mais simples, o mais pequeno de espírito, quando na sua ação pensa naquele povo que um dia ressurgirá na beira do Atlântico como um novo luminar, será grande e sentir-se-á grande. E tudo isto tendo sempre presente o fim duma Galiza nova, porque, ai de quem queira viver egoistamente por si e para si!, morrerá e está de facto já meio morto. O egoísmo é o pai da morte!

—De maneira que o nosso ideal...?

—O nosso ideal? Um povo culto, nobre, trabalhador, criador do mais alto que existir, duma terra fecunda: uma imensa perspectiva de searas e bosques, de oficinas, de portos, de poesia, de ciência, de ideal...

Essa é a Galiza do futuro.

## 29. ALMA E TERRA!

[ANT, núm. 167 (25 de julho de 1922), p. 3.]

I

A ria sorri baixo um sol amigo das nuvens. Na outra banda os pinheiros meditam fitando as velas longueiras. Passa o vento e nas areias, na gândara, nos amieiros, diz o seu segredo divino. Quanta beleza!

II

Que falta, que a minha alma não acha o seu fundo acougo? Penso nos homens que nunca sentiram o estremecimento imenso da vida arredor de si, que não sentiram como esta terra é grande e santa.

III

Quando os espíritos tornarem a ela, potentes e rijos, tensos e

líricos como já foram, ressurgirão à nova vida. O filho da Terra, Anteu<sup>151</sup>, segundo a lenda grega, achava novas forças para a luta ao contato da Mãe. Assim, ao chegarmos à campina que nos rodeia, nascemos para um novo triunfo.

#### IV

Ó vós, que sabeis da *Boa Nova*<sup>152</sup>! De porta em porta predicai-a! Ide e, como vós souberdes, anunciai que os tempos vieram, os tempos de criar o melhor, o mais alto!

#### V

As almas, penetradas da beleza da Terra, voarão ligeiras para um futuro infinito, deixando um ronsel de luz imorredoura.

---

<sup>151</sup> Anteu, filho de Posídon e da Terra, recebia força invencível em contato com ela. Sendo Rei de África obrigava a lutar com ele a quantos estrangeiros passavam pelos seus domínios. Hércules (ou Hércules), levantando-o, logrou vencê-lo e matou-o.

<sup>152</sup> Uma atmosfera de *religiosidade* imanencial envolve o texto, inscrito, aliás, no discurso nacionalizador da Galiza. Viqueira liga o *Hino Nacional da Galiza*, à (sua) “boa nova”, o novo evangelho, que cumpre pregar de porta em porta, como os discípulos de Jesus: «Eis a ressurreição [dos sumidos no sono] à nova vida nos novos tempos [, que são chegados]».

## ANOS 1924 E 1926

### ARTIGOS PUBLICADOS POSTUMAMENTE

#### 30. ESFORÇO<sup>153</sup>

[ANT, núm. 215 (25 de julho de 1925), p. 14.]

I

Há espíritos aos quais foi dado viver a sua vida sem esforço? Não o sei. Mas quantos conhecemos somente a conquistadora, possante vontade, sempre buscando para o mais alto! Às vezes, oh, melancolia da vida agre, às vezes, hinos triunfais.

II

A Pomba de Platão (alma livre e pura) quer voar<sup>154</sup>! Dai-lhe asas. Que em cada momento ela se afaça aos seus voos. Primeiro, pequenos; depois, grandes. Nada lhe magoe nem uma pena; tende-a intata. Ó minha Pomba, alminha saudosa, voarás algum dia! — Asas fortes, asas possantes para voar, diz a Pomba. E talvez já afeita sobe para o céu.

III

Não hesites hoje; não digas «Amanhã será»: não será nunca. Lembra os versos de Schiller: «Há dous caminhos na vida: um leva para o ideal; outro para a morte. Apanha cedo o primeiro, não seja que tenhas de ir pelo segundo sem o perceberes.»

IV

De que se faz uma vida verdadeiramente nobre? Do esforço calado e heroico de cada dia.

<sup>153</sup> Um apontamento da redação de ANT diz: «Devemos este trabalho inédito do chorado irmão e mestre à amabilidade da sua viúva, a quem nos cumpre testemunhar o nosso agradecimento». Aliás, o texto, enquadrado, fica ressaltado pelo tamanho da letra.

<sup>154</sup> As almas dos humanos (os fiéis, na interpretação teológica medieval) voam, como pombas, segundo Kant, voam em movimento perfeito e livre, que Platão descreveu no *Timeu*, arredor da árvore da Vida, enquanto o dragão (o demónio) aguarda que se afastassem dos frutos, das ordens divinas, para as desencaminhar e conduzir ao abismo. Aquele movimento perfeito, de rotação, denomina-se em grego *peridéxion* (de *peri*, arredor de, e *dexiós*, destro, hábil, industrioso).

### 31. A CANÇÃO GALEGA

[ANT, núm. 229 (1 de outubro de 1926), p. 4.]

Quando no meio dos campos surge uma melodia alada, como um elemento mais da beleza que nos rodeia, nada nos preocupa quais sejam os seus caracteres típicos, donde vem e se é original do país em que a ouvimos. Parece-nos formosa como o gorgolhar das águas ou o balbordo do vento no bosque, e ainda nos alegra mais do que todos os sons naturais, porque podemos sentir nela a nossa situação anímica quicá inexprimível. O cantor anónimo, agachado entre a folhagem naquele momento, é o nosso *eu* projetado fora de nós.

Não acontece o mesmo quando queremos surpreender e gozar uma determinada música popular e campesina (a música popular fica já somente nos campos!), quando tentamos fixá-la e fazer dela uma análise. Então a nossa situação não é simples estado de gozo estético, mas uma posição essencialmente intelectual, ainda que dela resulte uma determinada fonte de agrado. Fácil será a primeira atitude ao caminhante que se creia mergulhado na beleza da verde paisagem dos agros galegos, tão fácil como difícil seria, guiando-se somente do que escuta cantar aos aldeãos, fazer uma coleção folclórica de canções populares.

Por que é isto? A Galiza costeira é pátria de inquietos marinheiros; a Galiza interior, de emigrantes de espírito aventureiro. Os galegos vão-se embora, moços, percorrer os mares e se fixarem em Portugal, no Brasil, na América hespanhola, na América inglesa. E, como um símbolo do seu espírito errabundo (já falarei um dia desse espírito da raça), acham-se as pousadas de marinheiros galegos nos grandes portos do Atlântico. Quem não embarca para viver sobre as ondas, fá-lo para buscar fortuna noutras terras mais ricas e menos escravas do que a sua. Assim vêm confluír à Galiza, trazidas pelos naturais dela, melodias e cantos sempre novos, que são de *moda* aqui e lá, cantos infelizmente de deplorável gosto. E ainda aqui, sobretudo, a raça se impõe e chega um dia em que os cantos perdem a forma original e adquirem cor rítmica e melódica local.

Houve na Galiza muitos orfeões. Hoje acham-se em plena

decadência, mas, em troca, surgem novos coros que já tendem tão só a conservar as canções e os trajos populares e a música instrumental. O primeiro deles [*Ares da Terra*; na altura «Aires da Terra»] foi o organizado por um entusiasta pontevedrino, Feijóo<sup>155</sup>; depois surgiu um [*Tojos e Flores*; na altura «Toxos e Froles»] em Ferrol<sup>156</sup> e hoje a Crunha possui um interessantíssimo coro desse género [*Cántigas da Terra*] que preside o poeta galego, Excm.º Sr. Eládio Rodríguez<sup>157</sup>.

Mas, ao querer fazer este labor folclórico, acha-se uma grande dificuldade: a música popular galega está por estudar e classificar e, ainda para os próprios galegos, anda oculta a sua essência. As mais das melodias que cantam esses coros, os *alalás*, as *cantigas*, as *moinheiras*<sup>158</sup>,

<sup>155</sup> Perfecto Feijóo Poncet (1858-1935) seguiu estudos de Farmácia em Compostela, para passar imediatamente a Madrid. Em 1880 volta a Ponte Vedra e estabelece-se como farmacêutico na rua da Peregrina. Porém, o seu maior mérito é o de estudioso da música e instrumentos musicais galegos, especialmente da gaita. Na *Botica de Feijóo* fundou-se, em 1883, o primeiro coro galego *Aires da Terra*, com o intuito de divulgar a música popular galega. Publicou, entre outros, os artigos «Alborada de Rosalía de Castro» (*Mondariz*, 1920), «La Gaita Gallega» (*Faro de Vigo*, 1925; 1929). Participou numa polémica sobre a gaita (no *Faro de Vigo*) com Faustino Santalices, Jaime Solá, Manuel Martínez González, Francisco Portela Pérez e José A. Rodríguez. Em 1911 a casa Odeón regista ao Coro *Aires da Terra* quatro discos com *alalás* e *cantares de cego*.

<sup>156</sup> O *Real Coro Toxos e Froles* foi fundado no ano 1914, promovido pelo gaiteiro Manuel Lorenzo Barja, por um grupo de pessoas comprometidas com o folclore galego. Atuou pela primeira vez no dia 29 de maio de 1915 no Teatro Jofre de Ferrol. Alfonso XIII outorgou-lhe o título de *Real* em 1 de janeiro de 1928. Sobejamente conhecido na Galiza, tem atuado em diversas cidades e vilas da Espanha bem como em Portugal, Inglaterra, Suíça, França e México principalmente.

<sup>157</sup> Eládio Rodríguez González (1864-1949), assente na Crunha, alternou o trabalho de funcionário municipal com o de jornalista: colaborou na *Revista Gallega*, *Galicia*, entre outras publicações, e dirigiu os jornais *La Mañana* e *El Noroeste*, que teve o suplemento *Nós. Páxinas gallegas*, iniciado por um artigo seu («Na xuntanza está a forza e na forza está o trunfo»). Também foi o primeiro presidente do coro *Cántigas da Terra* (1917), com Maurício Farto Parra como primeiro diretor. Membro fundador da *Real Academia Gallega de La Coruña* (1906), foi eleito presidente em 1926, cargo de que renunciou em 1934. É autor do *Diccionario enciclopédico gallego-castellano*, publicado postumamente.

<sup>158</sup> *alalás*. Segundo Emilio Pita, «é o canto mais formoso, elementar e primitivo da Galiza». Recebe o nome do *ritornelo* (ai-la-la-la-i-ai-la-la-la). Teófilo Braga entendia que «na Galiza o estribilho do *alalá* designa só por si um género de cantigas» que se executa só, sem acompanhamento musical. *cantigas [populares]*. Denomina, em geral, composições breves (três ou quatro versos, quase sempre heptassilábicos) que o povo criou e repete. Cabe classificá-las segundo as *festas do ano* (Maio, Natal, Entrudo, ...), *romagens*, *divertimentos* (moinheiras, fandangos, ribeiranais, cantigas de pandeiro, de regueifa, de desafio, foliadas, ...), *trabalho* (cantigas de arada, de sega, de espadelada, de arrieiro, de vindima, de fiadeiro, ...), *casa ou família* (arrols, cantigas de berço), *de cego*, etc. *moinheiras* entendem-se, originariamente, como canções de moinho, estruturadas ritmicamente, de modo a poderem ser dançadas, sobretudo, para «seduzir» a acompanhante feminina. É sempre de ordem ternária e de desenvolvimento simétrico. Podem ser coreadas e instrumentais (utiliza-se a

são indubitavelmente galegas; mas também há outras que se cantam como tais sem poder determinar a sua origem certa. E o mesmo acontece com a música dos compositores galegos.

Faltos ainda dum sólido labor científico, de estudo dos cantos populares e ainda para o profano é o melhor, devemos acolher-nos, como guia da música galega, àqueles compositores que melhor a sentiram e mais assisadamente lhe deram forma erudita. O criador da música galega culta e o melhor recompilador folclórico foi Marcial del Adalid (1826-1881). Nasceu na Crunha; foi a Londres, onde estudou com um discípulo de Beethoven, Moscheles. Mais tarde trabalhou também com Liszt. Chamado pelo pai, voltou, ainda moço, à Crunha. Viveu longo tempo na admirável soledade no seu Paço de Lôngora, onde abandonou, em pleno ambiente aldeão, este mundo<sup>159</sup>. Na sua época ainda gozou dum ambiente popular arcaico e foi-lhe muito fácil recolher com pureza a nossa música popular. Adalid foi um admirável colecionador de melodias populares da nossa Terra, que ninguém entendeu como ele. E isto em dous aspetos: [a] Teve uma grande compreensão para a melodia e as peculiaridades tonais da música galega, tão frequentemente adulteradas ainda pelos próprios compositores do país e [b] penetrou, como ninguém, nos ritmos mais delicados. Nas suas *Melodías viejas y nuevas* deixou-nos a melhor seleção de canções populares da Galiza. Adalid foi um compositor sobretudo brilhante do que hoje se adoita

---

gaita, com percussão ou sem ela). Alguns tipos derivados da moinheira folclórica são a ribeirana, o golpe, a carvalhinhesa, a redonda, o contrapasso, a chouteira.

<sup>159</sup> Marcial del Adalid (1826-1881), de família abastada, frequentou os ambientes artísticos europeus (Paris, Londres, Madrid, etc.). Conheceu precocemente a música de Chopin, Bellini, Donizetti, Moscheles, Schumann, Schubert, Beethoven e Weber. Em 1844 foi a Paris com o intuito de conhecer Chopin; depois, a Londres para estudar com Moscheles. Já morto o pai (1855), viajou a Paris onde começou a publicar a sua obra e procurou que se encenasse a sua ópera *Inese e Bianca*. Em Madrid estreou *Sonatina en Sol*. Instalou-se no seu Paço de Lôngora e em 1877 publicou *Cantos populares gallegos* e, mais tarde, *Cantares Viejos y Nuevos de Galicia*.

Ignaz Moscheles (1794-1870), pianista e compositor checo, acabou residindo em Londres. De 1808 à 1816 seguiu estudos de composição em Viena com Johann Georg Albrechtsberger (1736-1809) e António Salieri (1750-1825); em 1814, Ludwig van Beethoven confiou-lhe a transcrição da sua ópera *Fidelio*; de 1816 a 1821 percorreu 'Europa como pianista virtuoso; de 1821 a 1843 residiu em Londres onde organizou concertos com Félix Mendelssohn Bartholdy, Hummel, Liszt ou Chopin. Ulteriormente Mendelssohn nomeou-o professor de piano no Conservatório de Leipzig ou Lipsia (1843).

denominar *lieder*. Música sua fica ainda inédita, dentre ela, uma ópera que teve de ser representada em Paris. Oxalá, no atual renascimento galego, uma mão piedosa faça espertar de novo a música do nosso primeiro compositor.

Nem Montes<sup>160</sup> nem Chané<sup>161</sup>, tão populares e tão ricos em melodia, sobretudo o primeiro, atingiram aquela clara compreensão da música galega de Adalid. Felizmente deixou-nos um discípulo, o melhor dos compositores atuais da Galiza, Baldomir<sup>162</sup>. Digno discípulo do seu mestre, amostrou este compositor de *lieder* um firme sentido para a música galega. Puramente seguiu, na escolha dos motivos e dos ritmos, Adalid. Assim, Baldomir é genuinamente galego. Viveu e vive ainda (e isto é expressivo) na campina aldeã, próxima da Crunha, em íntima comunhão com a Terra Mãe. Baldomir pôs em música quase todos os poemas de Rosalia de Castro e vários de Curros e do atual poeta Cabanilhas<sup>163</sup>. Ainda continua infatigavelmente compondo e editando.

---

<sup>160</sup> João Montes Capón (1840-1899) ingressou no Seminário Conciliar, onde cedo se manifestaram as suas qualidades musicais. Quando acabou os estudos esclesiásticos, renunciou atingir o estado sacerdotal para se dedicar à música. A meio duma pequena orquestra ou da Banda Municipal ou do *Orfeão Galego*, dava a conhecer os diversos tipos de música. Compôs, entre outras obras, a *Alvorada galega* (1888), premiada em Vigo, *As ligeiras andorinhas* (letra de Salvador Golpe), *O pensar do labrego* (letra de Aureliano Pereira) e *Sonata Galega Descritiva* (1890), premiadas na Crunha, *Doce sono* e *Negra sombra* (letras de Rosalia), *Uma noite na eira do trigo* (letra de Curros), *Longe da Terrinha* (letra de A. Pereira). Colaborou na recolhida de cantos populares com Casto Sampedro e Filipe Pedrell.

<sup>161</sup> Chané, pseudónimo do compositor José Castro González (1856-1917), residiu na Crunha onde ministrou uma cadeira na Escola de Belas Artes; dirigiu o *Orfeão Crunhês*, com o qual foi premiado em 1880 (Ponte Vedra), e desde 1882 *El Eco*, conseguindo primeiros prémios em 1886 (Ponte Vedra), 1887 (Madrid), 1888 (Barcelona), 1889 (Paris). Foi felicitado por Caballero, Chapí, Bretón, Gounod e Thomas. Suprimida a cadeira, foi-se para a Havana em 1893, onde dirigiu o *Orfeão Ecos de Galicia* e foi secretário da *Sociedade Protetora da Academia Galega*.

<sup>162</sup> José Baldomir Rodríguez (1867-1947), compositor, discípulo de Marcial Torres del Adalid, primo de Marcial del Adalid, dirigiu os orfeões *El Eco* e *El Brigantino* e diversas orquestras. Académico da *Real Academia de Belas Artes* (Crunha, 1905), de *San Fernando* (Madrid, 1922), da *Galega* (1941), colaborou com Ramón de Arana na recolhida de temas tradicionais galegos para *Cantos y bailes populares de España* e para o *Cancionero musical popular español*, de Filipe Pedrell.

<sup>163</sup> Ramão Cabanilhas Henriques (1876-1959), «[u]ma das vozes líricas de mais destaque na poesia galega da primeira metade do século XX. [...] Fez a sua estreia com o volume *No desterro* (1913) — composto na Havana, onde passou vários anos — no qual o tema central é a saudade da Terra. A sua identidade lírica não se manifestou plenamente até *Vento mareiro* (1915) e *Da Terra asobalada* [avassalada] (1917) [...] Os motivos líricos predominantes nestas coleções obedecem a um estímulo basilar: a exaltação do torrão natal. [...] Cabanilhas passou a ser o *Poeta da Raça*.» A sua

E inédito ainda existe um poema que talvez não tardemos em ouvir, *A Virgem do Cristal*, inspirado naquele poeta de revolta que se chamou Curros. E ainda podemos esperar muito de Baldomir.

Falei sempre em melodia, em *lieder*, ao falar de música galega. Intimamente a nossa música é capitalmente de canto, de canção, desde o *Cancioneiro de Martim Codax*, do século XIII, até os novos compositores.

Precisa-se que os músicos galegos o advirtam.<sup>164</sup>

---

tragédia histórica *O Mariscal*, assinada também por Antão Villar Ponte, sobre a morte de Pero Pardo de Cela, vítima política dos Reis Católicos, serviu de base ao libreto da ópera composta por Eduardo Rodríguez Losada, arquiteto e músico, e estreada em Vigo e Crunha em 1929 e ultimamente, como concerto, representada também Vigo e na Crunha, que dirigiu João Trillo, académico da ACADEMIA GALEGA DA LINGUA PORTUGUESA.

<sup>164</sup> Acrescenta-se ao artigo esta observação: «Devemos à requintada amabilidade da distinta senhora viúva do nosso chorado irmão o podermos oferecer aos nossos leitores as precedentes palavras de Viqueira, que fazem parte dumas notas, redigidas em castelhano, que deixou inéditas. Viqueira era, ademais do homem culto e patriota que conhecemos, uma verdadeira autoridade em música que revelou em diversos trabalhos publicados por várias revistas da península e do estrangeiro. ANT, que tem publicado também algo sobre a mesma matéria em vida do inesquecente irmão e mestre, honra-se dando à publicidade este artigo, rendendo ao mesmo tempo uma sentida homenagem à sua inextinguível lembrança.»

Os trabalhos a que a redação de ANT se refere são, talvez entre outros:

- a. «El origen de la música» (1915) in *Estudio*, Revista mensual [de ciencias, artes y literatura] (Barcelona), núm. 29 (maio 1915: 265-274).
- b. «Nacimiento y evolución de la música» (1923-1924) in *Alfar. Revista de Casa América-Galicia* (Crunha), núms. 30 (junho 1923: 318-319); 32 (agosto 1923: 420-421); 36 (janeiro 1924: 184-185); 37 (fevereiro 1924: 237-240). Reeditada, em versão galega, por *Grial* (núm. 55, 1977 [janeiro-março]: 47-63), sob o título «Nacimiento e evolución da música».

## ARTIGOS VÁRIOS

### 32. CURROS HENRIQUES

[in *Terra a No[s]sa!*, Suplemento de *El Noroeste*, Biblioteca Popular Galega, vol 3 (28 de fevereiro de 1919), *Homenagem a Curros Henriques*, p. 32<sup>165</sup>.]

Curros Henriques foi um campeão do nosso idioma e um poeta da rebeldia labrega, do agrarismo, como agora podemos dizer. Ele não cantou somente as dores e misérias dos campos, mas que nos deixou varudas e guerreiras estrofes de revolta. Curros fez ainda mais: nas suas poesias exprimiu o ambiente ideal do seu tempo (tal como daquela era), sendo assim o primeiro poeta universal galaico. Tudo isso envolvido num estilo penetrante e delicado, superior ao dos poetas castelhanos da sua época. Em resumo, Curros dá-nos uma tripla lição: *Redimir os humildes que moram nos campos, pois redimi-los é redimir a Galiza. — Expressar na particularidade galega toda a cultura universal, pois daqui surgirá a nossa redenção. — Tudo pode exprimir-se na nossa fala, desde o mais singelo até o mais difícil.* Vede por que é que Curros Henriques é ainda hoje um mestre do galeguismo.

### 33. PENSAMENTOS PARA UMA UNIVERSIDADE GALEGA

[*Nós*, núm. 4 (janeiro de 1921), p. 2-3<sup>166</sup>.]

I

É um facto reconhecido por todos que na Galiza precisamos duma grande e moderna universidade. Mas o que não chegou a ser-nos claro é donde provém este facto. Há duas razões: [*a*] Primeiramente faz-nos falta que os nossos futuros médicos, advogados, professores sejam os melhores possíveis quanto à sua preparação técnica e científica,

<sup>165</sup> Transcrevo-o de Torres (1987: 107). Viqueira ecoa nele, entre outros, o poema inicial de *A[i]res da minha Terra* (1880).

<sup>166</sup> O artigo foi também publicado, com escassas variantes, no núm. 4 de *Rexurdimento. Boletín quincenal* (Betanços, 16 de setembro de 1922), pp. 4-5.

preparação que não se faz só em aulas mortas, mas nas clínicas, laboratórios e trabalhos práticos. [b] Por outra parte, precisamos um foco intenso, um lar aceso sempre, da cultura galega, enquanto esta cultura é espírito, um nó espiritual que informe e sustenha o nosso povo. Estas duas razões são as que nos devem guiar nos nossos planos duma universidade futura. Bem me decato que por agora se trata dum sonho nobre, mas todos os ideais são, à partida, sonhos e só com sonhos, com ideais, poderemos fazer uma Galiza maior!

## II

Compreende-se bem que a nossa atual universidade de estreito horizonte, limitada a produzir titulados, fria e esmorecente, nem transformada pode ser um ideal. Também não o será um claustro de sábios cheios de ciência, mas alheios à vida e, portanto, no fundo ineficazes. A universidade que desejamos deve achar-se aberta à vida inteira para poder dirigir a vida; deve sentir como bate em cada momento o coração do nosso povo e, como diretora, encher a sua alma de pulos generosos e altos. Não obstante, terá de se ocupar dos técnicos especialistas, e a estes ficarão reservados muitos cursos e trabalhos. Mas quanto não pode e deve fazer pela cultura do jornalista, do poeta, do artista, do homem de negócios, do agricultor ou do afeiçoado às cousas do espírito! Esse duplo aspeto acha-se já nas universidades francesas. A quem passou uma vez pelos claustros da Sorbonne, cheios de vida, cheios dum público heterogéneo (no qual por vezes os estudantes são os menos), para todos os que lá chegarem, cobiçosos de saber, escutarem algum curso sobre algum assunto fundo e grave, quê tristeza não lhe dão os nossos claustros pobres e esmorecentes!

## III

As velhas Faculdades estão a morrer; no seu lugar virão os grupos de estudos que muitas vezes se formarão pela livre e fecunda iniciativa do estudante. Onde, pois, se pode achar a Psicologia? Para os filósofos, na filosofia; para os naturalistas, na história natural (enquanto psicologia dos animais); para os médicos, na medicina (enquanto psicopatologia); quer dizer, em todas as faculdades e em nenhuma.

#### IV

Decerto é um absurdo que um rapaz galego não possa chegar a ser arquiteto na sua Terra, ficando assim a carreira de arquitetura reservada não aos melhores, mas aos que puderem ter os meios económicos que fazem falta para seguirem longe da sua casa longos estudos. Ademais não surgirá, desta maneira, mais que dificilmente um trabalho renovador sobre a nossa tradição arquitetónica. O mesmo se pode dizer na engenharia. Por que não se levam também estes estudos à universidade, como já se tem feito noutras partes, enriquecendo-a assim material e espiritualmente?

#### V

Como órgão da cultura galega, a nossa universidade deve olhar para os países afins, esses que bordejam o Atlântico, e estabelecer relações com eles. Portugal, América do Sul, Brasil e América do Norte, França, Irlanda, Inglaterra são países que hoje quase não conhece o nosso povo mais que pelo nome ou superficialmente, só no seu aspeto externo, e com os que convivendo obteríamos muito proveito e levaríamos o nosso trabalho ao tesouro universal da Humanidade. Com Portugal, desde o momento atual, podia-se fazer muito. Condição indispensável, para o que agora direi, é que se aprenda, além do francês, o inglês nos nossos Institutos e que em todos se ensine galego<sup>167</sup> e português, o que valeria mais para as amizades ibéricas que os retóricos saúdos diplomáticos. Depois, o intercâmbio de professores, as viagens de estudo seriam tão fáceis como úteis.

#### VI

Compostela, velho ninho bretemoso de poetas e cantores, pode ainda, se nós sabemos fazê-lo, ser o santuário da alma galega.

---

<sup>167</sup> Em nota de rodapé Viqueira explica: «Para isso conviria primeiro unificarmos o nosso idioma, o qual se poderia fazer por um Acordo de todos os escritores e a publicação de regras.» É grandemente sintomático que esse processo ainda não se tivesse então efetivado, quando em 1932 se fizera com os "catalães" mercê das *Normes de Castelló*, depois de elaboradas e publicadas em 1913 as *Normes* de Pompeu Fabra. Posterior foi a unificação do euskara, em 1968, pelo *Acordo de Aranzazu*. Pode apresentar-se hoje o Galego como o que alguns publicitam, "língua de seu", já "normativizada"? Acho que de nenhum modo.

### 34. SAUDAÇÃO<sup>168</sup>.

[*A Aurora do Lima. Decano dos jornais do Minho*  
(Bi-semanário independente), núm. 53 (25 de julho de 1922),  
p. 2.]

Como agradecer bastante aos amigos portugueses o número extraordinário de *Aurora do Lima* no Dia da Galiza? Eu quisera achar palavras para isso, mas todas as que encontro são pouco expressivas! Há cousas que se dizem melhor caladamente! Quanto a mim, fico infinitamente obrigado ao coração generoso de Júlio de Lemos por me ter convidado a escrever estas pobres e humildes linhas.

Portugal!, que saudosa lembrança! Vário e esplêndido, cheio de germes dum futuro glorioso, está sempre cabo de nós, porque onde não chega o nosso olhar sonha a nossa fantasia. Os galegos, irmãos dos portugueses em raça e cultura, sentimos pela vossa pátria, ainda mais que admiração, fundíssima simpatia.

Nos vossos escritores achei irmãos da alma; seus versos, comovidos e líricos, sua prosa, humorista e cadenciosa, fizeram vibrar as mais íntimas febras do meu espírito. A eles devo parte capital do meu desenvolvimento anímico. E o que digo de mim posso-o dizer também de muitos dos meus compatriotas.

Sim, a literatura, a poesia foi sempre o laço de união entre nós. Não esquecemos os velhos cancioneiros galaico-portugueses. Hoje são os poetas os que nos chamam a trabalhar na obra da nossa cultura.

Eu sei como os nossos poetas são amados nessas terras; eu sei, porque o vi, como o povo português sente Rosália de Castro! Em troca, os vossos clássicos serão os nossos, porque, quando olhamos para a nova vida, enxergamos ao longe a figura eterna, simbólica do mestre Camões.

Vijói (Crunha), 9 de julho de 1922.

**Joan Viqueira**

---

<sup>168</sup> Transcrevo-o de Torres 1987: 111.

### 35. AO INSTITUTO [HISTÓRICO] DO MINHO<sup>169</sup>

[*A Aurora do Lima. Decano dos jornais do Minho*  
(Bi-semanário independente), núm. 55 (25 de julho de 1924),  
p. 1.]

Todos os galegos amantes da nossa Terra ficaremos eternamente obrigados ao Instituto [Histórico] do Minho pelo generoso e brilhante labor que está realizando pela Galiza.

Mais que nunca, hoje o Minho une-nos e não nos separa. E, como nele se misturam águas portuguesas e galegas, devemos esperar que no porvir se compenetrem as nossas culturas.

Sempre entusiasta da livre nação portuguesa.

**Joan V. Viqueira.**

Professor de Filosofia do Instituto da Crunha.

### 36. O DIA DE AMANHÃ<sup>170</sup>

[*Justicia Social* (Barcelona) Semanário (6 de dezembro de 1924)]  
Passam os dias longos e trabalhosos, enquanto nós arelantes pensamos no futuro e justo é que pensemos nele.

No crítico momento presente conviria que os elementos que somos partidários dum novo federalismo e que nos achamos arredados os uns dos outros, entrarmos em comunicação. Para isso poderia ser valioso centro que integra *Justicia Social*. Nesta comunicação concretizar-se-iam as conceções que o dia de amanhã seriam efetivas.

Falo dum novo federalismo, porque, deixando de lado o grupo

<sup>169</sup> Transcrevo-o de Torres 1987: 112. Nas pp. 121-122 reproduz uma «Carta [datada em 26 de julho de 1924], de Júlio de Lemos a Viqueira, noticiando-lhe o nomeamento de sócio do Instituto Histórico do Minho e o envio do órgão de dito Instituto». Dela transcrevo a alínea que explica a brevidade do texto de Viqueira acima transcrito: «Quero passar às suas mãos amigas o incluso n.º de *A Aurora do Lima* consagrado ao *Dia da Galiza* e pedir-lhe mil perdões de haver extratado duma carta de V. Ex.ª a passagem que inclui naquela edição do órgão do nosso Instituto.» (Ib. 121)

Júlio de Lemos (1878-1960), para além do seu labor no jornal, dirigiu o *Arquivo municipal da Câmara Municipal de Viana do Castelo* entre 1911 e 1938, no qual ordenou e catalogou cerca de 2.360 livros.

<sup>170</sup> Transcrito de *Ensayos y Poesías* (1930: 119-120); compare-se com *Ensaaios e Poesias* (1974: 133-134). Original, sem dúvida, em castelhano, de que não disponho.

*Justicia Social. Semanario socialista* (Barcelona), do PSOE, publicou-se entre 1923 e 1936.

catalão, os restantes grupos peninsulares se encontram esmorecentes e temerosos dos seus próprios ideais, ademais antiquados e precisados de se renovarem. Falta-lhes um fundo interesse social ou, antes, socialista, que agora na Catalunha já aparece, sem o qual não pertencerão ao nosso tempo. Refiro-me, claro é, ao federalismo republicano, porque do regionalismo conservador, mais ou menos federalista, alheio ao espírito moderno, tão velho que nem se tem direito, não cabe esperar nada.

Não sou eu, sem dúvida, o único a sentir assim, nem também só na Catalunha e quiçá na Galiza tem raiz este ideal: creio que no fundo é um ideal hispânico. Cada país tem a sua constituição; nada mais nosso do que o federalismo, para a nossa desgraça não verificado por torpes incompreensões.

Que estas linhas de verdadeira simpatia pelos meus amigos catalães possam espertar o interesse, em toda a Espanha, por uma meditação sobre um futuro estado republicano federal socialista ou social, meditação que, se é funda e sincera, se mudará o dia de amanhã em realidades.

### 37. AUTONOMIA<sup>171</sup>

[Sem datar, em *Ensayos y Poesías* 1930: 81-82.]

I

Quando se coloca, no nosso país, o problema da autonomia, as vozes dos representantes da velha e decadente *España*, da *España* de Filipe II [*I de Portugal*], que não sabe olhar por riba das fronteiras, dizem: «As pretensões autonómicas são inauditas, nunca se viram». Entrementes, florescem os Estados Unidos de [Norte] América, Inglaterra, e Suíça no meio da Europa, incólume e misturada, ilha de paz. E Inglaterra, os Estados Unidos, Suíça devem o seu poder e florescimento, a sua grandeza, a sua importância, aos princípios autonomistas.

---

<sup>171</sup> O artigo pode bem oferecer-se como bom comentário ao lema inscrito no escudo que desenhou Castelhão: «Antes mortos que escravos!». Escreve no seu *Sempre em Galiza*, utópico e esperançado: «[...] nunca se viu que os povos e os homens prefiram ser escravos a serem livres, e sempre voltam dos passados erros, empurrados pelo anseio de liberdade» (2010: 535)

## II

Estes representantes dos ruinosos tempos que não voltarão, dizem também que o nosso movimento é anti-espanholista. Eu pergunto: «Que mais anti-espanhol e estrangeiro que o centralismo realizado pelas dinastias alemã e francesa dos Áustrias e Bourbões, que destrui a essência de Hespanha, que é ser uma admirável confederação de nações?» Hespanhol sou eu, mas duma Hespanha grande, futura, ainda por fazer, onde a suprema lei seja a liberdade; onde sejam livres as nações que a formam, livres os municípios ou concelhos, eminentemente livres os cidadãos, e que se amplie duma Ibéria que com novos factos assombre o mundo.

## III

Mas agora que o problema é rude e áspero já, às vezes, não se fala contra a autonomia. O que se quer é não combatê-la, mas fazer dela (fonte de liberdade que é) arma para assovalhar-nos novamente. Estamos fartos de escravidão. A Galiza, do fundo do seu ser, exige a autonomia integral, condição para ela ser grande, mas uma autonomia radicalmente democrática. Treme a nossa raça como um gigante dorminhento e ameaça com um medonho despertar!

## IV

Galegos, sede dignos de vossos avós, os Irmandinos, que há cinco séculos se ergueram na Galiza procurando reger-se por si mesmos e não terem donos. Galegos, sede dignos de viver entre as novas democracias do mundo. Arda nos vossos peitos lume santo de amor pelas cousas nobres e saia só dos vossos lábios o clamor dos povos grandes: «Liberdade ou morte!».

## 38. NACIONALISMO E SOCIALISMO

[Sem data em *Ensayos y Poesías* 1930: 121-122.]

### I

Eis dous termos que não se podem contrapor: *nacionalismo* e *socialismo*. É mais, o segundo é provavelmente um aspeto do primeiro. *Nacionalismo* é irmandade na pátria, é sentimento de comunidade

ideal, é vontade de vida unânime trabalhando num momento da Humanidade.

## II

O fundo de todos os *socialismos* diz que a ninguém falte pão de avondo, que todos tenham um lar sob o agarimoso teto, que a escola seja igual para todos, que não haja fome nem tirania. Aquilo em que não se entendem os *socialismos* é nas fórmulas, nos planos para arranjar a sociedade de maneira que aquele estado justo se realize.

## III

Mas como é que, sentindo a ideal *comunidade de pátria*, se pode tolerar que haja cidadãos de duas classes, os pobres e esfameados e os ricos e privilegiados? Como não sentimos nojo em que para uns sejam todos os bens da vida e para outros nada? O *nacionalismo* não vê mais do que irmãos na pátria e ele quer que todo o bem comum se partilhe entre irmãos. O *nacionalismo* é o santo calor, pai do socialismo!—

## IV

Os povos em que uma luta civil (de pobres e ricos) separe os cidadãos, cedo ou serodiamente morrerão; mas os que se sentem em irmandade santa (onde as diferenças sociais são pouco notáveis ou não existentes) não tenham medo à eternidade!

## V

.....

## TEXTOS ORIGINAIS EM CASTELHANO PUBLICADOS NA REVISTA ALFAR (CRUNHA)<sup>172</sup>

### 39. NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DA MÚSICA

[*Alfar. Revista de Casa América-Galicia* (Crunha), 1923: 318-319; 420-421 36 (1924: 2-3); 37 (1924: 11-14) 30 (1923: 318-319); 31 (1923: 420-421); 36 (1924: 2-3-); 37 (1924: 11-14)]]

#### I.- NASCIMENTO DA MÚSICA

##### A PSICOLOGIA DOS POVOS E A MÚSICA

A expressão *psicologia dos povos* tem hoje dous significados distintos. [*a*] Designa umas vezes a psicologia da característica dos povos. Assim se diz a psicologia do povo espanhol, francês, etc. (psicologia individual ou diferencial de Stern<sup>173</sup>); [*b*] outras vezes dá a entender a psicologia, em geral, das coletividades humanas. Para esta última idearam-se os nomes de *demopsicologia*, *psicologia étnica*, todos ambíguos e com a desvantagem de acrescentar a confusão na terminologia psicológica, já muito indecisa. É sabido que a psicologia dos povos em definitivo, a que agora nos interessa e da que direi apenas de aqui em diante, arranca da flosófia de Herbart<sup>174</sup>. Este psicólogo e

---

<sup>172</sup> A seguir vertem-se para português alguns textos que Viqueira publicou em castelhano, mormente, como se indica, os aparecidos na revista crunhesa *Alfar*. Não todos foram integrados em *Ensayos y Poesías* (1930) nem em *Ensaíos e poesías* (1974). Procurei que a minha versão, sendo efetivamente tradução, seja fiel ao original viqueirano, de maneira que conserve congruência suficiente com os textos redigidos por ele em galego, no português da Galiza.

<sup>173</sup> A psicologia da personalidade ou psicologia diferencial, desenvolvida por W. Stern, procura descrever e explicar "as particularidades humanas duradouras, não patológicas e que influíam no comportamento dentro duma determinada população", entrementes tenta integrar os resultados empíricos numa teoria da personalidade e desenvolver métodos para o psicodiagnóstico e fundamentá-los teoricamente.

William Lewis Stern (1871-1938), psicólogo e filósofo alemão, pioneiro no campo da psicologia da personalidade e da inteligência, foi o iniciador do conceito *cociente intelectual* ou índice de inteligência, usado ulteriormente por Lewis Terman e outros investigadores. Em 1897 inventou o variador do tom, que lhe permitiu investigar a percepção humana do som de jeito original.

<sup>174</sup> Johann Friedrich Herbart (1776-1841) foi filósofo e psicólogo alemão, fundador da pedagogia como disciplina académica. Estudante do filósofo Johann Fichte, na Universidade de Iena, realizou sua primeira experiência pedagógica aos vinte anos, como professor particular em Interlaken, na Suíça, período em que ficou amigo de Pestalozzi. Em 1802, obteve do doutoramento em Göttingen

filósofo não chegou a construir uma psicologia dos povos. A ideia foi desenvolvida pelos discípulos Steinthal e Lazarus<sup>175</sup>. Os trabalhos destes foram, antes de mais, tentativas que ficaram incompletas. O conceito fundamental da escola é o de espírito do povo (*Volksgeist*). Dele se fazem derivar processos coletivos. Trata-se dum conceito romântico e misterioso.

Com o renascimento da psicologia nos fins do séc. XIX, a psicologia dos povos alcança uma nova floração, mas num sentido já diferente. O psicólogo que pode ser considerado autor desta nova psicologia é W. Wundt<sup>176</sup>. O problema da psicologia refere-se à génese da vida consciente em geral; génese que pode ser considerada de dous jeitos: [a] no homem, considerado isolado e [b] no homem como parte dum todo social em que sempre vive. Assim a psicologia tem duas partes bem diversas: [a] a primeira serve-se do experimento e ocupa-se do indivíduo; [b] a segunda não pode usar o experimento e dirige-

---

(ou Gotinga), onde ministrou como professor de filosofia. Em Königsberg fundou um seminário pedagógico com uma escola de aplicação e um internato. Centrou-se no estudo da filosofia do espírito, à qual subordinou suas obras (*Pedagogia Geral* e *Esboço dum Curso de Pedagogia*). «Herbart foi o primeiro em utilizar com lógica implacável os métodos do cálculo infinitesimal moderna para resolver os problemas da procura filosófica. Segundo ele, a psicologia arreiga na experiência, na metafísica e nas matemáticas.» (Hilgenheger 1993: 2)

<sup>175</sup> A *psicologia dos povos* (*Völkerpsychologie*), expressão usada por Wilhelm von Humboldt, procura analisar o *espírito do povo* ou o *carácter nacional*. Foi impulsionada pela revista de M. Lazarus e H. Steinthal *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft* (revista de psicologia dos povos e filologia), da qual foram publicados 20 volumes a partir de 1860, em que participavam filólogos, historiadores, folcloristas e antropólogos. A psicologia dos povos teria metodologia dual, experimental, enquanto psicologia, e filosófica ou baseada em generalizações aproximadas, enquanto etologia. De facto na revista procurou-se a ligação das ciências naturais com as culturais e históricas. Lazarus e Steinthal acreditavam na possibilidade de, através de leis referentes a processos individuais, tirar leis que explicassem a cultura.

<sup>176</sup> Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) foi médico, filósofo e psicólogo alemão, considerado fundador da moderna psicologia experimental à par de Ernst Heinrich Weber (1795-1878) e Gustav Theodor Fechner (1801-1889). Para Wundt o método experimental é o adequado à investigação dos processos básicos, como a sensação e associação, apenas para compreender os processos mentais superiores. Por sua vez, deve ser realizada através do estudo dos produtos culturais da vida social: arte, linguagem, hábitos culturais ética, etc. A sua obra *Völkerpsychologie / Psicologia popular-cultural* (dez volumes) contém análises detalhadas da linguagem humana (hoje *psicolinguística*) em dous volumes; três volumes sobre cultura intitulados *Psicologia dos mitos e religião*; um volume sobre cultura e história intitulado *Antropologia*; um sobre *Ética e Lei* (hoje *psicologia forense*) e um volume sobre a *psicologia da arte*.

se à coletividade social que se revela nos seus produtos: arte, ciência, religião, etc. As duas partes da psicologia complementam-se. [a] A primeira ocupa-se das funções inferiores do espírito; [b] a segunda das funções superiores que, para Wundt contrariamente a outros psicólogos, não podem submeter-se a experimento para as investigar. Já não nos achamos perante o espírito do povo. Portanto, suscita-se o problema sobre a condição real da série de fenómenos que só podem ser estudados relativamente ao todo social. Recebem o nome de consciência coletiva. A consciência é, para Wundt, a síntese dos fenómenos de consciência, a sua última unidade. Portanto, a consciência coletiva parece ser a síntese dos fenómenos que surgem no influxo recíproco dos espíritos. Indubitavelmente o conceito de consciência coletiva não tem clareza e precisa ser reelaborado. A consciência coletiva revela-se-nos nos produtos que têm o carácter de objetos permanentes: Eis a classificação dos tipos fundamentais, segundo Wundt:

a) *Mito.*

b) *Linguagem.*

c) *Moralidade.*

Deles, por diferenciação, surgem todos os restantes aspetos da vida humana.

Não é este o lugar de fazer uma crítica. Apenas indicarei que algo que tem uma importância capital na vida humana, a arte, não parece poder ser derivada de qualquer dos grupos anteriores. Justamente dum problema, que tem a ver com a arte, vou tratar nas páginas que se seguem. A psicologia da música, da sua evolução, é problema da psicologia dos povos que hoje ocupa a atenção de vários investigadores. Deles, a quem corresponde maior importância é a C. Stumpf<sup>177</sup>,

---

<sup>177</sup> Carl Stumpf (1848-1936), psicólogo e filósofo alemão, foi conhecido por trabalhos sobre a percepção auditiva e pela teoria das emoções, que influiu na fenomenologia de Husserl e na psicologia da forma. Estudou na universidade de Würzburg, onde chegou a ser discípulo de Franz Brentano. Não obstante, em Göttingen recebeu lições de Wilhelm Weber sobre fisiologia, e de Hermann Lotze, sobre filosofia. Em 1868, ultima a sua primeira tese em filosofia. Depois de iniciar estudos de teologia, em 1870 escreve a sua segunda tese (sobre os axiomas matemáticos) em Göttingen. Contatou com os dous famosos psicofísicos de Leipzig, Ernst Weber e Gustav Fechner. Publica, em 1872, *Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung* (Sur l'origine psychologique de la perception

professor da Universidade de Berlim. À partida este psicólogo diz achar-se, a respeito da psicologia dos povos, no mesmo ponto de vista que Wundt.

#### MÉTODOS. ARQUIVOS FONOGRÁFICOS

Para o estudo da origem da música devemos dirigir-nos aos estados inferiores dela, que poderíamos estimar primitivos: a músicas dos povos selvagens.

Cumpramos antes de mais, para o estudo das origens da música, possuir material fixo. Podemos alcançá-lo hoje mercê do fonógrafo. Antes, as melodias dos povos selvagens recolhiam-se ao ouvido e, naturalmente, por europeus. Acontecia, o qual é facto psicológico facilmente explicável, que as melodias eram modificadas no sentido da música europeia. É isso o mesmo que acontecia com os desenhos que povos estranhos representavam, nos quais sempre achamos traços familiares à nossa raça<sup>178</sup>. Mediante o fonógrafo este perigo desapareceu por completo; veio a ser para as melodias o que a fotografia para os tipos. Cumpramos, além disso, ter métodos especiais para a tradução de ritmos e melodias. Os ritmos dos povos selvagens são tão complicados que oferecem grandes dificuldades para serem *traduzidos* nas nossas anotações e o mesmo acontece com os intervalos melódicos. Estes métodos de transformação exata foram ideados e praticados.

Procedeu-se a criar arquivos de cilindros fonográficos. Os primeiros começaram a fazer-se nos Estados Unidos onde se achavam povos civilizados em contato com populações selvagens, cujos usos e

---

de l'espace). Em outono de 1873 obtém uma das cátedras de filosofia. Começa a trabalhar sobre a percepção auditiva e a psicologia da música. Passa a Praga, mercê do apoio de Brentano. Em 1883 publica o primeiro tomo de *Tonpsychologie*, em que critica a aproximação puramente psicofísica. Em 1884 volta à Alemanha, a Halle, onde Husserl será discípulo seu. Em 1890 publica o segundo volume da *Tonpsychologie*. Realiza experiências musicais com índios e publica *Lieder der Bellakula Indianer*, um dos primeiros textos de *etnomusicologia*. Por fim aceita, em 1894, a cátedra de psicologia de Berlim onde ficará até 1928.

<sup>178</sup> Já fiz notar que *raça* vale por *gente* ou *etnia* ou apenas *Povo*. Já se terá advertido que, quando a interpretação não induz em erro, deixei a palavra *raça*, sempre inteligível em quaisquer dessas equivalências.

produções artísticas ofereciam interesse. Posteriormente começaram a formar-se na França, Rússia, Alemanha e Inglaterra. Paris possui na *Société d'Anthropologie*<sup>179</sup> um arquivo, Em Berlim o *Instituto Psicológico* [Psychologisches Institut], que dirige C. Stumpf, possui um dos mais ricos do mundo. Os arquivos não se contentaram com reunir os cilindros da música dos povos primitivos; antes, estenderam a esfera da coleção, guiados por múltiplos interesses. Assim os dialetos, a música popular dos povos da Europa, as produções dos grandes artistas e oradores foram fixadas nos cilindros dum jeito certamente exato. Porém, falta ainda a fazer. Não obstante, o material reunido hoje por eles para o psicólogo dos povos, línguas, música, etc., é de suma importância.

O emprego dos citados arquivos para estudos da música acha-se no início. Ainda não fizemos mais do que começar a explorá-los. Em quase todas as teorias sobre a origem da música vemo-nos colocados perante trabalhos especulativos, baseados em dados incompletos e melodias tomadas ao ouvido. Ainda mais, o material empírico não foi nem recolhido nem elaborado na totalidade e, portanto, achamo-nos ainda no reino das hipóteses mais ou menos sugestivas, mas ao fim hipóteses.

#### DEMÓCRITO E LUCRÉCIO

Na terra onde todas as cousas do espírito têm a sua origem, na Grécia, achamos pela primeira vez uma teoria da origem da música. Segundo Demócrito de Abdera<sup>180</sup>, o homem aprendeu a cantar imitando os pássaros: «Nas cousas mais importantes somos discípulos dos animais; da aranha no tecer e remendar, da andorinha no construir, e das aves canoras – o cisne e o rouxinol – no cantar. E tudo por imitação!» Lucrécio<sup>181</sup> repete em formosos versos:

---

<sup>179</sup> A *Société d'Anthropologie de Paris* (SAP) é uma sociedade fundada em 1859 por Paul Broca, e reconhecida de utilidade pública por decreto de 21 junho de 1864. Tem por objetivo o estudo da história natural do Homem, a origem e diversidade biológica da espécie humana.

<sup>180</sup> Veja-se a nota 62.

<sup>181</sup> Titus Lucretius Carus ou Tito Lucrécio Caro, poeta e filósofo romano, viveu no século I a.C.; nasceu em 94 a.C. e viveu 44 anos. Parece que os seus inimigos espalharam o boato de que ficou

At liquidas avium voces imitaries ore  
ante fuit multo quam levius carmina cantu  
concelebrare homines possent aurisque iuvare<sup>182</sup>.

Eis que nos achamos já com um motivo descoberto para o desenvolvimento da música. Com certeza não é suposto que possa desse jeito simplista dar-nos a sua origem. A música imitativa é tão antiga quanto qualquer outra. Os povos selvagens possuem estas melodias imitativas nascidas de motivos práticos, como a caça. Mas são predominantemente rítmicas; o carácter melódico musical se acha em segundo termo. Para além, por que reduzir a uma mera imitação a produção da melodia, quando o direito de a criar se concede aos animais? Por outra parte, veremos como a música animal é essencialmente distinta da humana. O que é certo é que o motivo de imitação foi e é hoje um factor importante para a evolução da música.

#### A MÚSICA, PRODUTO DA SELEÇÃO SEXUAL. DARWIN

Vinte e cinco séculos depois tentou Darwin<sup>183</sup> derivar a música humana da música animal, embora de distinto modo que Demócrito.

---

louco ao tomar uma poção do amor; seja como for, escreveu livros, editados por Cícero. Sua fama decorre do poema *De rerum natura* (Sobre a natureza das cousas), onde expõe a filosofia de Epicuro de Samos, cuja doutrina desvenda os segredos do universo e garante a felicidade humana.

<sup>182</sup> Os versos pertencem ao Livro V do *De rerum Natura*: «Mas os claros gorjeios das aves com a voz imitavam muito antes que pudessem os homens regalar-se os ouvidos com versos harmoniosos de melódico som e doce afago.»

<sup>183</sup> Charles Robert Darwin (1809-1882) foi naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Darwin começou a se interessar por história natural na universidade enquanto era estudante de Medicina e, depois, Teologia. A sua viagem de cinco anos a bordo do brigue HMS Beagle e escritos posteriores trouxeram-lhe reconhecimento como geólogo e fama como escritor. Suas observações da natureza levaram-no ao estudo da diversificação das espécies e, em 1838, ao desenvolvimento da teoria da Seleção Natural. Em *A Origem das Espécies* (*On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*) (1859), introduziu a ideia de evolução a partir dum ancestral comum, por meio de seleção natural. Ingressado na *Royal Society*, continuou a escrever livros sobre plantas e animais, incluindo a espécie humana, dentre eles *A descendência do Homem e Seleção em relação ao Sexo* (*The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*) (1871) e *A Expressão da Emoção em Homens e Animais* (*The Expression of the Emotions in Man and Animals*) (1872).

A música não pode significar uma vantagem na luta pela existência; ao contrário, parece ser uma desvantagem muitas vezes. Mas Darwin imaginou um novo factor para a produção das cores brilhantes e da música: a seleção sexual. A música e as cores vivas são adorno e do mesmo jeito que os machos formosos foram preferidos pelas fêmeas, foram-no os machos cantores. A raça destes reproduziu-se multiplicando-se.

Mas, contra isto podem fazer-se valer três objeções. [a] Primeiramente, a seleção sexual está hoje posta em dúvida pelos naturalistas e, portanto, toda a sua virtude para a evolução. [b] Segundo, acontece que nem a música animal nem a humana é eterno canto de amor. Os cantos dos pássaros podem ter outras muitas significações e, quanto aos homens, existem, desde o início da História, cantos de guerra e de religião e justamente são estes os predominantes. Pode com acerto supor-se que a música animal tem a sua raiz num sentimento de plenitude de vida. [c] E, por último, a música animal é de natureza distinta da música humana. Uma mesma *melodia* pode ser cantada em diferentes tonalidades; é transportável. Isto acontece porque a música humana é essencialmente *intervalos* e o valor absoluto dos sons é secundário. Nada semelhante pôde ser observado na música animal. Alí o que importa é o valor absoluto dos tons. Se reparamos no canto dum pássaro, veremos como repete sempre as mesmas notas. Abraham fez experimentos com um loro para ver se era capaz de transportar. O resultado foi negativo. Dos animais herdamos apenas a laringe e o ouvido.

## A LINGUAGEM, ORIGEM DA MÚSICA

Agora podemos já perguntar-nos: Se a música não foi transmitida ao homem pelos animais e nasceu, portanto, na história humana, de que facto primitivo podemos derivá-la?

A nossa linguagem tem alguma melodia. A voz, ao falar, não se mantém constante à mesma altura. Oscila segundo lei e essa oscilação depende da natureza da frase. Segundo Dioniso de Halicarnasso<sup>184</sup>, o acento circunflexo grego indicava a inflexão duma quarta na voz. Esta melodia adquire na poesia e na linguagem, nos estados de violentos efeitos maior claridade. A linguagem cantada, de que é resto o que se emprega no ritual católico, acha-se muito estendida entre os povos selvagens. Daqui que se chegasse a pensar que, supondo que a linguagem é o primitivo, que a música derivasse dela. Esta teoria foi sustentada no séc. XVIII por Rousseau e Herder, e no séc. XIX, sem saber que se sustivera antes, por Spencer<sup>185</sup>.

---

<sup>184</sup> Dionísio ou Dioniso de Halicarnasso (ca. 60 a. C.-ca. 7 a. C.), historiador e retórico, viveu em Roma sob César Augusto, onde talvez ensinasse gramática grega. Seus trabalhos de crítica procuram isolar os traços que sobressaem nas obras e nos homens à maneira dos eruditos de Alexandria e Pérgamo. Estudou os antigos oradores, Lísias, Isócrates, Iseu, Dinarco. Escreveu *Primeira carta a Amaeos*, que trata de retórica, gramática e estilística. O tratado *Da ordenação das palavras* contém numerosos e preciosos extratos de poetas e prosadores gregos de todas as épocas, alguns dos quais não se encontram em nenhuma outra fonte. Em *Das antiguidades romanas* percorre a história de Roma desde seu início até cerca de 264 a.C., data em que começa a História de Políbio.

<sup>185</sup> Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi filósofo, escritor, teórico político e compositor musical autodidata suíço, figura marcante do Iluminismo francês e precursor do romantismo. No *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* assinala que «grito da natureza», usado pelos primeiros homens para implorar socorro no perigo ou como alívio de dores violentas, pode tomar-se como linguagem inicial; contudo, só se tornaria em linguagem própria «quando as ideias dos homens começaram a estender-se e a multiplicar-se, e se estabeleceu entre eles uma comunicação mais íntima, [...] multiplicaram as inflexões de voz e juntaram-lhes gestos que, por sua natureza, são mais expressivos e cujo sentido depende menos duma determinação anterior.»

Johann Gottfried von Herder (1744-1803) foi um filósofo e escritor alemão. Para ele «os animais, incluindo o homem, não “são rochedos isolados”, pois está em constante comunicação com outrem. E deve-se entender “comunicação” no sentido de linguagem - e neste ponto fica a interrogação: o que é linguagem? Para melhor compreensão, separar-se-á essa explicação em cinco fases.» (Santos, «Herder e a origem da linguagem» 2006, p. 79).

Herbert Spencer (1820-903), filósofo positivista inglês, foi profundo admirador da obra de Charles Darwin; na sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Por isso é considerado “pai” do Darwinismo social, segundo alguns, a justificar a divisão da sociedade em classes e o Imperialismo europeu. «A exclamação é a forma mais elementar da linguagem: com ela se exprime vagamente uma ideia total, através dum único som, como ocorre entre os próprios animais

Mas aqui podemos apresentar, face à teoria, dous pontos de vista de capital importância. [a] O primeiro não se fez valer de ordinário e, não obstante, pode ser decisivo. Por que há de ser a linguagem a primeira e a música, um derivado dela? Não é mais claro supor e mais lógico que primeiramente fosse a música e depois a linguagem? A linguagem articulada representa maior exigência mental que a música e maior complicação que esta. Poderia ser que linguagem e música tivessem raiz comum única. Para além, decerto a linguagem possui movimento musical ainda quase por estudar. Mas a melodia da linguagem é completamente distinta da duma melodia propriamente dita. Na linguagem a voz desliza-se por portamentos<sup>186</sup> através de mínimos intervalos numa extensão que por vezes alcança uma oitava ou uma duodécima. Daqui e da presença de ruídos (consoantes) procede o efeito não musical da linguagem. O essencial na nossa música são os intervalos. Uma melodia, um troço de harmonia, não deixam de ser o que são enquanto os intervalos continuem a ser os mesmos. A variação de tonalidade traz só variação (por vezes grande) do *matiz*. Ora, na linguagem não há nada dos intervalos musicais.

Portanto, a linguagem não pode ser a origem da música. Outra cousa é a influência que nela tivesse, e a relação de ambos os problemas, ainda não estudados deste ponto de vista.

---

inferiores. Não há provas para afirmar que a linguagem humana só tenha consistido, a princípio, em exclamações, e, por conseguinte, que tenha sido rigorosamente homogênea com respeito às partes da oração. Mas é fato já estabelecido que, nas formas primitivas da linguagem, entraram como únicos elementos os nomes e os verbos. Na gradual multiplicação das partes do discurso, a partir das referidas, na divisão dos verbos em ativos e passivos, e na dos nomes em abstratos e concretos; na distinção de modos, tempos, números, pessoas e casos; na formação dos verbos auxiliares, dos adjetivos, advérbios, pronomes, preposições e artigos, assim como na diversidade de ordens, géneros e variedades destas partes, com as quais as raças civilizadas exprimem as mais delicadas modificações do pensamento; em tudo isto, repetimos, se vê a passagem do homogêneo para o heterogêneo. E pode observar-se que, especialmente devido a ter levado esta subdivisão de funções a um alto grau de extensão e determinação, é a língua inglesa superior a todas as outras.» (Spencer, *Do Progresso. Sua Lei e Sua Causa*, 1939; *Vid. V* «o progresso na linguagem e nas belas artes»)

<sup>186</sup> *Portamento* (plural: *portamenti*, literalmente "carga") é expressão musical, tomada do italiano, que denomina um deslize vocal entre os dous arremessos e a sua emulação de instrumentos como o violino; por vezes é utilizado alternadamente com antecipação.

## O RITMO, ORIGEM DA MÚSICA

Uma propriedade importantíssima da música é o ritmo. Nos povos selvagens alcançam os ritmos, como na Grécia antiga, importância imensa e imensa complicação. É tão grande que para um europeu são difíceis de *traduzir* ao ouvido. Porém, a melodia é singela ou, antes, pobre. Isto parece indicar maior antiguidade do ritmo. Pretendeu-se derivar do ritmo e dos modos distintos a música. Wallaschek<sup>187</sup> quis derivá-la da dança religiosa e guerreira; o economista Bücher<sup>188</sup>, do ritmo do trabalho. Uma das características da atividade que denominamos trabalho é o ritmo. A ritmificação representa, portanto, um progresso tanto em qualidade quanto em intensidade. Tudo aquilo que puder favorecer a sua condição rítmica é auxílio eficaz. Assim aparecem a poesia e a música, à partida, intimamente unidas a ele, como apoio do ritmo. A parte melódica da música derivaria dos ruídos do trabalho ou da melodia da linguagem.

## TEORIA DE STUMPF

O último intento de teorizar a origem da música foi feito por C. Stumpf. Baseando-se nos estudos do *Arquivo fonográfico de Berlim*, achou dar à música carácter substantivo. Coloca a raiz na vida prática, pois «ao princípio era a ação»<sup>189</sup>. A origem da música estaria no grito de chamado. Desde muito cedo os homens serviram-se de sinais para poderem comunicar-se à distância. Estes gritos existem ainda hoje na

---

<sup>187</sup> Richard Wallaschek, *Primitive Music: An Inquiry Into The Origin And Development Of Music, Songs, Instruments, Dances, And Pantomimes Of Savage Races*, Londres, 1893. Vid. Amy B Graziano e Ju-lene K Johnson, «Richard Wallaschek's Contributions to the Psychology of Music» 2004.

<sup>188</sup> Karl Wilhelm Bücher (1847-1930), economista e sociólogo, sustentava que, na própria Natureza ou nas atividades quotidianas se pode achar a música; a produção dum som rítmico e a persistência do ritmo ajuda à realização dessa atividade, facilitando-a. Pôde haver um primeiro grito ou palavra de ânimo ou encorajamento, que se tornariam em pequenas frases, versos, até os ligar numa canção; dessarte se conseguiria maior eficácia e constância no trabalho. Expôs essa sua concepção em *Arbeit und Rhythmus* (1896)

<sup>189</sup> Clara citação da célebre expressão no *Fausto* de Goethe (I, 64): «Enquanto lanço agora essa última linha, / Algo me inspira além e para mim caminha. / O Espírito me ajuda! E diviso um clarão. / Escrevo confiante: *Ao princípio era a Ação!*» (Tradução de Sílvia Meira), São Paulo, Abril Cultural, 1983. Citado em Ana Cristina Pinto da Silva 2001: 77.

Europa. Na Espanha são habituais no norte. O esquema, em geral, é este: começa por uma nota baixa, sobem rapidamente e permanecem num som agudo para voltar a baixar de novo. Este permanecer numa nota alta é o que os distingue da linguagem e os converte na origem da música. Quando este sinal foi cantado, antes, gritado, por vozes de homens, mulheres e meninhos, resultaram necessariamente acordes diversos. Entre estes acordes há três que possuem, em grau máximo, uma qualidade que, em menos grau, é comum a todos eles: a de que as suas notas se fundem num todo, de tal modo que podem ser tomadas, por um ouvido pouco músico ou pouco habituado, como uma só nota. Estes três acordes são a oitava, a quinta e a quarta.

Esta propriedade de fundir-se (*fusão*) foi estudada pelos psicólogos e os resultados do experimento que consiste em que o sujeito da experiência ouça dous sons simultâneos e diga se são um ou dous, dão:

Para a oitava .... 75%

Para a quinta .... 60%

Para a quarta .... 20% a 36%

de casos em que a fusão se realiza, quer dizer, em que se tomam por um só som. Assim os realmente compostos e talvez fossem cantadas as partes, sucessivamente, na procura de novo efeito. A curiosidade, que tão grande importância tem nos povos selvagens, foi causa de que os homens primitivos, ao tentarem cantar o uníssono, o fizessem em oitavas, quartas e quintas e tomaram o resultado por um uníssono mais cheio e sonoro (o que acontece com os aldeãos da Europa). Mas não pôde ficar oculto ao homem de ouvido delicado que em todos os tempos existem; esta foi a origem da melodia, quer dizer, desse canto sucessivo nasceram os intervalos melódicos.

Porém, Stumpf diz-nos que talvez seja pela semelhança das oitavas que pôde ser criada a melodia já anteriormente e que assim nasceram os cantos primitivos, como os dos Vedas<sup>190</sup> de Ceilão. Mas

---

<sup>190</sup> Denominam-se *Vedas* os quatro textos, escritos em sânscrito por volta de 1500 a.C., que formam a base do extenso sistema de escrituras sagradas do hinduísmo, que representam a mais antiga litera-

estas melodias, que constam de duas ou três notas, deveram de unir-se aos intervalos harmónicos para sair da primitiva singeleza. Veja-se a que se segue:

*Cantos dos Vedas de Ceilão*



### CONCLUSÃO

Façamos notar, conjuntamente, algo acerca das teorias. Indubitavelmente a de Stumpf pode ser estimada superior. Capital importância tem nela a consideração da música como algo substantivo sem tentar derivá-la doutro aspeto distinto da vida humana. Mas não pode, a meu ver, considerar-se muito sólida.

Por que se atribui importância exclusiva ao grito de chamado, quando outros motivos puderam dar origem à música e fixá-la? Por que se une a origem da arte à vida prática? Veja-se como Groos<sup>191</sup>, no seu livro acerca da origem da arte, rejeita este ponto de vista. A arte tem uma origem na vida afetiva, uma origem independente. Para além, dá-se à curiosidade, na teoria de Stumpf, um papel excessivamente importante, e recorre-se para explicar a melodia a um artifício que não se compadece com o que sabemos da evolução do espírito humano. Isto provém de que acha necessário derivar os intervalos do canto do conjunto (com o qual teríamos que, em certo modo, a harmonia procedeu da melodia) e não crer que os intervalos nascem de qualidades dos próprios sons. Justamente em Stumpf mesmo fracassa a teoria. Considera, como vimos, que as melodias singelas nascem da relação

---

tura de qualquer língua indo-europeia. A palavra *veda*, em sânscrito, da raiz vid- 'conhecer', significa 'conhecimento'. São estes os quatro Vedas: Rigveda, Yajurveda, Samaveda, respetivamente, "veda dos hinos", "veda do sacrifício", "veda dos cantos rituais", e Atarvaveda.

<sup>191</sup> Talvez Viqueira se refira a Ernst Grosse (1862-1927), etnólogo alemão e historiador da arte. Escreveu, de facto, *A Origem da Arte* (1894) e *Os Primórdios da Arte* (1897).

de semelhança na oitava, embora hajam de desenvolver-se depois sob a influência de elementos da fusão. Na origem foram muito discutidos. Uma das soluções é a de Stumpf; para este procedem da fusão. Mas hoje nos achamos num momento em que a psicologia tende a considerar que o intervalo nasce de propriedades do som que o conformam. Assim a oitava está constituída por sons, quanto à qualidade (que nos dá o seu nome musical), idênticos, quanto à altura, diferentes; na quinta e na quarta, as qualidades não são idênticas, mas acham-se em determinadas relações que lhes outorgam o seu valor estético. Comparando-o com as cores, seria à maneira de combinações destes.

Para além, determinadas melodias (como Stumpf mesmo reconhece) puderam nascer do uso de determinados instrumentos musicais.

Tendo em conta o anterior, podemos pensar que a música teve origem difuso. É ela uma das formas de expressão dos nossos estados afetivos. Provavelmente a primitiva forma musical desse origem, por um lado, à linguagem e, por outro, à música própria. Motivos práticos (necessidade de sinais, cerimónias religiosas, dança) trouxeram, unidos a motivos meramente estéticos, sua fixação na melodia. Esta não acarreta a existência anterior dos acordes numa ou noutra forma, pois a série mesma dos sons dá os elementos para cristalizar em tipos estético-musicais. Outra cousa é o nascimento da harmonia, que parece ser antigo, porquanto os povos selvagens possuem o canto com um *pedal*<sup>192</sup> e em quartas, quintas e oitavas e que, indubitavelmente, nasceu daquele falso uníssono.

A vida humana inteira, que é una, na qual existe perpétua influência recíproca entre as suas faces, influiu na criação e na evolução da música. O ritmo da dança, do trabalho, o anseio de imitação, os instrumentos, etc. deram-lhe a sua peculiar direção.

---

<sup>192</sup> «Em harmonia, chama-se pedal (ou *drone*) ao som prolongado sobre o qual se sucedem diferentes acordes. O pedal mais comum tem lugar no registo de baixo, embora possa dar-se em outros registos vocais distintos. Habitualmente, o pedal é produzido pela nota tónica ou a quinta da tonalidade na qual se desenvolve, embora em algumas ocasiões se possa realizar com outros intervalos.»

Cumpre ainda investigar, coleccionar, analisar a imensa riqueza de formas musicais. A tarefa não é fácil nem breve. Apenas depois disso, poderá passar-se das conjecturas e antecipações às afirmações sólidas.

\*\*\*

## II. EVOLUÇÃO DA MÚSICA

### O PROBLEMA

Na primeira parte do nosso trabalho [publicada nos núms. 30 e 31 da revista *Alfar*] ocupamo-nos dos inícios da música e justamente terminávamos indicando os problemas que nesta segunda nos ocuparão: o desenvolvimento da música desde os inícios, quer dizer, a evolução da música. Devemos fazer notar que a nossa exposição se referirá à arte musical europeia apenas, como a outra qualquer forma sua, e que nela as indicações se deterão, geralmente, nos alvares da sua estrutura atual. Por outra parte, não nos ocuparemos de factos concretos, mas de direcções capitais na evolução.

Também para a série de problemas que agora estudaremos, teve imensa importância o conhecimento da música dos povos hoje ainda culturalmente primitivos e em estados de cultura diferentes dos nossos, logrado, como foi já dito, mercê da recolção científica e da criação dos *Arquivos fonográficos*. Justamente o já citado Carl Stumpf, o grande psicólogo, professor da Universidade de Berlim, fez-se credor do nosso reconhecimento pelo seu labor dirigido ao entendimento do material arquivado pelos seus numerosos colaboradores. O que imos expor é, infelizmente, em grande parte desconhecido na Espanha; pela primeira vez é dado a lume nestes artigos que a revista *Alfar* acolhe benevolmente nas suas páginas. A importância que para os estudos folclóricos possui é inegável.

Na música podemos considerar a *melodia*, o *ritmo*, a *polifonia* (união de sons simultâneos) e os *instrumentos* musicais. Destarte, na evolução da música distinguimos:

a) A evolução da melodia.

- b) O desenvolvimento do ritmo.
- c) O nascimento das formas polifónicas.
- d) A aparição dos instrumentos musicais e a sua influência.

### EVOLUÇÃO DA MELODIA

Na melodia convém, de novo, fazer algumas distinções que são:

- a) A *coesão* dos sons que a integram.
- b) A *relação* em que esses sons se acham entre si.
- c) O *andamento* geral.

Em todos estes aspetos, como amostram os materiais colecionados, evoluiu a forma melódica primitiva, que já conhecemos pelo exposto acima.

Quanto à *coesão*, apresenta-se tendência marcada a centralizar, a unificar a melodia; tendência que tem uma raiz psicológica na necessidade que o nosso espírito sente de unidade, aqui, com certeza, de unidade estética. Assim, entre os sons que constituem a melodia, vai acusando-se pouco e pouco um como o mais importante, arredor do qual se agrupam os outros, segundo uma determinada, embora inconsciente, regra. Esse som central é o que aparece na nossa música europeia do presente (produto de longa duração), como a chamada *tónica*, na qual a frase melódica acha resolução perfeita. Na música grega antiga, de que a nossa deriva em grande parte, existia já um som análogo à tónica, que os gregos denominavam, pela posição que tinha na sua gama, nota *mediante*.

A *relação* em que os sons estão entre si, na melodia, é o que aparece nos *modos*, *escalas* e *gamas*. Na sua formação puderam intervir, e de facto intervieram, vários factores psicológicos. Estes factores são:

- a) A consonância.
- b) A distância ou diferença de altura (de profundo e agudo).
- c) A relação de identidade das oitavas ou, antes, a qualidade do

som.

É interessante o facto de as escalas aparecerem sempre formadas por notas que se acham dentro da oitava.

Dessas escalas, as mais frequentes são as de cinco e sete graus ou sons, o qual indica que a nossa distinção das notas ou qualidades do som não é de nenhum jeito mero produto histórico, mas que tem base real na nossa sensibilidade auditiva. De passagem faremos notar que existe uma gama céltica de cinco graus ou sons. Saint-Saëns<sup>193</sup> introduziu na sua ópera *Henrique VIII* uma antiga melodia escocesa que consta apenas das notas dessa escala.

Da aplicação dos anteriores princípios surgem vários tipos de gamas. [a] Há primeiro escalas baseadas capitalmente na consonância, em que se empregam oitavas, quintas, quartas e, posteriormente, terceiras, para marcar os intervalos e os movimentos melódicos. [b] Em segundo lugar existem escalas baseadas na *distância*, com tons intermédios a estes intervalos. Ao proceder desta última maneira, fazem escalas de graus iguais, sem diferenças de tom e meio tom, que nada de comum têm com a nossa e por isso nos parecem desafinadas. Exemplos disso os encontramos na música de Java e do Japão; segundo Stumpf, pode considerar-se como um último desenvolvimento da dos Vedas do Ceilão que se baseava, antes de mais, no princípio da distância ou altura. A nossa escala atual europeia, informada pelo princípio da qualidade do som, deriva, através da música medieval, da grega antiga cujo tipo fundamental era o *modo dórico* muito análogo da nossa tonalidade de *lá menor*.

A melodia no seu desenvolvimento, quanto ao *andamento geral*, toma também formas muito diferentes. Algumas destas são semelhantes das que hoje possuímos; outras são-nos completamente estranhas, como, p. ex., acontece com as melodias chinesas, onde alguns sons podem ser suplantados pelas suas quintas, o qual, como é natural, produz um efeito inauditamente exótico para o ouvido europeu.

---

<sup>193</sup> Camille Saint-Saëns (1835-1921), compositor, pianista e organista francês, conhecia a música profundamente, familiarizado com as obras dos grandes compositores europeus antigos e modernos; possuía vasta e sólida cultura em filosofia, ciência e literatura. Em astronomia chegou a alcançar verdadeira autoridade. Escreveu sobre filosofia, *Problèmes et Mystères*, para além de poemas, uma comédia, e os libretos de várias de suas óperas.

## DESENVOLVIMENTO DO RITMO

O ritmo foi desenvolvido muito mais rapidamente do que a melodia e, entre os povos selvagens e doutras culturas que a nossa, existem tão complicadas combinações rítmicas que (pode dizer-se) neste aspeto a sua música é superior à atual europeia. Como é sabido, o mesmo acontecia com os antigos gregos, muito por cima de nós no concernente à riqueza rítmica.

Este facto explica-se por vários motivos. Por uma parte, o ritmo é mais fácil de compreender que os restantes elementos da música. Por outra, a forma melódica de toda a música mais ou menos primitiva permite grande liberdade métrica. A *polifonia* trouxe consigo a simplificação e regularidade do ritmo, pois sem estes dous requisitos o efeito dos sons simultâneos seria caótico e desagradável. Para melhor entender o que acabamos de dizer, lembraremos algo relativo ao *cantochão* litúrgico. Para nós hoje, essencialmente por influências polifónicas, este não tem ritmo, nele todas as notas têm o mesmo valor, é um *planus cantus* no sentido estrito da expressão. Porém, na origem, quando reinava a música meramente melódica (do séc. IV ao séc. VII d.C.) O, seu ritmo, o verdadeiro, foi muito livre e vario; baseava-se no ritmo da prosa a que devia adaptar-se<sup>194</sup>.

Por último, há exigências práticas que habituam os homens a usarem de combinações rítmicas complexíssimas. Estas exigências consistem na necessidade de empregar, à maneira dum telégrafo rudimentar, sinais auditivos a distância. Esses sinais, formados por poucos sons (os dos instrumentos primitivos; p. ex., na África os do tambor) chegam, mediante o diferente ritmo que cada sinal possui, a diferenciar-se entre si, surgindo deste jeito uma grande riqueza de formas.

---

<sup>194</sup> Em nota de rodapé assinala Viqueira: «Deve ter-se em conta que um recente *motu proprio* do Papado indica que há de voltar-se à verdadeira tradição rítmica gregoriana.» O *motu proprio* é o intitulado *Cantate Domino* (22 de novembro de 1903) do papa Pio X, em que se estabelecem os princípios reitores gerais sobre a *música sacra*: santidade e pureza de que surge espontaneamente a universalidade no sentido de que, embora a cada nação lhe são permitidas formas especiais na sua música nativa, não obstante, estas formas devem ser subordinadas de tal maneira às características gerais da música sagrada, que ninguém possa receber impressão não boa ao ouvi-las.

Como dizíamos, na música primitiva se acham ritmos sumamente complexos. Assim, por exemplo, se encontram os de  $7/4$  e  $5/4$ , alternando na mesma melodia. Ainda mais: alguns ritmos são tão difíceis para nós que, quando se pretendeu transcrevê-los na nossa notação musical, tomando-os dos cilindros fonográficos, foi preciso recorrer a procedimentos artificiosos e especiais.

No ritmo dos povos primitivos e dos povos de outra cultura que a nossa achamos, o mesmo que nos seus tipos melódicos, formas muito estranhas. Assim, existe nalguns o hábito curioso de acentuar as partes que para nós não estariam acentuadas. (Isto acontece na música do Sião, de Java e da Índia.) Acha-se também o que poderíamos denominar *polirritmia*, que consiste em que cada parte dum conjunto musical (vozes ou instrumentos entre si ou vozes e acompanhamento, p. ex., com um instrumento de percussão) leva um ritmo diferente e independente. V. gr.,  $3/8$  combinado com  $2/8$ .

Esta complicação rítmica amostra-nos que a música considerada como primitiva alcançou já muitas vezes considerável grau de desenvolvimento. Indicamos os factores que facilitaram a riqueza na medida; lembremos algo mais ao caso.

É provável que, como pensava Bücher, citado, certos ritmos singelos nascessem do compasso de diversas tarefas e trabalhos; mas esta vasta complicação, acima exposta, não pode explicar-se por uma origem única e, menos ainda, pela que Bücher pretende. Em primeiro lugar, cumpre ter em conta as tendências propriamente estéticas do homem, ainda hoje capitalmente determinantes para as formas rítmicas. Afins a essas tendências são factores como a curiosidade e o espírito de jogo. Para além, no ritmo influiu a dança que se acha na arte primitiva unida estreitamente com a música. Por último, os motivos sociais e religiosos que informam, p. ex., a música guerreira e cultural, possuíram na evolução da medida capital importância.

### NASCIMENTO DAS FORMAS POLIFÔNICAS

Um certo sentimento da harmonia musical não é alheio aos espíritos primitivos, já que as formas polifônicas atuais surgiram com marcada constância nos mais diversos países. Porém, fez-se notar que os selvagens dos nossos dias cantam a várias vozes em intervalos de segunda e ainda terminam as canções corais neles sem dar naturalmente sinais de que lhes desagrade a horrível dissonância que esse procedimento traz consigo. Mas não deve esquecer-se que o intervalo de segunda apenas deixa de ser musical, quando é usado a destempo, porque o empregamos em muitos acordes e é, assim, um dos meios da nossa música. Para além, os selvagens procuram na polifonia efeitos estéticos diferentes dos procurados por nós: a estridência e não a harmonia.

Antes de tratarmos em particular dos diversos tipos harmónicos primitivos, devemos, para maior claridade, numerá-los em conjunto. São:

- a) O *pedal*.
- b) O *procedimento em oitavas, quartas e quintas*.
- c) A *heterofonia*.

Estas formas polifônicas surgiram no canto coral capitalmente e só as duas primeiras deram lugar a ulterior desenvolvimento na nossa música europeia.

Consideraremos agora a primeira origem da harmonia, o *pedal*, quer dizer, aquela forma polifônica que consiste no facto dum som ser sustentado com alguma persistência, enquanto outros sons se sucedem noutra região superior ou inferior ou intermédia. O pedal nasceu do hábito de alguns cantores (de vozes homogêneas) sustentarem, ao cantar em conjunto, uma determinada nota, enquanto os restantes (também de vozes análogas) entoam uma melodia. Portanto, é um procedimento singelíssimo na sua génese psicológica. Um exemplo dele temo-lo no canto coral seguinte, um *Hino* muito antigo *dos índios mexicanos*:



No início da nossa música atual encontramos, como uma das origens da harmonia, esse tipo polifônico, que fora denominado *diafonia basilica*. Seu uso na música atual é conhecido de todos.

Passemos agora à segunda forma polifônica primitiva. O *canto em oitavas* (por vozes de diferente altura) distingue-se do canto uníssono apenas pela maior riqueza de sonoridade. Portanto, podemos considerá-lo como pertencente à música homofônica (do grego *homos* ‘semelhante’) ou melódica, como vulgarmente se diz. Ora, para ouvidos inexpertos ou inábeis o canto coral em oitavas, quintas e quartas também não se distingue do canto em oitavas. Este canto, condicionado pela diferente altura das vozes, surge de maneira espontânea nos povos selvagens e mesmo, entre rudes cantores, na nossa cultura. À partida, pois, o canto coral em oitavas, quartas e quintas foi inconsciente, irreflexivo; só mais tarde se descobriu a multiplicidade de sons que incluía e converteu-se num procedimento reflexivo, consciente, com o qual se tentava dar à melodia melhor plenitude e riqueza. O exemplo que se segue está tomado da *música negra da África*:



O mesmo procedimento é empregue hoje nos povos asiáticos, em cuja música instrumental vão as diferentes partes em progressões de oitavas, quintas e quartas. Na Europa, como sistema aplicado reflexivamente, apareceu no séc. IX d. C. com o nome de *diafonia*; considerou-se como grande invenção harmónica. Os monges cartuxos usaram-no até o séc. XIII. Dele surgiu o nosso contraponto.

Este procedimento, baseado na constante marcha de oitavas, quartas e quintas, oferece certa dureza e monotonia, pelo qual a harmonia atual o proíbe. Não obstante, cumpre lembrar que nele a aspereza não é tão grande quanto a falta de variedade e convém ter em conta que justamente se tem observado que, se fazemos o experimento de produzir esta série de sons simultâneos em quartas e quintas não com um piano ou instrumento de corda, mas com vozes humanas, o efeito será infinitamente mais agradável. A Idade Média abandonou cedo esta forma polifónica. Apareceu pouco depois na Inglaterra o *falso bordão*, quer dizer, a marcha em terceiras<sup>195</sup> ou sextas simultâneas e no séc. XII aparece sistematizado o *descanto* [*discantus*], quer dizer, a união

<sup>195</sup> Em nota de rodapé explica Viqueira: «Entre os negros existe a marcha em terceiras simultâneas, mas devido provavelmente a influências europeias.»

de duas melodias que avançam em direção divergente e cujas notas são consonantes uma a uma. É de interesse lembrar que num princípio eram consideradas, neste procedimento, a quarta, a quinta e o uníssono.

Stumpf denominou heterofonia uma forma atual da música primitiva que evoca um procedimento usado na música grega antiga, ao qual Platão aplica esse nome. Consiste em que, num coro ou numa *orquestra*, uma parte executa o tema e as restantes realizam de vez uma variação deste, o qual dá lugar a um caprichoso efeito harmónico, mas cheio de dissonâncias. Achamos esse procedimento na música asiática.

#### APARIÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS

Ocupar-nos-emos agora do surgimento de alguns instrumentos musicais que ainda usam os povos selvagens e que podem ser considerados primitivos.

Os instrumentos em geral podem ser classificados, ao caso, da maneira seguinte:

a) *De percussão*.

b) *De vento*. Instrumentos simples que incluem três tipos: as flautas, as trompas e os instrumentos de lingueta. Instrumentos complexos cujos representantes populares são a *siringe*<sup>196</sup> e a *gaita de fole*. (Ambos, precursores do órgão.)

c) *Instrumentos de corda*, nos quais as cordas podem ser quer golpeadas, quer postas em vibração a meio dum *arco*.

Estudaremos destes grupos apenas os instrumentos mais primitivos e originários.

Nos *instrumentos de percussão* atende-se, à partida, mais à intensidade do som do que à altura e qualidade deste. A sua origem natural radica na experiência de que, p. ex., duas tábuas golpeadas entre si produzem um som capaz de várias combinações rítmicas. Com efeito, os instrumentos de percussão mais singelos que conhecemos são tábuas que se golpeiam entre si e donde derivam os nossos crótalos e castanholas.

---

<sup>196</sup> Conservo o nome que utiliza Viqueira, aliás, de raiz greco-latina: *syrinx* ou *syringa panos*.

Um passo a maior complicação representa-o o *tambor de sinais*, citado, muito usado hoje pelos selvagens da África para o fim que o nome indica. É esse tambor um tronco escavado que leva na parte superior dous grandes pedaços de madeira delgada, os quais, ao serem golpeados, produzem sons diferentes. Sabe-se que no antigo México existia este mesmo instrumento, ainda que numa forma mais perfeita, que se empregava na música religiosa. É notória a relação deste, aperfeiçoado, com aquele.

O tambor de sinais permite-nos passar geneticamente ao grau maior de complexidade a que chegam os instrumentos deste tipo; representa-o o *xilófono* (do grego *xilos* 'madeira') e o *metalófono*. Consiste o primeiro numa série de fragmentos de madeira sonoros e afinados. No segundo substituem a madeira por barras de metal. Ambos os instrumentos são muito úteis para a ciência da música, pois neles podemos achar dum jeito cómodo as tonalidades exóticas.

Duma maneira que não conhecemos exatamente chegaram os homens primitivos ao emprego das membranas tensas, cujo uso é hoje habitual entre os selvagens, os quais possuem até timbales afinados em diferentes tons.

Nos *instrumentos de vento* distinguem-se como os mais primitivos:

a) As *flautas*.

b) As *trompas*.

As flautas são, segundo Stumpf, os instrumentos mais antigos ou, ao menos, muito antigos. Em tumbas e cavernas pré-históricas acham-se, em companhia de instrumentos da Idade da Pedra, *apitos* feitos com ossos esburacados, capitalmente com ossos de aves; também foram empregados ao mesmo fim o corno do antílope e do bisonte, os dentes do mamute e, em tempos posteriores, foram fabricados de barro. Alguns desses apitos têm um buraco lateral; outros, um aberto nos extremos. Foram utilizados muito provavelmente para sinais, como hoje acontece nos povos selvagens. Quanto à invenção, nada sabemos.

É de supor que nestes apitos se fizeram posteriormente buracos

laterais para produzir sons diferentes. Num início foi guiado o homem nesta operação por motivos acidentais, como, p. ex., a comodidade na posição dos dedos; depois, mediante o progresso da técnica e a intervenção reguladora do ouvido, chegou a fazê-los de maneira que produzissem séries determinadas de tons.

As *siringes* ou *flautas de Pã* (usadas pelos afiadores galegos e também, na Galiza, pelos castradores de porcos) acham-se estendidas por todos os povos conhecidos e talvez sejam muito antigas. As flautas ou tubos que as formam acham-se afinadas entre si segundo diferentes sistemas. Cabe supor que nas mais primitivas a disposição dessas flautas fora entregue ao azar. Nas dos povos atuais acham-se sempre de modo que os sons constituem intervalos harmónicos. Uma vez estão dispostos pela altura (desde os sons mais graves aos mais agudos); outras, formando grupos de tons à maneira de acordes; outras, em forma que constituem uma melodia determinada, fixa ou variável, segundo os casos. Existem também *siringes duplas*, com duas filas de flautas: uma, de flautas cerradas e outra, de abertas; portanto, os sons que as duas filas produzem acham-se entre si na relação de oitava.

Os mais simples tipos de *trompas*, nas múltiplas formas (cornos, caracóis, trombetas, trompas próprias), deveram de aparecer muito cedo. Existem, p. ex., entre os povos selvagens trompas ou buzinas, feitas de cabaças. Mais modernos são, pela maior complexidade, os instrumentos de lingueta, dos quais existem na Espanha [e em Portugal] a *gaitinha* [será a *charamela*?] e a *doçaina*. Por último, supõe uma técnica e capacidade musical muito mais complexa e superior um instrumento como a *gaita de fole*, tão difundida na Ásia e na Europa.

Os instrumentos de corda acham-se estendidos entre todos os povos do mundo e são conhecidos também pelos atuais selvagens. A origem encontra-se provavelmente, como indicou Stumpf, no arco de guerra ou de caça. Os homens advertiram muito cedo que o som que produzia a corda de aquele, variava com a tensão, e foram levados pela curiosidade que espertava este conhecimento, a fazer diferentes provas com o antedito arco, aparecendo destarte o *arco de música* (a forma

mais primitiva dos instrumentos de corda) que encontramos nos povos selvagens hoje. Em geral não se frega a corda por meio de algo análogo ao arco, p. ex., dum violino, mas golpeia-se. Para reforçar o som que assim se produz, empregou-se primeiramente como ressoador a boca do executante, em cujo interior este mantém a corda, e ulteriormente ressoadores singelos, p. ex., feitos de cabaças esvaziadas. Pela adição de várias cordas, diferentemente tensas ou de desigual longitude, apareceu a *harpa* e a *lira*; por um progresso na construção de ressoadores usaram-se para estes conchas de tartaruga.

O *violino* primitivo (e, portanto, os instrumentos do seu grupo) apareceu na Índia onde foi denominado *ravanastron* por ter sido inventado na época do rei de Ceilão Ravana. Na China existe ainda na forma primitiva; consta de duas cordas, entre as quais se move o arco. Este instrumento deu lugar a formas que se introduziram durante a Idade Média na Europa. Na Espanha existe, além do *arrabil* popular, na Extremadura [espanhola] o chamado *rabim*, violino primitivo fabricado com um pedaço de madeira esvaziado.

### INFLUÊNCIA DOS INSTRUMENTOS NA MÚSICA

Devemos supor agora sobre os diversos instrumentos musicais maior conhecimento que o que permitem lograr as anteriores e exíguas linhas. A influência na música foi vária e consistiu no seguinte:

a) Os instrumentos de percussão favoreceram duma maneira decisiva o desenvolvimento rítmico.

b) Os instrumentos de entoação fixa (flautas, p. ex.) levaram à fixação da altura, da qualidade e da relação dos sons entre si.

c) Determinadas formas melódicas surgiram sob a influência da estrutura dos instrumentos e conservaram, a seguir, determinadas características devido a essa origem.

d) Por último, os instrumentos forneceram à música extensão sonora, riqueza e timbre.

Ainda que tudo isso seja certo, porém cumpre lembrar que os instrumentos musicais não são em absoluto precisos para um

determinado desenvolvimento da música. Os Vedas de Ceilão não conhecem instrumentos e têm arte musical; os indígenas da América do Norte, que só empregam instrumentos rudimentares, criaram uma música bastante complicada. Por isso é inexata a opinião, sustentada por Taylor<sup>197</sup> e Wallaschek, de que, mediante as harmônicas dos instrumentos de vento ou sons que se obtêm neles ao soprar cada vez com mais força, os homens descobriram os intervalos musicais. Além do dito, cumpre fazer notar que os intervalos que podem descobrir-se mediante as harmônicas naqueles instrumentos, estão desafinados, são baixos de mais e precisam de correção. Donde pode provir esta mais do que dum conceito destes intervalos, construído já em virtude das suas propriedades?

Daremos agora alguns exemplos da influência dos instrumentos na música e só alguns aspetos, obrigados a esta restrição pela brevidade do nosso trabalho. Dous instrumentos podem impor determinados contornos melódicos, ainda em conflito com a escala reinante. Assim, nas melodias populares suíças existe uma influência da harmónica II (quarta acrescentada) da trompa dos Alpes (*Alphorn* [ou *Alpenhorn*]). O hábito fez com que dita quarta acrescentada não chamasse a atenção e não fora corrigida. Veja-se o seguinte exemplo<sup>198</sup>:



<sup>197</sup> Talvez Viqueira se refira a Samuel Coleridge-Taylor (1875-1912), diretor de orquestra britânico e compositor de peças para piano, para órgão, música de câmara e coral e obras para orquestra, como *Ethiopia Saluting the Colours*, marcha, Op.51 (1902), *Five Choral Ballads*, Op.54 (1904), *Four African Dances*, Op. 58 (1904), *Kubla Khan*, rhapsody, Op.61 (1905), *Symphonic Variations on an African Air* Op. 63 (1906), *Faust, incidental music*, Op.70 (1908), *Rhapsodic Dance, The Bamboula*, Op. 75 (1911), *Othello, incidental music*, Op.79 (1911), *Hiawatha Ballet in five scenes*, Op.82 (1920).

<sup>198</sup> Em nota de rodapé: «Weiss, Sammlung von Schweizer, Kuhreihn, 1918.» Contudo, talvez seja Johann Rudolf Wyss (1782-1830), suíço, escritor e folclorista, autor do livro intitulado *Sammlung vor Schweizer Kùhreih und Volksliedern* (1818), Bern, Burgdorfer, que Viqueira acaso confundisse com Wyss, Edmund, autor de *Das Volkslied; ein Spiegel der Zeitgeschichte und Kultur* (1918), Solothurn.

Stumpf indicou que, através da música popular, achamos a mesma influência num tema da *Sinfonia em Dó maior* de Brahms<sup>199</sup>:



Outro exemplo temo-lo em muitas melodias populares galegas, escocesas, etc., em que por influência do pedal da gaita de fole (o galego *roncão*) as notas se movem harmonicamente de maneira a adaptarem-se àquele pedal. Esta influência faz-se valer também na nossa música clássica em que até o pedal se conserva. Lembre-se, p. ex., o famoso trio da *Nona Sinfonia* de Beethoven<sup>200</sup>.

<sup>199</sup> Johannes Brahms (1833-1897): *Sinfonia núm.. 2 in Dó maior*, op. 73, I. Allegro non troppo; II. Adagio non troppo; III. Allegretto grazioso (quasi andantino) - Presto ma non assai - Tempo I; IV. Allegro con spirito.

<sup>200</sup> Os andamentos da *Nona Sinfonia* de Ludwig van Beethoven (1770-1827) são: I. Allegro ma non troppo, un poco maestoso; II. Molto vivace; III. Adagio molto cantabile, andante moderato; IV. Finale - Presto. É neste IV andamento que são retomados em ordem os três temas dos andamentos precedentes, procedimento peculiar do compositor.

## CONCLUSÃO

Com certeza, relativamente a determinados pontos expostos neste trabalho, têm de ficar dúvidas e obscuridades. Por isto algum dia voltaremos a ocupar-nos deles. Agora limitar-nos-emos, para terminar, a apresentar algumas indicações atinentes à música e àquelas a que o acima exposto nos leva. Ei-las:

a) A evolução da música oferece-se como análoga em diferentes circunstâncias de lugar, tempo, raça, históricas e condições instrumentais. Deve-se, portanto, a exigências fundamentais humanas e não se deriva do externo ao espírito, mas da lei do desenvolvimento do espírito.

b) Não obstante, as condições externas *orientam* e inclinam a determinados tipos ou formas, como se vê na influência dos instrumentos musicais.

c) O característico de cada época e de cada arte musical é o facto de ter atendido a estas exigências duma maneira própria e mais o facto de ter respondido a elas duma maneira determinada. A mais plena atenção e resposta acho-la na música europeia que chegou aonde nenhuma outra o fez. (Os paralelos com outras culturas, neste aspeto, detêm-se no séc. X da nossa era.)

d) A música europeia, porém, representa só um periodo de evolução e permite esperar futuras possibilidades. É necessário o experimento na arte para lograr essas formas futuras.

e) Talvez elementos da música primitiva (v. gr., da música negra) possam ser aproveitados para integrar a nova música, cooperando ao seu enriquecimento.

f) É dever do artista não permanecer passivamente nas formas consagradas, académicas e mortas. Ao contrário, tem de escutar as exigências humanas que agora se fazem valer. Para o qual (por isso é artista) tem sensibilidade particularmente fina e capacidade de resposta. Portanto... face ao futuro!

Vijóí, 2 de fevereiro de 1924

**J. Vicente Viqueira**

## 40. FILOSOFIA E VIDA

[*Alfar. Revista de Casa América-Galicia* (Crunha), núm. 39 (abril de 1924), p. 4.]

O conhecimento não é nem visão supra-individual de verdades eternas, à maneira usual de entender a doutrina platônica, nem uma simples produção subjetiva, segundo a fórmula de Protágoras<sup>201</sup>: *O homem é a medida de todas as cousas*; que procedendo em consequência destruiria o seu valor e essência. O conhecimento move-se, nalgum modo, entre esses dous extremos. É uma reação do espírito individual perante o Cosmos, determinada pelo Cosmos. O homem, ante a ação da realidade cósmica, reconstrui, no reflexo da sua consciência, essa realidade; faz-se microcosmos cognoscente, face ao macrocosmos conhecido.

Portanto, a Filosofia, como plano do conhecimento, por uma parte, está determinada objetivamente e, por outra, é produto dum indivíduo, duma consciência individual. Ora, dada a inadequação de conhecimento e realidade, a transbordar esta àquele, a Filosofia, enquanto conhecimento total e fundamental, é luta titânica por abranger o Ser, o Ser e não algumas regras do Ser, como fazem as ciências especiais.

Um esclarecimento ao precedente achamo-lo no interesse e na necessidade da história da Filosofia, que é a história dos filósofos.

Cada visão individual do mundo, cada intento de o reproduzir com lógica, interessa dum ponto de vista duplo: Subjetivamente, como *motivo estético*, como criação dramática, expressão duma potente individualidade e como *processo psicológico* a indagar; objetivamente, como questão lógico-metódica e como *tipo exemplar* possível e discutível (realismo, idealismo, otimismo, etc.).

Contudo, não apenas nos atrai profundamente a história da

---

<sup>201</sup> Protágoras de Abdera (ca. 480 -ca. 410 a. C) sustentou o relativismo: Se o homem é a medida de todas as cousas, então coisa alguma pode ser medida para os homens, nem as leis, nem as regras, nem a cultura. Acusado de ateu, fugiu de Atenas para a Sicília, onde morreu aos sessenta e dous anos.

filosofia, mas é preciso estudar a gênese na consciência individual dos sistemas, porquanto sempre se tem chegado a toda a construção objetiva partindo dum determinado estado psíquico, que cumpre conhecer no seu desenvolvimento para entender aqueles sistemas: *perspetivas* da realidade que lutam às vezes entre si pela supremacia.

Só pode achar-se o eterno no acidental mercê duma subtração do subjetivo. Nos sistemas filosóficos há tanto mais de objetivo quanto mais o pensador se sobrepõe às limitações subjetivas.

Essas considerações surgem no meu espírito ao ler uma interessante coleção de autobiografias de filósofos contemporâneos que com o título de *A filosofia do presente em auto-exposições* se publica em Leipzig [ou Lúpsia], dirigida por Raymond Schmidt<sup>202</sup>. Aqui deve entender-se o vocábulo *autobiografia* no sentido genuíno e mais alargado: bosquejo não apenas da vida externa, mas da vida interna e portanto do pensamento filosófico.

Com efeito, essa coleção nasce do interesse, e da precisão, dum estudo da gênese do pensar, segundo acima se disse. Aliás, é obra plena de amenidade em que acaso um fisionomista ache um imenso atrativo nos excelentes retratos dos pensadores. Percorrendo as suas páginas, em que um Höffding, um Natorp, um Croce<sup>203</sup> e tantos outros nos

---

<sup>202</sup> Raymond Schmidt: Em nota de rodapé, Viqueira cita o título da obra: «*Die Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, Leipzig, F. Meiner, quatro volumes, 1922-1923.» Na realidade a obra compreende sete volumes publicados entre 1921 e 1930.

<sup>203</sup> O filósofo dinamarquês Harald Höffding (1843-1931) estudou filosofia e teologia em Copenhaga e em Paris filosofia positivista. Influído por Kierkegaard elaborou uma filosofia da cultura; esta propicia progresso moral, de libertação, enquanto negação dos graus inferiores da liberdade. Obras: *Esboço de Psicologia* (1881) *Ética: uma história dos princípios éticos e da sua aplicação às condições capitais da vida* (1887), *História da filosofia moderna* (1894-95), *Filosofia da religião* (1901), *O conceito de vontade* (1906), *O pensamento humano, formas e atividades* (1910).

Benedetto Croce (1866-1952), filósofo, historiador, escritor e político italiano, principal ideólogo do liberalismo italiano e refundador do *Partito Liberale*. Com Giovanni Gentile (de quem o separava a conceção filosófica e a posição política confrontada com o fascismo) é considerado importante protagonista da cultura italiana e europeia na primeira metade do séc. XX. A atividade intelectual de Croce abrange três períodos: estudos históricos, literários e diálogo com o marxismo; elaboração filosófica sistemática; e profundização teórica e revisão da filosofia do espírito em chave historicista. A realidade como atividade (produção do espírito ou da história) está articulada em quatro formas fundamentais: estética, lógica, economia, ética. Obras: *Estética come scienza dell'espressione e linguistica generale* (1902), *Breviario di estetica* (1912) e *Aesthetica in nuce* (1928).

narram a evolução da sua vida espiritual, devemos encontrar não pouco interesse dramático, não poucos dados únicos e não pouca luz para a inteligência das concepções filosóficas.

Com isto liga, de novo, uma digressão minha. Nunca o conhecimento filosófico foi solicitado tanto como agora para dirigir a nossa ação. Mas, para cumprir o seu papel, o pensador há de reconhecer a exigência capital de objetividade; há de libertar-se, consciente, de travancas, das limitações subjetivas, e, em consequência, colocar-se além das oposições do seu tempo. Compreender todos os pontos de vista, ver neles *perspetivas* do universo, simpatizar com eles enquanto representam esforços face à verdade e amá-los, eis um aspeto da Humanidade, virtude moderna por excelência.

Esta coleção de autobiografias flutua num ambiente de Humanidade assim entendida. Reúne em labor ideal colaboradora os homens mais variados: em primeiro lugar, os pensadores dos diversos países, tanto dos que estiveram afastados da Grande Guerra, quanto dos beligerantes; em segundo lugar, os sustentadores das mais diferentes doutrinas: escolásticos junto de kantianos, positivistas junto de metafísicos, psicologistas junto de logicistas.

É uma bela e proveitosa lição. Porque a Filosofia (a menos de se negar a si própria), arreigando na objetividade do conhecimento, deve responder as tempestuosas incompreensões dos homens, com clareza de intelecto e amor por quanto é um esforço generoso a uma mais ampla concepção do mundo; como o carvalho que com profundas raízes no fecundo solo desafia imóvel a tormenta e o raio.

Vijói a 19 de março de 1923.

**J. V. Viqueira**

#### 41. TÍRSIS E O CANTO

[*Alfar. Revista de Casa América-Galicia* (Crunha),  
núm. 40 (maio de 1924), pp. 9-10.]

A antiguidade transmitiu-nos o seguinte epigrama:

«Houve outro que era Quios. Eu sou Teócrito, quem escreveu estes versos, um dos muitos cidadãos de Siracusa, filho de Proxágora e da famosa Filina. Nada tomei de musa estrangeira.»

É epigrama apócrifo e, por enquanto, o autor anónimo da biografia, que aparece à frente das obras do poeta, considera-o siracusano. Suidas transmite-nos uma tradição que o crê nado na ilha de Cós. Seja como for, amou intensamente os campos da Sicília, que reconhece como seus e que constituem, pelo menos, a sua pátria ideal, e aprendeu dos pastores daquelas terras fecundas a graça da poesia eterna.

Que sabemos da sua vida? Muito pouco. O pai chamou-se Proxágora ou Simijos; sua mãe, Filina. Viveu por volta de 275 a.C.; passou parte da juventude na ilha de Cós onde foi discípulo do grande elegíaco Filetas. Sulcou o glauco mar, quer o achamos em Sicília, pedindo apoio a Hieron o tirano, quer o vemos navegar face à amável Mileto; quer, solicitando a proteção doutro discípulo de Filetas, Ptolomeu Filadelfo, surge em Alexandria, cidade em que provavelmente morreu. Entre os amigos contaram-se homens como o poeta astrónomo Aratos e o médico artista milésio Níquias, para os quais, como para ele, foi ainda ideal de vida o genuinamente helénico-clássico que exalta referindo-se num epigrama a um corego:

«Demomeles o corego é quem te dedica este trípode, ó Dionisos!, o mais doce dos deuses bem-aventurados! Foi mesurado em tudo. Obteve um prémio num coro de homens. Aspirou ao formoso e o conveniente.»

Associamos ao nome de Teócrito a poesia pastoril ou bucólica e, com efeito, foi o seu criador; mas não todas as suas poesias, os seus [30] *idílios* (pequenos poemas e quadros lírico-dramáticos) pertencem a este género: há-os também meramente eróticos, histórico-míticos e de assuntos circunstanciais. Porém, o seu génio atinge à maior altura

quando canta aos pastores. [É também autor de 20 epigramas.] O seguinte idílio é um os mais belos e pertence justamente a este grupo. Tem sido sumamente imitado.

### *TÍRSIS E O CANTO*

TÍRSIS.- Doce é o murmúrio de aquele pinheiro que está a carão das fontes, Cabreiro; mas tu docemente também tocas a flauta de Pã. Depois de Pã ganharias o prémio: Se aquele eleger um macho cornudo, tu tomarás uma cabra; se aquele leva como presente uma cabra, pertencer-te-á uma cabrita e uma cabrita tem boa carne até o momento de poder ser mungida.

CABREIRO.- Pastor, mais doce é o teu canto que o jorro de água sonora que da rocha cai. Se as Musas levam como obséquio um anho cevado; se àquelas agrada tomar o anho, tua será a ovelha.

TÍRSIS.- Não quererás, Cabreiro, pelas Ninfas, sentando aqui, tocar a flauta de Pã? Entrementes, eu cuidarei teu rebanho.

CABREIRO.- Não, não nos é permitido, pastor, tocar a flauta de Pã durante o meio-dia. Tememos a Pã, pois agora repousa fatigado da caça. É agre e bile amarga está sempre sobre o seu nariz. Mas tu, Tírsis, cantas as coitas de Dáfnis e és mestre no estilo pastoril. Sentemos sob o ulmeiro, frente a Príapo e as Ninfas das fontes, lá onde estão aquele assento rústico e as azinheiras. E, se cantas como cantaste quando disputavas o prémio ao líbio Khromis, dar-te-ei uma cabra com duas crias, que possa ser mungida três vezes e que, apesar das duas cabritinhas, dá duas jarras de leite. Dar-te-ei também um fundo vaso de madeira de hedra, de suave cera untada e com duas asas; está recém feita e ainda cheira ao escopro. Arredor das beiras envolve-se descendo uma hedra com a qual se entretecem sempre-vivas e a hélice que a mesma forma, ao enrolar-se, se engalana com a flor cor de açafão. Enquadrada neste adorno, vê-se uma mulher com seu peplo e cingida a frente por uma fita; obra de arte que, embora de mão humana, é digna dos deuses. A seu carão, dous varões, com formosa cabeleira, disputam injuriando-se alternativamente sobre quem seja o amado. Mas isto não comove

o coração de aquela, que sorridente tanto olha para um quanto dirige a atenção ao outro. E aqueles que deste tempo atrás têm as pálpebras superiores inchadas pelo amor, fatigam-se em vão. Além está esculpido um pescador já ancião e uma rocha esgrêvia sobre a qual, apressando-se, arrasta o velho uma grande rede para a deitar ao mar. Parece que, fatigado, tem de se esforçar e dir-se-ia que o pescar exige dele trabalho de todo o corpo, tão inchados tem os músculos da caluga. Decerto, ainda que os seus cabelos já branquessajem, o seu vigor é digno da juventude. Não longe deste ancião maltratado pelo mar, há um menino e uma vinha carregada formosamente de ázeos ruivos enrubescidos, à qual guarda o rapazinho sentado sobre o muro. Arredor dele estão duas raposas; uma vai e vem pelas veredas destroçando as uvas maduras; a outra trama secretamente toda a classe de ardis a respeito do embornal e amostra não deixar escapar o menino antes de lhe rapinar a merenda. Mas este faz uma linda gaiola para saltões com caules de pequenos gamões enlaçando-os com vimes e não lhe importam nem o surrão nem as vides também: desse jeito goza com o seu tecido. Por todas as partes, arredor do vaso, corre guirlanda de húmido acanto. Com certeza é espetáculo cheio de variedade, uma maravilha que suspende a alma. Por ela dei a Calidónio o barqueiro uma cabra, vinho e um grande requeijão de branco leite. Ainda não tocou os meus lábios e está ainda sem estrear. Gostoso presentear, se tu, como verdadeiro amigo, entoasses a tua desejada canção. Não me burlo de ti. De nenhum jeito a guardes para o Hades que faz com que nos esqueça tudo.

TÍRSIS (*canta*).- Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Este é Tírsis o do Etna e doce é a voz de Tírsis.

Onde estáveis, Ninfas, onde estáveis, quando Dáfnis se consumia com a pena? Nas formosas pradarias do Peneu ou nas do Pindo? Não permanecíeis certamente na grande corrente do rio Anapo nem no cume do Etna nem na água sagrada do Áquis.

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Ao moribundo plangeram com gritos os chacais e os lobos e

chorou-o o leão desde os azinhais.

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Por ele gereram aos pés muitas vacas e muitos touros, muitas vitelas e bezerros.

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Vieram os vaqueiros, vieram os cabreiros. Todos perguntavam: «Que mal te acontece?» Veio Príapo e disse: «Ó triste Dáfnis, por que agora te consomes com a pena? A rapaza corre procurando-te pelas pradarias e pelos bosques consagrados. Invejo-te! És para ela mau amante e inábil de mais!»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

«O Cabreiro, quando vê que as cabras são cobertas, consome-se com a pena porque não nasceu bode.»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

«E tu, porque contemplas como riem as rapazas, consomes-te com a pena porque não danças entre elas.»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Veio Kípris [*Afroditē*], doce e sorridente, zombeteiramente sorridente em aparência, mas internamente amargada e disse: «Tu, Dáfnis, noutro tempo te vangloriavas de dominar o Eros. E agora não és tu mesmo o que está dominado pelo terrível Eros?»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Então Dáfnis responde-lhe: «Kípris opressora, Kípris aborrecida dos varões, meditas que o sol se ponha para nós por derradeira vez? Ah, no mesmo Hades Dáfnis será uma má dor para Eros.»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

Desta maneira fala o vaqueiro a Kípris: «Corre face ao Ida, onde a flor da idade, Adónis apascenta um rebanho de ovelhas, para que, indo de novo perto de Diomedes, lhe digas: “Venço o vaqueiro Dáfnis, combate-me”.»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

«Ó lobos, ó chacaís, ó ursos que tendes os vossos covis nos montes, adeus! Já não vereis a Dáfnis o vaqueiro nem por entre a

espessura nem nos azinhais nem nos bosques consagrados. Adeus, Aretusa, e adeus rios que verteis a vossa clara corrente no Tímbris.»

Começai, Musas amigas, começai o canto pastoril.

«Ó Pã, Pã!, quer te aches sobre o alto cume do Liceu, quer vagues pelo Mainalon, vem à ilha de Sicília e deixa a tumba esgrêvia de Hélika e o elevado monumento do Licaónia que veneram até os bem-aventurados!»

Rematai, Musas, vamos!, rematai o canto pastoril.

«Vem, Senhor, e toma esta formosa flauta de Pã melodiosa, armada com cera endurecida e que se desliza bem sobre os lábios, pois sou arrastado ao Hades pelo amor, eu Dáfnis, aquele que cuidava aqui as vacas, Dáfnis, quem levava abeberar os touros e os bezerros.»

Rematai, Musas, vamos!, rematai o canto pastoril.

«E agora que os espinhos e os cardos produzam violetas e que o lindo narciso engalane o zimbros. Que todas as cousas surjam ao invés e que o pinheiro dê peras, porquanto Dáfnis morre, e que o cervo destroe os cães e os mouchos disputem o prémio do canto aos rouxinóis.»

Rematai, Musas, vamos!, rematai o canto pastoril.

E, dizendo isto, morreu. Afrodite queria ressuscitá-lo, mas todos os fios da existência lhe foram consumidos pelas Moiras e Dáfnis seguiu a corrente do Estige. O turbilhão do fado rapinou o homem amado pelas Musas e pelas Ninfas não aborrecido.

Rematai, Musas, vamos!, rematai o canto pastoril.

E, tu, dá-me a cabra e o vaso, pois mungindo-a farei uma libação às Musas: «Salve muitas vezes, Musas, salve, no futuro cantarei para vós ainda mais docemente.»

CABREIRO.- Cheia de mele seja a tua formosa boca, Tírsis, cheia de favos e comas os doces, figos secos de Aiguilo, pois cantas melhor que a cigarra. Tem o vaso. Olha, amigo, que bem recende. Pensarias que foi submergido na fonte das Horas. Aqui Kisaiza!

E tu munge-a. Cabritas, não brinqueis, não vos venha o macho acima.

## 42. A FILOSOFIA DE UNAMUNO. ENSAIO PÓSTUMO DE JOHÁN V. VIQUEIRA<sup>204</sup>

[*Alfar. Revista de Casa América-Galicia (Crunha)*, núm. 45 (dezembro de 1924), pp. 4-5.]

Unamuno é tão literato quanto filósofo; ambas as cousas intimamente unidas e inseparáveis.

### [I.] PRECEDENTES

O pensamento de Unamuno tem nascido sob influências que podem determinar-se esclarecidamente. São: as tendências nacionalistas de carácter liberal, a influência do dinamarquês Kierkegaard<sup>205</sup> e de alguns tipos literários e, em definitivo, o seu carácter, o qual não deve estranhar dada a sua tendência subjetivista. Como o pensador dinamarquês citado, Unamuno patenteia plenamente o carácter na sua filosofia.

Quanto ao nacionalismo, baste lembrar os nomes de Costa e Ganivet<sup>206</sup>. Em Unamuno, por afinidade de carácter, parece ter influído

<sup>204</sup> A redação de *Alfar*, no fim do artigo, explica: «Este trabalho, provavelmente sem acabar e escrito quase por anotações, pertence a outro, "Classificação das correntes filosóficas espanholas nos sécs. XIX e XX", também incompleto.» Para além, o artigo também foi publicado no *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, núm. 779 (fevereiro de 1925), pp. 47-49.

<sup>205</sup> Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), depois de estudar teologia, no ano de 1841-1842, em Berlim, seguiu aulas de Schelling. Por motivos da situação familiar viveu angustiado. Doutrinalmente polemizou com Hegel a respeito da inutilidade da dialética objetiva e racional, ao estimar que a existência humana é um paradoxo entre a finitude pessoal e a infinitude que lhe é revelada. A sua obra teológica incide sobre a ética cristã e as instituições da Igreja. A sua obra psicológica explora as emoções e sentimentos dos indivíduos confrontados com as escolhas que a vida oferece. Inspirado em Sócrates, escreveu sob vários pseudónimos que apresentam pontos de vista diferentes e interagem em complexos diálogos. Obras: *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates* (1840); *É preciso duvidar de tudo* (1842-1843); *Diário de um Sedutor* (1843); *O Conceito de Angústia* (1844); *As Obras do Amor* (1847); *O Desespero Humano - Doença até a morte* (1849).

<sup>206</sup> Joaquín Costa (1846-1911), de família campesina, conseguiu, depois de muitos trabalhos, as licenciaturas em Direito (1872) e em Filosofia e Letras (1873) e mais o doutoramento (1874). As suas obras mais importantes são *Colectivismo agrario en España* (1898), *El problema de la ignorancia del derecho* (1901) e sobretudo *Oligarquía y caciquismo como la actual forma de gobierno de España* (1902). Definiu-se, desde 1868, republicano federalista e, desde 1896, iniciou o movimento regeneracionista, tanto nos âmbitos rurais, quanto nos urbanos. Em 1908, já doente, viajou a Madrid para colaborar na luta contra o projeto de lei de repressão do terrorismo, auspiciado por Antonio Maura. Ángel Ganivet (1865-1898) desempenhou cargos diplomáticos em Antuérpia (1894), Helsínquia (1895) e Riga, onde se suicidou. Dentre as suas obras destaca *Idearium español* (1897), em que reclama

mais o primeiro. Procuravam esses pensadores adentrar-se na alma espanhola pela qual decerto entendiam que era a alma da Espanha Central e do Sul. O facto de a Espanha não constituir uma unidade evidencia-se (cumpre lembrar) em que não existe nacionalismo espanhol, mas, tudo o mais, nacionalismo central castelhano e, junto deste, nacionalismo catalão, basco, etc. Ora, o nacionalismo de Unamuno, que se baseia naqueles pensadores, é nacionalismo imperialista castelhano<sup>207</sup>. Mas esse nacionalismo não pôde substancializar-se, porquanto não há tradição filosófica espanhola; pôde apenas orientar para alguns conteúdos. Atuou de jeito formal, se nos for permitida a expressão.

O conteúdo veio doutra parte. Unamuno mesmo assinala uma vez a série histórica de pensadores e poetas que lhe são afins: Marco Aurélio, Santo Agostinho, Pascal, Rousseau, Thomson, Leopardi, Vigny, Lenau, Kleist, Amiel, Quental<sup>208</sup>, Kierkegaard. Porém, de todos eles, só um é qualificado pelo epíteto de *irmão*; esse é Kierkegaard. Com

---

a necessidade de as ideias nacionais serem "redondas" e não "picudas", sem as considerarmos – e transformarmos – em armas de combate. Às ideias «que incitam a la lucha las llamo yo ideas "picudas"; y por oposición, a las ideas que inspiran amor a la paz las llamo "redondas".»

<sup>207</sup> Em nota a rodapé Viqueira diz: «Apesar de o Sr. Unamuno ser basco, este pensa que o basco é quinta-essência (alcalóide) do castelhano.» Talvez deveria entender-se: «Por o Sr. Unamundo ser basco...», mas a nota diz o que diz.

<sup>208</sup> Marco Aurélio [Marcus Aurelius Antoninus] (121-180), imperador romano (161-180), de família originária da Bética, escreveu em grego *Pensamentos*, intitulado *Para si próprio*; são doze livros de máximas e reflexões a constituírem um emotivo exame de consciência.

Santo Agostinho [Aurelius Augustinus] (354-430), na procura da verdade, passou do maniqueísmo (374) ao neoplatonismo, para acabar no cristianismo romano, em que, com o filho Adeodato e o seu amigo Alípio, foi batizado por Santo Ambrósio (387). Chegou a bispo de Hipona. Das suas obras cabe salientar *As confissões* e *A Cidade de Deus*. Naquela expõe a sua concepção do mundo e da vida; nesta, o sentido teológico da história.

Blaise Pascal (1623-1662), matemático, aos dezasseis anos escreveu um *Ensaio sobre as cónicas*. Começou a relacionar-se com os jansenistas (1642-1652), retirou-se a Port-Royal (1655) e publicou, sob o pseudónimo Montalte, as cartas *Provinciais* (1656-1657) contra a Sorbonne, os jesuítas e os abusos da casuística. Em 1670, postumamente, uns amigos publicaram *Les pensées*, em que sustenta a primazia da fé para o conhecimento certo.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) coloca como fundamento na sua doutrina a bondade natural do homem, deteriorada pela ação da sociedade, que expõe de diversos pontos de vista em obras, como *Du contrat social ou principes du droit politique* (1754) ou *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1754) ou *L'Émile* (1762) e, nomeadamente, nas *Confessions* (1782-1789). Reafirma a importância do sentimento contra a razão, a exaltação do eu e a consequente tomada de consciência.

efeito, o pensamento de Kierkegaard, com as suas notas fundamentais e com as variações que a época acarreta, achamo-lo em Unamuno. Aquele pensador dinamarquês (Kierkegaard) defendia um subjetivismo radical; a verdade era subjetiva e válida, como tal, só; a base da sua conceção do mundo era o desejo, o sentimento; os interesses religiosos eram nele quase exclusivos e, ao mesmo tempo, percorria todas as suas conceções um traço de tristeza e melancolia. Deus era a «melancolia reinante». Por fim, em Kierkegaard achamos um cristianismo de carácter *fideísta* e primitivo, anti-racional e de experiência íntima, portanto, *personalista*<sup>209</sup>

Na forma literária de Unamuno acham-se várias influências. No tipo de *ensaio* em que se move o seu labor, tem sido imitador dos

---

Francis Thomson (1859-1907), fracassado nos estudos de Medicina, em 1888 conseguiu editar a sua obra lírica em três volumes (1893, 1895 3 1897). Nos seus poemários reflete a procura espiritual de Deus na natureza. Escreveu *Saúde e Santidade* (1905), de tema ascético.

Conde Giacomo Leopardi (1798-1837) perdeu cedo a saúde (aos vinte anos estava quase cego); invadiu-o um desesperançado ateísmo. Em 1818 compôs o poema *All'Italia*, entre outros de inspiração moral e patriótica.

Alfred, Conde de Vigny (1797-1863), com o grau de capitão fez parte da campanha espanhola dos *Cem Mil Filhos de São Luís* (1823), embora o seu regimento não passasse a fronteira. Renunciou à milícia e dedicou-se à literatura. O volume de poemas filosóficos *Les destinées* (1864) exprime o seu pessimismo estoico e a sua condição de poeta-pensador da minoria, embora ache o remédio na compaixão.

Lenau, Nikolaus Niemsch von Strehlenau (1802-1850) nos *Cantos das canas* (1832) reflete o conceito melancólico da vida; no poema *Fausto* (1836) transforma esse personagem de Goethe num herói desesperado e rebelde. Posteriormente publicou *Savonarola* (1838), *Os albigenses* (1838-1842) e *Don Juan* (1844), todos personagens nada comuns.

Heinrich von Kleist (1777-1811) abandonou o exército e em Berlim estudou filosofia e matemáticas. A *Crítica da razão pura*, de Kant, evidenciou-lhe a não existência da verdade absoluta e a precisão de achar no sentimento o «metafísico núcleo essencial» e de retornar ao estado de natureza. Desde 1806 foi escritor romântico representativo do *Sturm und Drang* alemão. Suicidou-se com a sua amante.

Henri Frédéric Amiel (1821-1881), professor de estética (1849) e de filosofia (1853) na Universidade de Genebra, escreveu *Fragments d'un journal intime* (1883), em que anotava impressões e dificuldades, sem aparente importância.

Antero Tarquinio de Quental (1842-1891) estudou Direito em Coimbra, marcado pela influência do socialismo utópico proudhoniano. Interveio, com Teófilo Braga e Eça de Queirós, em *A Questão Coimbrã* (1866), «Bom Senso e Bom Gosto», contra o ultra-romantismo; participou nas *Conferências democráticas* (1871), origem do socialismo português. Lentamente foi perfilando os *Sonetos* (1886). Influído pelo budismo e pensadores pessimistas alemães (Arthur Schopenhauer e Eduard von Hartmann), elaborou uma doutrina sobre a angústia metafísica, cuja libertação só podia conseguir-se pela morte. Decerto, ao suicidar-se, praticou coerentemente aquela doutrina.

<sup>209</sup> Neste lugar do artigo reproduz-se um «Retrato de Viqueira por Cebreiro», que na realidade é caricatura.

escritores ingleses capitalmente. No seu incisivo e barroco estilo são diversos os influxos que se cruzam. Por uma parte, é evidente o da leitura dos clássicos castelhanos; por outra e talvez não menor, a dos estrangeiros e antigos, porque não em vão Unamuno é professor de grego e filólogo<sup>210</sup>. Por último, não deve esquecer-se o afã de se aproximar da linguagem popular da região salamanquina, no léxico sobretudo.

O carácter de Unamuno é (segundo ele próprio declara) arqui basco. Anguloso e violento, voluntarioso, amigo da contradição e do paradoxo e sustentado por uma raiz profunda, a preocupação religiosa, que não se satisfaz na contemplação nem na metafísica, a qual se traduz em ação agressiva. A energia e o pragmatismo com que Unamuno diz as cousas, é um dos seus grandes méritos, mas por vezes transforma-se no contrário<sup>211</sup>.

## [II.] DOCTRINA

A filosofia de Unamuno tem como problema central a morte ou, antes, o além (da morte). Na morte quer fundamentar a vida. É *escatológico*. A questão vital trágica, a única questão que todos nos colocamos e que chega a ser uma ideia obsessiva até, é: «Que é o que nos acontecerá depois da morte? Seremos aniquilados ou continuaremos a viver; entenda-se, a viver com a nossa presente personalidade, porquanto perdê-la é deixar de ser?» Problema angustioso que reclama uma solução e junto do qual tudo é vacuidade. Como cabe respondê-lo? Pela ciência (razão), pela fé? Nem pela uma nem pela outra. A resposta depende da nossa vontade: é *querer* na dúvida mesma. Vejamos por quê.

A razão, a ciência e, portanto, a filosofia, que é ciência, não podem dar-nos resposta acerca desta questão: por uma parte, transcende

<sup>210</sup> Em nota de rodapé diz-se: «Determinados adjetivos compostos parecem traduzidos do grego.»

<sup>211</sup> Em nota de rodapé diz-se: «Há influxos notórios, p. ex., Berkeley, James (através deste, Lotze) e epistemológico-pragmatistas.»

William James (1842-1910), doutor em Medicina por Harvard (1869), investigou a relação dos fenómenos psíquicos a respeito do sistema nervoso. Pragmatista, opõe a concepção plural e dinâmica da realidade à filosofia apriorística e racionalista, firmando-se na indução como único método cognoscitivo válido. Publicou *A vontade de crer e outros ensaios* (1897) e *As variedades da experiência religiosa* (1902).

da experiência; por outra, a ciência, em definitivo, repousa em supostos já inexplicáveis e que admitimos porque, como tais indivíduos, queremos admitir. É o conhecimento verdadeiro subjetivo e a verdade, subjetiva; 'é verdade o que estimamos verdade. Mas a ciência não nos dá resposta ou tira-no-la, porque também pode ser verdade subjetiva de própria experiência a que atinge ao além (da morte). (A relação com o pragmatismo é patente).

A fé também não nos dá garantias. Apenas um imbecil racional poderia aderir a afirmações da razão que não têm em seu favor nenhum fundamento. O homem decerto precisa de crer para viver; mas também precisa de conhecer. Daí surge um trágico conflito: por uma parte, a nossa fé vai além da nossa razão e, por outra, precisamos da razão para justificar a nossa fé. É este o conflito que dá lugar ao *Sentimiento Trágico de la Vida*<sup>212</sup>, de que alguns povos e alguns homens superiores foram partícipes de jeito particular, embora possa mostrar-se em todos os povos e em todos os pensadores.

Não resta mais recurso que vivermos o conflito, lutarmos com ele e afirmarmos a vontade de viver, que é a nossa essência. A nossa vontade de viver salva-nos assim da ruína e obriga a criarmos um mundo de representações escatológicas verdadeiras, verdades apenas enquanto subjetivas e enquanto nos permitem viver *para a morte*. Eis essas representações. Somos devir eterno, perdurar eterno em Deus, consciências individuais e indestrutíveis que a consciência divina compreende em si divina (influência de Berkeley ou Lotze<sup>213</sup>). Deus é pessoal, não um vazio conceito, e, para o crente, até varão e barbado. A nossa relação com Deus é a relação pessoal de amor e essa nos une com os outros homens em Deus. Só isso satisfaz a nossa alma sedenta, não

---

<sup>212</sup> Título da obra unamuniana, *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos* (1913). Vale lembrar que para Unamuno toda a história é história pessoal; não é história da Humanidade ou duma classe social. Antes, é a consciência da morte que provoca, sendo ao mesmo tempo desafio e apelo, a tarefa substancial do eu próprio. Destarte o egotismo mundano torna-se noutra transcendental.

<sup>213</sup> Rudolph Hermann Lotze (1817-1881), professor de filosofia em Leipzig [ou Lúpsia] (1842), Gotinga (1844) e Berlim (1881), entendia que a superação do mecanicismo é possível pela atividade da alma, em que se manifesta o mundo superior dos valores.

o Deus frio e concetual do racionalismo. Mas o amor é filho da dor e da desesperação; é compaixão perante a mesquinharia do nosso destino ou é uma angústia que nos faz depender de Deus. O devir, depois da morte, não pode estar isento totalmente de dor, pois que a beatitude seria a morte.

Satisfaz o Cristianismo essas exigências? Satisfaz, mas não em nenhuma das suas ramas. Cumpre voltar ao cristianismo primitivo e teimoso de Tertuliano<sup>214</sup> («Creio porque é absurdo»), ao cristianismo que é vontade de crer. Das ramas cristãs atuais, a que mais se aproxima disso é o catolicismo popular, sobretudo o espanhol, «que se come e se bebe a Deus», que comunga com Deus para se fazer Deus e se garantir a imortalidade. O catolicismo tem sido, porém, deturpado pelo Tomismo aristotélico. Mas pior ainda é o protestantismo, que se dilui no racionalismo teológico; nele só se salva o pietismo, que é de influência católica. Por racionalismo anti-religioso rejeita-se também o Renascimento, o século XVIII, Kant e o positivismo.

### [III.] NACIONALISMO

Com o anterior enlaça o seu nacionalismo castelhano imperialista, que até o induz a exaltar Inácio de Loiola, Filipe II [da Espanha] e o fanatismo popular. O *sentimiento trágico da vida*, núcleo da religião, resposta ao único problema vital no homem, vale por tudo. Sem isso, que vale o resto? «Que inventem os outros, se quiserem; nós pregaremos a volta à verdadeira religião<sup>215</sup>.» Portanto, o distintivo da alma espanhola é, para Unamuno, o melhor que há no mundo.

<sup>214</sup> Tertuliano [Quintus Septimius Florens Tertullianus] (ca. 155-ca. 220), convertido em Roma ao cristianismo, voltou para África (195?), onde se dedicou a defender a fé, até o rigorismo moral, herético. Doutrinalmente apenas respeita os fiéis *pneumáticos* (ou «espirituais»), face aos *psíquicos* (ou «racionais»).

<sup>215</sup> No epílogo a *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos* (1913), Unamuno diz: «No ha mucho hubo quien hizo que se escandalizaba de aquello de "que inventen ellos", expresión paradójica a la que no renuncio.» No fim insiste, aludindo às propostas de Ortega y Gasset em prol da europeização necessária: «[...] y ahora vosotros, Bachilleres Carrascos del regeneracionismo europeizante, jóvenes que trabajáis a la europea con método y crítica científicos, haced riqueza, haced patria, haced ciencia, haced ética, o más bien traducid "Kultura", que así matareis a la vida y a la muerte. Para lo que ha de durarnos todo.»

Unamuno creu ter achado em D. Quixote um símbolo. Dom Quixote é a encarnação do sentimento trágico da vida.

43. A MÚSICA NA GALIZA, DE J. B. TREND<sup>216</sup>

[*Alfar. Revista de Casa América-Galicia* (Crunha),  
núm. 49 (abril de 1925), pp. 25-29.]

No Noroeste da Espanha, a comarca que se estende arredor de Vigo, da Crunha e Santiago de Compostela, difere, pelo aspeto, totalmente, do resto da Península ibérica. Em determinados dias parece que foi um pedaço da Inglaterra ocidental que flutuando à deriva chegou às costas da Espanha, onde outros ventos atlânticos mais cálidos o fizeram exuberante e florescente, sem mudar por inteiro o aspeto primitivo. Uma correioira, embora não seja idêntica do caminho vizinhal de Devonshire, assemelha-se-lhe muito. E a quem tiver percorrido as nossas costas de ocidente, as *Rias* parecerão estuários do Paraíso. Esta comarca galega está habitada por um povo amável e enérgico, de tipo irlandês, onde abundam as boas vozes a falarem um idioma que foi antecessor comum do Espanhol e do Português. As gentes com quem ali tratei, sentiam verdadeira paixão pela plantação das árvores, a fundação de sociedades corais, os mapas e a música. Em Santiago fiz-me amigo dum engenheiro de minas, quem me procurou a entrada em todos aqueles lugares onde para um investigador era assaz difícil. Na Ponte Vedra existe no Museu Arqueológico uma coleção de canções populares admiravelmente ordenada e o septuagenário

<sup>216</sup> John Brande Trend (1887-1958), hispanista e musicólogo britânico, depois da Grande Guerra (1914-1918) viajou por toda a Espanha, relacionando-se com diferentes personalidades da *Generación del 98* e poetas como Juan Ramón Jiménez e Federico García Lorca. Foram-lhe objeto de estudo Afonso o Sábio, Manuel de Falla e a música galega. Algumas das suas obras são *A Picture of Modern Spain: Men and Music* (1925), *Spanish Madrigals* (1925), *Luis Milán and the Vihuelistas* (1925), *Manuel de Falla and Spanish Music* (1929), *Origins of Modern Spain* (1934); *Juan Ramón Jiménez* (1950) e *Lorca and the Spanish Poetic Tradition* (1950).

Re-traduzo este artigo desde a tradução castelhana do Viqueira, procurando, como vem sendo hábito meu, conservar na versão portuguesa a marca viqueirana. Diga o leitor se o consigo. Igualmente o leitor curioso pode comprovar se a tradução que fez Viqueira é fiel ao original publicado em *Music and Letters* (1924) V(1) pp. 15-32, com o título «Music in Spanish Galicia». Pode ser consultado on line : <http://www.jstor.org/pss/726256>

farmacêutico Feijó é um virtuoso da gaita, que tem ensinado de novo aos paisanos cantar suas velhas canções populares.

Na Espanha do sul a história da música começa por uma citação de Marcial e as danças das *saltatrices* de Cadis («de Gadibus improbis puellae»<sup>217</sup>), famosas na Roma dos sécs. II e III. Na Espanha do noroeste, a história da música começa também pela dança: com as piedosas orgias de Prisciliano<sup>218</sup>, o mais antigo e notável dos hereges espanhóis. Prisciliano foi um galego que ganhou muitos dos seus compatriotas para a Cristandade, permitindo-lhes reter, não obstante, determinados hábitos pagãos, que os seus superiores hierárquicos não estimavam admissíveis. A sua interpretação da doutrina cristã afastava-se consideravelmente da aceite pelos Concílios da Igreja. Não admitia a Trindade; sustinha que o Mundo fora criado e conservado pelo Diabo. Negava a ressurreição dos corpos, mas (como muitos aldeãos galegos de hoje) cria na transmigração das almas e pensava que os mortos podiam ser evocados por meio de cerimónias apropriadas que incluíam a música. Finalmente, ordenava o uso de uvas e leite em lugar de pão e vinho, e sustinha que os sacerdotes eram desnecessários, porque qualquer crente (quer dizer, quem quer que saiba cantar e dançar) podia celebrar os Ofícios da religião cristã. O amor à música e a sua prática entre os habitantes do norte da Espanha é confirmado por Estrabão e Sílio Itálico<sup>219</sup>. São Jerónimo cita um fragmento do hino priscilianista

<sup>217</sup> Marcial livro 5, epigrama 78, 26-28: «[...] nec de Gadibus improbis puellae, / uibrabunt sine fine prurientes / lasciuos docili tremore lumbos [...]».

<sup>218</sup> Prisciliano de Ávila (ca 340-385), bispo iniciador do priscilianismo, foi acusado de herege e justificado em Tréveris (ou Trier), junto doutros companheiros, pela Igreja através do poder secular do imperador. Prisciliano fundara um movimento ascético, rigorista, de talante libertário, precursor do movimento monacal e inspirado, segundo os seus acusadores, na tradição gnóstica, oposta à crescente opulência da hierarquia eclesiástica imperante já no século IV. Prisciliano foi acusado de promover costumes infames como «mulheres que assistem a leituras da Bíblia em casas de homens com quem não têm parentesco; o jejum dominical e a ausência das igrejas durante a quaresma; a receção das espécies eucarísticas na igreja sem as consumir de imediato; o apartamento em celas e retiros nas montanhas; andar descalços (*nudis pedibus incedere*)» (Concílio de Caesaraugusta do ano 380).

<sup>219</sup> Estrabão (ca. 63 a.C.-ca. 24 d.C) foi historiador, geógrafo e filósofo grego, o autor da monumental *Geographia*, tratado de 17 livros contendo a história e descrições de povos e locais de todo o mundo que lhe era conhecido à época.

que começa «*Cantare volo, saltate cuncti*»<sup>220</sup>.

A heresia de Prisciliano — mesmo depois de os seguidores serem convertidos e o fundador decapitado — exerceu alguma influência nos Mosteiros galegos, enquanto as canções e bailes populares começavam a adquirir carácter mais devoto segundo se iam libertando gradualmente das influências gnósticas e fálicas, São Martinho de Braga<sup>221</sup>, que conheceu os costumes semi-pagãos e semi-priscilianistas dos aldeãos galegos no séc. VI, desaprova as canções mágicas e diabólicas; dizia-lhes: «*Dimisistis symbolum et tenetis diabolicas incantationes et carmina.*» Um Concílio eclesiástico realizado em Lugo no ano 571 pronunciou-se contra o uso da música pagã no ofício divino. Não era reverente; decidiram que os Salmos se cantassem com música vulgar.

Conclusão de tudo isto é que a música espanhola mais antiga não é cristã, mas pagã, como indica já o facto de que a partitura de música espanhola mais antiga decifrada é uma composição secular **Ex.**

---

Sílio Itálico (Tiberius Catius Asconius Silius Italicus) (ca. 26-101) era político e poeta épico latino, autor de *Punica* ([Guerras] Púnicas) longo poema composto por 12.000 versos, divididos em 17 livros,  
<sup>220</sup> Eusebio Hierónimo de Stridon ou Jerónimo de Stridon (ca. 340-420), traduziu a Bíblia do grego e hebreu para latim. É um dos quatro grandes Padres da Igreja Latinos. Por outro lado, a letra do hino presumivelmente priscilianista é:

Salvare volo et salvari volo;  
Solvere volo et solvi volo;  
Ornare volo et ornari volo;  
Generari volo;  
Cantare volo, saltate cuncti:  
Plangere volo, tundite vos omnes:  
Lucerna sum tibi, ille qui me vides;  
Janua sum tibi, quicunque me pulsas;  
Qui vides quod ago, tace opera mea;  
Verbo illusi cuncta et non sum illus in totum.

<sup>221</sup> Martinho de Dume, Martinho Dumiense ou ainda Martinho de Braga (ou Martinho Bracaraense), ele próprio resumiu a sua vida no epitáfio: «Nascido na Panónia [Hungria], atravessando vastos mares, impelido por sinais divinos para o seio da Galiza, sagrado bispo nesta tua igreja, ó Martinho confessor, nela instituí o culto e a celebração da missa. Tendo-te seguido, ó patrono, eu, o teu servo Martinho, igual em nome que não em mérito, repouso agora aqui na paz de Cristo.» Escreveu *De Correctione Rusticorum* (Da Correção dos Rústicos, Instrução Pastoral sobre Superstições Populares). A citação literal é: «Similiter dimisistis incantationem sanctam, id est symbolum quod in baptismum accepistis, quod est *Credo in deum patrem omnipotentem*, et orationem dominicam, id est *Pater noster qui es in caelis*, et tenetis diabolicas incantationes et carmina.»

1: *Disticon filomelaicum* (Biblioteca Nacional, Madrid, MS. 10.029):



É uma canção [dístico] elegíaca do códice de Ruiz de Azagra, antes nos arquivos da Catedral de Oviedo e atualmente na Biblioteca Nacional de Madrid. Este manuscrito contém diversas composições que não são litúrgicas [...] <sup>222</sup>. A letra é dum Bispo de Toledo do séc. VII; diz-se que a música data do séc. X. A transcrição (que assenta, em parte, sobre conjecturas) foi feita por dom Santiago Tafall <sup>223</sup>, cónego da Catedral de Compostela, um dos músicos mais eruditos da Espanha, e que tanto em sabedoria quanto em amabilidade é digno émulo do Padre Martini <sup>224</sup>.

Não há pentagrama; as neumas estão colocadas a distâncias variáveis duma só linha. A ausência de clave facilita a leitura da melodia em qualquer dos modos musicais de então. O Cónego Tafall, porém, considera que deve ser lida no segundo (como se vê na transcrição) ou no oitavo, o qual conclui do intervalo ascendente da cadência final. Outra composição profana de grande interesse musical existe na cópia (feita nos fins do séc. XVIII) dum manuscrito do séc. X, conhecido pelo nome de *Códice de Meyá* <sup>225</sup>. Lembra-nos a formosa princesa galega

<sup>222</sup> Na realidade não são reproduzidos, na versão dada por *Alfar*, nenhum dos textos musicais, apesar do dito no texto.

<sup>223</sup> Santiago Tafall Abad (1858-1930) foi destacado músico e musicólogo, mestre de capela e cónego da catedral de Santiago. Apostava no purismo musical e o estudio do folclore tradicional galego e chegou a teorizar sobre os vínculos entre o folclore galego e o bretão, defendendo a origem celta da gaita e a medieval da sanfona. Mais informação em Cancela (2010).

<sup>224</sup> Giovanni Battista Martini (1706-1784), também conhecido como Padre Martini, foi musicólogo, professor e compositor da Itália.

<sup>225</sup> Manuscrito copiado na corte de Nájera por ordem de Sancho Garcés II (970-994), consta de duas partes: a primeira dos fins do séc. X, talvez da mão dum monge de San Millán de la Cogolla; continuou-se décadas depois, no séc. XI, no mesmo *scriptorium* navarro.

Leodegunda, filha de Ordonho II, rei da Galiza, que sucedeu o pai Afonso III, no ano 910, como rei de Leão, quando a fusão dos dous reinos. Leodegunda casou com o rei de Navarra e foi viver a Pamplona; seu casamento foi celebrado na série de *Versi domnae Leodegundiae* [sic], os quais podem ver-se no final do manuscrito:

Laudes dulces fluant tibiali modo  
Magnam Leodegundiam Ordonii filiam;  
*exultantes conlaudemus, manusque adplaudemus.*

Parece que esta princesa gostou sempre de ouvir música. É grande pena que o manuscrito original se perdesse, porque o copista não pôde reproduzir a notação musical, que não entendeu, com a mesma segurança que transmitiu a letra.

Lendo o que se escreveu sobre história da música na Espanha, lembrei muitas vezes uma reunião a que uma vez assisti, num lugar da Inglaterra ocidental e na qual um indivíduo disse: «Não devemos parapear-nos trás subterfúgios.» Há dous subterfúgios trás os quais, invariavelmente, se parapeitam os historiadores da música espanhola. Quando topam algo singular ou algum ornato estranho nas canções populares, deixam-no de lado como mourisco e, na música religiosa, essa peculiaridade passa como moçárabe.

Ao cúmulo disto chegou um escritor que disse do grande Victória — castelhano de nascimento e romano de educação — que a sua música estava «engendrada por sangue mourisco». Victória, à semelhança de outros compositores espanhóis, certamente empregou as melodias tradicionais espanholas do *Pange lingua* e doutros temas do cantochão, denominando-as como *More Hispano*; mas é incrível que um homem sério e douto nestas matérias confundisse esta frase com uma alusão aos *Mouros* da Espanha. Victória distinguiu-se, entre outras cousas, pela qualidade expressiva da sua música e pela forma em que dispunha a letra. Isto não era devido ao seu *sangue moruno* (pois a família de Victória, até o ponto que Pedrell pôde indagar, era de

*cristãos velhos* de pura cepa) nem ao misticismo (como M. Collet no-lo queria fazer crer). Victória aprendeu dos madrigalistas a dispor a letra: a vitalidade da sua música religiosa depende principalmente do facto de ele aplicar a técnica dos madrigalistas à colocação das palavras latinas e assim fazer quase esquecer que o Latim era para ele língua morta.

Espero algum dia poder demonstrar a *falácia mourisca* na música espanhola; a influência moçárabe (que não é por inteiro falácia) é quase tão difícil de provar. Os mouros da Espanha não tiveram notação musical e os manuscritos visigótico-moçárabes não foram decifrados. Diz-se que os Beneditinos de Silos estão a trabalhar nisso, mas é mais verossímil que cheguem a ser lidos por insignes eruditos em questões bizantinas, tais como Mr. H. J. W. Tillyard ou o Dr. Egon Wellesz<sup>226</sup> [sic]. Pois o canto moçárabe, que era a música cantada pelos cristãos espanhóis na época da invasão dos mouros no ano 711, crê-se que é de origem bizantina. Deu-se nome de moçárabes aos cristãos que ficaram no território ocupado pelos mouros, e a quem se permitia praticar a sua religião quase nas mesmas condições que antes. O seu centro estava em Toledo e a sua história pertence mais à história musical de Toledo que a de Santiago; pois as incursões dos mouros na Galiza foram um episódio breve e insignificante na sua história, enquanto Toledo esteve sob o jugo mourisco até o ano 1086. Porém, quatorze anos antes, a *Superstição de Toledo* [quer dizer, o rito moçárabe] foi suprimida nos reinos de Castela, de Leão e da Galiza, e introduzido no seu lugar o rito romano. Houve protestos. Um cavaleiro castelhano, Juan Ruiz de Matanzos<sup>227</sup>, ofereceu-se para defender com as armas o antigo uso (e a velha música)

---

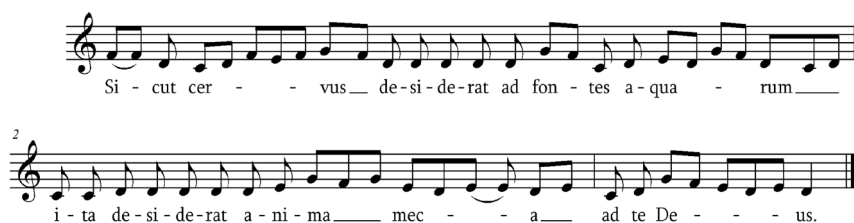
<sup>226</sup> Eustace Mandeville Wetenhall Tillyard (1889–1962) foi professor de literatura, conhecido pelo seu livro *The Elizabethan World Picture* e pelas suas obras sobre John Milton.

Egon Joseph Wellesz (1885–1974) foi compositor austríaco clássico, professor e musicólogo especializado em música antiga, discípulo de Arnold Schoenberg pertencente à *Segunda Escola de Viena*.

<sup>227</sup> Parece lenda. Há outra versão: Quando tomou a coroa o monarca Afonso VI, talvez influído pela esposa dona Constança, de origem francesa, quis impor o novo rito romano em todos os seus domínios. Os moçárabes não estavam dispostos a permiti-lo, e com eles a maioria do clero [...]. Por isso fez-se debate público, em que os correlativos partidários oferecessem as suas razões. A história diz que o defensor do rito moçárabe foi Juan Ruiz de Matanzos, que tão convincentes razões deu que logrou a permanência do ritual. Até que o rei, obediente ao papa, mandou substituí-lo pelo rito romano...

contra quem quer que seja e num singular combate derrotou o campeão da nova música, o qual, não será preciso dizer, era um francês. Apesar de tudo, foi imposto o novo rito pelos reis de Castela e a nova música tornou-se obrigatória nos seus domínios.

A Biblioteca da Universidade de Santiago possui um exemplar muito interessante da música desse período de transição. Acha-se num formoso manuscrito, conhecido pelo nome de *Liber Ferdinandi Regis*, devocionário escrito e iluminado no ano 1055. Começa com o calendário moçárabe; o Salmo 42, «Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum» [*Como suspira o cervo pelas águas correntes*], pertence ao *Ordo ad medium noctis*. **Ex. 2** *Liber Ferdinandi Regis* (Biblioteca Universitária, Santiago):



A introdução na Espanha da arquitetura românica marca um novo período que começa na segunda metade do séc. XI. Foi aquela trazida por monges franceses, por peregrinos que vinham ao santuário de Santiago de Compostela, e por princesas estrangeiras que casaram com reis de Castela e Leão; a este estilo acompanhou também a nova música. Seus centros foram a Galiza e Catalunha; é nestas regiões que se conservaram a maioria dos documentos musicais desse período. A música, para os cristãos da Espanha, não era meramente «para distrair a frivolidade da mulher e a dissipação do varão», como era para os Árabes e Berberes do sul. Ao contrário, estava em caminho de ser uma arte tão necessária como a arquitetura; ambas eram usadas nas cerimónias públicas e na vida privada e era considerada com suficientes méritos para conservar parte dela mediante a anotação.

As cerimónias públicas de aqueles tempos são quiçá mais fáceis

de imaginar do que a vida privada, especialmente entre os cristãos espanhóis, os quais eram, em todos os aspetos, menos civilizados que os muçulmanos. O enérgico e ambicioso prelado, o Arcebispo Gelmires<sup>228</sup>, quem em certa ocasião coroou pela sua mão a terna cabeça dum menino como rei da Galiza e foi noutra sitiado pela sua indignada grei numa torre da Catedral, com uma fogueira acesa à porta, deleitava-se escutando música na própria casa, e fez esculpir grupos de músicos nas paredes da sala de jantar. O Pórtico da Glória<sup>229</sup>, pertencente à segunda

<sup>228</sup> Diogo Gelmires (ca. 1068-1101) foi antigo escriba do conde D. Raimundo de Borgonha, senhor da Galiza, e em 1102 eleito para arcebispo de Santiago de Compostela. Reformou o cabido, concluiu a catedral iniciada em 1077 pelo seu antecessor, engrandeceu a diocese com bens e privilégios e conseguiu que esta ficasse isenta de Braga e fosse elevada a metrópole pela transferência das dioceses sufragâneas de Mérida para ela (então Mérida ainda era muçulmana).

<sup>229</sup> Viqueira omitiu esta nota, que traduzida diz: «Um molde do Pórtico da Glória encontra-se no Museu Vitória e Alberto em South Kensington. Cabe notar que os vinte e quatro velhos da banda estão a falar ou a afinar os seus instrumentos. Nem um só tem os olhos postos no regente.» Também omitiu este longo parágrafo, que deixo sem traduzir: «Everyone has heard of the pilgrimage to Compostela, the shrine of shrines to which the Milky Way pointed and which seemed, from the perils of the way and the mystery which surrounded it, to be already more than half in that Other World to which the whole of life was only a pilgrimage. Something of the magic rites of Priscillian lingered, and still lingers, about the country; and music, as is well known, has always been closely connected with magic. The pilgrims sang the praises of St. James, and bowed themselves before his sepulchre. Yet it was hinted, and the suspicion never died, that the relics were not those of the son of Zebedee, but of one who had played a far greater part in the history of Galician music. And as to Santiago himself, who was he? He is often to be seen perched upon the top of a stone pillar, like Our Lady of the Pillar of Saragossa. His body was laid on a stone, which was afterwards sunk in a pool of clear water to prevent the wanton hands of pilgrims from reducing it to fragments. In this condition it was shown to the pilgrims in 1581. There was a stone "bed" of St. James and also his "boat," and there was a petrified boat in which the Virgin Mary had landed on the shores of Galicia. Folk-songs are known, addressed to the Virxe d'a Barca, which make it clear that the boat was also a rocking stone. A pilgrim who saw it in 1484 stated definitely that the Virxe d'a Barca was herself a rocking stone; he could move it with one hand. Santiago landed from his stone vessel at Padron; so also had St. Patrick sailed upon a paving-stone, and Hercules reached the shores of Spain in a cup. The Saint was pursued by infidels, and a stone gave him refuge. It softened at his touch, "wax to receive and marble to retain," and he hid in it until he became like Mithras emerging from the rock. He was also a great horseman. Being one of the "sons of thunder," it was believed (and children in Spain are still told it) that thunder was the galloping of St. James. He was the national and tribal hero; he rose from the dead to fight for his country, and appeared on a white horse at the battle of Clavijo, like the angels at Mons and the Heavenly Twins at the battle of Lake Regillus. He ruled the storm, the sky and the sun; his mate was the Lady of the Doves, the "Saint Proserpine" of an inscription, St. Eulalia and St. Columba, whose birds are still set free at Santiago on Candlemas Day. He took care of the fruits of the earth. Before he came the land was covered with briars and nettles, but when he was buried it brought forth abundance of corn and fruit. He was also a bull-god; he gave the Spaniards their totem-animal, to be petted and adored, ritually killed and afterwards eaten-as happens at this day. He had a curious adventure (recorded in an ancient relief at Caldas de los Reyes), in

metade do séc. XII, está adornado com uma fila de vinte e quatro anciãos tocando instrumentos da época.

O interesse musical de Santiago de Compostela reside em parte no facto de conhecermos algumas das canções que entoavam os peregrinos, quando no fim das suas longas jornadas entravam na Catedral sob o olhar dos vinte e quatro imóveis [no original, «inattentive»] anciãos do Apocalipse. Exemplos desta música estão compilados no *Codex Sancti Iacobi*.

*Codex Calixti II*<sup>230</sup>, assim denominado porque foi em parte composto por esse pontífice entre os anos 1120 e 1125. Foi continuado por Aymeric Picaud por volta do ano 1140 e trazido e oferecido ao Santo Apóstolo por Aymeric e Gerberga, senhora flamenga que fizera a peregrinação com ele. Contém, além duma versão da *Grande Lenda de Carlos Magno* ou o *Livro de Turpim*, hinos ao Apóstolo, com música e letra. O cap. XVII do primeiro livro descreve um festival que teve lugar por ordem de Afonso o Casto para comemorar o traslado dos restos do Apóstolo de Padrão a Santiago. Vieram então peregrinos de todas as partes, incluindo Escócia, Irlanda, País de Gales e Inglaterra, países que são mencionados por esta ordem no manuscrito original. Desfilaram pela Catedral «em ordenada falange», uns tocando instrumentos dos respetivos países e outros levando fachos, entoaram cânticos piedosos [no original «devout lays»], chamando a atenção pela maneira de cantar os alemães, gregos e ingleses. A letra (ou o que foi tomado por tal) foi

---

which he appears, like Lohengrin, in a boat drawn by a figure half maiden and half swan, with a holy friar seated in the stern, to observe the proprieties and play to him upon the harp. Lastly, he was the psychopompos, the shepherd of souls, the patron of wayfarers; and wayfarers came from all parts to do honour to their patron.»

<sup>230</sup> O *Liber Sancti Jacobi* ou *Codex Calixtinus* é manuscrito iluminado de meados do séc. XII. Integra cinco livros: I) *Anthologia liturgica*, ou antologia das homilias, cantos litúrgicos, cantos de peregrinos e de sermões em homenagem ao apóstolo Santiago. Constitui um manuscrito musical.- II) *De miraculis sancti Jacobi*, compilação de vinte e dois milagres atribuídos a Santiago.- III) *Liber de translatione corporis sancti Jacobi ad Compostellam*, relato da evangelização do apóstolo Santiago na Hispania e a transladação do seu corpo.- IV) *Historia Karoli Magni et Rothalandi*, história de Carlos Magno e de Rolando na Hispania num tom épico e fantástico. É conhecido como a *Crónica do pseudo-Turpim*.- V) *Iter pro peregrinis ad Compostellam* ou Guia do Peregrino de Santiago de Compostela, conselhos práticos para os peregrinos, baseado no próprio percurso do autor, Aymeric Picaud.

recolhida por algum dos que estavam presentes:

Herru Sanctiagu  
Grot Sanctiagu  
E ultreja, esuseja,  
*Deus, adjuva nos*

A música no *Codex Calixti II* é de várias mãos e pertence a diferentes tipos de notação. Contém:

a) Hino a Santiago, composto por Aymeric Picaud *Ad honorem regis summi*.

b) Hino ao Apóstolo por um sábio galego (*doctore galliciano*), melodia que se diz é de sentimento genuinamente galego. **Ex. 3** «Hino a Santiago» (*Codex Calixtinus*, II, Catedral de Santiago):



c) *Conductus Sancti Iacobi*, composição em diálogo atribuída a Magister Robertus, cardeal romano. **Ex. 4** «*Conductus Sancti Iacobi*» (*Codex Calixtinus*, V, Catedral de Santiago):

CANTORES  
Re - so - - - net Do-mi - no ca - ter - va  
PUER. CANTORES  
Cor - - - de ju cun - da Ia - co-bi fes - ta ce-le bret de-vo - ta  
PUER. D. C.  
Cor - - - - - - - - - po - re mun - do.

O *Conductus* era um tipo de composição existente no séc. XIII, na qual o *canto fermo* era quer uma melodia popular quer um tema original, não tomado do cantochão. Uma ou mais partes eram usualmente acrescentadas como discanto.

d) *Farsa lectionis de missa Sancti Iacobi*, diálogo composto com palavras bíblicas. O texto original entremeava-se com curtos comentários, por cuja razão se chamava *farsa*. Está atribuída a Fulberto, Bispo de Chartres, compositor de hinos e sequências, que morreu em 1028.

e) Hino a duas vozes por Atton, Bispo de Troyes, escrito na partitura em dous pentagramas separados. **Ex. 6** «Hino para duas vozes» (*Codex Calixtinus* II, Catedral de Santiago):

Nos - - - tra psal - lans plau - dat lae - ta, \_\_\_\_\_

Hac \_\_\_\_\_ in \_\_\_\_\_ di - e qua \_\_\_\_\_ ath - le - - - ta

Christi-gau - det si - ne me - ta. \_\_\_\_\_ Ia - co - bus in glo - ri-a, \_\_\_\_\_

An - ge - lo - rum in \_\_\_\_\_ cu - ri - - - a. \_\_\_\_\_

f) Hino a três vozes por um tal «Magister Albertus», de Paris. Está escrito em dous grupos; as partes mais baixas distinguem-se por estar uma em tinta verde e outra em tinta vermelha.

g) O *Canto de Ulteia*, trazido pelos peregrinos flamengos.

**Ex. 5** «Canto de Ulteia» (*Codex Calixtinus*, Catedral de Santiago):

Dum Pa - ter fa - mi - li - as, Rex u - ni - ver - so - rum

Do - na - ret pro - vin - ci - as, lus a - pos - to - lo - rum

Ia - co - bus His - pa - ni - as, Lux il - lus - trat mo - rum.

Pri - mus ex - a - pos - to - lis, Mar - tyr le - ra - so - ly - mis

Ia - co - bus e - gre - gi - o, Sa - cer est - mar - ty - ri - o.

Her - ru Sanc - ti - a - gu, Grot Sanc - ti - a - gu, E ul - tre - ja

E sus - e - ja, De - us ad - ju - va - nos.

Está escrito com uma só linha, havendo de serem adivinhados os intervalos da distância relativa do mesmo, dos neumas, gruiados naturalmente pelo conhecimento de outra música do período. Nos arquivos da Catedral há certo número de transcrições feitas de fotografias dos manuscritos originais, as quais, com uma só exceção, não diferem muito entre si. A versão dada no exemplo 5 está autorizada por dom Pothier<sup>231</sup>, ainda que a transcrição, feita sobre uma fotografia, fosse alterada em dous sítios ao conferi-la com o manuscrito. O *Canto de Ulteia* foi executado em tempos modernos. Cantado em uníssono e com os gritos bárbaros do estribilho<sup>232</sup> deve de fazer efeito muito rechamante.

O costume de os peregrinos cantarem às portas da Catedral durou até fins do passado século [XIX]. Em 1868, ano do jubileu (quer dizer, ano em que o dia de Santiago caiu em domingo), a Porta Santa foi aberta aos sons das tradicionais *charamelas*, enquanto na Catedral uma banda tocava uma marcha ao estilo de Haydn, composta pelo abate Chiodi<sup>233</sup>, que um cento de anos antes fora mestre de capela. À tardinha grande número de cegos cantaram na porta. Estes cegos cantantes apareceram novamente nos sucessivos anos de jubileu 1875, 1880 e 1885. Em 1886 alguns deles desapareceram e em 1897, quando se tentou reavivar a tradição, apenas pôde encontrar-se uma anciã que lembrasse as canções. Estas, apesar de não se parecerem com o *Canto de Ulteia*, são, não obstante, de considerável interesse.

A primeira é uma glossa sobre a *Ave-Maria*, dedicada à Nossa Senhora de Belém. Vê-se claramente que a música é mais antiga do que a letra. **Ex. 8** «Cantar de cego ante a Porta Santa» (*Almanaque de Ferrol*, 1905):

---

<sup>231</sup> Dom Joseph Pothier, O.S.B. (1835-1923) foi abade e liturgista francês, musicólogo, discípulo e co-laborador do abade de Solesmes, dom Prosper Guéranger, realizou numerosas investigações sobre as neumas e contribuiu para a re formação e renovação do canto gregoriano.

<sup>232</sup> Viqueira não traduz o seguinte: «Little did the pilgrims think that the coffin which they ignorantly worshipped held the bones of none other than Priscillian himself.»

<sup>233</sup> Buono Chiodi foi mestre de capela da catedral de Santiago desde 1770; sobre ele informa M.<sup>a</sup> Pilar Alén (1985), «Un síntoma de la crisis del italianismo en la musica religiosa española: el ataque del arzobispo Bocanegra a Buono Chiodi».



A segunda, que era cantada no diálogo entre dous grupos de voces, refere-se à invasão dos mouros. Menciona a derrota de dom Rodrigo e o princípio da Reconquista com a batalha de Covadonga, o tributo das cem donzelas e diversos acontecimentos da lenda de Santiago, a que já nos referimos. **Ex. 9** «Cantar de cego ante a Porta Santa» (*Boletín de la Real Academia Gallega*, XI, 1911, p. 236):



A terceira era de carácter popular e origem galega; a letra foi aparentemente arranjada para toada de gaita. A quarta melodia procede, ao parecer, do séc. XVIII. E a quinta é uma alteração dum vilancico ouvido na Catedral e desfigurado pela memória do pobre cego. Os números 4 e 5, o mesmo que o 2, referem-se a acontecimentos históricos.

Exemplares de música para os *feitiços diabólicos*, que tanto alteravam o Santo português, foram descobertos em 1914 na encadernação dum manuscrito do séc. XIV, de *De officiis*, de Cícero. São as *Sete Canções de Amor*, de Martim Codax, trovador galego, natural, ao parecer, de Vigo. Os poemas eram já conhecidos por um manuscrito que há no Vaticano, mas o descobrimento da música é um acontecimento de grande interesse para a história da música espanhola. Pela forma dos versos as *Sete Canções de Amor* pertencem ao tipo mais primitivo da poesia peninsular, estando compostas de estrofes paralelas ou *paralelísticas*.

As neumas estão escritas num pentagrama de cinco linhas e, apesar de o copista autor do manuscrito original não ser músico e se limitar a desenhar os signos que tinha diante, esquecendo-lhe num caso (**Ex. 6**, *supra*) anotá-los, é possível ler com alguma precisão cinco das canções. Um fac-símile do manuscrito original está no Museu Britânico de Londres. **Ex. 7.** Martim Codax, «Ondas do mar...» (*Boletín de la Real Academia Gallega*, XII, 1917, p. 118):

On - das do mar de Vi - - - - go, \_\_\_\_\_

se vis - tes meu a - - - mi - - - go, \_\_\_\_\_

e ay de - us se ve - rra ce - - - do. \_\_\_\_\_

2. Man - dad - ei co - mi - go, ca - ven meu a - - - mi - go, \_\_\_\_\_

e i - rei madr' - - - a Vi - - - go. \_\_\_\_\_

3. Mi - a yr - ma - na fre - mo - sa, trey - - - des co - mi - go \_\_\_\_\_

a la y - gre - ia de Vi - go u e o mar sa - li - do, \_\_\_\_\_

e mi - ra - re - mo - las on - das. \_\_\_\_\_

Surge aqui a questão sobre a notação musical, se é mensural ou neumática, se nos achamos perante música medida, como nas canções dos trovadores e as *Cantigas* do rei Afonso o Sábio, ou perante música de ritmo livre, como o cantochão. O cónego Tafall sustenta esta última opinião. Diz: «Não há dúvida de que as melodias de Martim Codax são de sentimento genuinamente galego. Têm a flexibilidade e graça das canções cantadas ainda pelos labregos das zonas da Galiza mais

afastadas; a sua tonalidade, cadência e frases melódicas são parecidas com as canções conhecidas pelo nome de *Alalás*. As melodias de Martim Codax amostram isto nas cadências das primeiras frases, apesar de o resto ser mais ornamentado do que é usual num *Alalá* e amostra um estilo mais refinado e reflexivo que o usual em cantos populares.»

As canções populares da Galiza, desde os tempos mais remotos até a atualidade, têm determinadas características invariáveis que persistem sob a complicação, a mudança de tonalidade ou os ritmos convencionais a que foram submetidas pela divisão em compassos. Não há realmente diferença entre as antigas melodias de ritmo livre e as melodias similares que surgiram ulteriormente com ritmos de 6/8 e 3/4. Essencial é a linha melódica possuidora de certos giros e cadências típicas; apesar de tudo, existe a qualidade diatónica da tonalidade e o inerente ritmo livre<sup>234</sup>.

Estas propriedades estão decerto influenciadas pelo instrumento popular que não é aqui a guitarra, mas a *gaita*. A *gaita* galega é instrumento diatónico com uma extensão que vai desde Si (por baixo de Dó medio) até Ré, incluindo Si natural e Si bemol. Os outros sustenidos e bemóis que introduzem alguns gaiteiros são produzidos cobrindo a meias os buracos ou por meio de chaves. Outro instrumento tradicional é a *sanfona*, que tocam dous dos anciãos que há no Pórtico da Glória da Catedral, e dos músicos talhados na sala de jantar do Arcebispo Gelmires. Este instrumento é também diatónico. As cordas estão afinadas na escala de Sol; com as teclas produz-se a escala de Sol (com Fá natural, bem como com Fá sustenido) em duas oitavas. Uma das cordas quiçá originalmente estivesse afinada em quarta ou quinta

---

<sup>234</sup> Em nota de rodapé: «As Cantigas do Rei Afonso o Sábio (1252-1284), apesar de serem escritas em português galego [ou *portugalego*, que diria o Prof. Rodrigues Lapa], não são música estritamente galega. Ocuparmo-nos delas faria este artigo muito mais longo do que já é. Consistem em mais de 400 canções, vilancicos e milagres da Nossa Senhora, postos em melodias ao estilo da época. Foram mais estudadas nos aspetos literário e linguístico do que do ponto de vista musical, da música para que estão escritas. Porém, espero, dentro de breve tempo, ter ocasião de tentar falar sobre a sua música. Os manuscritos iluminados que há em El Escorial e Biblioteca Nacional [de Madrid] são formosíssimos.»

mais baixa, produzindo assim um órgão<sup>235</sup>.

Os modos da canção galega não se limitam ao maior e menor; antes, incluem os modos Dórico, Frígio, Mixolídio e Eólico nas suas formas autênticas e plagais. Foi advertida certa semelhança com as canções bretoas.

Outra característica dos cantares galegos — de vez, mais uma prova da qualidade diatónica — é a aparente identidade de algumas delas com as melodias do canto gregoriano, não só no modo, mas também na fórmula melódica e cadências. Frases inteiras parece ter sido tomadas, nota por nota, do canto litúrgico. **Ex. 10** «Alalás» (*Galicia Histórica*, núm. 1, julho-agosto 1901, p. 274. Diretor António López Ferreiro [1837-1910]):

---

<sup>235</sup> No original «producing a kind of organum». *Órgano*: Mús. Tipo antigo de polifonia medieval que exige a inclusão duma ou mais vozes compostas livremente para uma passagem de cantochão, requente nas igrejas entre os sécs. IX e XIII.



1. O cantar d'alo d'arri - ba \_\_\_\_ veuchenos d'a la d'abai - xo. \_\_\_\_ A - la - lá.



Glo-ria Pa - tri et fi - li - o, EtS - pi - ri - tu - i San - cto. \_\_\_\_



2. Non me ti - res con pe - dri - ñas, nin con on - zas re - cor - ta - das. \_\_\_\_



— Xa sa - bes que non te que - ro, non me si - gas as pi - sa - das.

Lento



3. Can - ta ti, can - ta - rei eu-e, \_\_\_\_ i - re - mo los \_\_\_\_ dous can - tan \_\_\_\_ do, can - te



quen ti - ve - raa - mo - res, \_\_\_\_ por - qu'os me us \_\_\_\_ van a - ca - ban - do. \_\_\_\_

Lento



Por que cho ras \_\_\_\_ mi - ña prenda \_\_\_\_ Co - mo non hey \_\_\_\_ de cho - ra - re? \_\_\_\_ Pa -



sou por min \_\_\_\_ o meu mo ro \_\_\_\_ e non me qui - xo fa - la - re. \_\_\_\_ Pa

A *Alalá*, p. ex., pode definir-se como melodia breve cantada sobre quartetas heptassílabas, análogas às do popular poema de Rosalia de Castro, quando invoca as suaves brisas, “arinhos”, da terra natal e

roga que a transportem a ela:

Arinhos, arinhos, ares,  
arinhos da minha terra;  
arinhos, arinhos ares,  
*arinhos, levai-me a ela*<sup>236</sup>,

palavras que são duma indescritível doçura agarimosa, quando são pronunciadas por quem as sabe pronunciar expressivamente.

A melodia repete-se em cada quarteta, sempre com ritmo livre, permitindo ao cantante acrescentar tantos adornos e tantos floreios quantos goste. O cónego Tafall indicou-me que a letra do antigo hino *Regis perennis gloriae*<sup>237</sup> poderia muito bem ser cantada com a música dum cantar muito conhecido, que descreve a maneira de cantar dos galegos:

O cantar do galeguinho  
é cantar que nunca acaba.  
Começa com trainanina,  
*acaba com trainanana*<sup>238</sup>

Há muitos tipos de canção relacionados com o *Alalá*: canções de berço, cantos de arada, da malha do linho (*espadeladas*), cantos de *arrieiro* e *canteiro*, antigamente entoados nas pedreiras, antes da introdução da maquinaria moderna, para o *In arriando... alto*.

<sup>236</sup> Veja-se Rosalia de Castro (2009), *Cantares galegos*, adaptação e revisão textual de Higinio Martins Esteves, da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, Sant Cugat del Vallès, Edições da Galiza, p. 59. Na p. 32 (das Notas) o editor comenta: «Heptassílabos narrativos de rima assoante nos versos pares.- Não vejo estudos da natureza destes ares, de certo não meros ventos. Têm interesse no estudo do folclore mítico, creio. Dos casos em que Rosalia fala deles deduz-se serem seres míticos espirituais (ar = espíritos), cabalmente antropomorfizados. Neste caso são bons, e maus noutros, quando servem a definir as doenças da medicina popular.»

<sup>237</sup> Atribuído a Magister Gauterius de Castello Rainardi, o hino *Regis perennis glorie*, acha-se no *Códice Calixtino* (séc. XII), interpretado, entre outros, pelo *Coro de monjes del Monasterio de Santo Domingo de Silos*, diretor: Ismael Fernández de la Cuesta. As duas primeiras estrofes dizem: «Regis-perennis glorie / sit canticum leticie / Qui triumphum victorie / Iacobo dedit hodie. // Decoravit Yspaniam / Iacobus et Galleciam / Illamque gentem impiam / Christi fecit ecclesiam. Etc.»

<sup>238</sup> Outra versão, pouco diferente, é. «O cantar do galeguinho / É um cantar que nunca acaba. / Começa por trailalilo; / Acaba por trailalala.» Na rede podem achar-se múltiplas interpretações.

Entre as formas instrumentais está a *alvorada*, conhecida dos pianistas por mediação da engenhosa *Alvorada do gracioso*, de Ravel<sup>239</sup>. O gracioso era o criado burlão dos dramas espanhóis do séc. XVII.

Na forma mais pura, as frases da melodia consistem num número de compassos desiguais e, mesmo aqui, adverte-se uma marcadíssima tendência ao ritmo livre, contida pelo sentimento do compasso uniforme da música moderna e da divisão em compassos introduzida pelos colecionistas de cantos populares. Toca-se a gaita acompanhada do tamboril. Às vezes aplica-se-lhe letra que é ajustada com dificuldade.

A música de dança está representada pela *Moinheira*.  
**Ex. 12** «Golpe» (*Almanaque gallego*, 1922, Buenos Aires):



A *Moinheira* tem como compasso o 6/8. Este deu lugar pelo ritmo da letra que se lhe apõe a um metro conhecido por *ritmo de gaita galega*, que no séc. CVII foi também adoptado pelos poetas cultos e usado por Góngora e pelo próprio Calderón nos seus mistérios e *autos sacramentais*. Noutros países também surgiu independentemente; assim, foi usado pelos poetas ingleses e posto em música por Purcell em *Nature prevail'd and I soon chang'd my mind* e que claramente se derivava dos ritmos de baile que então começavam a estar de moda. Conhecem-se vários bailes de espadas: um deles pode ver-se o dia do *Corpo de*

<sup>239</sup> Joseph-Maurice Ravel (1875-1937) foi compositor e pianista francês, conhecido pela subtilidade das melodias instrumentais e orquestrais, entre elas, o *Bolero*. A *Alvorada do gracioso* (*Alborada del gracioso*) é a quarta peça dos *Miroirs pour piano* (1905). A orquestração feita posteriormente (1919) tornou-o muito popular.

*Cristo* em Redondela, povoação celebrada nos cantares pela beleza das suas mulheres e a gordura dos seus cregos. Também meninos e meninas dançamos no dia da *Assunção* [da *Virgem*] na igreja duma aldeia próxima de Vigo, como os dez pequenos *seises*, que dançam, cantam e tocam as castanholas antes o altar maior da Catedral de Sevilha o dia do Corpo de Cristo e da [Imaculada] Conceição.

#### 43.BIS. A MÚSICA NA GALIZA, DE J. B. TREND. MAIS EXEMPLOS

[*Alfar. Revista de Casa América-Galicia* (Crunha), núm. 49 (abril de 1925), pp. 25-29.]

John Brande Trend coloca, no fim do seu artigo, outros exemplos que não explica:

**Ex. 11** «Muleteer's Song» (*El Eco franciscano*, agosto, 1923, Santiago de Compostela):

A vi da dos a - rrei - ros (A - rré!) E - che

u - ña vi - da pe sa - da (A - rré!) De dí - a non o - yen mi -

sa, (A - rré!) de noi - te non dur - men na - da (A - rré!)

**Ex. 13** «Canto de pandeiro» (*Sociedad Arqueológica*, 1922, Ponte Vedra):

O pan - dei-ro ten a cul - pa, Etc.

**Ex. 14** «Coral com gorjeio de gaitas» (*El Eco franciscano*, setembro, 1922, Santiago de Compostela):

Soprano

Ca-mi - na la Vir - gen pu - ra, deE - gip-to pa - ra Be - le - ne.

Bass

Drone

6

S

En el me - dio del ca - mi - no el ni - ño te - ní - a se - de.

B

## OUTROS TEXTOS PUBLICADOS OU INÉDITOS

### 44. TRÊS NOTAS SOBRE A RELIGIÃO<sup>240</sup>

[*Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, núm. 778 (janeiro de 1925), pp. 22-29.]

#### A. SOBRE A RELIGIÃO.

#### I. CONCEITO

1. Se, no *fenómeno* religioso, diferenciamos tudo aquilo que é conhecimento, arte, etc. restam-nos, como elemento irredutível, as *posições mentais* face ao divino, para intervirmos, afastarmos, etc. o divino. Toda a vida humana (e a vida em geral) é atividade; assim, a religião é também atividade.

2. Portanto, a religião inclui:

a) Uma representação (mais ou menos vaga ou perfeita) do *divino*;

b) As atitudes face ao *divino*, em que se integram os *ritos*;

c) As posições afetivas e subjetivas face ao *divino* e face ao *rito* (cada religião tem a própria afetividade).

3. O fundamental é a conceção do *divino*, porque, como é natural, dela dimana tudo. O *rito* nas religiões superiores pode reduzir-se a *estados* subjetivos e, por outra parte, o divino, à afeção do divino. Assim pode surgir a *vida religiosa interior* como idêntica com a religião.

4. A conceção do *divino* inclui-se na conceção do mundo. É

<sup>240</sup> Traduzo-o de *Ensayos y poesías* (1930, pp. 35-44). Em nota de rodapé (ib. 35-36) os editores explicam: «Destes fragmentos os dous primeiros (o A e o B) foram publicados no *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza* (número de janeiro de 1925) precedidos da seguinte anotação: “Estes dous breves fragmentos pertencem, como pode com facilidade observar-se, a um mesmo trabalho, que o seu autor, ao morrer, mal deixou esboçado. O primeiro deles foi, sem dúvida, uma tentativa, abandonada depois no segundo, onde o assunto se acha já abordado com maior decisão e, noutra forma, apesar da sua incompleta elaboração. Publica-os agora o *Boletín*, segundo ficaram, não apenas pelo seu valor substancial, mas como amostra dos problemas espirituais que preocupavam J. V. Viqueira nos seus últimos dias e, sobretudo, como testemunho de profunda reverência à memória daquele inesquecível aluno e mestre desta casa [*Institución Libre de Enseñanza*], a cujos ideais consagrou ele sempre a adesão mais profunda.”»

*metafísica* e nela interferem religião e filosofia; [daí] o conflito de fé e saber.

[Na] representação [do processo,] desde a magia até Comte<sup>241</sup> [, cumpre considerar] dous pontos de vista fundamentais:

A) o conhecimento *por presença* (no início é percepção; mais adiante é *sentimento de presença*. [Assim] James) [que devém experiência] mística.

B) O conhecimento racional do divino, [verificado na] Teologia.

5. O *rito* é a condensação de atos, de origem emotiva, face ao divino. Deriva-se da magia e culmina na *moral* (Kant).

6. A psicologia religiosa tem descrito os estados de alegria, esperança, dúvida, temor, etc. que acompanham a religião objetiva.

## II. VALOR.

1. Qual é o valor da religião? Por palavras mais precisas: qual é o valor das religiões? Eis um duplo problema, amiúde confundido.

A) Qual foi o valor efetivo das religiões na história real da Humanidade? De Lucrécio aos fanáticos, depende de cada caso e de cada questão.

B) Qual é o valor eterno, *real*, da religião?

a) Valor psicológico, como força de esteio de cada um.

b) Valor como sendo o *divino* algo real que deva defrontar-se.

Ambos os problemas [acham-se] estreitamente unidos, já que, psicologicamente, o homem *deseja acougar* [assentar com sossego] num fundamento que a religião situa no divino. Aqui a religião tem de confrontar-se com a filosofia: não há soluções definitivas; [vale]

---

<sup>241</sup> Entre colchetes acrescento expressões, breves que, a meu ver, permitem ler o texto com relativa agilidade.

Auguste Comte (1798-1857), discípulo do socialista utópico Claude Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon, até 1824, comprometeu-se a desenvolver a sua própria doutrina, o positivismo. Desde 1848 viveu com grande precariedade. Entre 1830 e 1842 publicou os seis volumes do *Cours de philosophie positive*. "A única máxima absoluta é que não existe nada absoluto". O método positivo consiste em tratar apenas dos factos e dos seus relacionamentos: só os factos de experiência; só a sucessão e a simultaneidade. Relativamente às sociedades ocidentais formulou a lei dos três estados (teológico, metafísico e positivo).

filosofar para apanhar um pressentimento do nosso destino cósmico. [E o] *rito*? [Justamente é] o que nos ajuda a [iniciar-nos nesse] cosmismo.

## B. CONCEITO E SIGNIFICAÇÃO DA RELIGIÃO.

### I.

Antes de mais nada, cumpre determinar o domínio próprio da *religião* (quer dizer, das religiões) para atingir o seu conceito. A tarefa não é tão singela, porquanto não apenas os pensadores dissentem neste ponto, mas também o próprio homem religioso é incapaz de dizer exatamente *que* é aquilo em que consiste a sua religião. A razão disso é, e *infra* vê-lo-emos justificado, o facto de a *religião* (ou as religiões) possuir um amplo poder transbordante, central e organizador, em cuja virtude se entretece com todos os domínios da vida. Desde já antecipemos que a religião é *assunto de vida ou morte*, pelo qual não cabe estranhar-se de que por ela se dê a vida.

Começemos, por ser mais fácil, vendo o que a religião não é, e obteremos assim um resto que constituirá o que a *religião é* [1.] Todas as religiões contêm um *credo*, o que é acreditado no sentido histórico da palavra; esse *credo* é o seu *dogma*, o que ensinam como fixo e certo. Refere-se ao ser em si, à *realidade*; diz o que ela é, como foi criada e que processos nela se verificaram relativamente ao nosso destino. Todas essas questões são metafísicas ou, antes, [é] da metafísica de que precisa o homem religioso. Ora, podemos dizer em consequência, embora pareça paradoxal, que a religião não é o *dogma*, não é *metafísica*.

[2.] Todas as religiões incluem também uma série de preceitos para regulamentar a vida social ([o que vem dizendo-se] *direito*) e toda uma série de determinações de fins; a beatitude suprema é a submissão a Deus ou a contemplação de Deus, etc. Essa determinação de fins é o que denominamos moral ou ética. Mas decerto podemos conceber sem religião tanto a *ética*, quanto o *direito*. Portanto, podemos dizer que a religião também não é nem *moral* nem *direito*. [3.] Menos ainda podem confundir-se com a religião as manifestações estéticas do canto, do drama, etc, ligados a ela. A religião também não é arte.

[4.] Se a religião não é nem metafísica, nem regulação social, nem determinação de fins, nem arte, que é o que ainda surpreendemos nela que possa constituir a sua essência? Pode responder-se numa palavra: o *rito*.

## II.

Sabida é a importância que concedem e concederam os homens religiosos ao *rito* e a maneira de viverem ancorados nele. O rito consiste numa série de ações que têm como fim exprimir exteriormente a relação interior com o *divino*. Portanto, são práticas de comunicação, de comunhão com o *divino*. Substituamos agora o conceito *divino* por uma denominação mais vulgar: *potências superiores*. O *rito* é a ação que *afirma* a nossa comunicação com as *potências superiores*. Aqui não se inclui [o exame d]a natureza dessas potências superiores, se são boas ou más (de facto podem ser ambas as cousas), se são una ou múltiplas na sua natureza. Como potências supremas foram pensadas: a Humanidade, os espíritos, os deuses, dous deuses, um Deus único, etc. Portanto, nota característica dessas potências é apenas o facto de, superiores ao homem, delas depender o seu destino. Mediante determinadas ações, deve o homem lembrá-lo e voltar sempre a elas, comunicar com elas.

## III.

Afirmou-se que a religião é cousa de sentimento. A afirmação procede de Rousseau e, a seguir, de Schleiermacher<sup>242</sup>. Este deu-lhe

---

<sup>242</sup> Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), filho de pastor calvinista e um dos mais importantes teólogos alemães do séc. XIX, foi educado em escolas dos irmãos moravos, com os quais estudou latim, grego e hebreu. Afastou-se deles por se resistirem a dialogar com a filosofia contemporânea. Exerceu como Pastor em Landsberg (1794) e Stolp (1802) e deu aulas de Filosofia e Teologia em Halle an der Saale (1804), para acabar instalando-se em Berlim. Para além de traduzir as obras de Platão para o alemão, publicou *Discursos sobre a religião* (1799), inspirados em Spinoza, *Monólogos* (1800), inspirados em Fichte, e *A fé cristã* (1821-1822). Apesar das influências de Kant e Fichte, não se tornou em idealista subjetivo, mas sim susteve que a essência da religião radica em sentir a infinitude e a dependência de Deus e não na razão nem nos preceitos morais. Participou da teologia protestante liberal, que enfatiza o direito do indivíduo de definir os termos da própria fé sem intimidação de autoridade externa. Era conceção compartilhada com o romanticismo; de facto participou no movimento *Sturm und Drang*. Como teólogo abriu as portas ao pensamento iluminista secular, ao entender que o Jesus encontrado no *Novo Testamento* e exaltado nos credos era de facto homem que alcançou a pura consciência de Deus: «religião é a consciência da divindade segundo se acha em nós mesmos e no mundo.»

a forma precisa: *a religião é sentimento de dependência*. Ora, aqui se inclui um elemento representativo, quer dizer: *a dependência*. Digo *representativo* porque a dependência é uma relação entre dous termos, e uma representação duma relação entre dous termos não pode ser *sentida*, mas representada. Na essência do sentimento está o facto de ser um estado do sujeito, mas não uma *visão*, ou o facto de ter presente algo. Por ex., a minha ledice não me *representa* nada; antes, é um *estado* meu. O que acontece é que toda a cousa pode ser sentida, e assim pode ser sentida aquela dependência entre as potências superiores e o homem.

Por conseguinte, há sentimentos *religiosos* que levam à religião (ao *rito*); mas a religião não é simples sentimento. Assim seria no caso de o simples *conhecimento* da dependência — ou a dependência — constituir a religião, o qual de facto não é possível, porquanto na hipótese de o conhecimento de dependência se tomar como tal, não teremos mais do que metafísica, e na hipótese de se tomar a *relação*, teremos uma relação real, em tudo análoga da gravitação universal.

#### IV.

Se for considerado o *rito*, que consiste no cultivo da nossa relação com as potências superiores, como a essência da religião, tornar-se-á evidente o motivo por que a metafísica, sob forma de *dogma*, vai ligada forçosamente à religião. A metafísica diz-nos justamente quais são aquelas potências superiores e qual é a nossa relação com elas. Quer dizer, a religião precisa duma conceção do mundo e esta lhe é fornecida pela metafísica. Já aqui a religião exerce uma influência peculiar ao formular o dogma, porquanto toda a conceção do mundo se orienta face àquela *relação* com as potências superiores de que espera a salvação.

A ética e o direito relacionam-se com a religião num sentido diferente. A vida em comum que regulamenta o direito e a vida da ética, quer dizer, a posição de fins, consideram-se como condicionadas e determinadas pelo *rito* (lembre-se o que acontece nos povos primitivos). Os *ritos* são gratos a Deus, são meios de que se serve o homem para entrar em comunicação com as potências superiores. E igualmente a arte.

## V.

Como se realiza este conglomerado que *secundariamente* origina uma religião, pois *primariamente* só o *rito* é religião? A resposta pode dar-se partindo do tema da importância ou significação da religião.

Qualquer que seja a representação que tivermos das *potências supremas*, é evidente que o indivíduo possui o seu ser, não desde ele próprio, mas desde uma origem, da qual sempre tira novas forças. Não corresponde alcançar aqui determinação mais exata. Portanto, é de capital importância regressar, voltar sempre a essa origem, comunicar, comungar sempre com ela. Noutro caso, a vida do indivíduo abater-se-ia e morreria.

Sobre o tema deve considerar-se que o *rito* típico é a *teofagia*, cuja sobrevivência é a *comunhão cristã*. O homem, mediante os *ritos* religiosos, procura só fortalecer-se, viver, achar uma garantia de vida, volver sempre a observar a sua vida na *fonte da vida*.

Eis a importância da religião enquanto *rito*. Desde a sua posição central, vital, é compreensível que os restantes momentos da vida humana venham dispor-se arredor dela e fundir-se com ela. Essa tendência viverá eternamente em nós. A religião é de facto questão de *salvação*.

## VI.

Para isso, os homens criaram organizações rituais (as igrejas), que antes de mais nada se caracterizam, como não cabe estranhar, pelo seu *rito*. O homem vulgar precisará de ser levado ao *divino*, mas o homem culto e superior pode dizer com Plotino<sup>243</sup>: «que os deuses venham a mim»; isto é, onde quer que esteja e seja o que quiser que faça, sempre

---

<sup>243</sup> Plotino (ca. 205-ca. 270), segundo Porfírio (234-ca. 305), foi discípulo de Amónio Sacas (último terço do séc. II-ca. 241). Estabeleceu-se em Roma (244). A sua filosofia é elaboração das tendências místicas quer platónicas, quer pitagóricas, com reminiscências aristotélicas. A perfeição reside no Uno, transcendente, superior a todo o pensamento, inefável e sempre idêntico a si próprio, de que emanam (são hipóstases do Uno) o intelecto (*nous*), a alma do mundo e o mundo material. O homem é parceiro de alma e de matéria; para o homem, o caminho certo é justamente a união com o Uno. A concepção plotiniana foi incorporada ao Cristianismo por Agostinho de Hipona e por João Escoto Erígena (ca. 830-ca. 888), tradutor das obras do Pseudo-Dionísio Areopagita e autor de *De divisione naturæ* (865).

comunicarei com o divino.

Porém, no nosso estado de cultura, a religião apenas pode ser vaga e fluente, tanto nos elementos agregados (metafísica, etc.), quanto no seu elemento ritual. Deste não ficará mais do que a *arte* [que é] o elemento propriamente adequado para nos fazer tender face ao *divino*. O *rito* do futuro não será a ação, mas a ação *mágico-estética*. Por melhor dizer: a estética teria de alcançar uma maior importância no ritual.

Para além, a regulamentação exterior ficará extremamente reduzida e, para determinadas individualidades, suprimida.

#### VI.

As religiões positivas podem apenas cumprir a sua missão reduzindo-se ao elemento próprio religioso, [que é] a comunicação com Deus ([daí derivaria o facto de] apenas serem *ritos* diversos) e pondo de lado qualquer preocupação estranha, por exemplo, a política.

#### C. RELIGIÃO

1. A necessidade dum sentido religioso como meio de lograr um sentido da vida.

2. A religião, enquanto sentido universal verdadeiramente *católico*, inclui em si todos os homens como irmãos.

3. Está desprovido de dogmas nacionais à diferença do que acontecia com a religião nacional dos sécs. XVII e XVIII, [porque isso] seria limitá-la.

4. Lá onde houver uma manifestação do sentido do mundo está a religião: é o verdadeiro *Panteão* (*tudo é deus*).

5. Tem o seu culto, mas não mais do que o do sentido do *divino* e a luta por esse sentido.

6. Para além não se pode ir. Seria mais um dogma.

#### 45. REFLEXÕES SOBRE A NOSSA ÉPOCA .

[Inédito, in *Ensayos y poesías* 1930: 5-12].

##### I.

O espírito humano pode situar-se ante a vida do homem e o meio em que essa se realiza, tomando três atitudes fundamentais e diversas.

A primeira atitude possível é a da *ação*, a da intervenção na própria vida e nos seus diferentes planos para a construir ao jeito duma obra de arte e, em consequência, também a da modificação do nosso meio natural no sentido que aquela vida requer. A segunda atitude consiste em nos cingirmos a conhecer a vida e o seu meio. Por último, existe ainda, como atitude pensável, a renúncia, a *fugida* da vida e do mundo.

É fácil de compreender que as três situações ou atitudes fundamentais são dispostas numa série que vai desde o máximo contato com a realidade vital e exterior até a renúncia a ela, quer dizer, do máximo ao mínimo de vida.

##### II.

Uma época, uma grande época, acha-se determinada, duma parte, no seu esboço externo, por condições históricas ou naturais que não estão na mão do homem, mas no fundo, na sua essência, pela posição que adoptam perante a vida e o mundo (*realidade ambiente*) determinados homens (*os melhores, os seletos*) que a vivem. E isso, de duas maneiras: pelo que fazem ou pelo que deixam de fazer, pois de ambas a sua atitude irradia arredor deles como a luz dum foco luminoso.

Um indivíduo superior ou um grupo deles pode assim dar o *tom* a uma época: produzem-na e exprimem-na de vez. É, por conseguinte, compreensível que três grandes pensadores representem três épocas fundamentais da cultura antiga, que correspondem às três atitudes acima citadas: Platão, a ação; Aristóteles, o conhecimento; Plotino, a renúncia.

O que acabamos de dizer em nada se vê mais claro que na relação em que aqueles pensadores se acham voluntariamente com a

vida do estado: Platão sonha com a intervenção transformadora em política. Aristóteles<sup>244</sup> considera o governante como inferior ao filósofo, e a vida das nações como simples objeto de estudo. Plotino calou a sua pátria porque mesmo parecia que se envergonhava de se achar «no seu corpo»<sup>245</sup>.

### III.

Decerto o homem está forçosamente obrigado a viver num meio social e natural; e da sua intervenção em ambos, coroada ou não pelo sucesso, depende a sua ventura ou desventura. Por isso o homem ingênuo, primitivo, é o homem em tensão para o exterior.

Essa exterioridade excessiva deve corrigir-se, mas não evitar-se totalmente, porque a única atitude fecunda é a da ação. Já todo o florescimento cultural se deve a ela. As outras posições seguem-na em épocas de crescentes dificuldades e a última, a renúncia, sempre como consequência dum cansaço de ação, dum desengano perante a realidade. A primeira atitude é, dizendo em metáfora, a juventude, o vigor; a segunda, o trânsito à terceira: a senilidade.

O abandono da primeira atitude e a passagem à segunda acarretam necessariamente a terceira. Ao fim e ao cabo, a ação é precisa e a renúncia a uma participação nela, como a um mister inferior, pela

---

<sup>244</sup> Aristóteles (384-322 a.C.) procurou na sua obra expor sistematicamente as aquisições científicas e filosóficas do mundo grego, que, aliás, influiu decisivamente no saber ocidental. À luz do ideal grego da mesura, entende que a felicidade se origina do desenvolvimento da atividade racional do homem; a vida feliz é nomeadamente vida contemplativa, que, por sua vez, deriva da ação purificada. A ética e a política têm de ser aristocráticas, emanadas do ordenamento hierárquico das diversas esferas, da subordinação de todos os elementos aos seus fins; enfim, diversidade na continuidade. A ética é ciência das condutas, cujo objeto não é aquilo essencial e imutável, mas aquilo que pode ser obtido por ações repetidas, disposições adquiridas ou hábitos virtuosos e viciosos. A política é desdobramento natural da ética. Ambas compõem a unidade do que Aristóteles chamava de filosofia prática: a ética preocupa-se com a felicidade individual do homem; a política, com a felicidade coletiva da *pólis*. Desse modo, é tarefa da política investigar e descobrir quais são as formas de governo e as instituições capazes de assegurar a felicidade coletiva. Parece que as reflexões aristotélicas sobre a política se originaram da época em que ele era preceptor de Alexandre, o Grande. Pela sua parte, o direito também é um desdobramento da ética, mas ciência dialética, resultado de teses ou hipóteses não necessariamente verdadeiras, validadas principalmente pela aprovação da maioria.

<sup>245</sup> Em nota de rodapé os editores de *Ensayos y poesías* (1930) avisam: «No texto original há uma anotação à margem que diz: "Uma cousa é o que aconteceu, outra o que *vale ou deve ser*. Qual é o ideal que mais vale?"»

parte dos indivíduos que representam o elemento diretor ideal trará consigo que a ação seja nula relativamente ao valor, quer dizer, a respeito do êxito, e que o conhecimento mesmo, perdida a sua raiz vital, se esterilize. Por outra parte, o conhecimento puro é apenas acessível a uma exígua minoria; as massas não o alcançam mais do que torpemente. Assim os mais afastam-se dos poucos e seletos. A vida, descentrada, negando-se, vai mudando pouco e pouco numa dor e num triste espectáculo, tanto para quem se acha preso nos seus anseios, quanto para quem a contempla dum ponto de vista cognoscitivo e assim, a época da renúncia apresenta, junto da tortura dos mais, sumidos na sua ignorância, a fuga senil e requintada dos menos que desejam se desprender de si próprios.

#### IV.

A necessidade na história é uma necessidade a medias. A possibilidade de as épocas se disporem logicamente, tendo em conta o acima visto, ou o facto de se terem apresentado nessa ordem no acontecer real, não inclui a hipótese de necessariamente se continuarem assim no futuro.

Na história, o que se passou ontem reproduzir-se-á (enquanto as circunstâncias novas e diversas permitirem falar duma repetição que é assim só uma analogia mais ou menos remota) só se os homens se mantiverem outra vez numa atitude análoga à do passado. Mas por própria decisão, que é assim um factor, e perante a experiência humana adquirida, os homens podem mudar de atitude e determinar a história reflexivamente. Por isso saber história serve para fazer história.

Uma época distanciada da ação, como *infra* veremos que é a nossa, tende a considerar por todas as partes necessidades, quer dizer, determinações por factores exteriores, e tende a negar a autodeterminação, quer dizer, a liberdade. A vida do homem, a história, aparece assim, vista *de fora*, como totalmente determinada, como um capítulo mais da biologia. Outra coisa acontece com a experiência imediata da ação. Aqui a autodeterminação apresenta-se-nos como um dado irrefutável e é um postulado que aceitamos em cada novo ato. E poderia com toda

a certeza acontecer que para a metafísica a determinação exterior não fosse mais do que um resultado dum sistema de autodeterminações.

## V.

Que é o que é a nossa época? Os tempos sedentos de ação que foram o Renascimento e o século XVIII passaram. Hoje os melhores, os seletos, muito amiúde, limitam-se sobremaneira a entender a vida e o mundo; precisam de vontade de luta e de intervenção enformadora na vida social e na atividade humana. A nossa época, como se disse, é sobretudo cerebral. O desengano e a dor da vida começam parcialmente a iniciar-se e talvez se enxergue cá e lá uma tentativa de fuga e uma negação do presente.

Com efeito, um falso aristocratismo acentua-se e afasta dos mais os poucos e melhores. Os pensadores colocam-se perante a vida, não com planos de reforma (nessa hipótese as nossas ideias atuais predominantes têm pelo menos meio século de antiguidade), mas friamente, como espectadores que desejam explicar e entender. Ao caso, nada [há] mais típico que a fantástica filosofia da história de Spengler<sup>246</sup>, que resumiríamos dizendo: «a história faz-se, não a fazemos; nós apenas podemos entendê-la». Como se o entender não fosse um livre fazer!

O homem afasta-se de si próprio, mas como já faltam em geral espíritos disciplinados ainda pelo hálito fecundador da vida, surge o eruditismo, o espírito de exterior síntese, o banal experimento ou as cambalhotas e reviravoltas. E isto [acontece] em todos os domínios da espiritualidade. A vida tornou-se dolorosa, perdeu interesse; deve fugir-se dela, cumpre desumanizar-se. O requinte, extravagante tantas vezes, surge.

## VI.

Portanto, impõe-se, como um dever, ser conscientes da nossa posição crítica, da nossa falsa atitude. Cumpre tornarmos de novo a

---

<sup>246</sup> Oswald Spengler (1880-1936) na *Decadência de Ocidente* (1918-1922) expôs a sua concepção: a Humanidade desenvolve-se por ciclos culturais, que inexoravelmente incluem o seu aniquilamento. É autor a que o nacionalismo galego remeteu com frequência, favoravelmente o grupo de Risco, desfavoravelmente, Viqueira e Castelão.

interessar-nos na nossa atividade vital para a modelar, para fazer dela a suprema obra de arte. O supremo artista é aquele que da matéria bruta da sua personalidade faz a sua personalidade ideal.

Cumpramos espertarmos todos aqueles que ouvimos no fundo da consciência o imperativo da vida que é a ação. Em caso contrário, a vida, cada vez mais vazia e dolorosa, chamará insistente e dilacerante às nossas portas.

A nossa época exige de nós como nunca, talvez pelo acúmulo dos problemas, ação e ação, enformarmo-los da atividade humana individual e social, em ascensão *poética*, criativa e infinita da vida. Apenas assim, agora como antes, o homem cumprirá o seu destino, florescerão os espíritos, e achará a perdida paz interior, a doce e inefável felicidade.

Os homens sonharam sempre com uma idade em que os ideais se verificaram, com uma idade ideal, com a Idade de Ouro. Contudo, não está no passado; está no futuro; não volta, como cantava o poeta mantuano<sup>247</sup>, mas faz-se e faz-se a meio da nossa ação que perante si tem a tarefa de criar essa idade ideal, decerto uma tarefa infinda.

## VII

A nossa época quer *atores*, não *espectadores*. Ora, a história, dissemos, é análoga, mas não se repete. Felizmente hoje, juntamente com os signos de decadência, mostram-se, quer na cultura europeia e americana, quer na asiática, signos duma nova juventude. Trabalhem com entusiasmo para que chegue o que os signos anunciam, «pois não, não será um sonho a floração futura das almas».

O que importa é valorizar os três ideais (ação, conhecimento, contemplação).

---

<sup>247</sup> Poeta mantuano, Virgílio [Publius Virgilius Maro] (ca. 70-19 a.C.) é poeta de variados matizes, quer do campo, *Bucólicas* (42-39) e *Geórgicas* (39-29), quer da pátria romana, *Eneida* (29). Mesmo foi considerado, durante a Idade Média, profeta do Messias (*Écloga IV*). Viqueira remete à viagem aos infernos de que Eneias, contra a experiência universal, voltou (Livro VI da *Eneida*). De passagem, lembre-se que o modelo das *Bucólicas* foram os *Idílios* de Teócrito, dos quais, como foi dito, Viqueira traduziu para castelhano dez; podem ler-se em *Ensaio e Poesias* (1974: 247-291). E o primeiro nesta edição, acima.

Quanto ao último, [assinalam-se as seguintes razões contrárias]:

1. *Razões teóricas*. Não há razão alguma para pensar que a vida *terrena* seja a única *possível*, embora tudo esteja a fazer dela um momento *essencial* na nossa história, porquanto, *suposto* um *sentido* (o qual acarreta consigo o facto de supor *outras vidas*), a vida *terrena* não teria sentido. A renúncia não é válida porque nega esse *sentido*.

2. *Praticamente* renuncia a *intervir* e é a negação passiva do válido.

O *conhecimento* é um ideal parcial e o que se diz da felicidade duradoira e independente que procura, pode dizer-se também da beleza (*libertação* em Schopenhauer<sup>248</sup>) e ainda mais da ação, em que o homem ultrapassa os seus limites e até suprime a dor.

Ação em que senso? Exigências supremas (não transitórias ou superficiais) [de maneira que a] cada exigência corresponde um valor.

Idêntica classificação de *exigências e valores*. Toda e qualquer atividade humana é *psicofísica*, mas nela mais ou menos fisiológica ou espiritual.-Assim *exigências*:

1. Fisiológicas (comer, beber, de *saúde*).
2. Sociais (sexo, amizade, *amor*).
3. Espiritualidade: A) Conhecimento (verdade). B) Arte (beleza).
4. A *liberdade* como desenvolvimento não impedido do nosso *ser*.
5. Exigências religiosas como *participação* no sentido do mundo.
6. Harmonia das exigências precedentes. Conflitos entre as exigências (valores). Daí a tragédia. Complica-se porque podem entretecer-se exigências diferentes entre si.

[As e]xigências humanas [são, em definitivo], exigências sobre-humanas do absoluto na sua auto-evolução.

---

<sup>248</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, retirou-se do ensino universitário. Em *O Mundo como Vontade e Representação* (1818) baseia-se nos conceitos de representação, a conter o sujeito e o objeto, e de vontade (ou força), a evidenciar-se na resistência dos seres à destruição: a inteligência é serva da vontade de viver. Contudo, o homem pode libertar-se dessa escravidão, logo que compreender o mal e o sofrimento da vida, quer pela castidade, quer pelo ascetismo, até se refugiar no *nirvana*.

A satisfação das exigências, a possessão dos valores, traz a felicidade. Fazer-se digno da felicidade é conseguir a felicidade.

O sujeito humano vale *por si* porque verifica essas *exigências*. É (contra Kant) substituível. Nisso repousa a *continuidade* da história.

## 46. AÇÃO

[Inédito, in *Ensayos y poesías* 1930: 53-58].

### I.

Desânimo! Quantas vezes ressoou no profundo da nossa alma, ou nos lábios dos amigos: *cansado, sem brio, sem incentivo para continuar a tarefa da vida!* E não é uma situação mental vulgar a que se exprime nos versos do poeta Petrarca<sup>249</sup>:

*Passa la nave mia .*

Porque o desânimo surge quer da crença em o ideal ser irrealizável, quer da convicção de sermos incapazes (por diversas condições) para realizar o ideal. E eu pergunto-me agora: é que o desânimo, inevitável como afeto humano, é um sentimento justificado?

### II.

1. Cumpre partirmos de pressupostos, de postulados, sem os quais a nossa vida não tem sentido. A saber:

---

<sup>249</sup> A respeito da citação «Passa la nave mia» explicam os editores de *Ensayos y poesías* (1930) em nota de rodapé: «Refere-se ao *Soneto CLVI* [que transcrevem]:

Passa la nave mia colma d'obblio  
Per aspro mare e mezza notte il verno  
Infra Scilla e Caribdi; ed al governo  
Siede'l signor, anzi'l nemico mio.  
A ciascun remo un penser pronto e rio,  
Che la tempesta e'l fin par ch'abbia a scherno:  
La vela rompe un vento umido, eterno  
Di sospir, di speranze e di desio.  
Pioggia di lagrimar, nebbia di sdegni  
Bagna e rallenta le già stanche sarte,  
Che son d'error con ignoranza attorto.  
Celansi i duo miei dolci usati segni:  
Morta fra l'onde è la ragion e l'arte:  
Tal incomincio a disperar del porto.»

a) o facto de o ideal existir, de haver qualquer coisa que deve ser realizado por nós;

b) o facto de sermos capazes, cada um na própria medida, de realizarmos o ideal. Com efeito, quem não alcançar a poder assentar essas afirmações não pudera ver na vida o valor da vida:

À bela luz da vida, ampla, infinita,  
Só vê com tédio, em tudo quanto fita,

*A ilusão e o vazio universais*<sup>250</sup>

Porque sustentar que a vida vale, que a existência não é caos doloroso e louco, é justamente sustentar o valor do ideal.

2. Essa questão não a colocam todos os espíritos. Apenas para alguns é problema. Os mais atêm-se à concepção que a sua *religião* lhes predica. Outros herdaram as rotinas do meio. Porém, são aqueles poucos os que fazem o amanhã. Portanto, o problema urge. Antes de mais nada, libertemo-nos dum perigo. O facto de não podermos fundamentar o ideal não é claro signo de que este não possa ser fundamentado. Assim acontece infelizmente tantas vezes. Dada a nossa limitação, quem pode afirmá-lo?

---

<sup>250</sup> Os editores de *Ensayos y poesías* (1930), em nota de rodapé, advertem: «Do soneto "Nirvana", de Antero de Quental, que começa "Para além do Universo luminoso".» Eis o texto do soneto, dedicado «A Guerra Junqueiro» (on line [http://www.vidaslusofonas.pt/antero\\_de\\_quental.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/antero_de_quental.htm) )):

Para além do Universo luminoso,  
Cheio de formas, de rumor, de lida,  
De forças, de desejos e de vida,  
Abre-se como um vácuo tenebroso.  
A onda desse mar tumultuoso  
Vem ali expirar, esmaecida.  
Numa imobilidade indefinida  
Termina ali o ser, inerte, ocioso.  
E quando o pensamento, assim absorto,  
Emerge a custo desse mundo morto  
E torna a olhar as coisas naturais,  
À bela luz da vida, ampla, infinita,  
Só vê com tédio, em tudo quanto fita,  
A ilusão e o vazio universais.

3. Foi dito: «a voz do dever (do ideal como obrigação) chama os homens do fundo da sua alma». Ou por outras palavras: «o ideal nasce porque a natureza da nossa alma faz que nasça»<sup>251</sup> Como a fome e a sede, assim surge também o ideal. O homem, só por ser homem, faz-se uma ideia e é ela que o dirige na sua ação. Mas de contado poderia arguir-se contra essa fundamentação do ideal na consciência: «há homens, os mais talvez, para os quais o ideal não existe, nem a vida segundo ideal!». Contudo, não basta. A beleza da paisagem é tal beleza, embora os homens não a sintam, e as condições da beleza estão na consciência. Arguir-se-á ainda: «ambos os casos são idênticos!».

É impossível penetrar agora numa fundamentação filosófica do ideal. As alíneas precedentes são apenas um assinalamento do difícil caminho que hoje parece tomar-se. Contentemo-nos com uma fundamentação prática. A vida segundo ideal é serena, firme, plena de intenso gozo. Comparai o Sócrates com qualquer ateniense banal!

4. Já nos referimos à forma dos fins da conduta, não ao conteúdo. Se pudesse dar uma resposta seria: «harmonia nas tendências humanas»<sup>252</sup>

### III.

1. Era preciso firmar o primeiro, porque, se o ideal vale, a vida deve submeter-se incondicionalmente a ele. Pelo menos, a vida de aqueles que aspirarem à máxima riqueza do seu existir. Ainda assim, as dúvidas, a falta de ânimo, apresentam-se na nossa alma. Por vezes os obstáculos aparecem impossíveis de vencer, por vezes cremo-nos inferiores à tarefa. Queria assinalar (pode ser muito proveitoso aos

---

<sup>251</sup> Em nota de rodapé Viqueira ou os editores de *Ensayos y poesías* (1930) explicam: «Sobre a fundamentação crítica do ideal: relativista sempre.

a) É forma de consciência.

b) A consciência é sempre individual.

c) As outras, que estão fora da minha, são *presumíveis* só como a minha. *Harmonia preestabelecida.*»

<sup>252</sup> Em nota de rodapé os editores de *Ensayos y poesías* (1930): «Regras: dão lugar às *tabelas de moral*:

1) Que a vida seja nobre, que realizes a tua própria harmonia de bem inteiro, porquanto és unidade (corpo e espírito).

2) Que realizes em ajuda aos outros essa *nobre vida.*»

jovens) que ambas as situações são igualmente falsas.

2. Os obstáculos! Mas o ideal é qualquer coisa que avança, que precisa de se fazer. A nossa vida não se dá dum golpe, é sucessiva. Se tudo fosse cedendo à medida do impulso rítmico do trabalho! As dificuldades afundarão o débil, o incapaz da proximidade do ideal. Ao forte excitá-lo-ão. Fichte, por excelência na modernidade o forte ideal, não percebia neste mundo mais do que um sistema de obstáculos para a realização do ideal. Bom, direis, seremos covardes, mas que nos trará o valor? Sabeis quando, em que momento cederiam as dificuldades? Sabeis sequer se estas são invencíveis? E, no caso de se poder responder afirmativamente, morrer gloriosamente no inebriamento da luta não vale mais do que languidamente no tédio?

3. Nós. Mas é possível eu poder lutar, eu poder vencer as dificuldades? A maior parte dos homens, para assim dizer, pensam no que podemos denominar a sua incapacidade mental. Não obstante, o problema do caminho de cada um na vida aparece facilmente solúvel.

4. É indubitável que não existe nenhum ser humano totalmente inútil, desde que a saúde não esteja totalmente quebrantada. Se um indivíduo não serve para isto, há de servir para istoutro. Ora, é capital saber para que serve um indivíduo. O *eu não sirvo* repete-se também amiúde! Um facto capital devemos ter em conta: a vocação. Não em vão a palavra vem do latim *vocare*, 'chamar'. A vocação é a atração que uma atividade humana exerce sobre nós como esfera do nosso ideal. Deixemo-nos guiar por ela! Mas poderá objetar-se: «coincidem vocação e disposição?» Eu ousou afirmar que sim. Pois como pode atrair-nos aquilo que não chegamos a entender e é doloroso para nós? A vocação acarreta uma adequação do desejado e o nosso espírito. Os que apareceriam como factos contrários seriam quer casos em que a vocação é falseada (por exemplo, se deseja ser pintor, mas não pela pintura, mas pela glória que proporciona), quer falsas vocações. No último caso, o sujeito não fez um profundo exame de si. Porque a vocação, isto é capital, demora

tempo em ser descoberta. Recordemos o Guillermo Meister<sup>253</sup>.

5. Mas outros, ao pensarem na sua capacidade, exprimem a dor de ver o seu corpo inobediente aos seus desejos ideais. Surge agora perante nós o *dever da saúde*. Na nossa forma terrena de vida é toda ela psicofísica. Impossível separar alma e corpo.

6. Eficacidade. Importa refletir, sempre no seio da esfera da vocação, como podemos obter mais.

#### 47. DA ÚLTIMA RAZÃO DA VIDA<sup>254</sup>

[Inédito, in *Ensayos y poesías* 1930: 59]

Diz-se: «Precisa-se de viver consoante a *harmonia*.» Mas como se pode garantir, a quem não *acredita* nela, o último fim da vida? A vida é breve e passa: tomemos nela a felicidade segundo vier, sem nos esforçarmos (o desfrute do egoísta). Quando a vida é *infinita*, como supõe o Cristianismo (Orfismo<sup>255</sup>?), ninguém pode duvidar ao eleger entre um prazer (*beatitude*) eterno e uma dor eterna. A beatitude eterna logra-se só mediante o bom comportamento.— Porém, para muitas correntes filosóficas não houve dúvida de que, sem a eternidade, também não deve duvidar-se na eleição; uma vida *sábia* foi a sua aspiração.— Achemo-nos hoje como nos seus tempos.— Na realidade, o homem precisa de viver em harmonia (mostra-o a história) como a aranha tece a sua aranhira. Ou vive assim ou morre.—

<sup>253</sup> *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister) , romance de Johann Wolfgang von Goethe, originou o *Bildungsroman* ("romance de aprendizado" ou "de formação"), em que o protagonista sofre um processo de desenvolvimento espiritual, psicológico, social e político. O romance goethiano compreende oito livros, dos quais cinco são uma remessa teatral (*Theatralische Sendung*). Essa remessa teatral surgiu entre 1777 e 1786, mas apenas vinte anos depois foi publicada como romance.

<sup>254</sup> Em nota de rodapé, referida ao título, dizem os editores de *Ensayos y poesías* (1930): «Uma nota marginal diz: "Como pôde Aquiles ser herói, ele que aborrecia o reino das sombras (o além)?"»

<sup>255</sup> O orfismo, religião das chamadas mistéricas, tinha concomitâncias, não só cronológicas, com algumas crenças do Cristianismo:

1.<sup>a</sup> As almas humanas são divinas e imortais. Contudo, diferia no facto de que estas foram condenadas a viver (por um período) em sucessivas encarnações;

2.<sup>a</sup> Mercê de ritos iniciáticos secretos, garantia-se a comunhão com os deuses. Contudo, difere no facto de a ascese, a vida órfica, conseguir a libertação das sucessivas encarnações.

3.<sup>a</sup> Haveria punição, após a morte, por certas transgressões cometidas durante a vida.

4.<sup>a</sup> A doutrina órfica fundamentava-se sobre escritos sagrados.

#### 48. A HARMONIA NÃO É LIMITAÇÃO. É-O A EXALTAÇÃO PARCIAL (POBRE DE ESPÍRITO)<sup>256</sup>

[Inédito, in *Ensayos y poesías* 1930: 61-62]

A harmonia na vida não envolve *limitação*, como se fosse temível nela fazer um esforço supremo da alma por quebrar a boa consonância *interna*. Mas os exemplares históricos mostram-nos que assim não acontece. Os grandes homens da Grécia e do Renascimento mostram-nos, ao contrário, uma magnífica exaltação de vida. Foram colossos, grandes em todo o sentido vital e isto é natural, porque a harmonia quer dizer desenvolvimento máximo no máximo número de direções e com a máxima liberdade individual. Um matemático, homem de excelente nobreza, de patriotismo, de interesse pela beleza, de sentimento universal do saber, capaz de toda a fruição e de toda a vida, não é a suprema exaltação do matemático?

Porém, a nossa exaltação da harmonia dirige-se contra a *pobreza de espírito*. O pobre de espírito é uma humilde luz que, embora brilhe com inefável engodo, é só uma melodia pastoril e singela na canção da vida. Não conhece mais nota do que a sua *humildade*. Vive afogado num único e restrito amor. Mas quanta vida perdida no seu ser, quantas possibilidades de riqueza de vida que não florescem! Não lhe importa a harmonia; a sua alma está rota e dilacerada, não lhe importa o humano, mas naquilo que chama divino, só acha a beatitude da morte para deixar passo aos que querem *viver*. A sua vida é pobre, é um pobre de alma!

---

<sup>256</sup> Em nota de rodapé os editores dizem: «Fragmento dumas notas sobre "que é o que quer dizer uma alma harmónica?"»

#### 49. QUE FAZERMOS<sup>257</sup>?

[Inédito, in *Ensayos y poesías* 1930: 63-64]

Uma detenção vital mina toda a Espanha. E, como sempre acontece, aquela traz consigo a produção de formas de *falsa vida*, de vida com que se engana a insuficiente necessidade de viver. Rói-nos a retórica que se compraz com as frases goras e brilhantes. Falta-nos a audácia, o desejo do porvir, a louca arela de ser e crer, de elevar titanicamente a nossa vida à formosura e nobreza. Frases, contemplação, passividade, acanhamento medíocre! Pobre existência a do nosso povo! Que direi das choramingas dos *filósofos*, que, do palavreado incompetente dos técnicos e políticos, que, da corriqueirice dos nossos artistas?

Mas só sairemos deste estado quando se verificar na Espanha uma revolução espiritual, de espírito. Esperá-la-emos da juventude? Jovens e velhos não são, ao caso, classes diversas de homens. Velhos há que são jovens até a morte e jovens que são velhos desde que nascem.

Que fazermos? Acordemos, cultivemos em nós a força, a capacidade de criação, a audácia, a vertigem do futuro, a sede da distância, o inebriamento do ideal. E aqueles que sentirem latejar em si o espírito renascente, não apenas hão de lutar contra a inércia das almas, arrancando-as do seu estúpido sono (tarefa assaz grande), mas sobretudo hão de espertar a natureza que nos rodeia para criar no ermo um jardim futuro.

O porvir pesa sobre nós porquanto ou somos ainda capazes de vida, de força, de audácia, ou morrendo como nação absorver-nos-á a vida para nos dar vida.

---

<sup>257</sup> Consciente ou inconscientemente, Viqueira parece ecoar, no título, o texto do Lenine, *Que Fazer?* Escrita entre o fim de 1901 e início de 1902, a obra apontava para as contradições políticas existentes então. Desde o prefácio assinala como fim preparar o movimento socialista de então para os desafios aos quais teria de responder, a começar pela organização dos socialistas, ponto de reflexão estratégica para a superação do regime o qual combatiam, quer dizer, «qual tipo de ferramenta pode e deve ser utilizada pelo movimento da Social-Democracia revolucionária para a definitiva tomada de poder na Rússia.» (Resenha: *Que Fazer?* de Lenine, Edições Avante; 2ª Ed., por Eli Magalhães (1 de março de 2010) On line <http://antesquixote.blogspot.com/2010/03/resenha-que-fazer-de-lenin.html>) Não obstante, a proposta viqueirana, apenas esboço, difere radicalmente da leniniana não só pelas diferentes circunstâncias em que ambos os textos foram produzidos, mas sobretudo pelos objetivos procurados e pelos meios propostos.



*POESIA*



## POEMAS ORIGINAIS

São transcritos vários poemas, originais de Viqueira, incluídos na secção «Poesías», a abrangerem as pp. 183-208 de *Ensayos y Poesías* (1930). Alguns deles publicaram-se como póstumos na revista *Ronsel*. Nas imediatas pp. 209-268 de aquela compilação juntam-se, sob a mesma epígrafe, traduções — versões, diz-se nesse lugar —, de que cumpre salientar dez idílios de Teócrito (pp. 217-208).

Permito-me citar extensamente a explicação que ao caso oferece o Prof. Torres Regueiro (1987: 54-55): «Para Carvalho Calero [1975: 614] os versos de Viqueira são, maiormente, esboços líricos de vivências amorosas ou paisagísticas:

»Viqueira, doente vinte anos, canta a vida com acesa religiosidade panteísta. Não se cuida da regularidade métrica, ou procura dissonâncias que o aproximam dos modernistas [hispano-americanos], cujo espírito, não obstante, recusa. Trata-se de anotações espontâneas de sentimentos e, no aspeto formal, dão a impressão de torsos abandonados, de apontamentos não definitivamente elaborados. Num texto assinado em Vijói no verão de 1919, aparece como precursor da *Escola Neo-Trovadoresca*, com muitos anos de prioridade sobre Bouça Brei.»

Uma primeira leitura dos poemas viqueiranos evidencia que não foram *acabados*. Contudo, o exame pormenorizado patenteia o cuidado que Viqueira pôs ao redigi-los (decerto em elaboração não definitiva; é essa a sina infeliz destes e da maioria dos seus escritos em idioma galego).

Continuemos com o Prof. Torres Regueiro (1987: 55):

«Na revista lucense *Ronsel*, que dirigiam os jovens Corrêa Calderón e Álvaro Cebreiro, apareceram publicados por primeira vez poemas de Viqueira. No número 2, de junho de 1924, dedicam toda uma página [a primeira] a três poemas assinados em Vijói em maio do mesmo ano: *Soneto* [«Anuncia o merlo no souto alegremente.»,], *O meu lar* e *Cantar do berço*. Conhecem-se, publicados postumamente, poemas anteriores, datados alguns na Crunha e Vijói, e posteriores.

»A redação de *Ronsel* devia sentir grande estima por Viqueira. Assim o assinalam as palavras e o espaço que lhe dedicam no número 5, de setembro de 1924, poucos dias depois da sua morte. Na homenagem que lhe rendem a duas páginas, aparecem uma sentida necrologia sob o título “Viqueira, noso grande morto” e três poemas póstumos, além duma pequena bibliografia dalgumas obras suas relacionadas com a Psicologia e a Filosofia. No número 6 [*e derradeiro da revista*], de novembro de 1924, dedicam outra página a três versões, ao galego, de poemas de Goethe, Hebbel e Miguel Ângelo, e anunciam a próxima publicação, na Editorial Ronsel, dum volume com os poemas galegos de Viqueira, prologado por um estudo de Ramón M.<sup>a</sup> Tenreiro. Assim o declara Cebreiro numa carta a Manuel António [*Pérez Sánchez, 1900-1930; o envelope está datado a 2 de fevereiro de 1925*], na qual o desenhador lhe diz ao rianjeiro a propósito dessa publicação:

»[....] Antontem enviei-te o *Ronsel* 6 que creio terás recebido. [...] Parece-me ben a ideia de publicar o teu livro na editorial Ronsel, mais para elo tiñas que dar ti algún diñeiro, como todos deron. Somentes un libro edita-se por conta nosa, o de Viqueira, para logo ofrecer-lle a edición íntegra à viúva do irmão morto. [*mantenho a grafia original*]

»O livro anunciado não deveu de chegar a sair, pois que a formosa empresa de *Ronsel* se paralisou justamente nesse número 6 e, com ele, o labor editorial.»

## 1. O MEU LAR.

O vento bate nas janelas,  
o vento e a água.  
Que bem que se está em ti,  
minha casinha amada!  
Enxames de sorrisos  
tens, leda, clara<sup>258</sup>;

---

<sup>258</sup> Os vv. 5-6, originais, são “Enxamios de surrisas / tes, ledas, claras”.

muito doce lume de agarimo  
                  e paz santa.  
És pobre? Não, certo, que em ti fez  
                  Amor sua morada,  
                  o antigo deus que purifica  
                  as nossas almas!

.....

O vento bate nas janelas,  
o vento e mais a água.  
Que bem estou em ti,  
minha casinha amada!

O poema é datado em «A Crunha, 1918-1919» (*Ensayos y Poesías* 1930, p. 183), segundo o publicado na p. 3 do núm. 2 de *Ronsel. Revista de Arte* (junho de 1924). Porém, na p. 2 do núm 205 de ANT (1.º de outubro de 1924), junto duma caricatura do autor, feita por Álvaro Cebreiro, reproduz-se este poema, como datado em Vijói, maio de 1924.

Nesta altura não cabe resistir-se à referência de Rosalia de Castro, a comentar a quadra popular galega «Adeus, rios; adeus, fontes; / adeus, regatos pequenos; / adeus, vista dos meus olhos; / não sei quando nos veremos». Ernesto Guerra da Cal (1911-1994) explica: «Esta quadra anónima de adeus à terra dum emigrante que parte, hoje extraordinariamente difundida, tanto por toda a Galiza como entre as colónias de emigrantes na Europa e nas Américas, deve esta popularidade ao poema rosaliano» (E. Guerra da Cal, 1985: 20 nota).

Viqueira parece em *O meu lar* fazer uma evocação inversa do poema rosaliano, quer dizer, subversora da estimacão social sobre o galego, emigrante *per se*, dominante, ainda hoje no Reino da Espanha. Confira-se, por exemplo, com os vv. 25-29: «Mas sou um pobre coitado. / Minha terra não é minha, / que até lhe dão de prestado / a beira por que caminha / ao que nasceu desgraçado». Ou antes com os vv. 35-39: «Tenho-vos, pois, que deixar, / hortinha que tanto amei, / lareirinha do meu lar, / arvorinhas que plantei, / fontinha do canabal». Ou com os derradeiros, vv.

61-66: «Digo-te este adeus chorando / desde a beirinha do mar. / Não me esqueças, queridinha, / se a saudade me matar. / Tantas léguas mar adentro. / Minha casinha, meu lar!».

## 2. LONGE.

### I

Meu doce bem, meu lindo amor,  
longe de ti que triste estou<sup>259</sup>!  
Ó<sup>260</sup> passarinhos, além dos montes  
que caminhais, bons voadores,  
eu bem quisera convosco ir  
ao pé de aquela que pensa em mim!  
—Mas aqui fico!— Se lá cantardes<sup>261</sup>,  
dizei que morro de soidades  
nos vossos trinos emeigadores,  
longe, muito longe!.

### II

Se eu fosse vento, iria  
além e sempre além;  
as serras passaria  
e os vales também.  
E, quando lá chegasse<sup>262</sup>,  
onde está meu amor,  
ser brisa me deixasse<sup>263</sup>  
da primavera<sup>264</sup> em flor.  
Suave, os lindos cabelos

<sup>259</sup> Conservo no poema as formas verbais utilizadas por Viqueira, bem como a medida dos versos.

<sup>260</sup> v. 3: Ó por «ou,»; assim nos vv. 28 e 34.

<sup>261</sup> v. 7: *Mas* por «¡Mais que»; *lá* por «alá» (e assim em diante).

<sup>262</sup> v. 15: *chegasse* por «chegara».

<sup>263</sup> v. 17: *brisa* por «a bris»; *deixasse* por «deixara» (por exigência da rima).

<sup>264</sup> v. 18: *primavera* por «primaveira» (assim em adiante).

arredor de si<sup>265</sup> movera,  
nos seus olhos tão belos  
néctar de amor bebera,  
bicara-lhe a meixela delicada  
qual vento bica as rosas, suas amadas.

### III

Se esta cabeça cansa minha  
deito  
sobre o teu peito  
—Ó queridinha!—  
o mundo dá em sorrir: é de alegria  
mais refulgente o dia!  
Se os beijos teus, daquela, dizem doçura,  
então<sup>266</sup>,  
sinto que eu sou  
—Ó grande ventura!—  
Soberbamente grande e forte  
no mistério da vida e no da morte.

O poema, em três tempos, incide nos tópicos relativos ao amor, não apenas românticos: no primeiro, o poeta parece invejar, como evocando-o, o passarinho emeigador da lenda/milagre tradicional do Monge e o Passarinho, a que alude no ¶ III Lirismo, das «Divagações enxebristas» e ao poema, assim intitulado, do Afonso Lopes Vieira, que transcrevera em «Pensando na futura Pátria. Novos poetas de Portugal»; no segundo, deseja identificar-se com o vento que na poesia dos humanistas «desordena» o cabelo da amada, a acarinhá-la delicado; no terceiro, alude à união de amado e amada, que sublime narra o *Cântico dos cânticos* bíblico.

<sup>265</sup> v. 20: *arredor de si* por «en torno a seu».

<sup>266</sup> Pronuncie-se então à galega, "entom".

### 3. O MEU CASTELO.

De ouro e brilhante pedraria  
acogulado  
eu fiz um castelo, em que vivo  
agachado!  
Nele sonho, nele levo uma existência  
sobre-humana,  
amiga das estrelas que cintilam<sup>267</sup>  
na abóbada<sup>268</sup> uraniana.  
Nele canta a minha alma os meus amores  
que alumiam<sup>269</sup> o meu mundo,  
cantiga que acha<sup>270</sup> no universo  
eco profundo.  
Não quero me espertar. No meu castelo  
misterioso e forte,  
sonharei até<sup>271</sup> a mim chegares,  
ó negra morte!

A personificação *negra morte* parece evocar a «negra sombra», de Rosalia de Castro, em *Folhas novas*. É frase célebre e tópica da literatura galega, embora a expressão seja também utilizada pelo escritor castelhano Francisco de Quevedo (1580-1645) no v. 8 do soneto VI «Arrepentimiento y lágrimas debidas al engaño»: «yace entre negra sombra y nieve fría.»

---

<sup>267</sup> v. 7: *cintilam* substitui «tremelen».

<sup>268</sup> v. 8: o castelhano «bóveda» é substituído por *abóbada*.

<sup>269</sup> v. 10: *alumiam* está por «alumean».

<sup>270</sup> v. 11: Viqueira usa o demótico «atopar». Escritores galegos consagrados abusam desse verbo, quando o uso correto e adequado reclamaria *achar* ou *encontrar*.

<sup>271</sup> v. 15: o vulgarismo castelhano «hasta» é substituído por *até*.

#### 4. MELANCOLIA.

A tarde vem, toda melancolia<sup>272</sup>,  
a luz esvai-se pelo ar diáfano,  
ouro divino as ponlas tecem  
do pinheiral lonjano<sup>273</sup>.  
Minha alma, ó<sup>274</sup>, como ela é triste,  
sentindo a vida em si latejar<sup>275</sup>,  
querendo ser com plenitude essencia  
num viver imortal.  
E vagamente espertam os desejos  
de lutar qual os heróis que fôrom<sup>276</sup>.  
Emergem do meu peito apaixonado  
os enxames dos sonhos.  
Vai-se já pôr o sol, silêncio mudo.  
Noite benta, tu sejas p'ra vencer!  
O vento canta o triunfo<sup>277</sup> perdurante.  
Ó triunfo, também te eu cantarei?

No poema ecoam os motivos da *tarde* e do *solpor* (ou pôr-do-sol), a simbolizarem a decadência da vida do indivíduo, que, por sua vez, compendia as aspirações da sociedade. Ambos são também reiteradamente utilizados pelos poetas espanhóis Antonio Machado (1875-1939) e Juan Ramón Jiménez (1881-1958), os quais, aliás, se relacionaram com a *Institución Libre de Enseñanza*, onde Viqueira formara a sua personalidade. De facto António Machado dedicou um poema «A la memoria de Juan V. Viqueira», publicado na p. 108 de *Alfar* núm. 43 (setembro de 1924) e

<sup>272</sup> No título e no v. 1 muda-se «Malenconia» (arcaísmo) para *Melancolia*.

<sup>273</sup> v. 4: por exigência da rima, mantém-se *lonjano*, derivado de *longe*, por *longínquo*.

<sup>274</sup> v. 5: como no resto dos poemas, substitui-se a interjeição *ou[h]*, que utiliza Viqueira, pela comum *ó*.

<sup>275</sup> vv. 6-8: «sentindo a vida latejar en sí, / querendo ser com plenitú d'essencia / n'un eterno vivir», mudam-se para os acima propostos.

<sup>276</sup> No v. 9, «de loitar cal os héroes que foron», mantém-se, por exigência da rima, *forom*, forma oral galega, e muda-se «héroes» em *heróis*.

<sup>277</sup> Nos vv. 15 e 16 Viqueira utiliza «trunfo» nas vezes de *triunfo*.

reproduzido na nota 10 desta edição, p. 25. Veja-se X. Torres Regueiro: 1987: Apêndice V *Documentação gráfica*.

Para além do dito, o motivo da noite, decerto romântico, confunde-se com o da esperança (*sonhos*) do triunfo ou da vitória.

## 5. POEMETO DA VIDA.

### I

*Ao raiar do sol, Amiga, graça de lua, dona das donas, foi, com as suas companheiras, se banhar e com reminiscências raciais cantou esta alvorada:*

Vinde, amigas, da beira, às frondas  
e banhar-nos-emos nas ondas,  
cantando amores;  
Vinde, vinde, no alveio do dia,  
quando no céu alto sobe a cotovia,  
cantando amores;  
Vinde, amigas, na beira do mar  
com infinita sede de amar,  
cantando amores;  
Santificar a vida entre bruma  
envolveitas de florida escuma,  
cantando amores.

### II

*Quando o queimar do sol, Amigo e Amada foram no bosque, no acougo do meio-dia, sentados na erva mole, baixo a verde sombra, Ele, apreijando-a ternamente, lhe diz:*

Ó, Bem Amada!  
Baixo o lume santo,  
o bosque é um microcosmo!

Lateja<sup>278</sup> em cada casca,  
lateja em cada folha,  
lateja em cada gromo,  
potência, potência!  
Do vento a jorrar<sup>279</sup>  
rangendo os galhos secos,  
gorgulhos da fontela  
sempre frígida,  
falam do germinal além.  
Os passarinhos  
amam-se  
em chios melódicos.  
Os furelos  
arranham<sup>280</sup> rápidos,  
fogem, fogem!  
À noite  
o sapo  
dirá também  
seu hino  
vital!  
Ó, Bem Amada!  
Baixo o lume santo  
o bosque é um microcosmos!

### III

*Na mística hora do amor, a buzina<sup>281</sup>, caracol misterioso tocado  
por um velho tritão rodeado de Nereidas, esvai-se no morno ar. As almas  
dos amantes salaíam:*

---

<sup>278</sup> vv. 16-18: lateja por "latita".

<sup>279</sup> v. 20.: jorrar por "xurrar".

<sup>280</sup> v. 29.: arranham (ou agatanham) substitui o viqueirano "aganchan", segundo o Dicionário Estraviz, "(2) subir agatunhando".

<sup>281</sup> No início de III.: buzina por "buguina".

Sobre as ondas, devagar,  
das furnas agachadas do mar,  
chega a mim da buzina o cantar.  
Põe-se num lar<sup>282</sup> o sol  
e na ribeira o rouxinol  
ecoa o relembrente caracol.  
Há no espaço um nascer  
de imperiosa cobiça de viver  
uma existência imensa  
sempre tensa!

#### IV

*Ó, serão, irmão da noite, diz a esta que nos agarime! Num abraço infinito, tremantes, transfigurados, em êxtase, Amigo e Amada, emerge o madrigal do Serão:*

Se no serão tranquilo os longínquos cumes,  
exalando recendentes perfumes,  
repousam, abalados, pelo gigante mar,  
cum perene sonoro cantar;  
deixa nos meus braços ardentes  
as estrelas olhamos tremeluzentes,  
na brêtema dos beijos, Bem Amada!,  
O latejar da vida imaculada.

#### V

*E sorrindo à nova aurora coberta de pérolas de orvalho, os amantes, cheios de ledice, à vida disseram:*

No teu seio nasce toda a criatura,  
mora e perdura.  
Por sobre a flor  
de ledice e queimor

---

<sup>282</sup> v. 42.: *lar* por “fogar”, castelhanismo (hogar).

de dor,  
na eternidade  
ascende além  
da imensidade,  
em procura do seu bem  
quanto bule  
e rebule.  
O baixar  
e acougar  
é subir,  
é surgir  
para um novo se lograr  
(Sem malvar!)  
E pois és criadora,  
de nós benta, senhora.

**Vijói, 28-VIII-1919**

**(Baixo a grande nespereira)**

O poema é amostra do *Movimento* denominado *Neotrovadorismo* na crítica histórica da literatura galega. Xosé Ramón Pena Sánchez caracterizava-o em 1979 como *movimento puramente estético*, «movimento que não procura nos *Cancioneiros* uma justificação ou uma forma de entender a Galiza. O *Neotrovadorismo*, com todos os seus perigos e glórias, é um movimento que surge à beira duma cátedra, da de A[rmando] Cotarelo Valledor [1879-1950], professor em Santiago. Todos os seus cultivadores iniciais — exceto o primeiro contributo de Viqueira —, sejam [José Fernando] F[ilgueira] Valverde [1906-1996] — apesar de este autor ter editado poemas neste estilo em 1941 —, [Ricardo] C[arvalho] Calero [1910-1990], [Fermim] B[ouça] Brei [1901-1973] ou Á[lvaro] Cunqueiro [Montenegro] [1911-1981], sentem e apreciam a maravilha do medieval, e perante ela ficam deslumbrados (alguns mesmo vão chegar a pontos extraordinários de compreensão e assimilação), mas mais nada; nem o

Bouça mais consciente que, dalgum modo, tenciona juntar duas épocas, chega à formulação. Sinal claro é a confusão produzida em *Seitura* [Livraria da Cruz, Col. 4 Ventos, Braga, s/d (1955)] — a sua segunda e definitiva obra —, no prólogo: “Fundou uma nova escola poética de sentido paralelo à portuguesa de Afonso Lopes Vieira, embora mais próxima ao Povo e mais moderna. Pertencem a esta escola os relevantes poetas galegos Celso Emilio Ferreiro [Míguez] [1912-1979] e José [Maria] Crecente Vega [1896-1948]” [do referido “Prólogo”, p. 5 da edição citada]».

Esse “Prólogo” não é reproduzido, por exemplo, na *Obra literaria completa*, das Eds. do Cerne, Compostela, 1980, ao cargo, aliás, do filho de Bouça, Fermín B. Álvarez, acaso pelo motivo por que este editor *explica o lusismo* de Bouça: «O *lusismo* de *Seitura* non é ese do que falamos hoxe para calificar unha errónea concepción do idioma galego. Trátase dun homenaxe ao pobo galego-miñoto e un tento de achegarse a él na capital de todos nós: Braga. Mesmo ao pobo portugués e aos seus intelectuais, tan vencellados a Galicia a traveso do SEMINARIO DE ESTUDOS GALEGOS. Tamén é unha actitude moi determinada polas dificultades editoriais políticas que se puxeron, e aínda se están a poñer, á nosa lingua nacional.»

## 6. CANTAR DO BERÇO

Baixo do branco luar  
logo adormecem as flores;  
entre as folhinhas repousan  
os pássaros voadores.  
Dorme, amor dos meus amores.  
Nas ponlas dos amieiros<sup>283</sup>,  
toleirão, devagarinho,  
vai dizendo uma cantiga,  
p’ra te arrolar, o ventinho.  
Dorme, dorme, meu menino.

---

<sup>283</sup> v. 6 Substituo “abeneiros” por *amieiros*.

Na p. 3 do núm. 2 (junho de 1924) de *Ronsel. Revista de Arte*, foi publicado o poema junto com o *Soneto* («Anuncia o merlo no souto alegremente».) e *O meu lar*, datados os três em «Vijói, maio, 1924». Porém, em *Ensaíos y/e Poesias* o poema está datado em «Vijói, 7-X-1922».

Vale citar o comentário que no «Prólogo» a *Ensaíos e poesias* (1974) faz o Dr. García-Sabell; transcrevo para português sem maiores mudanças: «Viqueira era um homem essencialmente emocional. Tudo nele começava sendo emoção. E acabava sendo emoção. Mas, entretanto, o movimento emotivo tomava a via do intelecto e por ele discorria, sereno ou zangado, tranquilo ou turbulento. Por isso adverte-se nos seus escritos como um esforço de contenção, o desejo de se não sair do rego intelectual. Mesmo nos versos sentimos nós o latejar discreto da inteligência por baixo da energia comunicativa da inspiração lírica. Por baixo do poema há sempre "outro cantar".» (1974: 12-13)

Em *Cantar do berço* acaso Viqueira esteja a enxergar no filho aquela juventude, já «romântica, idealista, [que] volverá a ser galega, porque o romantismo e o idealismo é essencial à nossa raça», como dizia no artigo «Do que precisa a nossa juventude», de 1918. Ou acaso, mais adequadamente, este *ventinho* seja como aquele *rouxinol* que embriagou com o seu canto o monge, o qual é «um símbolo da nossa alma galega musical, sonhando (ou vivendo intimamente, que mais tem?) nas beiras rumorosas do Atlântico», segundo evoca a conferência, de 1920, «Divações enxebristas», já citada.

Enfim, já no terreno da metaforização, que distingue a linguagem poética, cabe opor o mandato pondaliano do *Hino* da Galiza, «esperta do teu sono, Nação de Breogão» e a recomendação viqueirana do *ventinho* ao filho, repetida: «Dorme, amor dos meus amores», «Dorme, dorme, meu menino». Talvez, sempre no plano das figurações, para interpretar uma e outra encomenda, valha recorrer à piada de Castelão, no *Álbum Nós*, sobre o ser e o conduzir-se dos galegos: «Não sonham [ou esculam no futuro?] mais que quando dormem.»

## 7. SONETOS

### I

Para um país longínquo e misterioso  
em vagos sonhos emigra cada dia  
minha alma, qual linda cotovia  
buscando o céu em tempo deleitoso.  
Ligeira, vai voando ao cobiçoso  
currunchinho, todo bem e louçania,  
em brêtemas envolto de poesia,  
abalado dum cântico harmonioso.  
Sabes tu<sup>284</sup> onde fica, minha amada,  
este país duma eternal ventura  
que nunca o foi, nem o será, igualada?  
Nos brancos braços teus todos ternura,  
no amoroso fulgor da tua mirada,  
dos teus beijos na cálida doçura.

O Prof. Filgueira (1993, p. viii), sob a epígrafe «Músico e poeta. O neotrobadorismo», diz o seguinte do Viqueira, que bem serve de comentário a este soneto: «Homem “à consonância aberto” soube ver na música um signo da harmonia na vida e da universalidade nos povos e do lirismo como uma “propriedade da alma”. Cultivou desde menino a Música. Teve informação certa do que fora o lirismo galego no tempo dos *Cancioneiros* e do que poderiam significar no porvir. Soube escutar a calada música do Pórtico da Glória. [...] Por isso nos seus poemas permanece a poesia dos *Cancioneiros*, à par do cultivo duma lírica de finíssimas qualidades fruto das demoradas leituras na língua original, dos clássicos da antiguidade, dos grandes escritores franceses, germanos, ingleses, italianos e dum valioso *pensum* dos castelhanos do Renascimento e do Barroco.»

---

<sup>284</sup> v. 9: *Tu* substitui “ti”, habitual na coloquialidade de grande parte da Galiza; “queda” é substituído por *fica*.

Johan Viqueira, no soneto, ecoa decerto os tópicos do *locus amoenus* e da vida retirada, nomeadamente rústica, face à vertigem da vida urbana. Segundo fica manifesto, aqueles resolvem-se no carinho da amada: *braços, olhar, lábios*. Convido a reler o artigo «O campo e a cidade», acima, e compará-lo com o exprimido neste soneto e no seguinte.

## II

Anuncia o merlo no souto alegremente  
o sol da bem chegada Primavera<sup>285</sup>  
e trina a laverquinha de ás<sup>286</sup> ligeira  
para o espaço azul e transparente.

A ti vai meu esp'rito diligente,  
qual a pílhora busca na ribeira  
o achego do seu ninho cantareira;  
em ti quere<sup>287</sup> ficar eternamente.

E mentres a cobiça desta vida  
infunde nos seus filhos Natureza,  
a minha esperança está cumprida  
dos teus olhos profundos na beleza,  
onde brilha existência nunca ouvida,  
de sapiência<sup>288</sup>, bondade e fortaleza.

Interessante soneto em que Viqueira liga os tópicos clássicos das aves (merlo e laverca — acarinhada em laverquinha —) com a Primavera enquanto, a seguir, faz com que o seu espírito se identifique com a pílhora (ou gaivota embelecida) que procura o seu ninho, como ele, poeta, criador, tem cumprido a esperança nos olhos — azuis, de azul mar? — da amada, esposa, em que afinal brilha, existente, a tríade de sabedoria, bondade e fortaleza.

<sup>285</sup> v. 2: conservo o “hiperenxebismo ou hipercorreção, “primaveira”, por razão da rima.

<sup>286</sup> v. 3: era frequente o uso de “ás” por *asas*. A medida e o diminutivo *laverquinha* aconselham-me conservar a redação viqueirana.

<sup>287</sup> v. 8: conservo *quere*, que usa Viqueira, por razão da medida do verso.

<sup>288</sup> v. 14: substituo “sabência”, voz, aliás, lexicamente correta, pelo cultismo *sapiência*.

Considero salientável o confronto de anúncio (do melro), a réplica (da laverquinha) e a busca (da pílhara) com a esperança (do poeta), quer dizer, o processo ainda não acabado, levado adiante pela Natureza não humana, face ao estado perfeito em que o poeta, humano, se acha.

Poderá tomar-se como alegoria do que na Galiza está a acontecer, que uns galegos, em situação imperfeita, andam à procura da sua identidade, em definitivo, do seu ser, enquanto outros, como Viqueira, lograram a plena existência, a sabedoria, a bondade e a fortaleza se se estimarem e progredirem como galegos conscientes?

## 8. CHEGOU O OUTONO

Chegou o outono; brêtemas sorrindo  
e luz de lua, amiga das saudades  
Num velho idioma, sem palavras,  
falo co'as cousas amistosamente.  
Névoa, serás a minha favorita  
entre todas as fadas que agachadas  
moram nas furnas e nos rios,  
pois teces subtilmente uma imagem  
do véu imenso que envolve a nossa vida  
e do qual, através, longe, o mistério  
nos atrai e nos chama doloroso,  
habitante das trevas do transmundo.  
Aparências de Deus, teofanias  
irmãs das árvores, das névoas e dos montes,  
dos mares e da fonte rugidora,  
apenas se sabemos de nós mesmos,  
se sabemos de vós, meus irmãozinhos!  
Mas, ó minha alma, se tu cantas  
como canta a laverca voadora,  
enchendo de ledice as queiroguinhas  
que rebentam em amorosas flores,

para que do saber o seu tormento?  
Por que não acougar, ó meu esp'rito,  
co'a música divina do universo  
que em mim ecoa maravilhosamente?  
As indecisas formas que projeta  
o luar irradiando pelo bosque,  
quando de noite vagas indeciso,  
não avondam para te orientares?  
São os medos, gigantes que das trevas  
surgem, e as criaturas feiticeiras,  
bailando em rodas silenciosas,  
sombras, de sombra de arvoredo,  
e tu através encontras teu caminho!  
Sê o asceta da música sublime!  
O saber não é vão, também é música,  
sombra que em nós projeta o universo,  
rumor ultraceleste das esferas  
que desce a ti em longos remoinhos  
de harmonia e de cor e de perfumes!  
Chegou o outono; trinom os passaros:  
em despedida não, em esperança!  
As rosas passeninho vão murchando  
para nascerem em novas primaveras.  
Eu sinto em mim a voz de Deus agora!

**Vijói, 29-X-1922**

## 9. BADAJOZ<sup>289</sup>

### I

São esbeltas cegonhas, velhas aves sagradas,  
que põem no céu as suas notas esbranquiçadas;  
são esbeltas cegonhas que pisam às passadas  
as distantes, fecundas colinas avermelhadas.  
Enquanto o rio turvo divaga mansamente  
como se, amodorrado sob o sol sufocante  
e deixando trás si a cidade, lentamente  
procurasse na chaira o rumo vacilante.

20-julho-1923

### II

O sol derrama sua luz  
ardente sobre a terra.  
Dormidos de tédio estão  
os choupos na ribeira,  
e dormidos vão sonhando  
com a lua nova e bela<sup>290</sup>,  
quando a brisa mimosa  
sobre as folhas os beija,  
como faz a namorada  
após uma longa ausência.

.....

O sol derrama sua luz  
sobre a terra, ardorosa<sup>291</sup>.  
Dormidos de tédio estão  
os choupos e já não sonham.

5-agosto-1923

<sup>289</sup> Dous poemas, em castelhano, respondem ao título «Badajoz».

<sup>290</sup> O verso castelhano diz: "con la clara luna nueva".

<sup>291</sup> O verso castelhano diz "ardiente sobre la tierra". Permito-me mudá-lo para manter a rima.

## POEMAS (PÓSTUMOS) PUBLICADOS EM *RONSEL*

No núm. 5 da revista *Ronsel* (Lugo, setembro de 1924) publica-se a já citada nota necrológica, «Johán Viqueira, noso grande morto» (p. 14), que inclui uma relação de «A Obra de Viqueira» (pp. 14-15) e uns «Versos Póstumos do Poeta» (p. 15). Àquela apenas se acrescenta, no penúltimo parágrafo, a seguinte indicação: «Deixa também inéditos um livro de versos, um *Manual de Lógica*, outro de *Ética*, traduções de Hebbel (que publicaremos noutro número), a tradução dos *Idílios* de Teócrito e mais a *Apologia de Sócrates*, etc.».

Os «Versos Póstumos» são reproduzidos em *Ensayos y poesías* (1930) e em *Ensaíos e Poesías* (1974) imediatamente de *O meu lar*, datados em 1918: como ecoando o *Hino Nacional da Galiza*, parecem referir a três momentos que desenvolveriam o processo libertador da Galiza.

### 10. DA GÂNDARA ERMA E TRISTE...

#### I

Da gândara erma e triste,  
pinheiro bravo,  
não ouves do mar o murmúrio<sup>292</sup>,  
tão solitário?  
Não sentes te chamar à vida  
p'ra um viver sempre mais alto?  
Pinheiro antigo,  
velho e engrunhado,  
ergue as sempre verdecetes ponlas,  
que ao vento tremem qual tremeram  
as de aqueles que, amorosos e rijos<sup>293</sup>,  
aqui cantaram.

<sup>292</sup> v. 3.: *ouves* substitui "ouces" e *murmúrio*, "marmolto".

<sup>293</sup> v. 9: mudo "as d'aquês que rejos e amorosos" por *as de aqueles que, amorosos e rijos*, mantendo assim o ritmo e a medida.

## II

Sabeis<sup>294</sup> qual será, amigos,  
o meu dia de glória?  
Quando triunfadores  
nós cantemos: Vitória!  
Quando escuras cadeias  
nem grilhões haja já.  
Quando os escravos berrem:  
liberdade!

## III

Eu sou como um carvalho solitário,  
rijo e possante<sup>295</sup>,  
que tem reminiscências milenárias,  
alta a cabeleira verdejante!  
E quando cheguem os ventos da invernia  
ou as brisas do verão,  
as cordas da minha harpa qual as polas,  
à vida cantarão.

Viqueira interpõe entre as referências, ambas singulares, ao *pinheiro* e ao *carvalho* a descrição da glória, da vitória e da liberdade, que decerto ele reclamava para a Galiza. Cumpre lembrar que o *Hino Nacional da Galiza*, cuja letra é da autoria de Eduardo Pondal, é intitulado *Os Pinos* (ou *Os Pinhos*); é texto que faz parte do poemário *Queixumes dos Pinhos*, que, em versão de Ângelo Brea Hernández, integra esta coleção de Clássicos da Galiza, das Edições da Galiza.

Manuel Ferreiro Fernández assinala que por volta de 1925 (cabe estender à altura em que Viqueira redige estes «Versos póstumos»): «[...] a personalidade e função simbólica de Pondal como Poeta galego por ex-

<sup>294</sup> v. 13: *sabeis* está em vez de “sabés”.

<sup>295</sup> No v. 22 *possante* substitui o “posente” viqueirano e no v. 24 *verdejante*, o “verdecete” para fazer com que rimem.

celência (sobretudo depois da morte de Curros) e as próprias qualidades do seu texto, bem como o prestígio de Pascual Veiga, popular por ser o autor da *Alvorada*, contribuíram, sem dúvida, ao êxito definitivo d'*Os Pinos* como hino galego, assumido desde o princípio do século XX por todo o galeguismo (tanto político quanto cultural), rejeitando as publicações ligadas ao nacionalismo qualquer outra possibilidade e mantendo firmemente um hino que já era popular na Galiza e mais nas Comunidades do exterior.» (Ferreiro 1997: 12).

Adiante (Ferreiro 1997: 23), relativamente à génese da letra, explica: «Possivelmente, o primeiro intento de redação do texto do Hino seja uma das várias elaborações manuscritas conservadas na R[eal] A[cademia] G[alega]. Nesta versão inacabada, já se anuncia o título definitivo do poema e mais o *leitmotiv* dos pinheiros».

Quer dizer, Viqueira coloca-se na linha do *pensamento pondaliano*, que considera «os tempos [...] dos bardos das idades» serem justamente aqueles em que «à nobre<sup>296</sup> Lusitânia» deve a Galiza tender «os braços [...] amigos».

Pela sua parte, a referência ao carvalho vale perspetivá-la quer em razão da *autoctonia galaica*, quer por ser árvore sagrada entre os celtas (lembre-se a prevalência do *celtismo* entre as gentes das *Irmandades da Fala* e, em geral, no nacionalismo galego). Vale a pena transcrever a citação de Plínio a respeito do agárico, «objeto de veneração supersticiosa». Toma-se de Sir James George Frazer (Cf. *The Golden Bough / La rama dorada* 1890.1922.1979, pp. 739-740): «Para os druidas, pois destarte denominam os seus feiticeiros, não há nada mais sagrado do que o agárico e a árvore em que cresce, por enquanto esta seja o carvalho. Mas para além disso, escolhem carvalheiras como bosques sagrados e apenas exercem os seus ritos com folhas de carvalho [...]. Creem que qualquer coisa que cresça nessas árvores é enviada do céu, é sinal de essa árvore ter sido elita pelo próprio deus.»

---

<sup>296</sup> Ou *serva*, segundo algumas versões pondalianas.

## I TRADUÇÕES DE POEMAS POEMAS POSTUMAMENTE PUBLICADOS EM *RONSEL*

Como ficou dito no fim da secção precedente, três poemas traduzidos por Viqueira foram publicados em *Ronsel* (núm. 6, outubro-novembro de 1924, p. 6):

### 1. DE MICHELANGELO BUONARROTI

Michelangelo Buonarroti (1475-1564), segundo assinalam Martín de Riquer e José M.<sup>a</sup> Valverde (1985, IV: 209), «acaso o poeta italiano [?] que mais apela à nossa sensibilidade é um que no próprio tempo foi aplaudido só por *irregulares* como [Pietro] Aretino [1492-1556] e [Francesco] Berni [ca. 1497-1535]: apenas Miguel Ângelo (Michelangelo Buonarroti).»

Abaixo (ib.: 211) acrescentam: «mas vale esquecer, para a nossa leitura, que Miguel Ângelo foi artista — a qualidade, quase pulimentada, da escultura, e a nítida redondeza das formas pictóricas, em contraste com o seu vigor, parecem-se muito pouco com o tom da voz lírica, quebrado e como aos saltos —.»

#### O POETA FALA NA FIGURA DA SUA ESCULTURA *A NOITE*»

Doce me é o sono e ser de pedra inerte,  
enquanto<sup>297</sup> o dano e a vergonha dura:  
Não pensar, não sentir é grã ventura.  
Ó, falai baixinho, não desperte!

A história da quadra parece obedecer ao facto de Giambattista Strozzi (Filippo il Giovane?, 1488-1538) ter salientado o realismo da estátua *A Noite*, na Cappella Medici. Pela sua parte, Miguel Ângelo corres-

---

<sup>297</sup> v. 2 *enquanto* substitui “mentres que”.

pondeu com a quadra, traduzida por Viqueira, no intento de interpretar o presumível sentir da figura. O original da quarta é:

*Grato mi è il sonno, e più l'esser di sasso,  
mentre che il danno e la vergogna dura;  
non veder, non sentir, mi è gran ventura;  
però non mi deſtar: deh, parla basso.*

## 2. DE FREDRICK HEBBEL

Fredrick Hebbel (1813-1863), poeta e autor dramático, de origem humílima, foi, em Hamburgo, companheiro ou, se for preferível, tomou como companheira a Elisa Lensing, amiga incondicional e mãe dos seus filhos, embora não a fizesse sua esposa. Já em Viena casou com a atriz Cristina Enghaus. De 1842 data a primeira coleção de poesias, *Gedichte*, e de 1848 as suas *Neue Gedichte*. A obra mais conhecida é a trilogia *Die Nibelungen* (1861) que Richard Wagner (1813-1883) reescreveu e musicou no ciclo *Der Ring des Nibelungen* (O anel dos Nibelungos) (1848-1874), surgido da fusão de vários mitos tomados de fontes, como as sagas islandesas e escandinavas.

Eu vi do v'ráo a derradeira rosa  
arelando florir, ainda encarnada.  
Ao passar disse com alma tremorosa<sup>298</sup>,  
como a vida é da morte tão chegada.  
Toda era calma naquele ardente dia,  
só uma branca borboleta voou,  
que apenas mainamente o ar batia;  
a rosa sentiu-a e desfolhou.

---

<sup>298</sup> v. 3 *tremorosa*, solução lexical válida em português, que conservo por exigência da rima, em vez da normal *tremente*.

### 3. DE JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Viqueira indica que o texto está tirado do *Divã Ocidental-Oriental* (1823), de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Os autores acima citados, Martín de Riquer e José M.<sup>a</sup> Valverde, iniciam o estudo deste autor assim: «A obra de Goethe levanta de modo extremado a questão sobre a possibilidade de, por um lado, diferenciar entre a literatura como criação de obras e a literatura como auto-representação duma personalidade, e, por outro lado, entre essa literatura de criação (produto do *Dichter*, que não é estritamente poeta, mas escritor criativo) e a literatura de pensamento (obra do *Schriftsteller*, do escritor no sentido de teórico e moralista: tomamos à diferença entre os dous termos alemães justamente das reflexões de Thomas Mann [1875-1955], sobre Goethe), Goethe, nesta dupla contraposição a respeito do próprio sentido da palavra *literatura* — o criativo —, ficaria do lado da *auto-representação* e da reflexão — embora reflexão *sui generis*, que não aspira a ser nada abstrata —. Perante qualquer obra de Goethe — inclusivamente as mais estruturadas e autónomas — impõe-se considerá-la como “fragmento duma grande confissão”, episódio duma biografia que, mormente para o próprio Goethe, valia *simbolicamente*: «Ein Faktum unseres Leben gilt nicht insofern es wahr ist, sondern insofern es etwas zu bedeuten hat» («Um facto da nossa vida não vale enquanto é verdadeiro, mas enquanto tem algo a significar.»). [...] Goethe procede de fora, como um escultor, configurando a marmórea estátua da sua personalidade em equilíbrio e em harmonia de superfícies, face ao ideal duma contemplação que ordene com a sua olhada o mundo e a própria natureza. (Riquer-Valverde 1985, VII: 15)

Por essa longa citação procuro manifestar que, sem dúvida, Viqueira compartilhava uma conceção equivalente, *ordenadora*, segundo, aliás, justificam as várias versões de textos goetheanos para português da Galiza (acaso sem ânimo de as publicar).

Do olhar<sup>299</sup> da minha amada  
maravilham-se as gentes.  
Conheço-lhe os segredos<sup>300</sup>,  
bem sei que dizer<sup>301</sup> quer.  
E ele diz: eu amo este,  
não esse ou aqueloutro<sup>302</sup>!  
Oh, boas gentes deixai  
os<sup>303</sup> desejos e assombros,  
Se, com posse<sup>304</sup> inouvida  
p'ra o entorno<sup>305</sup> olha ela;  
mas só para anunciar-me<sup>306</sup>  
horas de ledices cheias.

## II. POEMAS DO CICLO *WILHELM MEISTER*.

*Ensayos y Poesias* (1930) inclui outras duas traduções de poemas tirados do ciclo do *Guilherme Meister*, de Goethe, que mantém *Ensaio e Poesias* (1974) e a seguir transcrevo:

### 1. DE *WILHELM MEISTERS THEATRISCHE SENDUNG* [*MISSÃO TEATRAL DE GUILHERME MEISTER*] (1777.?):

Não me digas que fale, queridinha,  
o duro silêncio é meu dever.  
Bem anelo contar-te os meus segredos,  
mas o destino não o quer.  
Se o sol, banhada em luz do dia,

<sup>299</sup> v. 1: substituo "mirar" por *olhar*. Fazem-se exassílabos os versos.

<sup>300</sup> v. 3 mudo a construção "Eu conozo os seus segredos" pela dada acima.

<sup>301</sup> v. 4: suprimo "o" em *que dizer*.

<sup>302</sup> v. 6 mudo "aquél ou aquel outro" por *esse ou aqueloutro*.

<sup>303</sup> v. 8: «vossos» passa-se a *os*, não só por exigência da medida versal.

<sup>304</sup> v. 9: *posse* substitui "poder".

<sup>305</sup> v. 10: "p'ra seu arredor" muda-se por *p'ra o entorno*.

<sup>306</sup> v. 11: suprimo "tan"; o verso original é: "mais tan sô para anunciarme".

a noite começasse a esvaír,  
a dura pena deixa borbulhantes  
os mananciais sair.  
Quão doce nas palavras dum amigo  
tenro consolo para o seu mal achar!  
Coitada. Um juramento fecha estes meus beijos,  
do qual só um deus me pode libertar!

O trecho é uma passagem da *Régia emigrada*, que a menina Mignon declama «de maneira muito comovente» no início do capítulo XII do Livro III da obra acima citada: «Um dia em que Guilherme e madama Melina finalizaram o ensaio e falavam em diferentes versos, perguntou a menina [Mignon, *estranha rapariga, filha de titereiro alcunhado O grande Diabo e de mãe desconhecida*] se deveria recitar o seu papel. Concederam-lhe licença, e procedeu a declamar a seguinte passagem da *Régia Emigrada* (que Guilherme lhe copiara o dia anterior) de maneira muito comovente. Guilherme ia dum lado para outro sem reparar na rapariga, posta a mente noutra cousa.»

Fiz muito poucas mudanças; mantive quase literalmente o texto de Viqueira, segundo foi editado em *Ensayos y Poesias* (1930). Do mesmo jeito procedi para o seguinte poema-canção.

**2. DE WILHELM MEISTER LEHRJAHRE [ANOS DE PEREGRINAGEM/APRENDIZAGEM DE GUILHERME MEISTER] (1796.1819-1821):**

**FILINA**

Não cantes em tristes tons  
da noite a soedade.  
Não; ela está suave e linda  
feita para a intimidade.  
Foi dada a mulher ao homem  
qual metade mais formosa;

é a noite meia vida,  
na verdade, a mais preciosa.  
Vós alegrais-vos do dia  
que traz alegrias sós?  
É bom para se distrair:  
não lhe acai outra missão.  
Mas, se as horas noturnas  
sob o débil resplendor  
da lâmpada, boca a boca,  
falam sorrindo de amor,  
se o rapaz rápido e louco  
por vezes de lume aceso  
ficou por um presente  
em pequenos jogos preso,  
se o rouxinol namorado  
de amores canta um cantar  
que p'ra tristes e cantores  
ais são do seu penar,  
com que ledice se escutam  
do relógio as badaladas:  
dizem as horas chegarem  
deleitosas e caladas!  
Por isso no longo dia  
acorda, meu coração,  
que p'ra o dia os cuidados,  
p'ra a noite os prazeres são!

A canção, de «aprazível e engraçada melodia», é posta na voz de Filina e integrada no capítulo X do Livro IV da obra acima citada. Made-moiselle Filina é actriz jovem e alegre, plenamente descontraída.

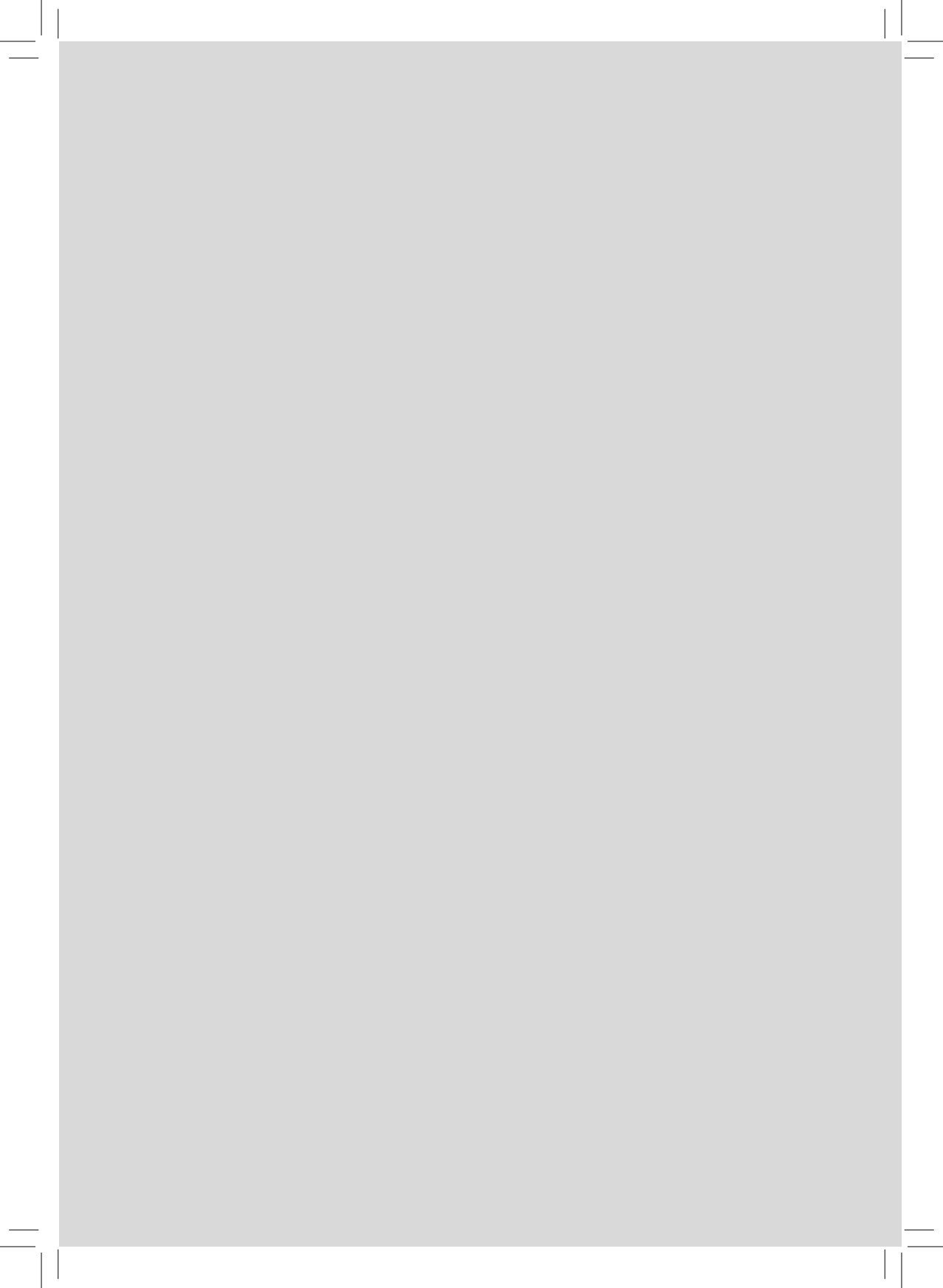
A respeito dos *Wilhelm Meister* vale a pena o seguinte comentário; segundo os Profs. de Riquer e Valverde (1985, VII: 28), Goethe «em 1794, ao estabelecer [...] a grande amizade com [Friedrich von] Schiller, não

demora em lhe enviar o primeiro volume do romance [...] *Wilhelm Meister Lehrjahre* [...]. Em 1777 começara essa obra: apenas em 1796 a considera acabada. Houve na origem um *Ur-Meister*, um primeiro esboço dos quatro livros iniciais. Sob o título de [...] *Theatralische Sendung*, depois reelaborado e incluído na forma final da “aprendizagem”. A continuação [...] surgiria na velhice goetheana (entre 1821 e 1829), quando estava muito avançada já a segunda parte do *Fausto*. *Wilhelm Meister* é o arquétipo de *Bildungsroman* — de romance não pedagógico, mas de formação, do caminho que um jovem percorre até madurecer —: neste caso um jovem herdeiro de comerciantes, depois dumas tentativas teatrais, e de se desenvolver entre gentes românticas, como o harpista e a bela Mignon [...], finalizará tornando-se judicioso e trabalhando pelo bem da Humanidade, de modo análogo ao de Fausto, que acaba na administração pública e assim obtém a salvação eterna. Mas, de vez, as *vivências* meisterianas, na ordem sentimental, têm tal natureza erótica que chegam a ser cínicas. [...]

»No segundo *Wilhelm Meister* as «andanças» encaminham-se à educação [ou, antes, *formação*] de Félix, filho de Wilhelm e Natalie, num leque de aventuras e reflexões impossíveis de resumir e ordenar.»

Portanto, cabe entender que Viqueira de facto foi não apenas bom leitor de Goethe, mas sobretudo do Goethe consoante com os processos «formadores», antes que pedagógicos, propostos desde a *Institución Libre de Enseñanza* e, a seguir, com as linhas de conduta que ele próprio assinala para a educação *galega* na Galiza.





SSS

## APÊNDICE I

### «CANTAR DO BERÇO» E «SONETO I»

São dous poemas do Viqueira que César Morán Fraga musicou. Interpretou-os no *Ato Literário* que, em 30 de julho de 1994, a ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE GALIZA-PORTUGAL realizou na Casa da Cultura do CONCELHO DE BERGONDO para honrar a memória e obra de Johan V. Viqueira, no setuagésimo aniversário da sua morte. Presidiu a sessão cultural e festiva o filho, Eng. Jacinto Viqueira Landa, com a sua esposa<sup>307</sup>.

---

<sup>307</sup> Com expressa autorização do autor da música, transcrevemos estas composições a partir do caderno original, a que se faz referência na «Apresentação». Do «Cantar do berce» há gravação de um concerto em casete, digitalizável. O «Soneto I» acha-se incluído em *Rio de son e vento* (Xerais, 1998), livro e CD, antologia de ampla representação poética, mormente da poesia contemporânea elaborada na Galiza.

# «Cantar do berço»

Tempo de alvorada

Rém Mim5dim Lá7

Bai - xo do bran - co lu - ar — lo - goa - dor - me - cem as flo - res, ai! ai!

9 Rém Solm6 Lá7 Rém SibM7 Lá7 Rém

En - tr'as fo - lhi - nhas re - po - u - sam, ai! ai! os pas - sa - ros vo - a - do - res, ah — Dor - mea - mor dos

18

meus a - mo - res, dor - mea - mor.

29 Rém Mim5dim

Nas po - las dos a - me - nei - ros, — to - lei - rão, de - va - ga - ri - nho, ai!

39 Lá7 Rém Solm6 Lá7 Rém

ai! vai di - zen - dou - ma can - ti - ga, ai! ai! pra tea - rro - lar, o ven -

45 SibM7 Lá7 Rém

ti - nho, ah! — Dor - me, dor - me, meu ne - ni - nho, dor - mea - mor.

## «Soneto I»

Andante

Ré Solm7 Lá7

P'raum país lon - gín - quoe mis - te - rio - so\_\_ em vagos so-nhos e - mi-gra ca-da

5 Ré Solm7 Lá7

di - a\_\_ mi-nhaal-ma, qual lin-da co-to - vi-a\_\_ bus-can-doo

10 Ré Solm7 DóM7 LáM7 Ré

cé-u em tem-po de-lei - to - so\_\_ Li - gei-ra vai vo-an - - doao co-bi - ço - so\_\_ cu-

16 Solm7 Dó7 FáM6 Solm7 Dó7 FáM6

rrun-cho, to-do bem e lou-ça - ni-a, em brê-te-mas en-vol-to de poe - si-a, a-ba-

21 SibM Dó7 LáM7 RéM7

la - do dum cân-ti-cohar-mo - nio - so\_\_

27

33 Ré Solm7 Dó7 LáM7

Sa-bes tuon-de fi - ca, mi-nhaa - ma-da, es-te pa - ís du-mae-ter-nal ven - tu-ra que nun-cao

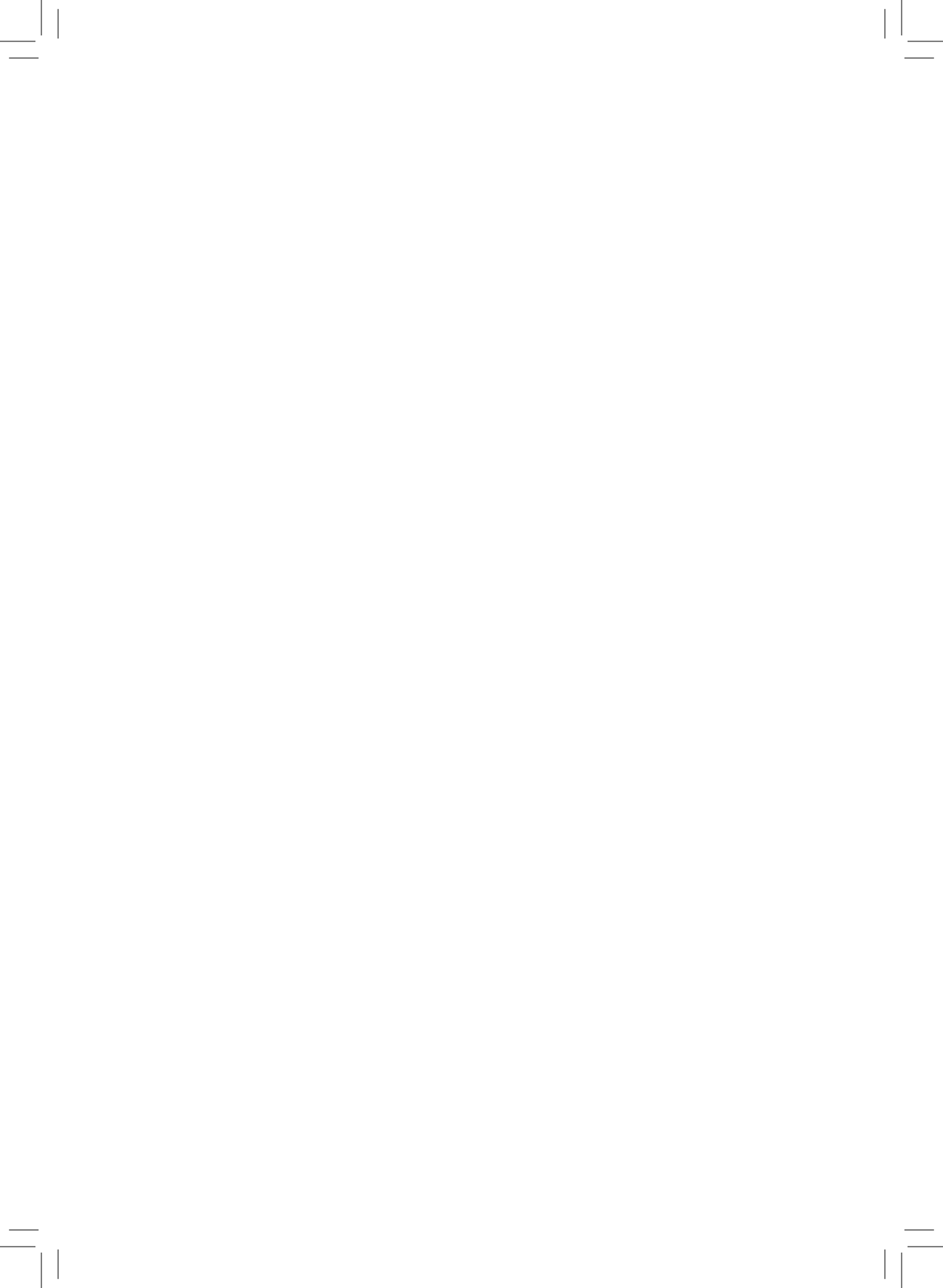
37 SibM7 Lá7 Ré Solm7 DóM LáM7

foi, nem o se-rái-gua - la - da? Nos bran-cos bra - ços teus to-dos ten - ru-ra, noa-mo-

41 RéM7 Solm7 LáM7 Ré

ro-so ful-gor de tua mi - ra-da, dos teus bei-ços na cá - li-da do - çu-ra.

46



## APÊNDICE II: SOBRE A REAL ACADEMIA GALEGA

Na secção «XI. [IDIOMA GALEGO: CORREÇÃO E USO PROGRESSIVAMENTE EXTENSO]» da *Conferência: Os nossos Problemas Educativos*, Viqueira refere-se, por duas vezes, ao facto de a então oficialmente denominada *Real Academia Gallega de La Coruña* concordar e promover a etimológica ou histórica, *a nossa antiga ortografia*:

«É, antes de tudo, preciso que todos os galegos falem e escrevam o galego, como souberem e como puderem. Mas isto não basta; é preciso depois que o falem e o escrevam à perfeição. A douta Academia Galega fez muito por este idioma refinado, se se considera o ambiente pouco favorável para um renascimento linguístico que teve até há alguns anos. Sobretudo devemos-lhe a *conservação da nossa antiga ortografia*, a que deu valor oficial infelizmente ainda não reconhecido.»

Nesse mesmo lugar, pouco mais abaixo, sobre a distinção das duas grafias utilizadas pelos escritores galegos, insiste:

«A vulgar, utilizada por Rosalia de Castro, Curros, Carvajal e hoje usualmente, e a *académica ou etimológica, admitida sabiamente pela Academia Galega*, empregada por Pondal e, em geral, pelos eruditos. À diferença entre as duas é pequena, e consiste em que na vulgar não se usam o *g* e o *j* no som suave e sim somente *x*, e na académica o *g* e o *j* têm o seu lugar como sons suaves.»

Com certeza, Viqueira está a referir-se e basear-se, para assim afirmar, ao ditame que uma Comissão Ortográfica emitira, e que foi aprovado na Junta de 26 de abril de 1909, sob a presidência de Manuel Murguía, segundo recolhe na Ata o secretário Salvador Golpe (*Boletín de la Real Academia Gallega*, tomo III, ano IV, núm, 26, de 20 de maio de 1909, pp. 45.46-47).

Esse *Ditame*, no ponto *Ortografía*, indicava «que la que deberá emplear en todos sus escritos en gallego esta Real Academia, habrá de ser la etimológica, no sólo por ser la aceptada por las Academias de las lenguas cultas, sino por su conveniencia para los estudios filológicos.

Esta Corporación estará en el deber de aconsejar á sus escritores regionales que se dignem emplear en sus trabajos dicha ortografía.

Comentava eu no artigo «As Normas de correção idiomática para o Galego...» (1987: 246):

O ditame inscreve-se [...] na ambiguidade discursiva que ainda persiste [entre os notáveis da Galiza]; junto com a razão de universalidade (“las Academias de las lenguas cultas”), aduz-se um motivo que implica a conceção regionalizadora da *Comunidade Lingüística galega* (“conveniencia para los estudios filológicos”) [quer dizer, para um “galego” reduzido a simples objeto de estudo, apenas “filológico”, em contraste com o castelhano e, secundariamente, com o português].

De facto as *Atas* e o *Boletín* da RAG eram redigidos normalmente em castelhano. Apenas ocasional e tardiamente se começou a usar o galego, na ortografia demótica e sobretudo na histórica que Viqueira promoveu.

Na comunicação que apresentei ao *Colóquio da Lusofonia* (Bragança, 2006) procurei explicar que, desde a fundação da RAG, existiam em conflito nem sempre manifesto esses dous discursos (e as correlativas práticas ortográficas) contraditórios, a que poderíamos aplicar as denominações hoje habituais na Galiza, o *discurso reintegracionista* e o *isolacionista*:

«Sobre os textos proferidos na *Sesión inaugural del 30 de Septiembre de 1906* na *Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos*» para a «Constitución de la Academia» analiso as duas tendências discursivas dominantes:

»a) A representada nas palavras de Manuel Murguía, “Señor académico Presidente” e na exposição de Manuel Lago González, que poderíamos considerar *reintegracionista*. Assim diz Murguía: “[...] no se borra tan fácilmente en los labios que la mamaron, la lengua que habló este pueblo durante más de diez siglos, que es la que hablan y entienden

cerca de tres millones de gallegos, dieciocho millones de habitantes en Portugal y sus dominios, doce en el Brasil.”

»b) A representada no *Mensaje que la Directiva de la Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega dirige a tan docta Corporación con motivo de su inauguración oficial* e no *Discurso del Excelentísimo Señor Don Leandro de Saralegui y Medina*. Explica a citada Directiva: “[...] la política en España, particularmente en la última década del pasado siglo, tiene el triste privilegio de representar todos los desastres que al presente afligen a la Patria, razón por la cual, [...] sería torpeza insigne llevar su maléfica influencia al único paraje a donde no deben llegar las rivalidades y ambiciones del personalismo: al umbral académico [...]

»”Descartados, pues, por inofensivos, los ataques de los eternos enemigos del progreso moral y material de nuestra patria nativa, reconcentrad vuestras fuerzas y acometed de lleno la edificación del glorioso monumento confiado a vuestra sabiduría y patriotismo.»<sup>308</sup>

---

<sup>308</sup> O ato de inauguración da RAG está referido nos núms. 6-7 (Crunha, 20 de novembro de 1906, pp. 121-122) do *Boletim da RAG*. Copio-o *in extenso*:

«En el salón de fiestas de la Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos, galantemente cedido por su Junta directiva para la celebración del solemne acto, se verificó el domingo 30 de Septiembre último la inauguración oficial de nuestra Academia. Con numerosa y selecta concurrencia, entre la que predominaban el elemento femenino y distinguidos escritores, literatos y artistas, dió comienzo el acto a las siete y media de la noche, con arreglo al programa fijado de antemano y que se cumplió en todas sus partes.

»He aquí el orden de la sesión:

«Lectura del Real Decreto, declarando constituida la Academia, por el Secretario Sr. Carré.

»Carta de nuestra ilustre Presidenta honoraria D. Emilia Pardo Bazán, excusando su asistencia, leída por el Secretario.

»Discurso del Presidente Sr. Murguía, leído por el académico de número Sr. Banet.

»Memoria de la Secretaría.

»Lectura de adhesiones.

»Breve elogio del Académico de número, fallecido, D. Valentín Lamas Carvajal, y lectura de su poesía *Amor da patria*, por el Académico de número Sr. Lugrís.

»Mensaje de la Asociación Iniciadora y Protectora, de la Habana, leído por el académico de número Sr. Golpe.

»Poesía gallega, del Académico de número Sr. Pondal, leída por el Sr. Lugrís.

»*Elogio de la lengua gallega*, discurso del Académico de número Sr. Lago González, leído por el Sr. Carré.

»*Galicia*, poesía gallega del Académico de número, Sr. Bárcia [sic] Caballero, leída por el Sr. Golpe.

»*Protesta de Pedro de Padrón*, discurso del Académico de número Excmo. Sr. D. Leandro Saralegui y Medina, leído por el Sr. Lugrís.

»*Poesía*, en gallego, del Sr. Curros Enríquez, leída por el señor Lugrís.

Na conclusão, dizia eu que tentara «mostrar a longa tradição dos discursos sustentados entre os interessados na Galeguidade:

«1) Um (que não conflituava o discurso nacionalista espanhol, antes deriva dele) alicerça no *modo de ser imaginário* a constituir e distinguir o Reino da Espanha, identificado com “la indisoluble unidad de la Nación española, patria común e indivisible de todos los españoles” (art. 2.º da *Constitución española de 1978*). Nele se acham elementarmente inscritos o *Mensaje que la Directiva de la Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega...* e o *Discurso del excmo. Sr. D. Leandro de Saralegui y Medina*.

»2) Outro (baseado num discurso [re-] nacionalizador da Galiza e não raro interferido pelo anterior dominante no Reino da Espanha) alicerça no *modo de ser simbólico* à procura de continuidade nos elementos e factores nacionais da Galiza. Apesar da distância temporal e sociopolítica, acho representativos dele o *Elogio de la lengua gallega*, de Manuel Lago González, e o *Discurso del Señor Académico Presidente*, Manuel Murguía.»

Da referência sobre a «Constitución de la Academia. Sesión inaugural del 30 de Septiembre de 1906», citada na nota e narrada no castelhana original, pode comprovar-se o facto de os próprios «Académicos

---

»Discurso del Alcalde Sr. Sánchez Anido.

»Invitadas las autoridades, nos honraron con su asistencia el Alcalde de la Coruña y el presidente de la Diputación provincial. Los señores Capitán General, Presidente de la Audiencia y Gobernador Civil, por sus ocupaciones unos y por indisposición otros, no pudieron asistir.

»También lamentamos vernos privados de que nuestra ilustre Presidenta honoraria D. Emilia Pardo Bazán no haya podido, por repentina indisposición, ocupar su puesto en la mesa presidencial.

»Presidió la sesión el Alcalde Sr. Sánchez Anido, y a su izquierda se sentaron el Presidente Sr. Murguía, el Presidente de la Reunión de Artesanos Sr. Argudín, y el Secretario de la Academia Sr. Carré, ocupando la derecha los señores Presidente de la Diputación provincial y Académico de número Sr. Tojo y el Tesorero de la Academia Sr. Pérez Ballesteros.

»En el escenario se sentaron los Académicos de número Sres. Marqués de San Martín, Banet; Abad de la Colegiata, Sr. Bernárdez; Vicuña, Martínez Salazar, Lugrís, Golpe y La Iglesia.»

Extensamente transcrevi a notícia para comprovar também como foi a distribuição das *autoridades* no ato, porque dela cabe inferir como eram estimadas socialmente as instituições representadas. Tire o leitor as consequências pertinentes, também para perceber a importância das propostas viqueiranas, apenas doze anos depois.

de número» exaltarem em língua espanhola as glórias do idioma galego, salvo quando o faziam poeticamente.

Seja como for, esse ato e as condutas idiomáticas subsequentes constituem uma amostra, não desprezível, do ambiente da época em que se desenvolveu a atividade galeguizadora de Johán V. Viqueira, transida (a época) de contradições já então percebidas, como recolheu na p. 3 do núm. 216 (20 de agosto de 1920) de ANT:

«O semanario republicano de Pontevedra publicou c'o título de «Cosquillas» [cócegas ], o que sigue:

»A fin de mes celebrará en Mondariz dos sesiones la Real Academia Gallega, con objeto de recibir en su seno a dos nuevos miembros. Esto está muy bien.

»Pero es el caso, que uno de los recipendarios [*sic*] y el académico encargado de contestarle, anuncian, por lo visto, que pronunciarán sus discursos en castellano. Y esto ya [no] está bien.

»Porque ¿nuestra Academia es de la lengua gallega o de la castellana. Por cierto que los señores que en la Academia Gallega van a hablar en castellano, visten los dos sotana. Siendo así, es raro que no se les haya ocurrido hablar en latín. La inconsecuencia no sería de más bulto, por aquello de que la lengua de Lacio es la de los doctos y además porque cuenta entre su abundante prole al gallego y al castellano.»

Vale lembrar que na altura (anos 1917-1920) os republicanos, que dominavam, p. ex., na Câmara Municipal da Crunha, achavam-se não menos divididos, segundo historia J. R. Barreiro Fernández (1986: 403): «o Governo, muito suspicaz com esta Câmara Municipal de maioria republicana, talvez caso único no Reino da Espanha, alimentava a luta interna desaprovando sistematicamente todos os orçamentos anuais do Concelho. [...]

»Em fevereiro do ano 1920 celebram-se eleições autárquicas que significam uma importante advertência para os republicanos. Estes continuam a ter maioria na Câmara municipal, mas os seus votos estão divididos em três fações. A direita, representada por mauristas, monárquicos independentes e liberais, obtém 12 vereadores e, por vez primeira, um

nacionalista, Luís Penha Novo, consegue a ata de vereador na Câmara Municipal da Crunha.»

Para entender melhor o panorama sócio-político em que se desenvolveram as atividades galeguizadoras, nacionalizadoras, de Viqueira e das *Irmandades da Fala*, tenha-se em conta o que escrevia Castelão sobre os «sonados republicanos da Crunha, todos federais de nome» (Livro II, VIII (1940), do *Sempre em Galiza*):

«Se lembramos os famigerados republicanos da Crunha — todos federais de nome — lembramos também a sua perfeita ineficácia, pois, sendo donos do Concelho e amos da cidade, não foram capazes de vencer, ou convencer, os aldeãos que lhes levavam o leite... O *Casino Republicano* era um aparelho eleitoral, exclusivamente municipal, e os seus sócios conformavam-se com ser *republicanos da Crunha*. Na realidade eram peças do jogo monárquico, que os enquistou e enervou para que jamais fossem capazes de enviar às Cortes da monarquia um Deputado de filiação republicana. [...] Não há duvida de que existia um conluio monárquico republicano, de que éramos vítimas os que alguma vez fomos à Crunha em demanda de justiça. Aqueles republicanos — contemporâneos de Curros Henriquez e de Alfredo Vilas — ignoravam a existência da Galiza e consideravam-se alheios ao problema regionalista. O seu federalismo era uma alcunha esquerdista, só anticlerical e francamente insincera. Eram descrentes, pessimistas, cépticos e incapazes de lutar pelo ideal que lhes dera nascença. E se saíssemos da Crunha para percorrermos as demais cidades galegas, topariamos com o mesmo tipo, sempre alheio, desenraizado, vencido.» (Castelão 1950.2010: 205-206)

Não obstante, cumpre reconhecer, como mais abaixo Castelão afirma: «Nem todos os republicanos eram velhos e autarcas. Assim, podemos dizer que as IRMANDADES DA FALA foram criadas por dous moços saídos do republicanismo: Antonio Vilar Ponte e Lois Porteiro Garea» (ib.: 206), como republicano era Viqueira.

Acabo este *excursus* simplesmente assinalando que a RAG hoje, apesar das pretensões por se apresentar como elemento conciliador entre diversas e divergentes concepções sobre a língua dos galegos, na rea-

lidade posicionou-se combatentemente no isolacionismo, contrária à proposta de as falas galegas serem aproximadas, na escrita, do português comum e acordado, tanto gráfica e morfológicamente, quanto mesmo no léxico. Basta ver por cima as NOMIGa, inclusivamente na versão de 2003. Justamente a razão de continuar a tradição galeguista, que Viqueira sustentou, e mesmo a filológica, é que nos motivou para criar a **ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA**.



## GLOSSÁRIO

acair *v. i.* condizer  
acô *adv.* cá, aqui  
acougar *v. tr. e i.* sossegar, repousar  
acougo *s. m.* sossego, repouso  
agarimo *s. m.* abrigo, carinho, carícia  
agarimoso *adj.:* carinhoso  
aginha *adv.* asinha, depressa, sem demora  
alárvio *s. e adj.* homem gigantesco e descomunal  
aldrajar *v. tr.* ultrajar  
alheiramente *adv.* alienadamente  
alheiro *adj.* pessoa que prefere e louva o alheio ao próprio  
alouminhar *v. tr.* acarinhar, amimar  
apreijar *v. tr.* segurar, agarrar.  
arelante *adj.* anelante  
arelar *v. tr.* anelar, desejar  
assovalhar *v. tr.* avassalar, submeter  
avondar *v. i.* bastar  
avondo (de) *adv.* bastante  
ázeo *s. f.* cacho de uvas  
balbordo *s. m.* ruído, zumbido  
baldeiro *s. e adj.:* vazio  
bicar *v. tr.* beijar  
brêtema *s. f.* nevoeiro  
bretemoso *adj.* enevoadado  
bruar *v. i.* rugir, bramir  
cadoiro *s. m.* cascata  
caluga *s. f.* nuca  
carragem *s. f.* cólera, coragem  
carriçoso *adj.* fosco, crespo, cobertos de carriça  
casopa *s. f.* casa pequena e ruim  
ceive *s. e adj.* livre, aplicado a humanos

cobiça s. f. desejo  
cobiçar v. tr. desejar  
currunchos s. m. recanto  
daquela adv. então; conj. portanto  
decatar v. i. dar-se conta, fazer memória  
desacougar v. tr. desassossegar  
doado adj. fácil, mas, para Viqueira, também apto, apropriado  
eido s. m. terreno; fig. campo de ação  
engadir v. tr. acrescentar  
engrunhar v. tr. e pron. encolher; retirar contraindo.  
envolveito adj. e part. : envolvido  
enxebre adj. m. e f. castiço, próprio  
escolheito adj. seletos, escolhidos  
esgrêvio adj. escarpado  
esnaquizar v. tr.: fazer nacos, esmagar  
façula s. f. face, bochecha, meixela.  
fame s. f. fome  
farturento adj. abundante; fértil.  
furelo s. m. rato pequeno.  
germolar v. tr. e i.: germinar  
imos, do v. ir: vamos  
labrego s. lavrador, camponês. Na Galiza o vocábulo está desprovido de toda a conotação degradante  
longueiro adj. longo; alongado  
lumarada s. f. luminária  
meigo adj. amável, riquinho  
meixela s. f. maçã do rosto, bochecha.  
mentres adv. e conj. enquanto  
mungir v. tr. ordenhar  
muxica s. f. chispa ou partícula luminosa que salta do lume, faísca  
passeninho adv. devagar, lentamente.  
pescudar v. tr. pesquisar

pílhara *s. f.* ave aquática e marinha de menor tamanho a gaivota e de mais agradável aspeto.

ponla *s. f.* rama, pola.

pulo *s. m.* impulso, para além de salto

queiroa *s. f.* queiró, urze do mato

raiola *s. f.* raio de luz, mormente solar

rajeira *s. f.* raio de sol que atravessa as nuvens

ronsel *s. m.* esteira que deixa na água um barco

ruivém *s. m.* vermelho do crepúsculo; carmim das bochechas.

salaiair *v. i.* suspirar, soluçar.

sementar *v. tr.* semear

termar *v. tr.* manter agarrado algo, resistir

valeiro *s. e adj.:* vazio

varudo *adj.:* vigoroso, enérgico, forte. Aplicado a pessoas.

xúrdio *adj.* magnífico, excelente, admirável.



## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *Gran Enciclopedia Larousse*, Barcelona, Planeta, 1962.1974.
- AA.VV., *Gran Enciclopedia Gallega*, Gijón/Santiago de Compostela. Silverio Caada XXX Vols. 1974
- AA.VV. *Actas do Colóquio de Tréveris (1980)*, Santiago de Compostela. Xunta de Galicia, 1980.1982,
- AA.VV. *Filosofia da Saudade*, Selecção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- AA.VV., *Estudo crítico das Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego (ILG-RAG)*, Crunha, AGAL, 1989, 2.ª ed.
- AA.VV., *Dicionário Enciclopédico*, Lisboa, Publicações Alfa, 1992.
- AA. VV., Xoán Vicente Viqueira. *Psicología e pensamento social. Catálogo da Exposición bibliográfica e documental*, verificada pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Compostela, [Tórculo Artes Gráficas], 1993.
- AA.VV., *Mapa Sociolingüístico de Galicia*, Vol. II, *Usos lingüísticos en Galicia*, R.A.G./Consejería de Educación de la Junta de Galicia, 1995.
- Actas de las sesiones celebradas. Discursos pronunciados y memorias leídas y presentadas a la Mesa. Notas, Conclusiones y demás documentos referentes a esta asamblea. Publicado por La Sociedad El Fomento de las Artes, iniciadora del Congreso Nacional Pedagógico*, Madrid , Gregorio Hernando, 1882.
- Afonso o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, editadas por Walter Mettmann, Vigo, Xerais, 1981, Vols. I e II.
- Alborg, Juan Luis, *Historia de la Literatura española*, Vol. I, *Edad Media y Renacimiento*, Madrid, Gredos, Madrid, 1972, 2.ª ed.
- Alén, M.ª Pilar, «Un síntoma de la crisis del italianismo en la musica religiosa española: el ataque del arzobispo Bocanegra a Buono Chiodi (1778)» ,1985. On line <http://ddd.uab.cat/pub/recmus/02116391n5p45.pdf>.
- Alonso Estraviz, Isaac, «Visita do Orfeão Portuense e Leonardo Coimbra à Corunha. Lembrando mais um exemplo do intercâmbio espiritual intenso entre Portugal e a Galiza» in *Portal Galego da Língua*, 2010
- On line<http://www.pglingua.org/noticias/canal-aberto/2964-visita-do-orfeao-portuense-e-leonardo-coimbra-a-corunha>

- Álvarez Gándara, Afonso, *Castelao* in AA.VV. 1974, V: 193-203.
- Álvarez Insua. Waldo, colaborações em *Galicia. Revista regional*, Crunha, 1892.
- A Nos[s]a Terra* ou *ANT*, Crunha, Edman, Vols. I-V, 1916-1926.1988. Edição fac-similar deficiente. «Prólogo» de X.R. Barreiro Fernández.
- Aracil, Lluís Vincent, «És clar —Si ja ho sabeu», in Aracil, Lluís Vincent 1983: 5-29.
- Aracil, Lluís Vincent, *Dir la realitat*, Barcelona, Països Catalans, 1983.
- Barcia Caballero, Juan, «Prólogo» a Braçnas, Alfredo, *El Regionalismo*, 1889..
- Barreiro Fernández, José Ramón, *Historia contemporánea (ss. XIX-XX). Historia de la cultura gallega*, Vol. III, Crunha, Gamma, 1982.
- Barreiro Fernández, José Ramón, *Historia de la ciudad de la Coruña*, Crunha, Biblioteca Gallega, 1986.
- Barreiro Fernández, Xosé Ramón, «Prólogo» a *ANT* 1916-1926.1988: [1-3].
- Bec, Péire, *La llengua occitana*, Barcelona, Edicions 62, 1963.1977. Ed. original, *La langue occitane*, Paris, PUF, 1963.
- Berardinell, Cleonice, «Releituras de Eça de Queirós», Conferência apresentada no colóquio *Eça entre milênios: pontos de olhar*, realizado no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, em 5 de junho de 2000. *Revista Semear* 9, 2000.
- On line [http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/9Sem\\_06.html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/9Sem_06.html)
- Berkeley, George, *Três Diálogos entre Hylas e Philonous* (tradução de Jaimir Conte), São Paulo, UNESP, 2010.
- Blanco Trejo, Florentino (-A. Rosa) "La visión de Viqueira sobre la psicología infantil y pedagógica", en *Revista de historia de la psicología*, vol. 10, 1989, pp. 117-125.
- Blanco Trejo, Florentino *Juan Vicente Viqueira y la psicología española de principios de siglo*, tese de doutoramento, Universidade Autonoma de Madrid, 1993,
- Blanco Trejo, Florentino, «J. V. Viqueira» in Milagros Saiz-Dolores Saiz (Coords.) *Personajes para una historia de la psicología en España*, Madrid, Piramide, 1996, pp. 269-282.
- Blanco Trejo, Florentino -Tena-Dávila, María José de, «Apuntes sobre el lugar de la psicología infantil y pedagógica en la obra de Viqueira» in *Revista de historia de la psicología*, Vol. 26, núm 4, 2005, pp. 111-138.
- Bochenski, Iózef M., *Der zeitgenössischen Denkmethode*; 1954. Tradução castelhana, *Los métodos actuales del pensamiento*, Madrid, Rialp, 1974, 9.ª ed.
- Brañas.Menéndez, Alfredo, *El Regionalismo*, 1889.

- Brea Hernández, Ângelo-Gil Hernández, António-Rodrigues Aldrei, Iolanda, «A Catástrofe, relato breve de Eça de Queiroz. Comentários», in *Agália*, núm. 20 (Inverno de 1989), pp. 459-477.
- Brea Hernández, Ângelo (editor), Eduardo Pondal, *Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas*, Sant Cugat del Vallès, Edições da Galiza, 2011.
- Cancela Montes, Beatriz, *Santiago Tafall. Un músico compostelano en los albores del galleguismo*, Lugo, Alvarellos, 2010.
- Capel Martínez, Rosa M.<sup>a</sup>, «El archivo de la Residencia de Señoritas» in *CEE Participación Educativa*, 2009, pp. 156-161. On line.: [www.educacion.es/cesces/revista/n11-capel-martinez.pdf](http://www.educacion.es/cesces/revista/n11-capel-martinez.pdf).
- Cartelle Álvarez, Ramiro, *José Baldomir Rodríguez* in AA.VV. 1974, III: 44-45.
- Carvalho Calero, Ricardo, *História da Literatura Galega contemporânea*, Vigo, Galáxia, 1975.
- Afonso R. Castelão (1920.1974), *Nós. Prólogo bilingue de Xesús Alonso Montero*, Eds. Júcar, Madrid.
- Castelão, Afonso R., *Sempre em Galiza*, Edição e glossário de Fernando Vasquez Corredoi-ra, Santiago de Compostela, Através Editora, 1950.2010.
- Castro, Rosalia de, *Cantares galegos*, Edição de Higinio Martins Esteves, Sant Cugat del Vallès (Barcelona), Edições da Galiza, 1863.2009.
- Castro, Xavier, *Porteiro Gareia, Lois* in AA.VV. 1974, XXV: 157-158.
- Coelho, Jacinto do Prado, diretor, *Dicionário de Literatura*, Vols. I-V, Porto, Figueirinhas, 1978, 3.<sup>a</sup> ed.
- Coelho, Jacinto do Prado, *Pascoaes, Teixeira de* in Jacinto do Prado Coelho, diretor 1978, Vol. III [N/R]: 795-798.
- Coelho, Jacinto do Prado, *Saudosismo* in Jacinto do Prado Coelho, diretor 1978, Vol. IV [S/Z]: 1005-1008.
- Comité Organizador (1993), «Introducción», in AA. VV. 1993: XI-XIX.
- Costa Rico, Antón, «A presenza da insitución libre de enseñanza en Betanzos» in *Anuario Brigantino* (Concelho de Betanços), vol 11, 1988, pp. 61-68.
- Costa Rico, Antón, *A reforma da educación (1906-1936)*. [J.] V. Viqueira e a historia da psicopedagogía en Galicia, Sada, Castro,. 1996 Em particular ¶ 2. «[Johán] Vicente Viqueira, un profesor formador/un reformador da educación» pp. 63-99.

- Costa Rico, Antón, «Influencias da Psicoloxía Internacional na *Psicología Pedagógica* (1919) de Xoán V. Viqueira» in *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación / Galician-Portuguese Journal for the Study of Psychology and Education*, Universidade da Coruña-Universidade do Minho, vol. 16, 2008, pp. 7-30.
- Cunha, Celso Ferreira da, *Dinis, Dom* in Jacinto do Prado Coelho, director 1978, Vol. I [A/E]: 264.
- Duque, Félix, «Estudio preliminar» a David Hume *Tratado de la naturaleza humana*, Madrid, Editora Nacional, 1977, Vols. I e II.
- Fernández, Concepción, «Teoría da lingua galega en [Johan] Vicente Viqueira» in *Grial* núm. 66, 1979, pp. 489-494.
- Fernández del Riego, Francisco, *O pensamento galeguista dos séculos XIX e XX*, Vigo, Galaxia, 1983, Vol. I e II:
- Ferrater Mora, José, *Diccionario de Filosofía*, Buenos Aires, Sudamericana, 1971, Vols. I e II,
- Ferreiro, Manuel, *De Breogán aos Pinos. O texto do Himno Galego*, Santiago de Compostela, Laiovento, 1997.
- Fichte, Johann Gottlieb *Reden an die deutsche Nation/Discursos a la Nación alemana*, edición de M.<sup>a</sup> J. Varela e L. Acosta, Madrid, Editora Nacional, 1807.1977.
- Filgueira Valverde, José Fernando, «Limiar» in AA. VV. 1993: v-ix.
- Fontenla Rodrigues, José Luís, «João V. Viqueira. Seu Pensamento filosófico, pedagógico e linguístico. Homenagem no seu Centenário», in *Nós. Revista da Lusofonia*, núms. 4-6, 1986-1987, pp. 25-41.
- Fontenla Rodrigues, José Luís, «Os ressurgimentos galegos», in *Ressurgimento galego, essa Lusofonia*, núms. 21-26 de *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura*, Ponte Vedra/Braga, 1990, pp. 31-36.
- Fox, Inman, *La invención de España, Nacionalismo liberal e identidad nacional*, Madrid, Cátedra, 1998.
- Frazer, Sir James George, *The Golden Bough*, The Macmillan Company, New York; versão castelhana, *La Rama Dorada*, México, Fondo de Cultura Económica, 1890.1922.1979.
- Fundación Joaquín Costa, Servicio de Estudios, «Análisis comparativo de la evolución del sistema educativo y la economía española (1900-1985)» in *Anales de la Fundación Joaquín Costa*, dialnet.unirioja.es, 1993.
- Gabriel y Galán, José María, *Obras completas*, Madrid, Afrodísio Aguado, 1924, Vol. I.
- García Boda o, Salvador, *Cantiga popular* in AA.VV. 1974, V: 8-10.

- García-Sabell, Domingos, «Prólogo» a Johán Vicente Viqueira 1974: 9-24.
- Gil Hernández, António, «As Normas de correção idiomática para o galego desde o ano 1970. Análise do discurso legitimador», in *O Ensino. Homenagem ao Prof. Carvalho Calero*, núms. 18-22, 1987, pp. 243-263.
- Gil Hernández, António, «João V. Viqueira e a Comunidade Lusófona da Galiza», in *Nós. Revista da Lusofonia*, Homengem aos Prof.<sup>es</sup> Rodrigues Lapa, Calso Cunha e Carvalho Calero, núms. 19-28 1990-1991, pp. 51-58.
- Gil Hernández, António, Rodrigues Aldrei, Ilanda, Brea Hernández, Ângelo, «A Catástrofe, relato breve de Eça de Queiroz. Comentários», in *Agália*, núm. 20 (Inverno 1989), pp. 459-477.
- Giner de los Ríos, Francisco, *Ensayos*, Selección , edición y prólogo de Juan López-Morillas, Madrid, Alianza, 1973.
- Giner de los Ríos, Francisco, «La juventud y el movimeinto social» in Francisco Giner de los Ríos 1973: 209-225.
- Giner de los Ríos, Francisco, «La soberanía política» in Francisco Giner de los Ríos 1973: 183-198.
- Giner de los Ríos, Francisco, *Discurso inaugural del curso 1880-81*, intitulado *El espíritu de la educación en la Institución Libre de Enseñanza*, in Francisco Giner de los Ríos 1973: 102-117.
- Giner de los Ríos, Francisco, «Instrucción y educación» in Francisco Giner de los Ríos 1973: 84-94.
- Giner de los Ríos, Francisco, «La crisis de los partidos políticos» in Francisco Giner de los Ríos 1973: 199-201.
- Goethe, Johann Wolfgang von, *Hermán y Dorotea*, in *Fausto. Werther. Hermán y Dorotea* , versão de Ignacio Tellería e Emilio Gómez Miguel, Madrid, Bergua, 1933.
- González Blasco, Luís, *Juan Antonio Saco y Arce*, in AA.VV. 1974: XXVII: 147.
- González García, Francisco, «Los planes de estudio del magisterio primario (1845-1936). Acotaciones a la enseñanza de las Ciencias Naturales» in *Pasaje a la Ciencia. Edición digital. Revista de divulgación científica del IES Antonio de Mendoza*, 2008. On line <http://www.pasajealaciencia.es/2008/a03-n11.html>
- Grau Mateu, Josep *La Lliga Regionalista i la llengua catalana (1901-1923)*, Universitat Pompeu Fabra, (2004),

On line: [http://www.tdr.cesca.es/TESIS\\_UPF/AVAILABLE/TDX-0513104-103850/tjgm1de1.pdf](http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UPF/AVAILABLE/TDX-0513104-103850/tjgm1de1.pdf)

Graziano, Amy B-Johnson, Julene K, «Richard Wallaschek's Contributions to the Psychology of Music» in *Proceedings of the 8th International Conference on Music Perception and Cognition*, Evanston, Adelaide, Australia, Causal Productions, 2004, pp. 18-20. Inclui bibliografia de Wallaschek.

On line: <http://www.icmpc8.umn.edu/proceedings/ICMPC8/PDF/AUTHOR/MP040290.PDF>

Groba Groba, Rogélio, *[Moinheira] Muiñeira* in AA.VV. 1974, XXII: 19-22.

Guerra da Cal, Ernesto, *Cabanillas Enríquez, Ramón* in Jacinto do Prado Coelho, diretor 1978, Vol. I [A/E]: 131.

Ernesto Guerra da Cal, *Rosalía de Castro. Antologia poética. Cancioneiro rosaliano*, Lisboa, Guimarães, 1985.

Hermida Gulías, Carme, *Os precursores da normalización. Defensa e reivindicación da lingua galega no Rexurdimento (1840-1891)*, Vigo, Xerais, 1992.

Hilgenheger, Norbert, «Johann Friedrich Herbart (1776-1841)» in *Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée*, Paris, UNESCO, Bureau international d'éducation, vol. XXIII, n.º 3-4, 1993, pp. 669-684.

On line: <http://www.ibe.unesco.org/publications/ThinkersPdf/herbartf.pdf>.

Hume, David, *Tratado de la naturaleza humana*, Edición de Félix Duque, Madrid, Editora Nacional, 1977, Vols. I e II.

Hume, David, *Tratado da Natureza Humana*, Tradução de Serafim da Silva Fontes. Revisão científica e prefácio de João Paulo Monteiro, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. Instituto da Lingua Galega-Seminario de Lingüística Informática-Universidade de Vigo, *Dicionario de Dicionarios*,

On line: <http://sli.uvigo.es/DdD/index.html>.

Jiménez-Landi, Antonio, *La Institución Libre de Enseñanza y su ambiente*, Vol. I, *Los orígenes de la Institución* ; Vol. II, *Período parauniversitario* ; Vol. III, *Período escolar (1881-1907)* ; Vol.-IV, *Período de Influencia expansiva*. Ministerio de Educación y Cultura y Universidades Complutense, de Barcelona y de Castilla-La Mancha, Madrid, 1996,

Kant, Immanuel, *Zum ewigen Frieden/Sobre la paz perpetua*, Apresentação de Antonio Truyl y Sierra, Tradução de Joaquín Abellán, Madrid, Tecnos, 1795.1994, 4.ª ed.

Katz, David, *War Greco astigmatisch? Eine psychologische Studie zur Kunstwissenschaft/ Ma El Greco era davvero astigmatico? Con un ricordo di Rudolf Arnheim*, a cura di Andrea Pinotti, Roma, Armando, 1914.2009, pp. 144. [

Manuel Rodrigues Lapa (1979), *Estudos galego-portugueses*, Sá da Costa Editora, Lisboa. Lapa, Manuel Rodrigues, «A recuperação literária do galego», in *Colóquio/Letras*, núm. 13, 1973, pp. 5-14 e in *Grial* núm. 41, 1973, pp. 278-287, reproduzido em Lapa, Manuel Rodrigues 1979: 53-65.

Lapa, Manuel Rodrigues, «Otero Pedrayo e o problema da língua», in *Grial* núm. 55, 1977, pp. 32-46, reproduzido em Lapa, Manuel Rodrigues 1979: 79-98.

Ledo Andión, Margarita, *A Nosa Terra* in AA.VV. 1974, XXII: 222-224.

Ledo Andión, Margarita, *Prensa e galeguismo. Da prensa galega do XIX ao primeiro período nacionalista. 20 anos de A Nosa Terra*, Sada. Castro, 1982.

*Ley 3/1983, de 15 de junio, de normalización lingüística*, da Comunidad Autónoma de Galicia,

On line [http://noticias.juridicas.com/base\\_datos/CCAA/ga-l3-1983.html#](http://noticias.juridicas.com/base_datos/CCAA/ga-l3-1983.html#)

López-Acu a López, Fernando, *Perfecto Feijoo Poncet* in AA.VV. 1974, XI: 225-227.

López Calera, Nicolás, *El nacionalismo, ¿culpable o inocente?*, Madrid, Ed. Tecnos, 1995.

Maragall, Joan [Juan segundo os editores], «Prólogo» (1902) in Gabriel y Galán, José M.<sup>a</sup> 1924: 12-17.

Martínez Risco y Agüero, Vicente, *Teoría do Nacionalismo Galego* (1920), versão portuguesa de Viale Moutinho, José, *Introdução ao Nacionalismo Galego*, Porto, Paisagem, 1973.

Martis Esteves, Higinio, Adaptação e revisão textual de Castro, Rosalia de 1863.2009.

Maura Gamazo, Gabriel, «Prólogo» a Sardinha, António 1924: XI-XX.

Meirinho Guede, Vitor, *Falsa essência e utilidade verdadeira (sobre a teoria e a praxe de Antão Vilar Ponte)*, 2003.

On line: [http://www.lusografia.org/vitormeirinho.htm#\\_ftn5](http://www.lusografia.org/vitormeirinho.htm#_ftn5).

Melo, Gladstone Chaves de, «Em torno de 'O monge e o passarinho'» in *Biblos* 64, 1988, pp. 17-29.

Mettmann, Walter editor de Afonso X o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, Vigo, Xerais, 1981, Vols. I e II.

Ministerio de Educación Cultura y Deporte, «Evolución del sistema educativo español» in *El Sistema Educativo español*. Madrid: MEC/CIDE. 1984

On line: [www3.unileon.es/dp/athe2/.../Doc4\\_Evolucion\\_Sistema\\_Educativo.pdf](http://www3.unileon.es/dp/athe2/.../Doc4_Evolucion_Sistema_Educativo.pdf)

Monteagudo Romero, Henrique, *Paio Gomes Charinho* in AA.VV. 1974, XXIII: 222-224.

Montero Santalha, José Martinho, «Um traço de união entre a Galiza e Portugal: O Tema da Saudade», in *Temas de O Ensino. Revista de Linguística, Sociolinguística e Literatura*. Homenagem ao Prof. Guerra da Cal. núms. 27-38, 1991-1994, pp. 232-250

Mourão-Ferreira, David, *Vieira, Afonso Lopes* in Jacinto do Prado Coelho, diretor 1978, Vol. IV [S/Z]: 1172-1173.

Murillo Ferrol, Francisco, *Estudios de Sociología Política*, Madrid, Tecnos, 1972, in Vilas Nogueira, Xosé 1977.

Natorp, Paul, *Propedéutica filosófica. Kant y la Escuela de Marburgo. Curso de Pedagogía Social*, México, Porrúa. 1975. Texto introdutório de Viqueira a *Kant y la Escuela de. Marburgo* nas pp. 70-97.

Novoa Gil, Ana M.<sup>a</sup>, «As ideias pedagógicas de João Vicente Viqueira», in *O Ensino. Revista Galaico-Portuguesa de Sócio-Pedagogia e Sócio-Linguística*, A Inovação Pedagógica na Escola, núms. 7-10 1984, pp. 67-80.

Nunes, José Joaquim, «Uma lenda medieval: O monge e o passarinho» in *Boletim da Segunda Classe, Academia das Ciencias de Lisboa* (Coimbra), 12, 1917-1918, pp. 389-405.

Pardo Bazán, Emilia, *Obra crítica (1888-1908)*, edición de Íñigo Sánchez Llama, Madrid, Cátedra, 2010.

Paz Rodrigues, José, «Viqueira, Castelão e Risco, três grandes pedagogos galegos», in *O Ensino. Revista Galaico-Portuguesa de Sócio-Pedagogia e Sócio-Linguística*, Homenagem ao Prof. Carvalho Calero, núms. 18-22 1987, pp. 127-138.

Pena, Xosé Ramón, *A poesia de Manuel António. Nas literaturas galegas de vanguarda*, Crunha, Biblioteca Gallega, 1979.

Pensado Tomé, José Luis, *Fr. Martín Sarmiento* in AA.VV. 1974, XXVIII: 82-84.

Pensado Tomé, José Luis, *La educación de la juventud de Fray Martín Sarmiento*, edición y estudio crítico, Junta de Galicia, 1984.

Pessoa, Fernando, *Ultimatum e páginas de sociologia política*, recolha de textos Maria Isabel Rocheta, Maria Paula Morão, introdução e organização Joel Serrão, Lisboa, Ática, 1980.

Pintos Vilar, Johan Manuel, *A gaita gallega tocada po-lo gaiteiro, ou sea Carta de Cristus para ir dependendo a ler, escribir e falar ben a lengua gallega e ainda mais*, Ponte Vedra. Cito pela edição fac-similar da Real Academia Galega. 1853.1981.

Platón, *Diálogos*, Estudios preliminar de F. Larroyo, México, Porrúa, 1973.

Pondal Abente, Eduardo, *Queixumes dos Pinhos e outros poemas*, edição de Ângelo Brea Hernández, Sant Cugat del Vallès, Edições da Galiza, 2011.

Porto Ucha, Ángel S., *La Institución Libre de Enseñanza en Galicia*, Sada. Castro, 1986.

Porto Ucha, Ángel S. «Conexiones del galleguismo con el institucionalismo: Juan Vicente Viqueira», in Ángel S. Porto Ucha 1986: 319-333 (Corresponde-se com ¶ 7.3 do Cap. VI).

Porto Ucha, Ángel S., «Influências da *Institución Libre de Enseñanza* em Viqueira», in Nós. *Revista da Lusofonia* núms. 4-6, 1986-1987, pp. 47-52.

Porto Ucha, Ángel S., «Influência da Ciência Pedagógica inglesa no Desenho organizativo de um Centro Escolar: a *Institución Libre de Enseñanza*», in Nós. *Revista da Lusofonia* núms. 7-12, 1987-1988, pp. 151-162.

Quental, Antero Tarquínio de, *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos. Discurso pronunciado na noite de 27 de maio de 1871, na Sala do Casino Lisbonense*, Lisboa, Ulmeiro, 1871.1987. Também no *Portal da História*.

On line: [http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio\\_julho01.html](http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio_julho01.html).

Quevedo y Villegas, Francisco de, *Poesía varia*, Edição de James O. Crosby, Madrid, Cátedra, 1987. É seleção de poemas de *El Parnasso español* (1648), editado por González de Salas.

Regueira, Ramón, *[J].V. Viqueira: Teoría e Praxe*, Padrão, Novo Século, 1992.

Riquer, Martín de-Valverde, José María, *Historia de la Literatura Universal*, Barcelona, Planeta, 1985

Rivas García, Manuel, *Viqueira, Juan Vicente*, in AA.VV. 1974, XXX: 153 c.-154 c.

Roca Cendán, Manuel, *Luís Penha Novo* in AA.VV. 1974, XXIV: 162-163.

Rocha, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. Sobre o cap. I («De 1900 até ao "Orpheus". Sob o signo da Saudade»), pp. 243-288; cap. II («Do "Orpheus" à "Presença". Entre a euforia e o sono»), pp. 289-379.

Rodrigues Aldrei, Iolanda, Brea Hernández, Ângelo, Gil Hernández, António, «A Catástrofe, relato breve de Eça de Queiroz. Comentários», in *Agália*, núm. 20 (Inverno de 1989), pp. 459-477.

Romero Ortiz, Antonio, *Discurso nos «Xogos Florais»*, Ponte Vedra, 1880.

Sánchez Llama, Íñigo, «Introducción» a Pardo Bazán, Emilia 2010, pp. 11-150.

Santamarina, Antón, *Gramática* in AA.VV.1974, XVI: 191-195, em especial *Juan Antonio Saco Arce: Gramática gallega* (ib.: 192-193).

- Marqués de Santillana, *Poesías completas*, Edición de Manuel Durán, Vols. I e II, Madrid, Castalia, 1975 e 1980.
- Santos, Delfim, *José Leonardo Coimbra* in Jacinto do Prado Coelho, diretor 1978, Vol. I [A/E]: 190-191.
- Santos, Ivanaldo, «Herder e a origem da linguagem» in *Revista da FARN*, v.5, jan./dez. 2006, pp. 77-86,  
on line <http://www.revistafarn.inf.br/revistafarn/index.php/revistafarn/article/viewFile/5/152>
- Saraiva-Oscar Lopes, *História da Literatura portuguesa*, Porto, Porto. 1978.
- Saralegui Medina, Leandro de, *Estudios sobre Galicia*. Crunha, Andrés Martínez, 1888.
- Sardinha, António, *A aliança peninsular. Antecedentes e possibilidades*, Prólogo (em castelhano) do Excm.º Sr. D. Gabriel Maura Gamazo, conde de la Mortera, Porto. 1924, 2.ª ed. de 1930.
- Sarmiento, Fr. Martín, *Tratado de la educación de la juventud* (1768) in Pensado Tomé, José Luís 1984.
- Pinto da Silva, Ana Cristina (2001), «Essência e aparência no *Fausto* de Goethe: Uma relação dialética» in FD5 (2001) ARTIGOS.  
On line <http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol5/forumd1.pdf>.
- Soveral, Carlos Eduardo de, *António Sardinha*, recenseado no artigo *Nação Portuguesa*, in Jacinto do Prado Coelho, diretor 1978, Vol. IV [S/Z]: 696-699.
- Spencer, Herbert, *Do Progresso. Sua Lei e Sua Causa*, Tradução Eduardo Salgueiro, Versão para eBook eBooksBrasil, Fonte-base Digital, Digitalização de edição em papel, Lisboa, Inquérito, 1939.2002,  
On line <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/progresso.html>.
- Sumner Maine, Henry James, *Village Communities in the East and West. Six Lectures Delivered at Oxford to Which are Added Other Lectures, Addresses and Essays*, New York, Henry Holt And Company, 1889.  
On line: <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=104221005>.
- Torres, Alexandre Pinheiro, *Antologia da poesia trovadoresca galego-portuguesa*, Porto, Lello & Irmão, 1977.
- Torres Queiruga, Andrés, «Nova aproximación a unha filosofía da saudade» in AA.VV. 1986: 570-639. Discurso de ingresso na Real Academia Galega, Vigo. Artes Gráficas Galicia, 1982.1986.
- Torres Regueiro, Xesus, *Xoan Vicente Viqueira e o nacionalismo galego*, Sada, Castro, 1987.

Tenreiro, Ramón María, «Juan Vicente Viqueira», prólogo a *Ensayos y Poesías*, Crunha, Nós, 1930.

Tudela, Mariano, *Álvaro Cebreiro*, Sada. Castro, 1983.

Varela de Vega, Juan Bautista, *Juan Montes Capón* in AA.VV. 1974, XXI: 209-210.

Veiga do Campo [Ramón Pi eiro], Luís, *Johán Vicente Viqueira. Vida, Personalidade, Pensamento*, Buenos Aires, Centro Galego, 1969.

Vicente Viqueira, Johán, *Ensaio e poesías*, Vigo, Galaxia, 1930.1974.

Vilanova Rodríguez, Alberto, *Chané* in AA.VV. 1974, VIII: 175-176.

Vilas Nogueira, Xosé, *O Estatuto Galego*, Crunha, Rueiro, 1977.

Vilhar Trilho, Xabier, *A remodelação "federal-confederal" do Reino da Espanha*, Santiago de Compostela, Laiovento, 2001.

Wartelle, Jean-Claude, «La Société d'Anthropologie de Paris de 1859 à 1920» in *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, núm. 10 2004.

On line <http://www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-2004-1-p-125.htm>

Wikipedia. The Free Encyclopedia, para a muitas das informações sobre pessoas e acontecimentos.



# v. 6

VOLUME 1 CANTARES GALEGOS

VOLUME 2 QUEIXUMES DOS PINOS  
E OUTROS POEMAS

VOLUME 3 CANTOS LUSÓFONOS

VOLUME 4 FOLHAS NOVAS

VOLUME 5 PROEL E O GALO  
E POESIA E PROSA GALEGA COMPLETA



